ANÁLISE ESPACIAL DAS NOTIFICAÇÕES DE COVID-19 EM PASSOS/MG

Prof. Dr. José de Paula Silva 1
Aguimar Xavier de Carvalho Filho 2, Graciele de Souza Medeiros 2,
Junia Jabace Soares Maia 2, Lucas Gabriel Calabrez Barbosa 2
1 Professor da Faculdade Atenas
2 Acadêmicos de Medicina da Faculdade Atenas

FACULDADE ATENAS
Email: aguimarxavier@yahoo.com.br

Artigo Original

Introdução

No mês de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS), realizou o comunicado, declarando o surto de coronavírus (SARS-CoV-2) o agente causador da COVID-19, como uma pandemia global. A grande preocupação eram os níveis de disseminação, sendo na época realizado o pedido, para que os países tomassem medidas com o objetivo de conter o vírus1. Entre as medidas sugeridas, foram realizadas as recomendações com vistas a redução do fluxo de pessoas, pois existe uma relação entre a distância social e a velocidade de disseminação do vírus2. Nesse ínterim, tornou-se consensual o princípio do isolamento social associada as medidas de higiene e uso de equipamentos de proteção individual como formas de mitigar a disseminação do vírus3. A distribuição da Covid-19 no Brasil possui diferenças regionais, o que é observado também no estado de Minas Gerais. As regiões centrais concentraram os primeiros casos, seguida da região sudeste que concentrava menos de 10% dos casos do estado, em março de 20204. Na região sudeste de Minas Gerais está a cidade de Passos, cuja população é estimada em pouco mais de 114 mil habitantes5. A cidade de Passos a partir de abril/2020 apresentou o seu primeiro caso de Covid-19, cuja paciente tinha mais de 50 anos sendo um caso importado do estado de São Paulo6. Decorridos poucos mais de 60 dias, o município realizou 809 notificações, sendo 32 casos positivos. Deste total, no dia 15 de junho, 26 encontravam positivos, 3 em recuperação, 1 hospitalizado e 2 óbitos7. Uma das dificuldades enfrentadas inicialmente era compreender a dinâmica espacial da doença, principalmente a partir do momento que a transmissão tornou-se comunitária, e uma das formas adotadas para a compreensão da disseminação foi o uso de modelos de análise espacial, inclusive durante os estágios iniciais da pandemia, pois permitiria prever surtos locais e desenvolver políticas de saúde coletiva com vistas a redução dos impactos da pandemia8. Dentre as formas de abordagem espacial o geoprocessamento dos casos de Covid-19 permite a representação dos dados e informações espaciais utilizando os Sistemas de Informações Espaciais, que permitem a análise da distribuição espacial, buscando a posteriori a otimização de recursos e utilização de serviços de saúde9. Um dos conceitos básicos da análise é a dependência espacial. Ela afirma que fenômenos apresentam relações entre si de acordo com a distância entre eles10. A proposta do trabalho foi realizar um diagnóstico preliminar através de análise espacial com vistas a monitorar a disseminação da doença e fornecer subsídios para os processos de prevenção, monitoramento e intervenção.

Materiais e Métodos

Para a avaliação da espacialidade da Covid-19 no município de Passos, foram utilizadas as bases de dados locais de notificações dos casos suspeitos/confirmados/descartados do setor de vigilância Epidemiológica. A partir da coleta de dados foi realizada a Geocodificação nas notificações utilizando a ferramenta Epiinfo 7.2®, produzida pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Para o mapeamento foi utilizado o suplemento Power Pivot® e elaborados os mapas de Clusters das notificações filtradas por tipo, bem como os mapas de Kernel das mesmas notificações, para uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa.

Resultados e discussão

Os dados apresentam um total de 777 notificações realizadas entre os meses de março a junho de 2020. As notificações atingiram níveis mais elevados no mês de março de 2020, sendo de forma aparentemente contínua com médias entre 5 a 15 notificações por dia, tendo sido construídos mapas a partir destas notificações. A faixa etária com maior número de notificações foi entre 20 a 40 anos, com 362 notificações, seguida de 40 a 60 anos com 220 notificações e 0 a 20 anos, com 87 notificações. Pessoas acima de 60 anos totalizaram 96 notificações. Do total de notificações, 218 pessoas foram submetidas a testes laboratoriais, sendo 85,78% dos resultados negativos, e 12,39% positivos. Buscando a identificação de possíveis agrupamentos foi realizado um mapa de Kernel que permitiu a identificação de pelo menos seis setores considerados quentes, onde existe maior influência das notificações em suas regiões vizinhas. Em todas as áreas, está localizada pelo menos uma Unidades Básicas de Saúde (UBS), sendo que este número varia entre 1 a 4 unidades, conforme figura 1.

Conclusão

A identificação de clusters de densidade pode ser uma estratégia importante na prevenção da transmissão comunitária e proposta de triagem dos residentes nos setores onde a densidade de notificação foi mais nítida. Considerando o isolamento social como a ferramenta mais eficaz na prevenção da Covid-19, podem ser criadas propostas de enfrentamento, considerando a circulação de pessoas nas regiões de maior densidade. Como ponto de partida para as estratégias da Prefeitura Municipal de Passos, podem utilizar os adensamentos para que as equipes das UBS promovam ações tanto preventivas como de diagnósticos, com a realização de testes rápidos nas áreas de maior densidade de notificações, aproveitando-se de suas localizações estratégicas nesse cenário. Por fim, propõe-se o monitoramento contínuo com vistas a observar e identificar mudanças na densidade de notificações de Covid-19 em Passos/MG.

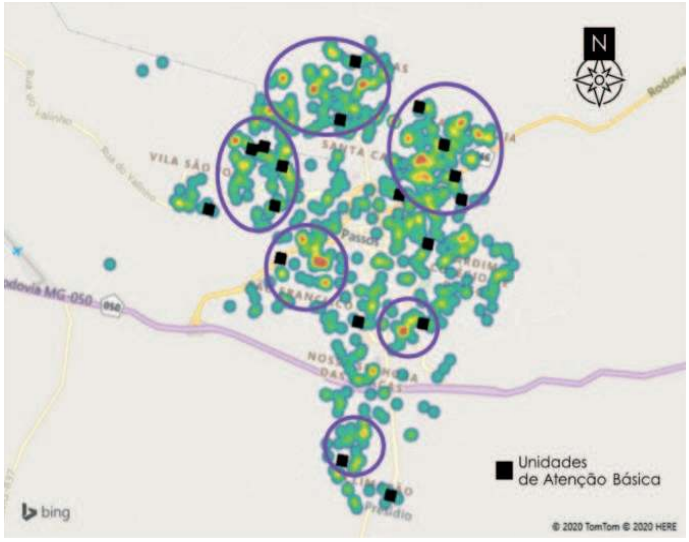


Figura 1.Mapa de Kernel, com identificação de setores com notificações de suspeitos de Covid-19 e localização das UBS do município de Passos, MG

Referências

1 CUCINOTTA, D.; VANELLI, M. WHO declares COVID-19 a pandemic. Acta bio-medica: Atenei Parmensis, v. 91, n. 1, p. 157-160, 2020. ISSN 0392-4203.

2 CODEÇO, C. T. et al. Estimativa de risco de espalhamento da COVID-19 no Brasil e avaliação da vulnerabilidade socioeconômica nas microrregiões brasileiras. 2020

3 PENG, L. et al. Epidemic analysis of COVID-19 in China by dynamical modeling. arXiv preprint arXiv:2002.06563, 2020.

4 NORONHA, K. et al. Pandemia por COVID-19 em Minas Gerais, Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos e equipamentos de ventilação assistida considerando os diferenciais de estrutura etária, perfil etário de infecção, risco etário de internação e distâncias territoriais. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais. 2020

5 IBGE. Passos (MG) | Cidades e Estados | IBGE. 2020. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/passos.html >.

6 G1, P. Prefeitura de Passos confirma 1º caso de Covid-19 no município. Portal G1, 12/04/2020 2020. Disponível em: < https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2020/04/12/prefeitura-de-passos-confirma-1o-caso-de-covid-19-no-municipio.ghtml >.

7 MG, S. Coronavírus | Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais - SES. 2020. Disponível em: < https://www.saude.mg.gov.br/coronavirus >.

8 KANG, D. et al. Spatial epidemic dynamics of the COVID-19 outbreak in China. International Journal of Infectious Diseases, 2020. ISSN 1201-9712.

9 CARDOSO, P. V. et al. A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE ESPACIAL PARA TOMADA DE DECISÃO: UM OLHAR SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19. Revista Tamoios, v. 16, n. 1, 2020. ISSN 1980-4490.

10 DRUCK, S. et al. Análise Espacial de Dados Geográficos. Brasilia: Embrapa, 2004. 209

VÍDEO EDUCACIONAL PARA TREINAMENTO DE HABILIDADES SOBRE EXAME FÍSICO DO SISTEMA LOCOMOTOR

Amanda Augusto Costa1, Bárbara Camilla Gonçalves Marques1
Laura Marçal Silva1, Mirelly Dantas Caldeira Aeissami1

Carlos Tostes Guerreiro2, Nariman de Felício Bortucan Lenza2
Lucélia Rita Galdino Caputto2

Mateus Goulart Alves3

Artigo Original

1 Acadêmicos de Medicina da Faculdade Atenas
2 Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG.
3 Orientador. Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG.
Doutorando no Programa de Promoção de Saúde na UNIFRAN

FACULDADE ATENAS
Email: amandacosta.ac.med@gmail.com

Introdução

Estratégias para qualidade do ensino e adequação da prática no processo de ensino-aprendizagem, devem ser elaboradas e implementadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), considerando as necessidades dos professores e estudantes (BARRET, 2007).

Na atualidade, as mudanças na educação, exigem abordagens de ensino eficazes e inovadoras, essenciais para preparar esses estudantes com conhecimento e habilidades necessárias e, assim, garantir profissionais bem preparados e sustentados na Prática Baseada em Evidência (PBE) (MALIK; MCKENNA; GRIFFITHS, 2016).

Para a formação de nível universitário é necessário que mudanças na educação estejam atreladas ao uso de tecnologias, mesmo com questionamentos sobre a possibilidade de problemas técnicos e tempo para desenvolvimento do ensino, traz atitudes positivas pelos estudantes no processo de aprendizagem (WEBB et al., 2017).

Neste contexto, deve-se considerar que nas ultimas décadas o processo de ensino-aprendizagem, com o uso das metodologias ativas, sofreu uma revolução com a inclusão da informação digital, uma evolução inimaginável e atualmente está estabelecida e acessível de maneira versátil, permitindo divulgações que antes eram impossíveis (CANPIOM et al., 2016).

É evidente que se tornou indispensável à construção de objetos que fomentem o aumento do interesse em adquirir conhecimento e habilidades, visto que há poucos estudos que abordem os objetivos desta pesquisa.

A construção de métodos de ensino-aprendizagem contemporâneos, certamente despertará interesse em estudantes de graduação de medicina em adquirir conhecimento e habilidades e aperfeiçoará o processo de ensino pelos professores; este fato impactará na qualidade e resultado da assistência prestada ao paciente.

Diante do exposto, surge o interesse em desenvolver e validar Tecnologias Educacionais Digitais - vídeos educativos, sobre exame físico do sistema locomotor.

Material e método

Para a realização do presente estudo foi utilizada a pesquisa aplicada, de produção tecnológica, que envolve o desenvolvimento de objetos virtuais de aprendizado, vídeos educativos sobre exame físico do sistema locomotor.

A pesquisa foi desenvolvida na Faculdade Atenas – Campus Passos, no Laboratório de Habilidades, após autorização do responsável do Laboratório de Habilidades e da coordenação do curso de Medicina para utilização das dependências sem interferência nas atividades de ensino.

Neste estudo foi desenvolvido vídeo sobre exame físico do sistema locomotor. Para elaborá-los foi realizado levantamento bibliográfico atualizado para estruturação teórica do material.

A filmagem das cenas, desenvolvimento de imagens/animações, narração/gravação de áudio e edição contou com o apoio de profissional

da área de Tecnologia da informação e assessoria de comunicação vinculados a Faculdade Atenas – Campus Passos.

Resultado

A construção do vídeo educativo, em todas as fases, compreendeu cinco meses, início em março de 2020 e finalizado em agosto de 2020.

Inicialmente foi construído o roteiro baseado em referências atualizadas sobre o tema estudado (PORTO, 2019; BATTES, HOCHELMAN, 2019). Após finaliza-lo foi revisado por seis profissionais experts, sendo 01 médico e 05 enfermeiros, todos docentes de nível superior e experiência na área abordada. Ajustes foram realizados conforme indicado pelos experts.

Após revisão do roteiro foi elaborado o storyboard, com detalhamento dos conteúdos, imagens e ações, sendo este, também revisado pelo grupo de experts. As sugestões de alteração foram prontamente acatadas.

A etapa de gravação das cenas ocorreu no Laboratório de Habilidades da Faculdade Atenas Passos apanhado por profissionais da área de tecnologia. A gravação das cenas teve duração de quatro horas.

Por fim a edição do vídeo foi realizada pela assessoria de comunicação da Faculdade Atenas Passos, considerando o storyboard revisado pelos experts.

O vídeo foi finalizado com 24 minutos e 58 segundos, incluindo créditos finais.

Discussão

Proporcionar ao aluno a condição de acesso à diferentes métodos para desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem abre mais uma porta na aquisição de conhecimento tanto das habilidades no decorrer do exame físico quanto em outras áreas do saber. Nesse estudo foram desenvolvidas vídeo aulas sobre o exame físico do sistema locomotor com todas as técnicas e especificidades, com vistas a tornar o aprendizado mais ativo, atrativo e atualizado, inovando suas metodologias.

Estudo realizado com estudantes de enfermagem em Porto Alegre-RS, alunos referiram que os recursos multimídia presentes nos objetos educacionais, tais como vídeos e animações sobre os procedimentos, foram facilitadores e motivadores do seu processo de aprendizagem. Além disso, foram destacadas as facilidades da pesquisa de materiais para o estudo de caso, além de flexibilidade de local e horário de estudo (COGO, et al., 2010).

A dinamização da experiência em sala de aula vem despertando o interesse do estudante para o auto aprendizado sendo de grande valia no aproveitamento educacional de materiais como esses, os vídeos são cada vez mais usados nos processos de ensino aprendizagem para enriquecimento e pluralidade do material disponibilizado para os estudantes.

Silveira e Cogo (2017) citam que é importante ressaltar que as aulas idealmente devem ser na modalidade híbrida, ou seja, atividades presenciais associadas a atividades a distância que desenvolvem o tema em estudo. No estudo foram avaliados os vídeos, as narrativas, o quizz e as imagens apresentadas no ambiente virtual da instituição em questão, as quais foram consideradas pelos estudantes como sendo importantes no desenvolvimento das habilidades clínicas, sem descartarem as atividades práticas no laboratório.

Alavarce e Pierin (2011) coloca que o ambiente digital abre espaço para integrar diferentes teorias de aprendizagem, colocando-as lado a lado, complementando e aproveitando, o que há de melhor em cada uma delas, favorecendo o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

Especialmente em tempos de isolamento social pela COVID-19 a percepção da importância do uso das mídias digitais para prosseguir com o aprendizado se fez ainda maior. Estudo realizado em meio à pandemia mostram que especificamente no âmbito da educação médica, a era do COVID-19 demandou soluções inovadoras para otimizar os esforços educacionais. Com a necessidade de distanciamento social, uma plataforma de aprendizado virtual reformulou e inovou significativamente a forma de ensino e aumentou o envolvimento dos professores com os estagiários médicos na unidade estudada (SINHA, et al., 2020).

Considerações finais

A utilização de vídeos educativos como estratégia de ensino aprendizagem está em ascensão, visto a necessidade contemporânea pela COVID-19, mas principalmente pela necessidade de repensar métodos tradicionais de ensino. O desenvolvimento de materiais didáticos de qualidade e acessíveis para toda a

comunidade acadêmica é de suma importância e indispensável para o seguimento eficaz da educação.

Este estudo apresenta como limitação a não utilização de métodos sistemáticos para seleção dos experts e para validação dos vídeos educativos. Tais passos serão aplicados a posteriori.

O vídeo finalizado viabiliza o conteúdo de exame físico do sistema locomotor e pode ser considerado recurso tecnológico viável para ensino aprendizagem de profissionais da área de saúde.

Referências bibliográficas

ALAVARCE, Débora Cristina; PIERIN, Ângela Maria Geraldo. Elaboração de uma hipermídia educacional para o ensino do procedimento de medida da pressão arterial. Rev. da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 45, n. 4, 15 ago. 2011.

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. Processo de Ensinagem na Universidade: Pressupostos para estratégias de trabalho em aula. Editora Univale. 10nd ed. 2012, 145p.

BARRETT, D. The clinical role of nurse lecturers: Past, present, and future. Nurse Education Today, v.27, p.367-74, 2007.

BATES, B; HOCHELMAN, R. A. Propedêutica Médica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

CAMPION, E.W. et al. NEJM.org - 20 Years on the Web. New England Journal of Medicine.v.375, n.10, p.993-94, 2016.

COGO, Ana Luísa Petersen; SILVEIRA, Denise Tolfo; PEDRO, Eva Néri Rubim; TANAKA, Raquel Yurika; CATALAN, Vanessa Menezes. Aprendizagem de sinais vitais utilizando objetos educacionais digitais: opinião de estudantes de enfermagem. Rev. Gaúcha Enfermagem (Online), Porto Alegre, v. 31, n. 3, 1 set. 2010.

LIMA, M.M. Dialogue: network that intertwines the pedagogical relationship into the practical-reflective teaching. Rev. Bras. Enferm., v.69, n.4, p.610-17, 2016.

MALIK, G.; MCKENNA, L.; GRIFFITHS, D. Using pedagogical approaches to influence evidence-based practice integration - processes andrecommendations: findings from a grounded theory study. J. Adv. Nurs., v.5, 2016.

OUSEY, K.; GALLAGHER P. The clinical credibility of nurse educators: Time the debate was put to rest. Nurse Education Today, v.30, p.662–65, 2010.

PORTO, C. C. Semiologia Médica. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019

SILVEIRA, Maurício de Souza; COGO, Ana Luísa Petersen. Contribuições das tecnologias educacionais digitais no ensino de habilidades de enfermagem: revisão integrativa. Rev. Gaúcha Enfermagem (Online), Porto Alegre, v. 38, n. 8, 13 jul. 2017.

SINHA, Shashank S.; SHARMA, Garima; CULLEN, Michael W. Aprendizado virtual durante a pandemia do COVID-19: uma tecnologia disruptiva na educação médica de pós-graduação. Jornal do Colégio Americano de Cardiologia, [S. l.], v. 75, n. 20, p. 2635-2638, 26 maio 2020.

WATERKEMPER, R.; PRADO, M.L. Teaching-learning strategies in undergraduate Nursing courses. Avanceren Enfernería, v.29, n.2, p.234-46. 2011.

WEBB, et al. The utility and impact of information communication technology (ICT) for pre-registration nurse education: A narrative synthesis systematic review.Nurse Educ Today, v.26, n.48, p.160-71, 2017.

QUAL O PAPEL DO CANABIDIOL COMO TERAPIA COMPLEMENTAR PARA DOENÇAS DE PARKINSON?



Sabrina Thalita dos Reis Faria1
Ana Carolina Vilela Orsi2, Ana Julia Sousa Borges2, Gabriel Oliveira Azevedo2, Hayssa Fadul2, Pedro Henrique Alves Silva2, Renan Reis Gonçalves2
1 Orientadora
2 Acadêmicos de Medicina da Faculdade Atenas

Artigo Original

FACULDADE ATENAS
Email: anacarolina.orsi@yahoo.com.br

Introdução

A doença de Parkinson (DP) tem incidência de 1–2% na população mundial acima de 65 anos, na qual é um transtorno, causada pela diminuição intensa da produção de dopamina em uma região cerebral chamada de substância negra. Nela, é caracterizada por sintomas motores (tremor e rigidez) e não motores (transtornos psicóticos, do humor e do sono). Com o envelhecimento, acontece a morte progressiva das células nervosas que produzem dopamina. Algumas pessoas, entretanto, perdem essas células num ritmo muito acelerado e, assim, acabam por manifestar os sintomas da doença. Estudos sugerem que o uso de canabinóides pode ser um alvo útil para melhorar os sintomas motores refratários ao tratamento convencional na Doença de Parkinson, bem como dos níveis de dor. Atualmente, as terapias disponíveis baseiam-se na reposição dopaminérgica, que promovem diversos efeitos adversos nos pacientes. Buscando uma forma de uma nova terapia complementar, alguns pesquisadores vêm apontando e apostando no alto potencial terapêutico do cannabis em pacientes com tal doença. É valido ressaltar que este é um assunto polêmico, pelo fato de a substância não ser legalizada em diversos países. O objetivo de nossa revisão foi compreender através de dados já publicados qual o papel do canabidiol como terapia complementar nesta doença.

Materiais e Métodos

Metodologicamente, trata-se de uma revisão integrativa, onde foi realizada uma busca nas bases de dados bibliográficas MEDLINE (via PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo, no período de Julho de 2020 com o objetivo de encontrar estudos que respondessem a pergunta norteadora: “Qual o papel do canabidiol como terapia complementar para a doença de Parkinson?”. Os critérios de inclusão foram artigos que respondessem a nossa pergunta, que tivessem nível de evidência maior que 2C e publicados nos últimos oito anos. Foram excluídos artigos de revisão, com nível de evidência menor que 2C e que não respondessem nossa pergunta norteadora.

Resultados

Em nossa revisão ao final da coleta de dados foram selecionados 3 trabalhos. Os artigos incluídos tratavam-se de dois ensaios duplo cego e uma observação em rótulo aberto. Os testes realizados com Cannabis para o tratamento de pacientes com Parkinson obteve resultados variados. No artigo publicado por Lotan e cols, onde avaliaram treze homens e nove mulheres, apresentando média de idade de 65 anos foi demonstrado que a pontuação da Escala Unificada de Avaliação da Doença de Parkinson (UPDRS) melhorou significativamente de 33,1 para 23,2 após o uso do canabidiol ($t = 5,9$; $P < 0,001$). Em outro estudo realizado por Caroll e cols o uso do canabidiol não gerou efeito significativo no tratamento dos pacientes usando a escala de Purk, alguns pacientes tiveram que interromper o tratamento por apresentarem náuseas, vômitos e mal estar e outros sentiram uma pequena melhora no tremor e do sono durante o tratamento, na qual a substância foi tolerada pelo organismo. No ensaio clínico publicado por chagas e cols também não evidenciou diferenças entre os grupos tratados com canabidiol e placebo em relação aos níveis de BDNF no início e após 6 semanas e nem nas escalas utilizadas pelos autores, en-

tretanto neste trabalho não foi relatado nenhum efeito colateral.

Conclusão

Os avanços com o canabidiol possuem suas limitações e barreiras pelo fato do cannabis sativa ser proibido em alguns países. O que dificulta a maior produção científica e o arranque para que a substância seja usada como uma opção terapêutica para a DP e outras condições. Os resultados obtidos com esta revisão suportam o conceito de que o tratamento com o Canabidiol tem efeitos contraditórios e inconclusivos sobre a DP, entretanto mais estudos devem ser realizados com um número maior de pacientes para que conclusões mais robustas sejam geradas.

Referências

1 – CB Carroll; L Teare; PG Bain; Cannabis for dyskinesia in Parkinson disease: A randomized double-blind crossover study; Neurology; vol. 63; 1245; p (1-8); 2004; World Wide Web.

2 - Marcos Hortes N Chagas; Antonio W Zuardi; Vitor Tumas; Márcio Alexandre Pena-Pereira; Emmanuelle T Sobreira; Mateus M Bergamaschi; Antonio Carlos dos Santos; Antonio Lucio Teixeira; Jaime EC Hallak; José Alexandre S Crippa; Effects of cannabidiol in the treatment of patients with Parkinson´s disease: Na exploratory double-blind trial; Journal of Psychopharma cology; vol. 28; 1091; p (1-5); 2014; sagepub.co.uk/journalsPermissions.nav; DOI: 10.1177 / 0269881114550355

3- Itay Lotan;, Therese A. Treves;, Yaniv Roditi e Ruth Djaldetti; Canabbis (Medical Marijuana) Treatment for Motor and Non-Motor Symptoms of Parkinson Disease: Na Open-Label Observational Study; Clinical Neuropharmac ology; vol. 37; p (1-4); março/abril 2014.

TRABALHADORES INFORMADOS PARA O ENFRENTAMENTO DA COVID-19

Ana Flávia dos Reis Neiva1, Jony Pimenta de Vasconcelos Neto1,
Silas José Braz Filho1, André Ribeiro Alexandre1, Policardo Gonçalves da Silva1

Dr. Sérgio Valverde Marques dos Santos2

1 Acadêmicos da Universidado do Estado de Minas Gerais- UEMG - campus Passos
2 Orientador

Universidade do Estado de Minas Gerais -UEMG
Email: neivaana0@gmail.com

Artigo Original

Introdução

Com a pandemia do novo coronavírus, causador da doença COVID-19, que foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como emergência de Saúde Pública de nível internacional, foram adotadas algumas ações para combater sua disseminação, como por exemplo o isolamento social (WHO, 2020). Com isso, a população vem enfrentando uma desaceleração e paralisação de algumas atividades, para evitar o contato com outras pessoas e a propagação do vírus (ORNELL et al, 2020). Contudo, nem todos puderam desfrutar de tal oportunidade, muitos trabalhadores que foram considerados essenciais continuaram nos seus postos de trabalhos, como aqueles que fazem coleta de lixo urbano, os entregadores de mercadorias, os que trabalham em supermercados, padarias, açougues, os policiais, os que trabalham em farmácias, cemitérios, jornalistas, segurança pública, os profissionais da saúde, entre outros (BARDAQUIM et al, 2020). Esses trabalhadores, ao exercerem suas atividades laborais estão expostos ao risco de contaminação pelo novo vírus, correndo o risco de prejudicar sua saúde de forma integral, uma vez que, a comunicação e a orientação sobre as formas de contágio e prevenção ainda são limitadas. Além disso, há outros transtornos enfrentados no trabalho durante a pandemia, como a redução da equipe de trabalho, aumento da carga horária e das atividades no trabalho. Com isso, o trabalhador pode ficar mais vulnerável ao adoecimento pelo vírus, bem como desencadear problemas de saúde como ansiedade, estresse, burnout entre outros transtornos, reduzindo o seu bem-estar no trabalho (DASHRAATH et al, 2020). Desse modo, é notória a necessidade de promover informações para os trabalhadores essenciais, no intuito de gerar cuidados durante a pandemia e evitar a disseminação do vírus nos serviços prestados para a população.

Objetivo

Promover informações sobre as formas de contágio, disseminação e prevenção contra a COVID-19 aos trabalhadores essenciais do município de Passos.

Material e método

Trata-se de um relato de experiência da vivência durante a execução do projeto de extensão “Trabalhadores Informados para o enfrentamento da Covid-19” da Universidade do Estado de Minas Gerais. A população do estudo foi constituída por trabalhadores que continuaram executam suas atividades durante a pandemia no município de Passos, MG. O público alvo do projeto foram trabalhadores de serviços essenciais, como supermercado, farmácia, coleta de lixo, entregadores de mercadorias, entre outros. Para promover informações a população trabalhadora de Passos, foi construído um folder informativo de acordo com informações da OMS, do Ministério da saúde e da Organização Internacional do Trabalho, com orientação sobre as formas de contágio, disseminação e prevenção da COVID-19 nos postos de trabalho. Além disso, em parceria com

outros projetos, foram confeccionadas e distribuídas máscaras de tecidos aos trabalhadores. Ademais, para aumentar a disseminação das informações, foram criadas redes sociais com o nome do projeto, onde foram postadas informações sobre a doença, bem como foram promovidas palestras informativas com especialistas. O projeto foi aprovado no edital PROINPE/2020 da Universidade do Estado de Minas Gerais e, cadastrado com ID n. 12683.

Resultado

A pandemia do novo coronavírus trouxe a população diversas dificuldades, entre elas, a de se executar suas atividades laborais. No entanto, muitas pessoas continuaram executando suas funções, para garantir a sobrevivência da população e a manutenção da vida. Pensando nisso, foi criado o projeto "Trabalhadores Informados para o enfrentamento da Covid-19", que iniciou suas atividades no mês de Junho de 2020. Até o momento, o projeto já beneficiou mais de 200 trabalhadores em diversos postos de trabalho, com a entrega de folders informativos e máscaras de tecido. Nas redes sociais, o projeto já transmitiu informações para mais de 500 pessoas, entre trabalhadores, estudantes e população em geral. A maioria das informações publicadas nas redes sociais são extraídas da página da Organização Internacional do Trabalho, com isso, semanalmente os organizadores publicam novas informações, ultrapassando mais de 20 posts, até o momento. Foram promovidas 3 lives-palestras, com a participação de especialistas sobre saúde do trabalhador e com mais de 100 ouvintes. Todas essas ações podem ser consideradas essenciais e benéficas a população, em especial àquelas que continuam suas atividades laborais. Atualmente, poucos trabalhadores possuem acesso adequado aos equipamentos de proteção individual (EPI) e, nem todos os hospitais existem leitos suficientes para acomodar a demanda de pacientes. Assim, o trabalhador ao executar suas atividades laborais, está vulnerável ao novo coronavírus e a sua disseminação (DALGLISH, 2020). Por isso, a promoção de informações sobre saúde, no momento de pandemia, é fundamental para garantir conhecimento a essa população, que pode resultar em mais segurança e cuidados nos ambientes de trabalho.

Considerações finais

A maioria dos trabalhadores estão desinformados sobre a doença, contágio e disseminação do vírus. Desse modo, o projeto além de auxiliar nessas informações promove conhecimento sobre segurança, cuidados com a saúde e com o ambiente laboral. Diante disso, percebe-se o quanto esse projeto tem sido importante para os trabalhadores, uma vez que, ao disseminar conhecimento e informações sobre o vírus e a doença, proporciona uma maior possibilidade dessa população evitar a contaminação e a redução do seu bem-estar físico e mental no trabalho.

Referências bibliográficas

BARDAQUIM, V. A; SANTOS, S. V. M; DIAS, E. G; et al. Reflection on the working conditions of nursing professionals in the face of the COVID-19 pandemic. Rev Pre Infec e Saúde, v. 6, p. 10661, 2020.

DASHRAATH, P; WONG, J. L. J;, LIM, M. X. K; et al. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic and Pregnancy. American Journal of Obstetrics and Gynecology, v. 0002-9378, n. 20, p. 30343-4, 2020.

DALGLISH ,S. L. COVID-19 gives the lie to global health expertise. Published Online March, v. 395, n. 10231, p. 1189, 2020.

ORNELL, F; HALPERN, S. C; KESSLER, F. H. P; et al. The impact of the COVID-19 pandemic on the mental health of healthcare professionals. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00063520, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 2020.

O IMPACTO DO APOIO FAMILIAR NO PROGNÓSTICO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Sabrina Thalita dos Reis Faria1
Andressa Bueno Florêncio2

1Professora livre docente da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Discente da Faculdade Atenas – Campus Passos

Artigo Original

FACULDADE ATENAS
Email: andressabueno151515@gmail.com

Introdução

O câncer ainda perpetua como uma doença de grande estigma social e a incerteza da continuidade da vida abala toda a estrutura familiar, causando profunda tristeza. Desse modo, é importante trabalhar a assistência como única unidade paciente e família, devendo ser o cuidado altamente qualificado [1]. Assim, ante os problemas vivenciados diante do câncer, infere-se o envolvimento de todos os familiares no processo de tratamento, com o intuito de amenizar as emoções negativas causadas pela doença [2]. Ademais, o estado civil em que o paciente se encontra é um fator relevante no prognóstico em diferentes tipos de câncer [3]. Em resumo, os pacientes com cônjuges apresentam uma significativa vantagem na sobrevida sobre os solteiros devido ao fato de serem diagnosticados precocemente, tratados corretamente e possivelmente motivados pelo apoio conjugal, sendo por meio de formas econômicas, psicológicas e fisiológicas [4]. Além disso, afirma-se que as etiologias de uma melhor sobrevida sob influência do estado civil, inclui o apoio emocional e psicológico, assistência médica extra, e uma maior adesão a orientação médica e a hábitos de vida saudáveis [5].

Materiais e Métodos

Os estudos utilizados para a revisão foram selecionados a partir das bases de dados Scielo e Pubmed, utilizando como descritores “Influence family support” “prognosis” “cancer” “patients” / “paciente” “câncer” “apoio familiar” “prognóstico”. A pesquisa foi realizada em março de 2020 e foram utilizados artigos dos últimos 10 anos, com o intuito de responder à pergunta norteadora: “O apoio familiar influencia no prognóstico do câncer?”. Os critérios de inclusão foram aqueles encontrados na íntegra, com idioma português e inglês, artigos com resultados primários, que respondam à pergunta norteadora e com alto rigor metodológico. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão, não encontrados na íntegra, publicações anteriores a 2010, em língua que não fosse português ou inglês e que não respondessem à pergunta norteadora.

Resultados

Em trabalho publicado em 2017, demonstrou-se que pacientes casados possuem melhor sobrevida específica para câncer, tendo um aumento de 11,8% em 5 anos (66,7% vs 54,9%). Nos modelos de regressão multivariada, pacientes solteiros também demonstraram maior risco de mortalidade. A regressão logística multivariada mostrou que os pacientes casados eram mais propensos a serem diagnosticados em estágio inicial (P <0,001) e submetidos à cirurgia (P <0,001), sendo que estes ainda demonstraram melhor prognóstico na análise [4].

Outra pesquisa apresentou resultados similares, no qual os pacientes casados com câncer de colo retal tiveram melhor sobrevida por causa (CSS) em cinco anos do que os solteiros (P<0,05). Uma análise minuciosa, demonstrou que os pacientes viúvos obtiveram o menor CSS comparando com o de outro grupo. Pacientes viúvos tiveram redução de 5% no CSS de 5 anos em comparação com pacientes casados no estágio I (94,8% vs 89,8%, P <0,001), redução de 9,4% no estágio II (85,9% vs 76,5%, P <0,001), redução de 16,7% no estágio III (70,6% vs 53,9%, P <0,001) e redução de 6,2% no estágio IV (14,4% VS 8,2%, P <0,001) [6].

Discussão

Os resultados do estudo comprovam que os pacientes solteiros têm maior risco de mortalidade específica por câncer. Ademais, demonstrou-se que o grupo dos pacientes viúvos estavam sempre em maior risco do que os de outros grupos. Além disso, condições psicossociais podem ser as principais causas para os resultados insatisfatórios de sobrevida em pacientes solteiros. Os médicos que realizam o cuidado de pacientes solteiros, especialmente viúvos, devem estar cientes de seus piores resultados, sendo necessário que os sistemas de apoio social ofereçam cuidados e intervenções mais próximos para esses pacientes, afim de reduzir as diferenças significativas de sobrevivência entre pacientes casados e solteiros com câncer. [6]

Em síntese, os pacientes casados mostraram uma vantagem significativa de sobrevivência do que os solteiros. Os resultados foram derivados de diagnóstico oportuno, tratamento adequado e provavelmente influenciados pelo apoio conjugal por vias psicológicas, econômicas e fisiológicas. O incentivo ao apoio familiar, ajuda o paciente a obter um melhor prognóstico, uma sobrevida mais longa e uma melhor qualidade de vida. [4]

Conclusão

Conclui-se então, a importância do apoio familiar no diagnóstico ao paciente, auxiliando em uma melhor aceitação da doença, facilitando o tratamento, ajudando em situações de crises e na falta de esperança na continuidade da vida. Ainda vale lembrar do peso da rede de apoio durante o tratamento, com a responsabilidade de melhorar o bem estar, a satisfação e a felicidade do doente, que está passando por transformações no seu aspecto emocional e estilo de vida, tendo assim maiores chances de obter um melhor prognóstico. E, por fim, cabe ressaltar a importância do cuidado contínuo em todas as fases do tratamento, sendo função da família oferecer todo o apoio necessário para que aos poucos o paciente sinta-se confortável para aceitar e dar continuidade à vida.

Referências

[1] CAPELLO, E. M.; VELOSA, M.; SALOTTI, S. R.; et al. Enfrentamento do paciente oncológico e do familiar/cuidador frente à terminalidade de vida. J Health Sci Inst. v.30, n.3, p.235-40, 2012.

[2] PINTO, B. K.; MUNIZ, R. M.; AMARAL, D. E. D.; et al. Rede social de apoio do homem sobrevivente ao câncer: estudo de caso etnográfico. Rev Fund Care Online. v. 9, n. 3, p.776-85, 2017.

[3] ZHANG J.; GAN L.; WU Z.; et al. A influência do estado civil no palco no diagnóstico, tratamento e sobrevida de pacientes adultos com câncer gástrico: um estudo de base populacional. Rev. Oncotarget. v. 8, n. 14, p. 22385-405, 2017.

[4] SHI X.; ZHANG T.; HU W.; et al. Marital status and survival of patients with oral cavity squamous cell carcinoma: a population-based study. Oncotarget. v. 8, n.17, p. 28526-543, 2017.

[5] LI X.; LIU Y.; WANG Y.; RUAN C.; et al. A influência do estado civil na sobrevida de pacientes com câncer de vesícula biliar: um estudo de base populacional. Rev. Scientific Reports. v.7, n.1, p. 5322, 2017.

[6] LI Q.; GAN L.; LIANG L.; et al. A influência do estado civil no palco no diagnóstico e sobrevida de pacientes com câncer colorretal. Oncotarget. v.6, n.9, p.7339-347, 2015.

ABORTO ESPONTÂNEO E CAUSAS GENÉTICAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Angela Chaves de Oliveira Garcia1, Hairina Ester de Carvalho1,
Letícia Franco Barbosa1, Andressa Sousa Oliveira1,
Cassiano José Lemos de Freitas1,

Francielle Marques Araujo Andrade Cançado2

1 Discente da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Orientador

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: angelachaves2010@hotmail.com

Artigo Original

Introdução

O aborto espontâneo pode ser definido como a interrupção involuntária de uma gravidez até a 20ª semana de idade gestacional, ou como a perda de um feto ou embrião de peso menor que 500 gramas, sendo evidente uma prevalência destas perdas gestacionais no primeiro trimestre1.

Essa complicação obstétrica, que pode ser um evento único isolado ou recorrente, possui caráter multifatorial, estando associada a causas genéticas e não genéticas. Entretanto, metade dos casos de aborto espontâneo é de caráter idiopático, o que maximiza os acometimentos psicoemocionais aos genitores envolvidos2.

Entre as causas não genéticas, destacam-se: idade materna avançada, fatores imunológicos, infecções, alterações anatômicas, tabagismo, alcoolismo, obesidade e diabetes3,4. Já no contexto genético, há uma prevalência das anormalidades cromossômicas, principalmente as numéricas, como a trissomia, que também se associa à idade materna. Polimorfismos e outros tipos de mutações também são estudados como possíveis causas genéticas do aborto5-7.

Com esse cenário, evidencia-se uma gama de causas envolvidas no aborto espontâneo, sendo importante o conhecimento dos fatores desencadeadores e a elucidação da complexidade vinculada a essas complicações. Sob esse viés, o campo de enfoque do presente estudo contempla a área genética.

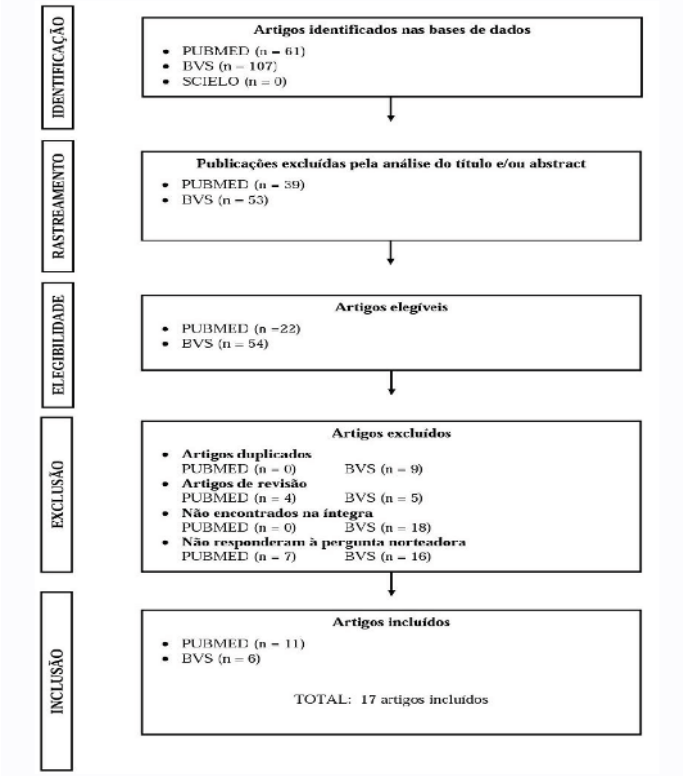
Objetivo

Verificar as possíveis causas genéticas associadas a abortos espontâneos.

Material e método

Os artigos utilizados para esta revisão integrativa foram selecionados das bases de dados PubMed, BVS e SciELO, entretanto, não foram encontrados artigos correspondentes ao período escolhido na última base. Utilizou-se como descritor “genetics and abortion and spontaneous” e a pesquisa foi realizada entre junho e julho de 2020, utilizando artigos de 2019 a 2020. Os critérios de inclusão foram artigos encontrados na íntegra, em português e inglês e que respondessem à pergunta norteadora: “Quais as causas genéticas relacionadas ao aborto espontâneo?”. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão, não encontrados na íntegra, duplicados ou que não respondessem à pergunta norteadora (Figura 1).

Figura 1 –Fluxograma das etapas de seleção dos artigos



Resultado

Dentre os 17 artigos selecionados, três não apresentaram associação significativa entre o aborto e as causas genéticas estudadas (Quadro 1); destes, um não apresentou associação em um dos polimorfismos estudados, mas apresentou associação em outro, sendo incluído em doisquadros. Seis artigos encontraram associações a polimorfismos (Quadro 2), seis encontraram anormalidades cromossômicas (Quadro 3), dois foram associados a mutações (Quadro 4) e um à expressão gênica reduzida (Quadro 5).

Quadro 1 – Ausência de associação entre aborto e causas genéticas

Estudo	Amostra	Resultados
Jian *et al.* [7]	131 mulheres com AR 2839 mulheres com um aborto ou sem histórico	Sem associação entre heteromorfismos cromossômicos e aborto espontâneo recorrente
Wendong *et al.* [8]	248 mulheres com AR 392 mulheres saudáveis com pelo menos duas gestações normais e sem histórico de aborto	Sem relação entre o polimorfismo A>G do gene *TINCR* e a susceptibilidade ao aborto espontâneo recorrente
Levkova *et al.* [9]	50 pacientes com AR 50 mulheres férteis normais	Sem associação entre o polimorfismo TNF-α-308 G/ A e a taxa de abortos espontâneos

AR: aborto recorrente

Quadro 2 – Abortos associados a polimorfismos

Estudo	Amostra	Resultados
Levkova *et al.* [9]	50 pacientes com AR 50 mulheres férteis normais	Aumento do risco de aborto na presença de alelos de inserção no gene *HLA-G*
Keshavarz *et al.* [10]	50 mulheres com AR 50 mulheres com pelo menos um bebê a termo	Polimorfismo Gln472His (A / T) do gene *KDR*
Zhong *et al.*[11]	403 mulheres com AR 342 mulheres saudáveis com pelo menos um parto e sem histórico de aborto	Genótipos MTHFR 677CT, TT e MTRR 66AG. Alelos MTHFR C677T, MTHFR A1298C e MTRR A66G Interação entre o polimorfismo MTHFR C677T e o A1298C. Interação entre o polimorfismo MTHFR A1298C e o MTRR A66G
Trifonova *et al.* [12]	253 mulheres com AR 339 mulheres saudáveis com pelo menos dois nascidos vivos sem complicações gestacionais, sem histórico de perda ou infertilidade	Gene *MTHFR*: genótipo TT gene VEGF: genótipos TT, CT, CC, GC. Gene NOS3: alelo T Combinações de CT-CC: aumenta o risco em mais de quatro vezes
Ghasemi *et al.* [13]	150 pacientes com AR 195 pacientes saudáveis	Presença sinérgica dos polimorfismos de alelos *DICER1* e *DROSHA* (A - G): aumenta o risco em 1,7 vezes
Xueqin *et al.* [14]	300 pacientes com AR 313 controles	Genótipo TT no pri-miR-196a-2

AR: aborto recorrente

Quadro 3 – Abortos associados a anormalidades cromossômicas

Estudo	Amostra	Resultados
Elkarhat *et al.* [15]	627 casais com AR	Anormalidades cromossômicas em 69 casais (11%): 47 mulheres e 22 homens Inversão: 4,30% dos casos Translocação recíproca: 2,71% dos casos Translocação Robertsoniana: 1,43% dos casos Deleção: 0,15% dos casos Inserção: 0,15% dos casos Isocromossomo: 0,15% dos casos Mosaicismo: 0,64% dos casos
Zhaorong *et al.* [16]	54 pacientes com AR	Anormalidades cromossômicas embrionárias: 50% dos AR Anomalias cromossômicas das vilosidades: 24 casos Alterações numéricas: 13 casos de trissomia autossômica Anormalidade do cromossomo sexual: 6 casos Alterações estruturais: 5 casos de cromossomos com microrepetições e microdeleções

Lan *et al.* [17]	50 pacientes com aborto esporádico (A) 132 pacientes com AR (B)	63 variações no número de cópias foram identificadas em ambos os grupos. Trissomia: 15 amostras do grupo A e 29 do grupo B Síndrome 45, X: seis amostras do grupo A e sete do grupo B Triploidia 69, XXY e 69, XXX: duas amostras do grupo A e duas do grupo B Tetrassomia (48, XXY, + 13): uma amostra do grupo A Tetraploidia (92, XXYY): uma amostra do grupo B
Dimova *et al.* [18]	30 amostras de aborto espontâneo	21 amostras (70%):aneuploidias. 90% dos casos:, anomalias numéricas 10%:aberrações estruturais
Rui *et al.*[19]	83 pacientes com gestação de alto risco 37 casos de abortos espontâneos 40 pacientes com suspeitas de doenças genéticas	Aneuploidia: 15 casos Variação no número de cópias: oito casos Aneuploidia e variação no número de cópias: dois casos Aneuploidia ou variação no número de cópias: 25 (67,6%) no grupo de abortos espontâneos
Jing *et al.* [20]	48 amostras de aborto espontâneo 20 amostras sem resultado de cariótipo 28 amostras com resultados de cariótipo	9trissomias do cromossomo 16 3trissomias do cromossomo 22 2trissomias do cromossomo 7 2trissomias do cromossomo 18 1trissomia do cromossomo 4 1trissomia do cromossomo 10 1trissomia do cromossomo 13 1trissomia do cromossomo 15 1aneuploidia cromossômica sexual (45, X) 7 cariótipos normais

AR: aborto recorrente

Quadro 4 – Abortos associados a mutações

Estudo	Amostra	Resultados
Nazari *et al.* [21]	Dois pacientes de famílias distintas	Uma mutação homozigótica e uma mutação missense homozigótica no gene *CHRNG*
Ma *et al.* [22]	11.891 mulheres (5037 mulheres grávidas e 7357 mulheres com histórico de aborto espontâneo ou aborto induzido devido ao atraso no crescimento dos embriões)	Prevalência de pré-mutação relativamente alta (1/320) em mulheres com histórico de aborto

Quadro 5 – Abortos associados à expressão gênica reduzida

Estudo	Amostra	Resultados
Rahnama *et al.* [23]	10 mulheres com AR 10 mulheres férteis durante os dias 10 a 14 do ciclo menstrual	Redução da expressão gênica endometrial de mPR-β

AR: aborto recorrente

Discussão

Nesta revisão, evidenciou-se uma significativa associação entre polimorfismos e a complicação obstétrica em questão. Resultados encontrados revelaram um risco aumentado da ocorrência de abortos na presença de polimorfismos de genes específicos, como no gene KDR, envolvido na via do fator de crescimento endotelial vascular10, nos genes MTHFR e MTRR, da via do folato11, e nos genes VEGF, NOS3 e MTHFR, que se relacionam à disfunção endotelial12. O gene MTHFR, portanto, está associado a diferentes polimorfismos em estudos distintos.

A expressão inadequada de enzimas importantes na biogênese de miRNAs reguladores de processos placentários também pode suscitar aborto. Polimorfismos nos genes Drosha, no cromossomo 5, e D1CER1, no cromossomo 14, comprovam isso, sendo muito prejudiciais quando presentes concomitantemente13. Outro estudo relacionoupolimorfismos de nucleotídeo único (SNPs) na sequência de miRNA, devido ao seu papel na embriogênese e na regulação de processos de diferenciação e invasão celular14. Assim, a influência de alterações polimórficas pode afetar cromossomicamente a produção de miRNA ou atingir sua própria conformação.

Há mais fatores relacionados ao desfecho ruim na gravidez, como redução na expressão gênica do receptor de progesterona de membrana, mPR-β, pois a progesterona atua na prevenção da rejeição fetal23. Além disso, uma prevalência significativamente maior de alelos de inserção de 14 bp no gene HLA-G, associado à tolerância imunológica da mãe ao feto, definiu um risco duas vezes maior de aborto9.

Mutações também foram relacionadas, como mutação homozigótica e missense homozigótica no gene CHRNG em fetos, causadoras da síndrome de pterígio múltiplo que gera anormalidades músculo-esqueléticas graves e frequentemente causa perda gestacional21. Outro estudo revelou o predomínio da mutação de expansão de repetição CGG no gene FMR1; a prevalência de pré-mutação foi maior que a de mutação completa nas mulheres com histórico de aborto22.

Anormalidades cromossômicas foram evidenciadas, um artigo relatou a frequência de 11% destas alterações em casais com histórico de aborto, incluídos casos de inversão, translocação recíproca, translocação Robertsoniana, deleção, inserção, isocromossomo e mosaicismo15. Outro estudo estabeleceu uma associação de 50% dos abortos analisados com cromossomopatias embrionárias, incluindo uma proporção de 79,2% de alterações numéricas16.

Por outro lado, um artigo demonstrou a presença de variação no número de cópias, principalmente a trissomia17, que também foi comprovada em abortos espontâneos no primeiro trimestre de gestação através de exames de cariotipagem20. Outros dois encontraram a aneuploidia como principal anormalidade, o primeiro a encontrou presente em 70% dos materiais abortivos testados18 e o segundo a associou em 67% dos casos de aborto, sendo tratada como principal responsável nas malformações congênitas19.

Por fim, a busca de relação entre polimorfismos e abortos também evidenciou resultados que negam causalidade. Zhu e colaboradores demonstraram uma frequência maior de heteromorfismos autossômicos em amostras de abortos espontâneos recorrentes, mas uma frequência menor de heteromorfismos do cromossomo Y, negando uma possível correlação entre heteromorfismos cromossômicos e aborto7. Huang e colaboradores também evidenciaram a inexistência de envolvimento de um polimorfismo do gene TINCR, implicado na regulação de mecanismos celulares8, assim como Levkova e colaboradores, que relataram a falta de associação entre o polimorfismo TNF-α-308 G/A e os casos de abortos9.

Conclusão

Os dados encontrados revelam a presença de diversos fatores genéticos contribuintes para a ocorrência do aborto espontâneo, sendo os casos de polimorfismos e de anormalidades cromossômicas os prevalecentes. Desse modo, faz-se imprescindível a inserção definitiva da genética no cotidiano médico, bem como o aconselhamento nesse campo para as famílias afetadas pelo aborto.

Referências bibliográficas

1- Soares AM, Cançado FMAA. Perfil de Mulheres Com Perda Gestacional. Rev Med Minas Gerais [periódicos na Internet]. 2018 Dez [acesso em 21 ago 2020]; (28). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-967959

2- Oliveira MTS, Oliveira CNT, Marques LM, Souza CL, Oliveira MV. Fatores associados ao aborto espontâneo: uma revisão sistemática. Rev Bras Saúde Mater Infant [periódicos na Internet]. 2020 Ago [acesso em 21 ago 2020]; 20 (2). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292020000200361&lang=pt

3- Magnus MC, Wilcox AJ, Morken NH, Weinberg CR, Haberg SE. Role of maternal age and pregnancy history in risk of miscarriage: prospective register based study. BMJ [periódicos na Internet]. 2019 Mar [acesso em 21 ago 2020]; 364 (l869). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30894356/

4- Agenor A, Bhattacharya S. Infertility and miscarriage: common pathways in manifestation and management. Womens Health [periódicos na Internet]. 2015 Jul [acesso em 21 ago 2020]; 11 (4). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26238301/

5- Ozawa N, Ogawa K, Sasaki A, Mitsui M, Wada S, Sago H. Maternal age, history of miscarriage, and embryonic/fetal size are associated with cytogenetic results of spontaneous early miscarriages. J Assist Reprod Genet [periódicos na Internet]. 2019 Apr [acesso em 21 ago 2020]; 36 (4). Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6505004/

6- Rolnik DL, Carvalho MHB, Catelani ALPM, Pinto APAR, Lira JBG, Kusagari NK, et al. Análise citogenética em material de abortamento espontâneo. Rev Assoc Med Bras [periódicos na Internet]. 2010 [acesso em 21 ago 2020]; 56 (6). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302010000600017&lang=pt

7- Jian JZ, Hong Q, Li RC, Xiao HW, Wen Z, Guo DT, et al. C-banding and AgNOR-staining were still effective complementary methods to identify chromosomal heteromorphisms and some structural abnormalities in prenatal diagnosis. Mol Cytogenet [periódicos na Internet]. 2019 Sep [acesso em 25 jul 2020]; 12 (41). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31548869/

8- Wendong H, Huazhong Z, Lei P, Yufen X, LanYan F, Yanfang Y, et al. Association between the rs2288947 polymorphismof the lncRNA TINCR gene and the risk of recurrent miscarriage in a Southern Chinese population. J Clin Lab Anal [periódicos na Internet]. 2019 Jul [acesso em 28 jul 2020]; 33 (6). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mdl-31124188

9- Levkova M, Chervenkov T, Hachmeriyan M, Angelova L. Association between polymorphic Markers human leukocyte antigen-G and tumour necrosis factor alpha and susceptibility to recurrent miscarriages among Bulgarian women. Turk J Obstet Gynecol [periódicos na Internet]. 2020 Mar [acesso em 28 de jul 2020]; 17 (1). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32341828/#affiliation-1

10- Keshavarz L, Yavarian M. The association of Q472H variant in the KDR gene with recurrent pregnancy loss in Southern Iran: A case-control study. Int J Reprod Biomed [periódicos na Internet]. 2019 Jul [acesso em 25 jul 2020]; 17(7). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31508572/

11- Zhong L, Qianxi L, Yifan S, Jingchun H, Wan W, Jinjian F, et al. Interactions between genetic variants involved in the folate metabolic pathway and serum lipid, homocysteine level son the risk of recurrent spontaneous abortion. Lipids Health Dis [periódicos na Internet]. 2019 Jun [acesso em 29 jul 2020]; 18(143). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mdl-31200713

12- Trifonova EA, Swarovskaya MG, Ganzha OA, Voronkova OV, Gabidulina TV, Stepanov VA. The interaction effect of angiogenesis and endothelial dysfunction-related gene variants increases the susceptibility of recurrent pregnancy loss. J Assist Reprod Genet [periódicos na Internet]. 2019 Apr [acesso em 28 jul 2020]; 36(4). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mdl-30680517

13- Ghasemi M, Rezaei M, Yazdi A, Keikha N, Maruei Milan R, Asadi Tarani M, et al. The effects of DICER1 and DROSHA polymorphisms on susceptibility to recurrent spontaneous abortion. J Clin Lab Anal [periódicos na Internet]. 2020 Mar [acesso em 25 jul 2020]; 34 (3). Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7083489/

14- Xueqin W, Lu Z, Chunyi G, Yichao D, Haining L, Xu M,et al. The polymorphism of rs11614913 T/T in pri-miR-196a-2 alters the miRNA expression and associates with recurrent spontaneous abortion in a Han-Chinese population. Am J Transl Res [periódico na Internet]. 2020 May [acesso em 26 jul 2020]; 12(5): 1928–1941. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7269987/

15- Elkarhat Z, Kindil Z, Zarouf L, Razoki L, Aboulfaraj J, Elbakay C, et al. Chromosomal abnormalities in couples with recurrent spontaneous miscarriage: a 21-year retrospective study, a report of a novel insertion, and a literature review. J Assist Reprod Genet [periódicos na Internet]. 2019 Mar [acesso em 28 jul 2020]; 36(3). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mdl-30470960

16- Zhaorong G, Yanting X, Qiaoling Z, Yunyun L, Xiaoyan L. Analysis of chromosomes and the T helper 17 and regulatory T cell

balance in patients with recurrent spontaneous abortion. Exp Ther Med [periódicos na Internet]. 2020 Apr [acesso em 28 jul 2020]; 19(4). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32256804/

17- Lan Y, Tao T, Xin Z, Hehua T, Jingna S, Ye S, et al. Association between fetal chromosomal abnormalities and the frequency of spontaneous abortions. Experimental and therapeutic medicine [periódico na Internet]. 2020 Apr [acesso em 25 jul 2020]; 19(4). Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7086225/

18- Dimova I, Rizov M, Giragosyan S, Koprinarova M, Tzoneva D, Belemezova K, et al. Molecular pathogenesis of spontaneous abortions – Whole genome copy number analysis and expression of angiogenic factors. Taiwan J Obstet Gynecol [periódico na Internet]. 2020 Jan [acesso em 25 jul 2020]; 59 (1). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32039809/

19- Rui Z, Xiangbin C, Dong W, Xuan C, Chao W, Yuhong Z, et al. Prevalence of chromosomal abnormalities identified by copy number variation sequencing in high-risk pregnancies, spontaneous abortions, and suspected genetic disorders. J Int Med Res [periódicos na Internet]. 2019 Mar [acesso em 26 jul 2020]; 47(3). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/bvsms/resource/pt/mdl-30732499

20- Jing X, Min C, Qi YL, Shun QH, Li RL, Jia L, et al. Detecting trisomy in products of conception from first-trimester spontaneous miscarriages by next-generation sequencing (NGS). Medicine (Baltimore) [periódicos na Internet]. 2020 Jan [acesso em 28 de jul 2020]; 99 (5). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32000376/#affiliation-1

21- Nazari T, Rashidi-Nezhad A, Ganji M, Rezaei Z, Talebi S, Ghasemi N, et al. Utilization of Whole Exome Sequencing in Lethal Form Multiple Pterygium Syndrome: Identification of Mutations in Embryonal Subunits of Acetylcholine Receptor. Int J Mol Cell Med [periódico na Internet]. 2019 Autumn [acesso em 25 jul 2020]; 8(4). Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7305466/

22- Ma Y, Wei X, Pan H, Wang S, Wang X, Liu X, et al. The prevalence of CGG repeat expansion mutation in FMR1 gene in the northern Chinese women of reproductive age. BMC Med Genet [periódicos na Internet]. 2019 May [acesso em 21 ago 2020]; 20 (1). Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31096929

23- RahnamaR, Rafiee M, Fouladi S, Akbari-Fakhrabadi M, Mehrabian F, Rezaei A. Gene expression analysis of membrane progesterone receptors in women with recurrent spontaneous abortion: a case control study. BMC Res Notes [periódicos na Internet]. 2019 Dec [acesso em 21 ago 2020]; 12 (1). Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31801604/
VID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 2020.

USO DE IMUNOTERAPIA NO TRATAMENTO DA RINITE ALÉRGICA

Anna Maria Andrade Barbosa1; Iácara Santos Barbosa Oliveira2,3
Marco Túlio Menezes Carvalho2; Nariman de Felício Bortucan Lenza3
Camilla Borges Lopes Souza3; Mateus Goulart Alves2,3

1Discente. Curso Medicina. Universidade Estadual de Minas Gerais. Passos/MG
2Docente. Universidade Estadual de Minas Gerais. Passos/MG
3 Docente. Faculdade Atenas. Passos/MG.

Email: annamandrade@icloud.com

Artigo Original

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as doenças crônicas é a principal causa de morbidade e mortalidade em todo o mundo, correspondendo 43% das doenças na população (DEMOLY,2020).

A rinite alérgica é um distúrbio sintomático do nariz induzido após a exposição à alérgenos por meio de reações de hipersensibilidade mediadas por Imunoglobulina E (IgE), que são caracterizadas por quatro sintomas cardinais: rinorréia aquosa, obstrução nasal, prurido nasal e espirros (KLIMEK, 2019; RODRIGUES, 2015). É uma condição crônica e comum na população, atualmente a prevalência é em torno de 400 milhões de indivíduos afetados pela condição e constitui um impacto significativo na qualidade de vida, dependendo da gravidade, da qualidade do controle e efetividade deste (DEMOLY,2020; CRUZ, 2017).

Desse modo terapias alternativas como a imunoterapia estão cada vez mais sendo recomendadas. Assim, neste estudo, busca-se descrever o mecanismo de ação, indicações e contraindicações da imunoterapia específica a alérgenos como tratamento para rinite alérgica.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura buscando descrever o mecanismo de ação, indicações e contraindicações da imunoterapia específica a alérgenos como tratamento para rinite alérgica.

As buscas foram realizadas entre os dias 15 de agosto de 2020 e 20 de agosto de 2020 utilizando a Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS), National Library of Medicine (Pubmed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Nas buscas foram utilizadas combinações das seguintes palavras-chave em inglês e respectivo em português: “immunotherapy” e “allergic rhinitis” associados, ao operador booleano “AND”.

Os critérios de inclusão, por sua vez, foram: materiais publicados nos últimos cinco anos e estudos disponíveis em acesso livre na integra. Tais critérios, quando não atendidos por algum texto, foram tomados como critérios de exclusão.

As buscas resultaram em 807 estudos, estes foram lidos os títulos e resumos e, aplicando os critérios de inclusão e exclusão restaram 15, que foram cuidadosamente lidos na íntegra e 10 foram escolhidos para análise e discussão.

Resultados e Discussão

Segundo a OMS, a Imunoterapia Específica a Alérgenos (IEA) é indicada para pacientes com alergia mediada por anticorpos IgE, ou seja, indivíduos sensíveis a alérgenos ambientais que apresentam manifestações clínicas (como as alergias respiratórias) (ROSA,2016). O seu uso é indicado somente quando outras terapias tradicionais são ineficazes e deve envolver a administração de alérgeno padronizado específico por meio de um esquema de tratamento que assegure que uma quantidade adequada do alérgeno seja injetado de acordo com um protocolo reconhecido. As vacinas antialérgicas é o único tratamento que possui a capacidade de modificar a doença alérgica (SIMÕES,2019)

A vacina além de proporciona benefícios duradouros após a descontinuação, evita que a doença progrida, incluindo o desenvolvimento

da asma, segundo um estudo na França, houve uma redução de asma associada em 40% dos casos, bem como de novas sensibilizações (MORTUAIRE,2017). Para os pacientes que também sofrem de asma, eles precisam ser mais cautelosos porque são mais propensos a reações adversas (ROSA,2016). Ao nível imunobiológico, a vacina induz a alteração do perfil inflamatório, com indução a tolerância imunológica envolvendo estímulo de linfócitos T reguladores e produção de IgG (KLIMEK, 2019; SOLIDORO,2016).

Considerações finais

Recomenda-se estudos aprofundados das indicações da IEA para possível uso como tratamento de primeira escolha no futuro, visto que possui uma resposta farmacocinética e farmacodinâmica descrita positiva e poucas contraindicações, a adesão a essa terapêutica possibilitaria aos portadores de rinite alérgica uma melhor qualidade de vida e redução nos casos de agravos.

Referências

COSTA, E. et al. Estimated cost of asthma in outpatient treatment: a real-world study. Revista de Saude Publica, v. 52, p. 1–10, 2018.

CRUZ, A.A. et al. Global issues in allergy and immunology: Parasitic infections and allergy. Journal of Allergy and Clinical Immunology. v. 140, n. 5, p. 1217-28. 2017.

DEMOLY, P. et al. Perception and control of allergic rhinitis in primary care. NPJ Primary Care Respiratory Medicine. v. 30, n. 1, 2020,

KLIMEK, Ludger et al. Current therapeutical strategies for allergic rhinitis. Expert opinion on pharmacotherapy. v. 20, n. 1, 2019.

MORTUAIRE, G et al. Specific immunotherapy in allergic rhinitis. European annals of otorhinolaryngology. v. 134, n. 4, 2017.

RODRIGUES, A. M. et al. Clinical characteristics of children and adolescents with severe therapy-resistant asthma in Brazil. Jornal Brasileiro de Pneumologia, v. 41, n. 4, p. 343–350, 2015.

ROSA, T. J. D. Specific immunotherapy for the respiratory allergy treatment: a review of its use. Revista Brasileira de Analises Cínicas, s.l, abr., 2016.

SIMÕES, M.C.R.C., et al. Sibilância recorrente em prematuros: prevalência e fatores de risco. Jornal de Pediatria, v. 95, 2019.

SOLIDORO, P., et al. The immunobiological and clinical role of vitamin D in obstructive lung diseases. Minerva Medica, Itália, v. 107, n. 3, 2016.

DIABETES MELLITUS E DEPRESSÃO: HÁ UMA RELAÇÃO? UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Ana Flávia Freire de Andrade1, Anne Moura Korthals1, João Antônio Martins Gomes1, Laura Medeiros Costa1, Maria Gabriela Gonçalves Rezende de Souza1, Mateus Gonçalves de Sena Barbosa1

Edna Messias de Freitas Santos2, Thaynara Farias Gomes2

1 Discente da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Docentes do curso de medicina – Faculdade Atenas, Passos – MG, Brasil

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: annemkorthals@gmail.com

Artigo Original

O Diabetes Mellitus(DM) e a depressão são condições patológicas que tem se apresentado cada vez mais freqüente na população em geral. Acredita-se que ambas condições apresentam uma relação bidirecional, sendo mais evidente quando se trata do Diabetes mellitus tipo II (DMII). Desse modo, pressupondo uma associação entre o DM e a depressão e, considerando oimpacto de ambas na qualidade de vida dos pacientes se faz necessário a compreensão aprofundada dessa possível relação, objetivando subsidiar a conduta futura dos diferentes profissionais de saúde no controle dessas doenças.Diante do exposto, o presente trabalho objetivou executar uma revisão integrativa da literatura disponível. Para tanto, foi conduzida a seleção de estudos, os quais foram extraídos das plataformas de dados: Pubmed, Scielo, e Biblioteca virtual em saúde (BVS) a partir dos descritores: “Diabetes tipo II”, “Comorbidades”, “Depressão” e “Psicopatologia”. Os critérios de inclusão foram: artigos que abordavam os temas DM e depressão, publicados no período de 2017 a 2020 e que se caracterizavam como pesquisas primárias qualitativas ou quantitativas.Foram analisados e incluídos 24 artigos no presente trabalhoque predominantemente evidenciaram a relação DM x Depressão. O desenvolvimento da relação DM x Depressão foi pautada segundo os autores em alguns fatores, sendo os principais: idade dos pacientes, gênero e tipo de tratamento. No que diz respeitoa idade, observou-se que os idosos portadores de DM apresentaram maior propensão a depressão quando comparado as demais faixas etárias.Na questão do gênero, os sintomas depressivos foram predominantemente expressos em mulheres portadoras de DM. E por fim, no que diz respeito ao tratamento, foi reportado que pacientes portadores de DM tratados com terapia combinada(insulina e antidiabéticos orais) apresentaram maior felicidade e menor estresse quando comparados com aqueles que utilizavam apenas a insulina. Em suma, ressalta-se que sintomas depressivos quando tratados diminuem o risco de desenvolver complicações associadas ao DM. Nesse sentido, a compreensão dos fatores de risco favoráveis ao seu desenvolvimento se torna de extrema importância.

Palavras-chaves: Diabetes Mellitus; Depressão; Comorbidades; Autocuidado.

Referências bibliográficas

1. BAK, Ewelina et al. Prevalence of Depressive Symptoms in Patients with Type 1 and 2 Diabetes Mellitus. Patient Preference and Adherence, Polônia, p. 443-454, 6 ago. 2020.

2. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes 2019-2020 / Organização José Egídio Paulo de Oliveira, Renan Magalhães Montenegro Junior, Sérgio Vencio. São Paulo: Editora Clannad, 2019.

3. MAGALHÃES, Everson Mateus Almeida et al. Emotional changes in the elderly with Diabetes Mellitus registered in primary health care centers. O Mundo saúde, São Paulo, v. 43, ed. 1, p. 265-278, janeiro 2019.

4. SHUN-YING, LIU.; JIN, HUANG.; QIAO-LIANG, DONG.; et al. Diabetes distress, happiness, and its associated factors among type 2 diabetes mellitus patients with different therapies. Medicine,99:11, p. 1-8, 2020.

5. WU, C.; HSU, L.; WANG, S. Association of depression and diabetes complications and mortality: A population-based cohort study. Epidemiology and Psychiatric Sciences, 29, E96, 2020.

O USO PROFILÁTICO DO ÁCIDO TRANEXÂMICO NA HEMORRAGIA PÓS-PARTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

1Athos André Soares Silveira, 1Laura Marçal Silva, 1Beatriz Lemos Baptistela, 1Vinicius Santos Cardoso, 1Beatriz Aparecida Fernandes

2Sabrina Thalita Reis

1 Discente da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Docente – Faculdade Atenas, Passos – MG, Brasil

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: athos_andre@hotmail.com

Artigo Original

Introdução:

Segundo a Organização Mundial de Saúde, hemorragia pós-parto (HPP) corresponde a uma perda de sangue maior que 500 ml após o parto [1]. Essa condição pode ter como etiologia atonia uterina, trauma, alterações teciduais e/ou alterações dos níveis de trombina [2]. A HPP é uma das principais causas de morbimortalidade materna e atinge principalmente países subdesenvolvidos [3]. Nesse sentido, o uso de fármacos antifibrinolíticos, como o Ácido Tranexâmico (AT), como medida profilática tem se mostrado vantajoso [4]. Dessa forma, esse estudo objetiva avaliar a eficácia desse medicamento, bem como seus efeitos colaterais.

Metodologia:

Foram consultadas as bases de dados MEDLINE, BVS, Scielo e LILACS em busca de artigos que respondessem a pergunta norteadora (PICO) “Há eficácia no uso profilático de ácido tranexâmico em casos de hemorragia pós-parto?”. Os descritores utilizados foram tranexamic acid, postpartum hemorrhage, ácido tranexâmico, hemorragia pós-parto e hemorragia puerperal. Assim, foram incluídos apenas Ensaios Clínicos Randomizados (ECR). Por outro lado, foram excluídos trabalhos publicados a mais de dez anos, estudos que não respondessem a PICO e artigos de revisão. Após a busca, os dados foram coletados com base no instrumento validado por URSI [5,6] e, assim, seis artigos foram selecionados para a revisão.

Resultados:

Dentre os artigos selecionados, três apresentaram maior relevância estatística [7,8,9], sendo esses conduzidos por Kemal Gungorduk e cols., Jianjun Xu e cols. e Abdel-Aleem e cols. No primeiro, 439 mulheres foram separadas em grupos teste e controle, que receberam AT e placebo, respectivamente. O estudo concluiu que o fármaco estava associado a menores perdas sanguíneas e não favoreceu a incidência de eventos tromboembólicos [7]. No segundo, 174 primíparas foram divididas da mesma forma que no primeiro estudo. Após a análise dos resultados, concluiu-se que o uso de AT estava associado a menores perdas sanguíneas e à menor necessidade de transfusões. Por fim, no terceiro 740 mulheres foram separadas em grupos teste e controle, que receberam AT e placebo, respectivamente. Foi observado que o grupo teste estava associado a menores perdas sanguíneas e menores reduções de hemoglobina e hematócrito. Além disso, nenhum efeito colateral grave, como tromboembolismo, foi observado nesse grupo.

Discussão:

A partir dos resultados dessa revisão, conclui-se que o AT é um bom agente profilático em casos de HPP. Esse fármaco mostrou-se eficaz na diminuição de perdas sanguíneas e na redução da necessidade de transfusões, além de estar associado a efeitos colaterais leves, como náusea, vômitos e fosfenos [8]. Ademais, esse medicamento apresenta um bom custo-benefício, de modo que pode ser utilizado como uma alternativa mais rentável no tratamento de HPP [10]. Dessa forma, torna-se interessante a incorporação de AT em protocolos de parto de hospitais, clínicas e maternidades, a fim de reduzir a incidência de hemorragias pós parto.

Referências:

1. WHO, Guidelines for the management of postpartum haemorrhage and retained placenta. 2009.
2. ROYAL COLLEGE OF OBSTETRICIAN AND GYNAECOLOGISTS. Postpartum hemorrhage: prevention and management. London, 2011.
3. BRENNER, A. et al. Tranexamic acid for post-partum haemorrhage: What, who and when. Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology, Postpartum Haemorrhage, 2019.
4. ASIM, A., STEPHEN, C. Prophylactic Use of Tranexamic Acid for Postpartum Bleeding Outcomes: A Systematic Review and Meta-Analysis of Randomized Controlled Trials; Transfusion Medicine Reviews; 2015.
5. DE SOUZA, M.T.; DA SILVA, M.D.; DE CARVALHO, R.; Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), 2010.
6. URSI, E.S.; GALVÃO, C.M.; Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2006.
7. GUNGORDUK, M.D.K et al.; Can Intravenous Injection of Tranexamic Acid Be Used in Routine Practice with Active Management of the Third Stage of Labor in Vaginal Delivery? A Randomized Controlled Study. American Journal of Perinatology, 2013.
8. XU, J., GAO, W., JU, Y.; Tranexamic acid for the prevention of postpartum hemorrhage after cesarean section: a double-blind randomization trial. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2012.
9. ABDEL-ALEEM, H. et al.; Effectiveness of tranexamic acid on blood loss in patients undergoing elective cesarean section: randomized clinical trial; The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine, 2013.
10. LI, B. et al. Tranexamic acid for treatment of women with post-partum haemorrhage in Nigeria and Pakistan: a cost-effectiveness analysis of data from the WOMAN trial. The Lancet Global Health, 2018.

ENSINO-APRENDIZAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Amanda Augusto Costa1, Bárbara Camilla Gonçalves Marques1
Laura Marçal Silva1, Mirelly Dantas Caldeira Aeissami1
Camilla Borges Lopes Souza2
Mateus Goulart Alves3



Artigo Original

1 Estudante do Curso de Medicina.
Integrante da Iniciação Científica. Faculdade Atenas. Passos/MG.
2 Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG.
3 Orientador. Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG. Doutorando no Programa de Promoção da Saúde na Universidade de Franca

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: barbaracamillarapua@gmail.com

Introdução

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram mudanças significativas sobre a Enfermagem, principalmente na educação (TAYLOR et al., 2014). Essas mudanças foram direcionadas para o aperfeiçoamento do ensino com base em objetivos educacionais na formação do enfermeiro de nível universitário (ALLEN et al., 2006). As mudanças exigem das vivências e experiências práticas um padrão de excelência, levando significado ao processo de ensino percorrido pelo estudante (COSTA; TONHOM; FLEUR, 2016), permitindo que apresentem significante aumento no conhecimento e melhora de suas habilidades (MEO, 2013).

Com o avanço da tecnologia, a maneira em que as informações estão sendo trabalhadas para contribuição da prática pedagógica adequada, deve ser uma preocupação constante, a fim de garantir novas possibilidades de ensinar e aprender na contemporaneidade, no perfil peculiar dos nativos digitais (TEZANI, 2017).

Nativos digitais é o termo que tem sido amplamente utilizado acerca do uso de tecnologias por jovens (FERREIRA; CASTIGLIONE, 2018). Nesse sentido, (WAGNER; ACIER 2017) colocam que nativos digitais são aqueles que tem uma relação favorável com a tecnologia, não condicionado apenas à idade, mas também referente aos grupos sociais, econômicos e culturais.

Diante disso surge o interesse em realizar levantamento bibliográfico sobre o processo ensino-aprendizagem contemporânea na área de saúde.

Método

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura buscando descrever sobre as estratégias contemporâneas para ensino-aprendizagem de estudantes da área de saúde.

O levantamento dos estudos foi realizado em janeiro de 2019, mediante acesso virtual às bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), por meio da consulta à Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), acessada por meio do portal PubMed; Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Os descritores/palavras-chave utilizados foram: Teaching (Ensino), Learning (Aprendizagem) e Education Technology (Tecnologia Educacional). Como critérios de inclusão foi adotado: artigos originais publicados sem delimitação de idioma; publicados nos últimos 10 anos; e foco específico no tema investigado. Os critérios de exclusão foram: teses, dissertações, editoriais, livros, artigos de revisão e estudos que não compreendessem ao tema estudado.

Após as buscas foi realizado leitura de título e resumo e aplicado os critérios de inclusão e exclusão. Dos artigos selecionados foi realizado leitura do estudo na íntegra e incluído 08 artigos nesta revisão.

Resultado e Discussão

A educação contemporânea exige a construção de metodologias que viabilizem o entendimento da relação entre teoria e prática, atrelado em um processo de ensino que vise a formação de indivíduos qualificados, criativos, críticos e reflexivos (FIGUERÊDO; VITAL, 2017).

O pensamento crítico deve ser resultado essencial do processo de ensino-aprendizagem, visto que é uma qualidade inerente ao perfil do aprendiz contemporâneo (CARVALHO et al., 2017) e, quando se trata de ciências da saúde, as abordagens para aplicação do pensamento crítico no contexto clínico devem ser fomentadas (GEORG; ZARY, 2014).

A aprendizagem acontece por meio de várias experiências e métodos de ensino (CADORIN et al., 2017), associado às características individuais dos estudantes (CADORIN et al., 2016), assim, estratégias para qualidade do ensino e adequação da prática no processo de ensino-aprendizagem, devem ser elaboradas e implementadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), considerando as necessidades dos pacientes, instituições (ensino e saúde), professores e estudantes (BARRET, 2007).

Nesse contexto, surgem as metodologias ativas para adequação e atendimento ao perfil preconizado pelas novas diretrizes curriculares na formação dos profissionais de saúde e torna-se um instrumento necessário e significativo no processo de ensino-aprendizagem, para ampliar as possibilidades e caminhos do estudante e professores; permitindo o desenvolvimento de uma prática ética, crítica, reflexiva, transformadora e qualificada, ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico (WATERKEMPER; PRADO, 2011).

Nas últimas décadas o processo de ensino-aprendizagem, com o uso das metodologias ativas, sofreu uma revolução com a inclusão da informação digital, uma evolução inimaginável, e, atualmente está estabelecida e acessível de maneira versátil, permitindo divulgações que antes eram impossíveis (CANPIOM et al., 2016).

Os professores devem proporcionar aos estudantes, oportunidades de aprendizagem com apoio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e, sabendo como ela pode dar suporte ao aprendizado, ofertar autonomia e evidenciar as vantagens que pode trazer na aquisição do conhecimento (TURNER et al, 2009).

Os estudantes atuais, os nativos digitais, acreditam, que com o uso das TICs há favorecimento no processo de ensino-aprendizagem (GAMBO et al., 2017). Destaca-se o fato de que o desenvolvimento da aprendizagem está estritamente relacionado ao uso de estratégias que incentivem o desenvolvimento dos estudantes (CADORIN et al., 2016).

As TICs se definem pelo uso de múltiplas mídias integradas, que permitem o intercâmbio de informações (WHIKE; DEWSBURY, 2011) e, dentre elas, se tem o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que são sistemas computacionais digitais que oferecem suporte e recursos para o ensino, apresentando informações de maneira organizada, integrando os objetos de conhecimento e as pessoas, visando atingir objetivos específicos (ALMEIDA, 2003).

O AVA pode ser um instrumento importante na comunicação profissional, acadêmica e clínica para profissionais e estudantes de saúde (D'SOUZA et al., 2017).

Silva et al. (2016) citou que um AVA bem planejado e com boa usabilidade, é capaz de possibilitar o uso de recursos variados para o alcance dos objetivos de aprendizagem e gerar os resultados esperados.

Os AVAs permitem a integração de diferentes recursos na construção do conhecimento pelo estudante com o suporte de professores, porém, esta prática, requer mudanças na cultura acadêmica, deslocando a centralidade do conhecimento no professor para uma cultura de aprendizagem orientada pela participação dos estudantes (VALENTE, 2003).

Dentre as inúmeras estratégias utilizadas pelas TICs e AVAs destaca-se o método Flipped Classroom, que é definido como sendo um modelo de ensino-aprendizagem no qual se emprega a tecnologia para inverter o papel tradicional do tempo de aula em sala (CARVALHO; RAMOS, 2015).

Considerações finais

É evidente que o processo de ensino-aprendizagem está em transformações constantes. Isso se dá pela evolução tecnológica mas também por mudanças no perfil de instituições ensino, professores e estudantes, além disso, a sociedade exige profissionais qualificados não somente na área de formação, mas também em tecnologia.

Na área da saúde é necessário garantir formação generalista, ética, humana, crítica e humanista através de métodos contemporâneos de ensino-aprendizagem, assim, possibilitando a formação de profissionais qualificados e adequados as exigências das constantes transformações.

Referências

ALLEN, M. et al. Mapping the literature of nursing education. Journal of the Medical Library Association, Chicago, v. 94, n. 2, p. E122-E127, 2006.

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.

BARRETT, D. The clinical role of nurse lecturers: Past, present, and future. Nurse Education Today, Edinburgh, v. 27, n. 5, p. 367-374, 2007.

CADORIN, L. et al. Developing an instrument to measure emotional behaviour abilities of meaningful learning through the Delphi technique. Journal of Advanced Nursing, Oxford, v. 73, n. 9, p. 2208-2218, 2017 .

CADORIN, L. et al. Instruments for measuring meaningful learning in healthcare students: a systematic psychometric review. Journal of Advanced Nursing, Oxford, v. 72, n. 9, p. 1972-1990, 2016.

CARVALHO, D. P. S. R. P. et al. Teoria da ação comunicativa: subsídio para o desenvolvimento do pensamento crítico. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 70, n. 6, p. 1343-1346, 2017.

CARVALHO, R. J. O.; RAMOS, M. A. S. Flipped Classroom Centrar a Aprendizagem no Aluno Recorrendo a Ferramentas Cognitivas. In: GOMES, M. J.; OSÓRIO, A. J.; LUIZ, V. Challenges 2015 Meio Século de TIC na Educação, Half a Century of ICT in Education. Braga: Universidade do Minho, Centro de Competência TIC do Instituto de Educação Instituto de Educação, 2015.

COSTA, M. C. G.; TONHON, S. F. R.; FLEUR, L. N. Teaching and Learning Professional Practice: Medical Students' Perspective. Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 40, n. 2, p. 245-253, 2016.

D'SOUZA, K. et al. Attitudes of Health Professional Educators Toward the Use of Social Media as a Teaching Tool: Global Cross-Sectional Study. JMIR Medical Education, Toronto, v. 3, n. 2, e13, 2017.

FERREIRA, G. M. S.; CASTIGLIONE, R. G. M. TIC na educação: ambientes pessoais de aprendizagem nas perspectivas e práticas de jovens. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 44, e153673, 2018.

FIGUERÊDO, A. N.; VITAL, E. V. O. A educação contemporânea e os novos desafios na aprendizagem. Ciencia, Salud, Educación y Economía, Fortaleza, n. 12, p. 36-41, 2017.

GAMBO, J. M. et al. Can Mobile Technology Enhance Learning and Change Educational Practice? Computers, Informatics, Nursing, Hagerstown, v. 35, n. 8, p. 375-380, 2017.

GEORG, C.; ZARY, N. Web-based virtual patients in nursing education: development and validation of theory-anchored design and activity models. Journal of Medical Internet Research, Pittsburgh, v. 16, n. 4, e105, 2014.

GILLISPIE, V. Using the Flipped Classroom to Bridge the Gap to Generation Y. Ochsner Journal, Easton, v. 16, n. 1, p. 32-36, 2016.

MEO, S. A. Evaluating learning among undergraduate medical students in schools with traditional and problem-based curricula. Advances in Physiology Education, Bethesda, v. 37, n. 3, p. 249-253, 2013.

SILVA, A. C. et al. Desenvolvimento de ambiente virtual de aprendizagem para a capacitação em parada cardiorrespiratória. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 50, n. 6, p. 990-997, 2016.

TAYLOR, C. et. al. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 1768 p.

TEZANI, T. C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re)pensar a prática pedagógica. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 295-307, 2017.

TURNER, J. L.; DANKOSKI, M. E. D. Objective Structured Clinical Exams: A Critical Review. Family Medicine, Kansas City, v. 40, n. 8, p. 574-578, 2008.

UNESCO. Padrões de competência em TIC para professores – Marco político. Brasília: UNESCO, 2009. 18 p.

VALENTE, J. A. Educação a distância no ensino superior: soluções e flexibilizações. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 139-148, 2003.

WAGNER, V.; ACIER, D. Factor Structure Evaluation of the French Version of the Digital Natives Assessment Scale. Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, New Rochelle, v. 20, n. 3, p. 195-201, 2017.

WATERKEMPER, R.; PRADO, M. L. Teaching-learning strategies in undergraduate Nursing courses. Avances en Enfermería, Bogotá, v. 29, n. 2, p. 234-246. 2011.

WHIKE, A.; DEWSBURY, G. Nursing and information and communication technology (ICT): A discussion of trends and future directions. International Journal of Nursing Studies, Oxford, v. 48, n. 10, p. 1302-1310, 2011.

AVALIAÇÃO DA BIOATIVIDADE ANTICOAGULANTE E ANTIMICROBIANA DE DIFERENTES EXTRATOS DAS PLANTAS CORDIA SALICIFOLIA E CHRYSOBALANUS ICACO L.

Beatriz da Silva Cunha1, Ana Luísa Ferreira Giupponi1, Daniela Gontijo Tsutake2, Anna Karolina Pereira De Souza2, Marlon Vilela de Brito3, Mateus Goulart Alves4, Marco Túlio Menezes Carvalho5.

1Graduanda do curso de Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais.
2Graduada do curso de Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais.
3 Docente no curso de Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais | Unidade Passos.
4Docente no curso de Medicina da Faculdade Atenas, Campus Passos.
5 Docente no curso de Medicina da Faculdade Atenas, Campus Passos. Docente no curso de Medicina e Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais | Unidade Passos.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG unidade Passos
Email: beatriz.cunhasbc@gmail.com

Artigo Original

O uso de plantas medicinais vem desde os tempos remotos, em que os humanos analisavam fenômenos da natureza buscando soluções que lhe aliviassem o sofrimento ou compreender uma determinada circunstância. Com o uso de plantas medicinais, perceberam que algumas delas tinham em suas essências, princípios ativos que ao serem utilizados combatiam doenças, revelando dessa forma seu poder curativo (MONTEIRO; BRANDELLI, 2017). Recentemente, o interesse por plantas fitoterápicas para uso medicinal vem crescendo consideravelmente em todo o mundo, principalmente no Brasil, uma vez que há estudos experimentais que confirmam as suas propriedades terapêuticas relatadas (MONTEIRO; BRANDELLI, 2017). As plantas são reconhecidas como excelentes fontes de compostos que podem atuar em uma diversidade de reações biológicas, são exemplo os inibidores de proteases, as lectinas, os compostos secundários, portanto, estes compostos podem contribuir na elucidação dos processos bioquímicos envolvidos na coagulação e na hemostasia corporal, além de uma possível ação antimicrobiana na frente a bactérias causadoras de infecções. Neste sentido, uma tendência multidisciplinar, envolvendo aspectos do conhecimento botânico, fitoquímico, farmacológico e toxicológico de preparações vegetais e seus principais constituintes químicos, tem sido considerada como uma necessidade para explorar de maneira eficiente o potencial farmacológico da rica flora existente em nosso país. Hoje em dia, os estudos com plantas medicinais no Brasil estão principalmente centrados nas Universidades (VEIGA JR; MELLO, 2008). A realização dessa pesquisa teve como intuito avaliar a bioatividade anticoagulante e antimicrobiana dos extratos das plantas das espécies Cordia salicifolia e Chrysobalanus icaco L. sobre cepas padrões de Staphylococcus aureus, Escherichia coli e Enterococcus faecalis. A metodologia consistiu na obtenção dos extratos das plantas Cordia salicifolia e Chrysobalanus icaco L. a partir dos solventes hexano, metanol e acetato de etila. Esses solventes foram escolhidos por apresentarem solubilidades diferentes, sendo o hexano uma mistura de hidrocarbonetos saturados, não sendo solúvel em água, mas sim em solventes orgânicos (PORTANTIOLO, 2011), o metanol sendo miscível em água por apresentar pequenas moléculas como o grupo OH (grupo característico dos álcoois) que formam ligações de hidrogênio com a água (JOVELINO et al., 2015), e o acetato de etila imiscível em água e miscível com hidrocarbonetos, cetonas, álcoois, benzeno, clorofórmio e ésteres (QUIMESP, 2017). A extração foi realizada com o apoio do coordenador do programa de pós-graduação em Ciências da Universidade de Franca (UNIFRAN) do estado de São Paulo e de seus alunos. Para a obtenção das diferentes concentrações dos extratos brutos a serem testados, foram realizadas diluições seriadas partindo de uma solução mãe (1/1 (2000µg/mL) contendo 2mg de cada extrato em estudo para 1 ml de seu respectivo solvente (hexano, metanol e acetato de etila). Para a avaliação da atividade antimicrobiana dos extratos das plantas das espécies Cordia salicifolia e Chrysobalanus icaco L. obtidos por hexano, metanol e acetato de etila, os microrganismos utilizados foram as cepas de Staphylococcus aureus

ATCC 25923, Escherichia coli ATCC 35218 e Enterococcus faecalis ATCC 29212, adquiridos por doação da Santa Casa de Misericórdia de Passos – Minas Gerais. Os microrganismos foram repicados em ágar Müeller – Hinton e incubados a 37ºC por 24 horas antes do experimento. A análise dos possíveis efeitos em ensaios microbianos “in vitro” foi feita através da determinação da Concentração Inibitória Mínima (CIM) em cepas padrões de Staphylococcus aureus, Escherichia coli e Enterococcus faecalis pelo método de difusão em disco. Para o processo do antibiograma foi utilizado, como padrão, o manual da Laborclin (2011), que permite a detecção da sensibilidade das bactérias em relação aos antimicrobianos, também denominados como TSA (Teste de Sensibilidade a Antimicrobianos). Quanto aos possíveis efeitos na coagulação “in vitro” foi realizado ensaios do Tempo de Protrombina – TP para avaliar a via extrínseca e do Tempo de Tromboplastina Parcial ativada – TTPa para avaliar a via intrínseca, utilizando plasmas sanguíneos humanos (“pool” de 15 doadores), os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. Os plasmas passaram por testes de qualidade onde foram feitas análises de bioquímica buscando a garantia que esses doadores apresentavam valores dos testes de coagulação normais (os valores foram utilizados como grupo controle). Quanto aos resultados, para a análise antimicrobiana dos extratos das plantas Cordia salicifolia e Chrysobalanus icaco L. foi levado em consideração a análise dos halos de inibição. Utilizando como controle positivo frente às cepas padrão de Staphylococcus aureus, Escherichia coli e Enterococcus faecalis os antibióticos Vancomicina, Ampicilina e Penicilina, respectivamente, que apresentaram halos maiores que 16mm. Como controle negativo foi utilizado apenas os solventes hexano, metanol e acetato de etila, que apresentaram valores dentro do esperado, por não ocasionar qualquer ação sobre a bactéria, ou seja, não houve o crescimento de halos. Frente as sete concentrações dos três extratos, foi observado que em todos não obtiveram susceptibilidade, uma vez que não apresentaram halos de inibição, diâmetro de 0 mm, desta forma, afirma-se que todas as cepas apresentam certa resistência aos extratos. Quanto ao teste de coagulação, o TP demonstrou-se irrelevante quanto ao extrato hexânico de ambas as plantas, no entanto o extrato metanólico ampliou o tempo de coagulação de 3 a 4 vezes. No teste de TTPa, o extrato hexânico reduziu o tempo de coagulação em todas as concentrações testadas e foi observado que a planta Chrysobalanus icaco L. apresenta um resultado mais satisfatório como possível pró coagulante. Com a realização deste trabalho foi possível observar que, apesar da literatura demonstrar vastas utilizações dos extratos com hexano, metanol e acetato de etila, as plantas Cordia salicifolia e Chrysobalanus icaco L. não obtiveram efeitos antimicrobianos frente as cepas testadas. Porém apresentaram respostas relevantes ao extrato de metanol de ambas as plantas, quando realizado o teste de protrombina, sendo capaz de influenciar algum fator da via extrínseca da coagulação. No entanto são necessárias investigações mais aprofundadas sobre o assunto e mesmo que os resultados não sejam positivos, são de grande valia, uma vez que o presente estudo colaborou para amplificar os conhecimentos a respeito das atividades do material vegetal em questão, sabendo que novas pesquisas envolvendo constituintes fitoquímicos de plantas devem ser exploradas e novas metodologias de extração criadas, pois a busca de anticoagulantes e antimicrobianos se tornam cada vez mais necessários.

Referências

JOVELINO, J. R.; MARQUES, F. A. R.; COSTA, T. M. M.; SILVA, R. S.; FRANÇA, K. B. Análise do processo de produção do metanol a partir da gaseificação da biomassa para aplicações industriais. I Congresso Nacional de Engenharia de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis/III Workshop de Engenharia de Petróleo. Universidade Federal de Campina Grande – Unidade Acadêmica de Engenharia Química, 2015.

LABORCLIN. Manual para antibiograma: Difusão em disco (Kirby & Bauer). Antibiograma. LaborClin Produtos para laboratórios Ltda, rev. 05, p. 3 – 4, 2011.

MONTEIRO, S. C.; BRANDELLI, C. L. C. Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação. Plantas Medicinais: histórico e conceitos. Artmed, Porto Alegre – RS, 1 ed., 2017.

PORTANTILO, C. S. Hexano. Ficha de informações de segurança de produto químico. Quimidrol, rev. 03, código: FISPQ – 041, 2011.

QUIMESP. Acetato de etila P.A. Ficha de informações de segurança de produtos químicos. Quimesp Química, rev. 02, FISPQ, em conformidade com NBR 14725:2014, 2017.

VEIGA JUNIOR, V. F.; MELLO, J. C. P. As monografias sobre plantas medicinais. Revista Brasileira de Farmacognosia 18: 464-471, 2008.

COMPONENTES DE ESTRUTURA E FUNÇÃO DO CORPO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF) E ESCLEROSE MÚLTIPLA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Beatriz Lemos Baptistela1, Richard Barbosa Coimbra1, Athos André Soares Silveira1, Guilherme Garcia Galdino1, Renato de Almeida Porto 1, Alice de Oliveira Silveira1, Rafael Castro Lemos Nascimento1, Ana Julia Sousa Borges1
Carlos Tostes Guerreiro 2



1 Discente da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Docentes – Faculdade Atenas, Passos – MG, Brasil

Artigo Original

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: beatrizlbaptistela@hotmail.com

Introdução e Objetivos:

De etiologia ainda desconhecida, muitos fatores podem estar envolvidos na causa da esclerose múltipla (EM), sendo, todavia, aceitável a definição de doença autoimune na qual as próprias células de defesas do sistema imune atacam os neurônios do sistema nervoso central (SNC). Dois padrões bem marcados de apresentação inicial são reconhecidos na história natural da EM: a forma remitente-recorrente (EMRR), ou surto-remissão (EMSR), podem apresentar pequenos distúrbios visuais, parestesias, incontinência, fraqueza e fadiga nos estágios iniciais da doença até paraplegia, bexiga neurogênica, comprometimento visual, disartria, tremor intencional, ataxia, nistagmo e instabilidade emocional nos estágios avançados da doença. Nos casos graves, os pacientes podem se tornar completamente incapacitados. Este trabalho, portanto, teve como objetivo realizar uma revisão integrativa dos componentes de estrutura e funções do corpo da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) em pacientes com EM publicados em trabalhos entre os anos 2010 e 2020. [1,2,3,4]

Metodologia:

Para a localização dos artigos foi realizada uma busca nas bases de dados PubMed e Scielo através dos descritores “Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde”, “CIF”, “esclerose múltipla” “Estrutura e funções do corpo”, “International Classification of Diseases”, “ICF”, “multiple sclerosis” e “Body Function”. A busca foi realizada por combinações de dois descritores associados (e/and).

Resultados:

Quatorze artigos foram encontrados. Desses, 10 relacionaram a CIF e EM através de estudos com intervenções terapêuticas (reabilitação) (2), revisão sistemática (2), correlação de escalas relacionadas com a CIF (2), estudos transversais que correlacionaram os sinais/sintomas clínicos da EM com as categorias da CIF (3) e validação de escalas fundamentas na CIF (1) [7,8,9]

Conclusão:

Os artigos apresentaram que o modelo da CIF ajuda na seleção das medidas, interpretação e organização dos resultados, seleção e administração de intervenções e a avaliação da mudança ao longo do tempo ou em resposta às intervenções tanto em pacientes com EM quanto em pacientes com outros distúrbios neurológicos. [8,10]

Referências bibliográficas

1. PALTAMAA, J., SJÖGREN T., PEURALA, S. H., HEINONEN, A. Effects of physiotherapy interventions on balance in multiple sclerosis: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. J Rehabil Med. 2012;44(10):811-823.
2. LOYD, B. J., FANGMAN, A., PETERSON, D. S., et al. Rehabilitation to improve gaze and postural stability in people with multiple sclerosis: study protocol for a prospective randomized clinical trial. BMC Neurol. 2019;19(1):119.
3. KNIPPENBERG, E., VERBRUGGHE, J., LAMERS, I., PALMAERS, S., TIMMERMANS, A., SPOOREN, A. Markerless motion capture systems as training device in neurological rehabilitation: a systematic review of their use, application, target population and efficacy. J Neuroeng Rehabil. 2017;14(1):61.
4. SPOOREN, A. I., TIMMERMANS, A. A., SEELEN, H. A. Motor training programs of arm and hand in patients with MS according to different levels of the ICF: a systematic review. BMC Neurol. 2012;12:49.
5. PRODINGER, B., O’CONNOR, R. J., STUCKI, G., TENNANT, A. Establishing score equivalence of the Functional Independence Measure motor scale and the Barthel Index, utilising the International Classification of Functioning, Disability and Health and Rasch measurement theory. J Rehabil Med. 2017;49(5):416-422.
6. KELLY, L., JENKINSON. C., DUMMETT, S., DAWSON, J., FITZPATRICK, R., MORLEY, D. Development of the Oxford Participation and Activities Questionnaire: constructing an item pool. Patient Relat Outcome Meas. 2015;6:145-155.
7. MORLEY, D., DUMMETT, S., KELLY, L., DAWSON, J., FITZPATRICK, R., JENKINSON, C. Validation of the Oxford Participation and Activities Questionnaire. Patient Relat Outcome Meas. 2016;7:73-80.
8. KHAN, F., AMATYA, B., NG, L. Use of the International Classification of Functioning, Disability and Health to describe patient-reported disability: a comparison of Guillain Barré syndrome with multiple sclerosis in a community cohort. J Rehabil Med. 2010;42(8):708-714.
9. KAHRAMAN, T. Performance Measures for Upper Extremity Functions in Persons with Multiple Sclerosis. Noro Psikiyatr Ars. 2018;55(Suppl 1):S41-S45.
10. ŘASOVÁ, K., MARTINKOVÁ, P., SOLER, B., et al. Real-World Goal Setting and Use of Outcome Measures According to the International Classification of Functioning, Disability and Health: A European Survey of Physical Therapy Practice in Multiple Sclerosis. Int J Environ Res Public Health. 2020;17(13):4774.

SAÚDE DA CRIANÇA NAS ESCOLAS: UM PROJETO DE EXTENSÃO

Brenda Queiroz Gama1, Ana Tábata Costa Prado1, Caique Lohner Oliveira1
Bianca Machado Nasser1

2Nariman de Felício Bortucan Lenza

1 Discente de Medicina da Faculdade Atenas – Campus Passos
2 Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas- Passos/MG

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: brendaggama@gmail.com

Artigo Original

Introdução:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de doze a dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). O acesso à saúde é um direito da criança, dado através da realização regular de consultas de vigilância ao longo de toda a infância e adolescência, pois é nos primeiros anos de vida que se devem instituir hábitos de vida saudáveis de vida, além de que todas crianças têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência (BRASIL, 1990). A escola é um dos ambientes cruciais para o desenvolvimento de programas voltados a saúde de crianças e a adolescentes. Somatizando os ensinos Infantil, Fundamental e Médio, certifica-se que cerca de 50 milhões de crianças e adolescentes estão tendo acesso às ações de educação, promoção e assistência à saúde no sistema educacional (BRASIL, 2009). Dentre as políticas voltadas para o desenvolvimento sadio das crianças e dos adolescentes, surge entre os Ministérios da Saúde e da Educação o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, que tem por objetivo, promover atenção integral (promoção, prevenção, diagnóstico e recuperação da saúde e formação) à saúde de crianças, adolescentes e jovens, uma vez que a escola é um espaço ideal para a promover o desenvolvimento de ações de educação em saúde (BRASIL, 2012). Os projetos de extensão permitem trabalhar essas ações com as crianças, promovendo assim ações de educação em saúde no ambiente escolar que contribuam para a promoção da saúde, desenvolvimento integral, prevenção de agravos à saúde e de doenças, fortalecendo as ações de educação em saúde e auxiliando para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, podem favorecer a melhoria da qualidade de vida dessas (BRASIL, 2012). Além da importância que as crianças têm como disseminadores do saber para as outras crianças e para a família.

Objetivo

Desenvolver ações de promoção à saúde com crianças em uma escola privada em uma cidade do interior de Minas Gerais.

Metodologia

O projeto de extensão ocorreu de outubro de 2019 a fevereiro de 2020, sendo desenvolvido com 75 crianças, de idade de três a nove anos. As atividades tinham duração de duas horas cada encontro e eram realizadas duas vezes por semana.

Discussão

As atividades realizadas foram: “Lavagem das mãos para prevenção de doenças”; “Importância de alimentos saudáveis”; “Alimentos que prejudicam a saúde e os dentes; “Desenvolvimento de atividades educativas”; “Sociabilização das crianças” e a “Aproximação do profissional de saúde com o ambiente escolar”. As ações foram desenvolvidas através de atividades interativas, materiais informativos, cartazes, bola, cantorias, dinâmicas em grupo, palestras, rodas de conversas, oficinas de demonstração, materiais de exposição dos assuntos e circuitos de

brincadeiras, para que a interação entre os escolares ocorresse de forma lúdica. Muitas crianças não tinham como hábitos de rotina a lavagem das mãos com frequência e nem sabiam como lavá-las corretamente, o que contribui para o desenvolvimento de doenças como diarreia e parasitoses. Durante as atividades, 40%, ou seja, 30 crianças, não ingeriam a classe de alimentos tidos como saudáveis no início das atividades, e à medida que o projeto ocorreu constatou-se que a adesão e a execução de uma alimentação que incluísse legumes e verduras englobou 92% crianças, isto é 69, sendo que seis crianças afirmaram continuar com hábitos antigos sem realizar a tentativa de inclusão dos alimentos que a equipe propôs. Podemos ressaltar que a prática de uma alimentação saudável desde a infância possui reflexo direto na vida adulta, de forma a possibilitar dois cenários onde de um lado temos dietas desequilibradas, desde a infância, as quais podem ocasionar o surgimento de doenças crônicas como a obesidade, e do lado, práticas alimentares equilibradas que proporcionam o desenvolvimento sistêmico saudável, além de atuar no aumento da capacidade intelectual e produtiva (CARVALHO et al., 2015).

Conclusão

Dessa forma, este estudo permitiu a identificação da necessidade do desenvolvimento de ações de promoção e prevenção da saúde em âmbito escolar, a fim de trazer um desenvolvimento saudável às crianças e jovens durante o período de crescimento. Além disso, no decorrer da execução das atividades, observou-se que os pais e professores demonstraram os benefícios da implementação das ações na escola e as crianças em geral mostraram-se interessadas e dispostas a adequarem os ensinamentos a realidade, além de apresentarem muito entusiasmo durante a realização das atividades. Os resultados mostram que a prática de atividades estimulantes para com os cuidados básicos como: educação alimentar, higiene das mãos para prevenção de doença e o desenvolvimento de atividades educativas e de sociabilização tiveram impacto benéfico nos hábitos de vida das crianças que participaram da iniciativa proposta no estudo. Tendo em vista que, os infantes tiveram interesse imediato na aplicação dos ensinamentos e adesão das atividades propostas. Desta forma, foi demonstrado o quão importante é a inserção do profissional de saúde no ambiente escolar, pois as crianças em fase de aprendizagem absorveram o conhecimento passado e tiveram interesse em praticá-lo, inclusive envolvendo toda a família nas mudanças sugeridas.

Referências:

BRASIL. (1990). Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica: Saúde na escola. Brasília: Ministério da Saúde, 2009, p.15. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf> Acesso em 11. Ago. 2020

BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2012. 110 p.

CARVALHO, C. A. De, et al. Food consumption and nutritional adequacy in Brazilian children: A systematic review. Revista Paulista de Pediatria, 33(2), 211–221, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rpped.2015.03.002>. Acesso em 07 de jan de 2020.

EFEITO DA EXPOSIÇÃO AO COLESTEROL EM UMA LINHAGEM CELULAR DE CÂNCER DE PRÓSTATA METASTÁTICO

Ruan Pimenta1, Bruna Andrade Pereira1, Isabela Ranieri Sillos1, Maria Eduarda Freire1, Núbia Taveira1, Nayara Izabel Viana1,

Sabrina T. R. Faria2

2 Discente da Faculdade Atenas. Passos/MG.
32 Orientador. Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG.

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: brunabap@outlook.com

Artigo Original

Introdução

O câncer de próstata é o segundo tipo de câncer mais prevalente na população masculina, e sua incidência tem aumentado em países desenvolvidos. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), a perspectiva é de 65.840 novos casos no ano de 2020, e há o registro de 15.576 mortes em decorrência do câncer de próstata em 2018.1 Há altos índices de sobrevida para pacientes com câncer de próstata localizado, mas esta perspectiva não se aplica aos casos de câncer de próstata metastático em que o prognóstico é pior e as possibilidades de tratamento são menores. 2

Retomaram-se o interesse pela ligação entre o colesterol e o câncer de próstata, visto que há acúmulo de colesterol no interior das células cancerígenas. O colesterol é um dos responsáveis pela integridade da membrana, além de ter influência na sinalização e no metabolismo, portanto seu nível intracelular deve ser regulado.3

O colesterol é um constituinte essencial da membrana plasmática celular, mas quando seus níveis passam a ser superiores a uma concentração crítica, ele pode inibir a apoptose celular por meio de estruturas conhecidas como jangadas de lipídios, que alteram os mecanismos de transdução de sinal.

Estudos têm fornecido evidências de que o colesterol é um mediador dos processos de transdução de sinal que são importantes para a sobrevivência das células tumorais do câncer de próstata e progressão da doença. O colesterol é um precursor dos hormônios androgênicos, que interferem diretamente no processo de gênese e progressão do câncer de próstata. 4

Portanto, são imprescindíveis a realização de estudos sobre o câncer de próstata e o colesterol a fim de elucidar suas relações e possibilitar o desenvolvimento de novos alvos terapêuticos.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi expor a linhagem celular de câncer de próstata PC3 à uma concentração de colesterol e observar seu crescimento, comparando com um grupo controle de células cancerígenas ofertando apenas H2O.

Método

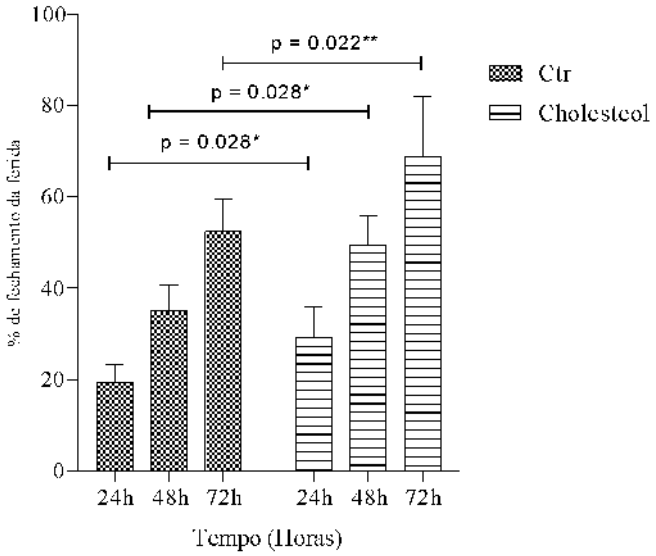
Este estudo experimental foi realizado em janeiro de 2020 durante estágio realizado no laboratório de investigação médica da disciplina de Urologia (LIM55) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). A linhagem celular de câncer de próstata PC3 (metástase óssea) foi obtida da American Type Culture Collection (Supplement1) e cultivada em meio MEM (Life Technologies, Waltham, MA, EUA) suplementado com 10% de soro fetal bovino (FBS) e 1% de soluçãoantibiótico/antimitótico (Sigma Co., St. Loius, MO, EUA) a 37ºC em uma atmosfera de 5% de CO2 .

A linhagem celular PC3 foi semeada em uma placa de cultura de 12 poços contendo 2x105 células/poço em meio MEM (Invitrogen, Grand Island, NY, EUA) de acordo com o protocolo de cultivo padrão. O colesterol (C4951-30MG - Sigma Aldrich, St. Louis, EUA) foi utilizado na concentração de 2µg/mL nos períodos de 24, 48 e 72 horas, e como controle do experimento foram utilizadas células com as mesmas condições de cultivo, porém, essas células receberam H20 (veículo). Os experimentos foram

realizados em triplicata5.
As células foram contadas e adicionadas em placas de 24 poços, a uma concentração de 5x104 células/poço. Após atingir a confluência, foi realizada a ferida (risco), com ponta de 200µL e com auxílio de régua. As células foram lavadas e meio sem SFB foi adicionado. As placas foram fotografadas às 0 e 24h. A análise dos resultados foi realizada com auxílio do software NIS Elements D 3.1 (Nikon) com base na mensuração da área de risco pela fórmula: (Ainicial –Afinal) / (Ainicial) x 100 =% fechamento da ferida, sendo A, a medição da área entre as bordas.

Resultado e Discussão

Observou-se que o colesterol (2ug/ml) aumenta a migração de células de câncer de próstata PC3 nos tempos de 24, 48 e 72 horas, conforme demonstra o gráfico abaixo.



De acordo com o gráfico, é possível inferir que os níveis de crescimento da células PC3 são maiores no grupo de células que foram expostas à 2µg/mL de colesterol quando comparadas com as que receberam apenas H2O, e portanto o fechamento da ferida ocorreu de forma mais acentuada na amostra que recebeu colesterol.

Encontramos diferenças significativas ao comparar os dois grupos nos tempos de 24 horas, 48 horas e 72 horas (p=0.028; 0.028 e 0.022 respectivamente).

Conclusão

Os resultados indicam que a exposição da linhagem celular de câncer de próstata PC3 ao colesterol, cultivada em meios específicos em laboratório de acordo com protocolos padrão, apresentaram uma migração e proliferação maior do que quando expostas a H2O nos tempos de 24, 48 e 72 horas.

Dessa maneira, tendo como base a grande mortalidade do câncer de próstata, destacando os pacientes que já estão em estágios avançados, é de suma importância estudos maiores que possam confirmar se a diminuição dos níveis de colesterol séricos possam contribuir para uma maior sobrevida conjuntamente ao tratamento convencional, ou até mesmo se a manutenção de níveis baixos desses lipídeos possa ser uma estratégia preventiva para a população masculina, no intuito de diminuir a incidência dessa patologia.

Referências

1- Instituto Nacional de Câncer. Câncer de próstata. 2020. Acessado em 21 de agosto de 2020. Disponível em:https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-prostata.

2- Wang G, Zhao D, Spring DJ, DePinho RA. Genetics and biology of prostate cancer. Genes Dev.2018;32(17-18):1105-1140.doi:10.1101/gad.315739.118 http://genesdev.cshlp.org/content/32/17-18/1105.full.pdf

3-Krycer JR, Kristiana I, Brown AJ. Cholesterol homeostasis in two commonly used human prostate cancer cell-lines, LNCaP and PC-3. PLoS One. 2009. https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0008496

4- Santana, I. A. de, Moura, G. S., Vieira, N. F., & Cipolotti, R. (2008). Metabolic syndrome in patients with prostate cancer. Sao Paulo Medical Journal, 126(5), 274–278. doi:10.1590/s1516-31802008000500006

5- Yue PY, Leung EP, Mak NK, Wong RN. A simplified method for quantifying cell migration/wound healing in 96-well plates. J Biomol Screen. 2010;15(4):427-33

LESÕES POR PRESSÃO RELACIONADAS A DISPOSITIVOS MÉDICOS NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM ÉPOCA DE PANDEMIA

Amanda Aparecida Borges[1], Iácara Santos Barbosa Oliveira[1]
Mateus Goulart Alves[1],Nariman de Felício Bortucan Lenza[1],
Camilla Borges Lopes Souza[1]

Soraia Assad Nasbine Rabeh[2]

Artigo Original

1Docente. Faculdade Atenas. Passos/MG.
2Docente. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto –SP.
Faculdade Atenas. Passos/MG.
Email: enf.camillablopes@gmail.com

Introdução

A disseminação de um novo tipo de Coronavírus (SARS-CoV-2) por vários países fez com que, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretasse a pandemia de COVID-19 (atual denominação da doença), o que denotou em um alerta mundial para o aumento dos casos nos meses subsequentes (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 2020).

Neste contexto, o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a higienização das mãos se tornaram fundamentais para a proteção dos profissionais de saúde que se encontram em contato direto com os casos com suspeita e/ou confirmação de COVID-19 (RAMALHO, 2020).

No entanto, muitos profissionais de saúde têm apresentado lesões de pele devido a higienização frequente das mãos, bem como o uso prolongado de EPIs, como as luvas de procedimento, óculos de proteção e máscaras, que são denominadas de Lesões por Pressão Relacionadas a Dispositivos Médicos (LPRDM), definidas como resultante do uso de dispositivos projetados e aplicados para fins diagnósticos ou terapêuticos, que se dá em conformidade com o padrão ou a forma do dispositivo e devem ser categorizadas conforme o sistema de classificação de Lesão por Pressão (NPUAP, 2014; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTOMATERAPIA, 2016).

As diretrizes da National Pressure Injury Advisory Panel (NPIAP), publicadas em 2019, reconhecem que as LPRDM são cada vez mais recorrentes nos cenários de cuidado e, embora não se tratam de algo relativamente novo, atualmente têm recebido a devida atenção em face a pandemia de COVID-19, com destaque nas mídias e publicações, especialmente, pelo acometimento de profissionais de saúde (EDSBERG et al., 2016; EPUAP; NPIAP; PPPIA, 2019; GALETTO et al., 2019; GEFEN et al., 2020).

Assim, em face ao exposto, este estudo, busca descrever as LPRDM que mais acometem os profissionais de saúde em época de pandemia.

Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura que busca descrever as LPRDM que mais acometem os profissionais de saúde em época de pandemia.

As buscas foram realizadas entre os dias 15 de agosto de 2020 e 20 de agosto de 2020 utilizando a Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS), National Library of Medicine (Pubmed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Nas buscas foram utilizadas combinações das seguintes palavras-chave em inglês e respectivo em português: “pandemic” e “pressure injuries” associados, ao operador booleano “AND”.

Foram incluídas publicações dos últimos cinco anos, nos idiomas português, inglês e espanhol, bem como estudos disponíveis em acesso livre na integra. Como critérios de exclusão, foram excluídas publicações não disponíveis na íntegra, assim como aquelas que apresentaram duplicatas em mais de uma base de dados (mantida apenas de uma base de dados).

As buscas resultaram em 65 estudos,

estes foram lidos os títulos e resumos e, aplicando os critérios de inclusão e exclusão restaram 10, que foram cuidadosamente lidos na íntegra e 07 foram escolhidos para análise e discussão.

Resultados

Em face a pandemia de COVID-19, estudos mostram que os principais sintomas apresentados pelos profissionais de saúde que trabalham na linha de frente na assistência aos casos suspeitos e/ou confirmados de COVID19 e, por conseguinte, em uso frequente e prolongado de EPI's são: ardor, coceira e sensação de fisgada. Os tipos de erupções mais comumente relatadas foram pele seca ou descamada, pápulas, eritema e maceração (EDSBERG et al., 2016; GEFEN et al., 2020; YAN et al., 2020).

As LPRDM decorrentes do uso das máscaras N-95/FFP2 ou equivalentes e óculos de proteção são ocasionadas, em sua maioria, pela rigidez e inelasticidade no dispositivo ou dispositivo de fixação que acarretam em fricção e aumento da pressão nos tecidos, ocasionando em lesões de pele diante do seu uso prolongado ou inadequado (GALETTO et al., 2019; DARLENSKI; TSANKOV, 2020; RAMALHO, 2020).

Visscher et al. (2015) evidenciou em sua pesquisa que as LPRDM provocadas, especialmente, as máscaras e óculos de proteção, causam lesões faciais, que acometem base do nariz (39,9%), face (30,0%), região frontal do crânio (10,0%) e mento (3,0%).

O uso frequente de luvas de procedimento podem acarretar em dermatites e dermatoses, eritema, ressecamento, descamação, fissuras, prurido, infecções secundárias e agravamento de doenças de pele preexistentes (GALETTO et al., 2019; DARLENSKI; TSANKOV, 2020; RAMALHO, 2020).

Considerações finais

A segurança do paciente e a qualidade da assistência à saúde são temáticas que cada vez mais tem se destacado em todo o mundo, o que se faz necessário a realização de estudos que promovam o cuidado a saúde livre de danos, tanto para os pacientes, como para os profissionais de saúde.

Assim, o cuidado para a manutenção da integridade da pele dos profissionais de saúde, bem como a adoção de medidas para a proteção da pele durante a assistência a pacientes devem ser medidas fundamentais em época de pandemia.

Referências

JASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTOMATERAPIA. Classificação das lesões por pressão – Consenso NPUAP 2016 – adaptada culturalmente para o Brasil. São Paulo: SOBEST, 2016. Disponível em:<http://www.sobest.org.br/textod/35>. Acesso em: 15 agosto 2020.

DARLENSKI, R.; TSANKOV, N. Covid-19 pandemic and the skin - What should dermatologists know? Clin Dermatol., v. 24, mar. 2020. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0738081X20300493>. Acesso em 18 agosto 2020.

EDSBERG, L. E.; BLACK, J. M.; GOLDBERG, M.; MCNICHOL, L.; MOORE, L.; SIEGGREEN, M. Revised National Pressure Ulcer Advisory Panel Pressure Injury Staging System: Revised pressure injury staging system. J Wound Ostomy Continence Nurs., v. 43, n. 6, p. 585-597, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27749790/>. Acesso em 18 agosto 2020.

EUROPEAN PRESSURE ULCER ADVISORY PANEL (EPUAP); NATIONAL PRESSURE INJURY ADVISORY PANEL (NPIAP), PAN PACIFIC PRESSURE INJURY ALLIANCE (PPPIA). Prevention and Treatment of Pressure Ulcers/Injuries: Clinical Practice Guideline. 3 ed. EPUAP; NPIAP; PPPIA, 2019

GALETTO, S. G. S.; NASCIMENTO, E. R. P.; HERMIDA, P. M. V.; MALFUSSI, L. B. H. Medical Device-Related Pressure Injuries: an integrative literature review. Rev Bras Enferm., v. 72, n. 2, p. 505-512, maio-abri. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000200505>. Acesso em 18 agosto 2020.

GEFEN, A.; ALVES, P.; CIPRANDI, G.; COYER, F.; MILNE, C. T.; OUSEY, K.; OHURA, N.; WATERS, N.; WORSLEY, P. Device related pressure ulcers: SECURE prevention. J Wound Care, v. 29, sup. 2a, S1-S52, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12968/jowc.2020.29.Sup2a.S1>. Acesso em: 18 agosto 2020.

NATIONAL PRESSURE ULCER ADVISORY PANEL, EUROPEAN PRESSURE ULCER ADVISORY PANEL AND PAN PACIFIC PRESSURE INJURY ALLIANCE. Prevention and Treatment of Pressure Ulcers: Quick Reference Guide. Emily Haesler (Ed.). Cambridge Media: Osborne Park, Australia; 2014.

RAMALHO, A. O. Lesões de pele relacionadas ao uso de equipamentos de proteção individual em profissionais de saúde: estratégias de prevenção frente a pandemia de Covid-19. São Paulo: GPET, SOBEST, 2020. Disponível em: <http://www.sobest.org.br/arquivos/LPRDM_COVID19_Manual_Vers__o_Portugues.reduzida_compressed.pdf>. Acesso em: 18 agosto de 2020.

VISSCHER, M. O.; WHITE, C. C.; JONES, J. M.; CAHILL, T.; JONES, D. C.; PAN, B. S.. Face Masks for Noninvasive Ventilation: Fit, Excess Skin Hydration, and Pressure Ulcers. Respiratory Care, [s.l.], v. 60, n. 11, p.1536-1547, 29 set. 2015. Daedalus Enterprises.

YAN, Y.; CHEN, H.; CHEN, L.; CHENG, B.; DIAO, P.; DONG, L.; GAO, X.; GU, H.; HE, L. Consensus of Chinese experts on protection of skin and mucous membrane barrier for health□care workers fighting against coronavirus disease 2019. Dermatologic Therapy, e13310, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/dth.13310>. Acesso em: 16 agosto 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Rational use of personal protective equipment for coronavirus disease 2019 (COVID-19): Interim guidance. Genebra: WHO; 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331215/WHO-2019-nCov-IPCPPE_use-2020.1-eng.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2020.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DO CUIDADO DE ENFERMAGEM

Cicero David Leandro Costa1, Luana Batista de Oliveira1, Gilmaria Nascimento Sá1, Milena Santana Nascimento1

Andréa Kedima Diniz Calvacanti Tenório2

1 Discente
2 Orientadora

UniRios - Centro Universitário do Rio São Francisco
Email: david_780@outlook.com.br

Artigo Original

Introdução

O Ministério da Saúde define educação em saúde como um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população, contribuindo para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado. A educação em saúde prestada pelo enfermeiro pode ser considerada prática positiva a ser integrada aos cuidados de saúde, pois não só veicula informações, mas sugere alternativas para a prevenção de doenças e a promoção da saúde dos indivíduos e da comunidade. Ela pode ser feita através de palestras, oficinas, rodas de conversas, enfim, dependendo do tipo de assunto que vai ser abordado e do público alvo, as estratégias podem ir mudando.

Objetivos

Descrever educação em saúde e seus benefícios como ferramenta do cuidado de enfermagem.

Metodologia:

Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter exploratório. As bases de dados utilizadas foram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Eletronic Online (Scielo) e Revistas Brasileiras de Enfermagem. Foram incluídos no estudo artigos originais, disponíveis na integra e em português, publicados entre 2014 e 2020.

Resultados e Discussões:

A educação em saúde é uma ferramenta utilizada pelos enfermeiros para o desencadeamento de ações de promoção, prevenção e recuperação à saúde, que busca auxiliar na qualidade de vida do ser humano, além de reduzir consideravelmente os custos da assistência em todas as esferas de saúde. A educação em saúde é uma prática centrada na sociedade, contribuindo para a formação e desenvolvimento da visão crítica das pessoas a respeito de sua saúde, instigando a busca de soluções e a organização para a ação coletiva. Compartilhar saberes por meio de ações educativas, possibilita ao indivíduo um saber coletivo que reflete em sua autonomia e na emancipação para o cuidar de si, da família e do meio social, minimizando os problemas de saúde decorrentes na comunidade. Dessa forma, a educação em saúde torna-se uma estratégia para o enfermeiro garantir a manutenção da saúde individual e coletiva, com consciência crítica e permiti o exercício da cidadania, efetivando mudanças pessoais e sociais, formado sujeitos éticos, capazes de tornar a sociedade mais justa, humana e solidária.

Conclusão:

A educação em saúde está ancorada nos pressupostos da promoção de saúde, numa proposta que busca renovar e transformar as práticas educativas no campo da saúde. Entende-se que o papel que o enfermeiro desempenha, tem um significado amplo nas relações entre, a saúde, educação e sociedade. Assim, o enfermeiro pode ser agente facilitador para que os indivíduos e as famílias desenvolvam competências para agir consciente em questões de saúde. A educação em saúde representa um importante instrumento facilitador para a capacitação da comunidade, contribuindo assim para a promoção da saúde dos indivíduos. Vale ressaltar que a educação em saúde mesmo que realizada tardiamente, contribui para a redução de danos, melhora na qualidade de vida e na resolutividade dos problemas já instalados.

PALAVRAS-CHAVE

Educação em saúde. Enfermagem. Promoção de saúde.

Referências bibliográficas

FALKENBERG, M.B.; MENDES, T.P.L.; MORAES, E.P.; SOUZA, E.M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, 19(3):847-852, 2014. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n3/847-852/. Acesso em 13 de maio de 2020.

NEVES, E.T., SILVEIRA, A.; NEVES, D.T.; PADOIN, S.M.M.; SPAVANELLO, C.S. health education at school: educating for life in a multidisciplinary space: an integrative literature review. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2014 Oct [cited Sept 23];5(8):2023-30. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem. Acesso em 14 de maio de 2020.

PEREIRA, F.G.F.; CAETANO, J.A.; MOREIRA, J.F.; ATAIDE, M.B.C. Práticas Educativas Em Saúde Na Formação De Acadêmicos De Enfermagem. Cogitare Enferm. 2015 Abr/Jun; 20(2):332-7. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/39767. Acesso em 13 de maio de 2020.

RAMOS, C.F.V.; ARARUNA, R.C.; LIMA, C.M.F.; SANTANA, C.L.A.; TANAKA, L.H. Práticas educativas: pesquisa-ação com enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(3):1211-8. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1144.pdf. Acesso em 15 de maio de 2020.

SALBEGO, L.P.; SILVEIRA, A.; HAMMERSCHMID, K.S.A. Práticas de enfermagem com educação em saúde no contexto familiar: revisão integrativa. Rev enferm UFPE online, Recife, 8(12):4362-72, dez., 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10184/10732. Acesso em 14 de maio de

TOSSIN, B.R.; SOUTO, V.T.; TERRA, M.G.; SIQUEIRA, D.F.; MELLO, A.L.; SILVA, A.A. As práticas educativas e o autocuidado: evidências na produção científica da enfermagem. REME - Rev Min Enferm. 2016. Disponível em: https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1074. Acesso em 13 de maio de 2020.

WEYKAMP, J.M.; CECAGNO, D.; HERMEL, P.P.; TOLFO, F.D.; SIQUEIRA, H.C.H. Motivação: Ferramenta de Trabalho do Enfermeiro na Prática da Educação em Saúde na Atenção Básica. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, 2015. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs. Acesso em 15 de maio de 2020.

PERIODICIDADE DO EXAME DE PAPANICOLAOU EM MULHERES COM LESÃO DE ALTO GRAU DO COLO DO ÚTERO

Cleidiane Justino de Araújo 1, Bruna Cássia Silva Teodoro Balduíno1
Mateus Goulart Alves2, Camilla Borges Lopes Souza2
Amanda Aparecida Borges2, Nariman de Felício Bortucan Lenza2
Iácara Santos Barbosa Oliveira3



Artigo Original

1 Enfermeira. Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG. Passos/MG.
2 Docente no curso de Medicina na Faculdade Atenas. Passos/MG
3 Orientadora. Docente no curso de Medicina na Faculdade Atenas e Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG. Passos/MG.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG Passos/MG
Email: cle.35@hotmail.com

Introdução

O Câncer do colo uterino (CCU) é uma neoplasia maligna causada por alterações celulares no epitélio da cérvice uterina, tem evolução lenta e progressiva, podendo evoluir para um processo invasor entre 10 a 20 anos, fato que demonstra preocupação e atenção para exames de detecção precoce do mesmo (SANTOS; LIMA, 2016).

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o CCU é o terceiro tumor mais frequente na população feminina, atrás do câncer de mama e colorretal, sendo a quarta maior causa de morte de mulheres no Brasil (BRASIL, 2017).

Existem dois tipos de prevenção do CCU, a prevenção primária refere à diminuição da exposição aos fatores de risco, como o início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiros, as Infeções Sexualmente Transmissíveis (IST), em especial o Papiloma Vírus Humano (HPV), e na prevenção secundária é realizada o exame citológico de Papanicolaou para detecção do câncer e das lesões precursoras, sendo tratáveis e curáveis em até 100% dos casos (SANTOS; LIMA, 2016).

Sendo assim, a captação das mulheres, a periodicidade que participam dos programas de rastreamento como o exame de Papanicolaou e a garantia de encaminhamento ao tratamento adequado de acordo com os resultados dos exames é primordial para evitar a morbimortalidade deste câncer (SANTOS; LIMA, 2016).

Partindo do pressuposto do aumento do número de casos diagnosticados de lesão de alto grau do colo do útero, o presente estudo tem como objetivo identificar a periodicidade da realização do exame Papanicolaou entre as mulheres diagnosticadas com lesão de alto grau do colo do útero em um município do interior de Minas Gerais.

Metodologia

O presente estudo consiste em uma pesquisa de campo com levantamento de dados, descritiva de abordagem quantitativa, realiza em um município do interior de Minas Gerais.

Foi realizada uma busca ativa no registro do Programa Viva Mulher, através de prontuários das mulheres que tiveram exames alterados, ou seja, diagnosticadas com lesão de alto grau no colo do útero, no período de 2016 a 2017, sendo assim realizado uma análise em relação a faixa etária das mesmas e periodicidade da realização do exame de Papanicolaou.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino Superior de Passos (FESP) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) com parecer de nº 3.375.600.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise estatística transcritos em um banco de dados na planilha do programa Excel (Windows), analisados de forma descritiva.

Resultados

No período de 2016 a 2017 ocorreram 62 casos novos de lesão de alto grau. Em relação a faixa etária, a maior parte dos exames foram realizados em mulheres dentro da faixa etária preconizada pelo Ministério da Saúde (MS), porém observou-se um número considerável de exames em mulheres com menos de 25 anos, sendo 20% das mulheres, 70% na faixa etária de 25 a 64 anos e 10% acima de 64 anos. Já

em relação a periodicidade 60% das mulheres realizam o exame anualmente, 28% a cada dois a três anos e 12% a cada três anos ou mais, fato que sugere um bom acompanhamento das mulheres em relação ao exame de rastreamento do CCU preconizado.

Discussão

No Brasil, a maioria das mulheres entre 35 a 49 anos que nunca realizaram o exame de Papanicolaou são as mais propicias a desenvolverem casos positivos de CCU, por esse motivo vários estudos apontam a necessidade de assegurar a realização do exame a partir do início da vida sexual , onde é necessário que as mesmas tenham acesso ao exame nas unidades de saúde e também informações fidedignas em relação a abordagem, conceitos, tabus, medo e vergonha que possam contribuir para a não realização do exame (BRASIL, 2016).

Levando em consideração a discussão acima e o preconizado pelo MS, é importante que as unidades e serviços de saúde atendam as demandas, realidade e conheçam os fatores de risco das mulheres para que possam incluí-las as medidas de rastreamento independente da faixa etária preconizada.

Rodrigues et al (2016), apontam que as mulheres conhecem o exame de Papanicolaou, mas desconhecem a periodicidade adequada para a sua realização, o que contribui para o excesso de exames em uma mesma população, o que pode mascarar os resultados de cobertura e refletir negativamente na busca ativa das mulheres que nunca realizaram o exame.

Silva et al., (2014), apontam que a vergonha é uma das maiores dificuldades encontradas a não adesão para realização do exame e pode causar até descontinuidade da assistência, a mulher sente constrangimento ao exibir o corpo durante o procedimento do Papanicolaou, pois a coloca em situação de vulnerabilidade, na qual é exposta ao toque, manipulação e julgamento do seu corpo por outra pessoa, além da impotência, desproteção e perda do domínio do corpo que a posição ginecológica proporciona.

Considerações Finais

Concluímos com a realização deste estudo que o CCU pode ser reduzido através de políticas públicas aplicadas a partir do conhecimento dos hábitos de vida das mulheres diagnosticadas com lesão de alto grau, pois o conhecimento proporciona medidas e melhorias nos programas e protocolos de rastreamento disponíveis.

A maioria das mulheres diagnosticadas estavam dentro da faixa etária preconizada, porém um significativo número de mulheres realizam o exame de Papanicolaou fora da faixa etária estabelecida, sendo na maioria das vezes abaixo da idade recomendada, fato que nos remete a repensar nos protocolos existentes e a importância de trabalhar a promoção da saúde neste grupo, com foco nos fatores de risco, outro fato considerado importante é a atividade sexual precoce nesta faixa etária, relacionado às ISTs em especial ao HPV, o que pode contribuir para o aumento dos casos de CCU ou lesões.

Outro ponto importante e a necessidade de aperfeiçoamento do programa de rastreamento em relação à oferta e qualidade do exame, bem como ao direcionamento correto quanto à faixa etária e a periodicidade da coleta do exame de Papanicolaou, visando garantir o acesso da população alvo e o encaminhamento para a investigação diagnóstica e tratamento das lesões precursoras, se necessário.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer. Rio de Janeiro.2017. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/inca/portal/home>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer. Sistema de Informação do Câncer. Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero. 2. ed. Rev. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em <http://www.citologiaclinica.org.br/site/pdf/documentos/diretrizes-para-o-rastreamento-do-cancer-do-colo-do-utero_2016.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

RODRIGUES, J. F.; MOREIRA, B. A.; ALVES, T. G. S.; GUIMARAES, E. A. A. Rastreamento do câncer do colo do útero na região ampliada oeste de minas gerais, Brasil. Revista de enfermagem do Centro Oeste Mineiro. Bahia. 2016.

SANTOS, L. M.; LIMA, A. K. B. S. Câncer de colo do útero: papel do enfermeiro na prevenção e detecção precoce dessa neoplasia na atenção básica. Temas em Saúde. João Pessoa. v. 16, n. 3,p. 463-475. 2016. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/09/16328.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SILVA, B.; BEZERRA, A. F. B.; CHAVES, L. D. P.; TANAKAL, O. Y. Integralidade no cuidado ao câncer do colo do útero: avaliação do acesso. Rev. Saúde Pública. p. 240-248, 2014. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n2/0034-8910-rsp-48-2-0240.pdf>. Acesso em 16 ago. 2018.

CÂNCER DE MAMA E SUA GENÉTICA: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Luciana Carvalho Silva1, Marina Lima Ribeiro1,
Deise Silva Carvalhaes1, Trycyane Rodrigues Bueno Prado1

Elder Francisco Latorraca2

1 Discentes do curso de medicina da Faculdade Atenas - Campus Passos
² Docente do curso de medicina da Faculdade Atenas - Campus Passos



Artigo Original

Faculdade Atenas – Campus Passos
Email: deisecarvalhaes@hotmail.com

Introdução

O câncer de mama é a proliferação anormal, de forma rápida e desordenada, das células do tecido mamário e que pode levar, em pior cenário, a invasão de tecidos adjacentes e disseminação pelos corpo, criando focos cancerígenos em outros órgãos, a chamada metástase.[1]. De acordo com o INCA, estima-se que surjam 66.280 novos casos apenas em 2020.[2] A incidência do câncer de mama tende a aumentar de forma progressiva a partir dos 40 anos, bem como a mortalidade por essa neoplasia. Em mulheres abaixo de 40 anos ocorrem menos de 10 óbitos a cada 100 mil mulheres, enquanto na faixa etária a partir de 60 anos o risco é 10 vezes maior[3]. As mutações que ocorrem nos genes podem ser herdadas, nos casos de cânceres hereditários ou podem ser adquiridas. Alguns fatores para a ocorrência dessa alteração genética são: exposição a hormônios, irradiação na parede torácica para tratamento de linfomas, excesso de peso, ausência de atividade física, excesso de ingestão de gordura saturada e álcool.[1] Atualmente, três genes têm sido apontados como principais no desenvolvimento do câncer hereditário de mama – o BRCA1, BRCA2 e o TP534 .

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura, do tipo qualitativa, realizada durante o mês de agosto de 2020. As perguntas norteadoras da pesquisa foram: Qual a genética do câncer de mama? Quais os principais genes mutados nesta doença?. Para a realização deste estudo, foi realizada uma coleta de dados nas bases de dados MEDLINE (PubMed), Scielo, BVS onde realizamos uma leitura crítica dos resumos e das metodologias, e determinamos quais trabalhos eram de qualidade para serem incluídos nessa presente revisão. Os critérios de inclusão foram: artigos enquadrados entre ensaios clínicos e estudos observacionais, artigos encontrados na íntegra, artigos publicados em inglês, português ou espanhol e artigos que estavam de acordo com o tema e abordavam informações relevantes sobre os genes relacionados ao câncer de mama. Os fatores de exclusão foram: artigos que não abordavam o tema proposto, artigos publicados antes de 2010 e revisões e relatos de casos. Assim, foram selecionadas 10 referências, sendo 2 descartadas por estarem incompletas, utilizando-se no final 8.

Resultados e Discussão

Mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 são responsáveis por cânceres de mama e ovário hereditários. Mulheres com mutações do BRCA1, que está localizado no locus 17q21, apresentam 87% de chance de desenvolver carcinoma de mama e 40% a 60% de chance de desenvolver um carcinoma de ovário durante toda a vida, e 65% de chance de desenvolver um segundo carcinoma mamário se viverem até 70 anos 7. Mulheres com mutação em BRCA2, localizado em 13q12-13, possuem cerca de 85% de chance de desenvolverem um carcinoma de mama durante sua vida7,8. Como exemplo, o gene TP53 causador da síndrome de Li-Fraumeni de câncer de mama hereditário, sarcomas e outros tipos de tumores9. O estudo de Coelho e colaboradores mostrou que existem múltiplos fatores de risco associados ao desenvolvimento do câncer de mama, tais como: sobrepeso, alcoolismo, alterações hormonais, lesões mamárias em categoria de alto risco e existência de familia-

res próximos afetados pela enfermidade.5,6 Muitos fatores afetam a probabilidade de desenvolver câncer de mama ou de ovário, mas nenhum preditor é tão determinante e prevalente como a herança de uma mutação BRCA. Existem várias opções de manejo clínico para indivíduos portadores de mutações BRCA, incluindo cirurgias de redução de risco (mastectomia redutora de risco bilateral, salpingo-ooforectomia) 10, quimioprevenção11 e vigilância intensiva com ressonância magnética anual da mama12. Vários estudos demonstraram que, após a identificação de um portador da mutação BRCA, o aconselhamento genético e o teste de indivíduos em risco resultam em maior vigilância e uso de estratégias de redução de risco em última instância levando à prevenção primária ou secundária do câncer e melhores resultados em portadores13. Apesar desses benefícios há disponibilidade limitada de testes genéticos em países da América Latina, incluindo o Brasil[14,15].

Conclusão

Dessa forma, essa pesquisa teve a finalidade de identificar os principais genes relacionados ao câncer de mama, e conclui-se que mutações nos genes BRCA1, BRCA2 e TP53, representam grande chance de desenvolvimento do carcinoma mamário, além disso fatores de risco como, sobrepeso, alcoolismo, alterações hormonais e lesões mamárias também estão relacionadas ao desenvolvimento dos cânceres.
Assim, se faz necessário um aconselhamento genético e o teste de indivíduos em risco para a redução do mesmo, para uma prevenção do câncer, apesar de disponibilidade limitada. Logo, para diagnosticar essas mutações depende-se de técnicas moleculares. O ideal seria estudar todas as alterações genéticas do câncer de mama e oferecer um tratamento personalizado e sob medida. Para isso, é importante o constante investimento nas pesquisas e no estudo das características genéticas do câncer de mama na população para que o paciente seja precocemente diagnosticado.

Referências:

1- Câncer de mama. Sociedade Brasileira de Mastologia. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/cancer-de-mama/>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

2- Estimativa-2020. Incidência de Câncer no Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Rio de Janeiro, 2019. pág 34.

3- Conceito e Magnitude do câncer de mama. Instituto Nacional de Câncer. Ministério da Saúde. Disponível em : <https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-de-mama/conceito-e-magnitude > . Acesso em: 15 de ago. De 2020.

4- Olivier M, Hainaut P. TP53 mutations patterns in breast cancer: searching for clues of environmental carcinogenesis. Semin Cancer Biol 2001; 11: 353-60.

5- Peon NR, Bañuelos MTA, Menéndez I, Ramires I. Registro de câncer de mama hereditário. Revista cubana de oncologia 2000; 16(1): 48-53.
6- Boing AF, Vargas SAL, Boing AC. A carga das neoplasias no Brasil: mortalidade e morbidade hospitalar entre 2002- 2004. Rev Assoc Med Bras 2007; 53 (4): 317-22.

7- Alvarenga M, Cotta AC, Dufloth RM, Schmitt FCL. Contribuição do patologista cirúrgico para o diagnóstico das síndromes do câncer hereditário e avaliação dos tratamentos cirúrgicos profiláticos. Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial 2003 abr; 39(2): 167-77.

8- McKeon F. Killing the umpire: cooperative defects in mitotic checkpoint and BRCA2 genes on the road to transformation. Breast Cancer Res 1999; 1(1): 8-10.

9- DeVita VT, Hellman S, Rosenberg AS. Câncer principles and practice of oncology. 6 th ed. Philadelphia: Lippincott Williams and Wilkins; 2001.

10- Ludwig, K. K., Neuner, J., Butler, A., Geurts, J. L. & Kong, A. L. Risk reduction and survival beneft of prophylactic surgery in BRCA mutation carriers, a systematic review. Am J Surg 212, 660–669 (2016).

11- Roukos, D. H. & Briasoulis, E. Individualized preventive and therapeutic management of hereditary breast ovarian cancer syndrome. Nat Clin Pract Oncol 4, 578–90 (2007).

12- Saslow, D. et al. American Cancer Society guidelines for breast screening with MRI as an adjunct to mammography. CA Cancer J Clin 57, 75–89 (2007).

13- Scheuer, L. et al. Outcome of preventive surgery and screening for breast and ovarian cancer in BRCA mutation carriers. J Clin Oncol 20, 1260–8 (2002).

14- Goss, P. E. et al. Planning cancer control in Latin America and the Caribbean. Lancet Oncol 14, 391–436 (2013).

15- Dutil, J. et al. Te spectrum of BRCA1 and BRCA2 alleles in Latin America and the Caribbean: a clinical perspective. Breast Cancer Res Treat 154, 441–53 (2015).

CONSTRUÇÃO DE ACORDOS DE CONVIVÊNCIA EM GRUPO, ENQUANTO UMA POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DE SENTIDOS DA INTEGRALIDADE

Elexandra Helena Bernardes1
Maria José Bistafa Pereira2



1 – Enfermeira, Docente na Faculdade de Medicina da Atenas – Campus Passos
2 – Enfermeira, Docente aposentada da USP e Docente no Curso de Mestrado Profissional Educação e Saúde da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto / USP

Artigo Original

Uniatenas -PASSOS
Email:elexandrah@hotmail.com

Dentro da proposta de estruturação da política nacional de saúde as contribuições da integralidade na produção de serviços e ações de saúde de qualidade, resolutivos e satisfatórios ainda têm gerado grandes desafios. Assim, acreditando que a orientação de novas maneiras de entender e de produzir saúde, norteadas pela integralidade emergem de sentidos e práticas produzidos sobre esse termo, em contextos relacionais e dialógicos específicos. Dessa maneira, esse estudo teve por objetivo descrever um relato de experiência de construção de acordos de convivência em grupo, enquanto uma possibilidade de implementação de sentidos de integralidade. Essa experiência ocorreu durante a fase de coleta dos dados da pesquisa, utilizada para elaborar a minha tese de doutorado. Utilizamos o discurso Construcionismo Social como uma ferramenta metodológica para produzirmos e analisarmos as informações. Essas conversas foram desenvolvidas na própria Unidade de Saúde da Família, no horário de atuação dos trabalhadores, numa terça-feira à tarde, num espaço de reuniões. Após aproximações da equipe, convite a participarem do estudo e obtenção do consentimento, assim como entendendo a construção do grupo como uma prática social, dialógica e relacional, convidei os trabalhadores para construir uma maneira de realizar, de fazer acontecer as próximas conversas grupais por meio da delimitação de um contrato grupal, a fim de que todos participantes se sentissem mais confortáveis possíveis e como corresponsáveis pelas produções. Então, entreguei a cada participante uma folha, contendo algumas questões de preparação e solicitei que refletissem um pouco sobre elas durante o intervalo que tínhamos até o segundo encontro. Deixar estas questões com os participantes teve o propósito de criar um contexto de reflexão e de produção de possíveis descrições em torno do que seria a integralidade. Em outros termos, a intenção era ajudar os participantes a se prepararem para uma conversa sobre esse princípio e a construírem aproximações do que iriam falar durante o próximo encontro, reduzindo suas fantasias e ansiedades. Dessa maneira eles ficaram livres para buscarem em livros e em internet, consultar alguns trabalhadores ou simplesmente refletirem sobre elas, tentando respondê-las. Partindo do entendimento do grupo enquanto um processo negociado, após a entrega e leitura das “questões de preparação” os participantes e eu, negociamos algumas condições a partir de algumas questões orientadoras, a fim de definirmos sobre o que iríamos conversar, quando, onde, com que pessoas, de que forma, que expectativas tinham, dentre outras questões. Rasera e Japur (2007) afirmam que o desenvolvimento desse tipo de conversa permite a construção de determinadas condições comuns de entendimentos, um conjunto de descrições que se referem à ampliação das possibilidades de diálogo, de produção de sentidos, em que o pesquisador e os demais participantes do grupo atuam conjuntamente nessa delimitação, por meio de interações negociadas sobre vários aspectos, que podem ser renegociados e transformados no decorrer do grupo. Ainda com o propósito de se criar as melhores condições conversacionais possíveis para a produção dos sentidos de integralidade construímos alguns acordos de convivência. Solicitei a cada participante que pensasse e escrevesse alguns pedidos, que gostaria de fazer para os outros participantes e

para mim (pesquisadora) para que durante as próximas conversas do grupo pudesse se sentir confortável. Além de pedidos, solicitei que pensassem também em ofertas, que poderiam fazer para que os outros também se sentissem confortáveis. Falar sobre isso objetivou posicionar cada membro do grupo como corresponsável pela sua produção, portador de diferentes obrigações e direitos durante sua participação na construção das informações. Após uns dez minutos de reflexão, solicitei que cada um escolhesse e falasse um pedido que tinha para os outros do grupo. Informei-os de que essa fala poderia ser feita por meio de palavras ou expressões, de maneira 'telegráfica', para que pudéssemos ir abrindo algumas conversas. À medida que iam falando, eu ia registrando em papel kraft, fixado na parede. Findada a rodada de pedidos, investiguei junto aos participantes se algum deles tinha ainda algum pedido escrito, em seus registros e que não havia sido falado. Responderam que não. A partir daí, eu os convidei a refletirem sobre os significados daquilo que falaram, fazendo perguntas a quem fez o pedido, mas abrindo também aos outros, para que trouxessem seus entendimentos, que poderiam ser semelhantes ou diferentes daquele expressado. Como exemplo, o pedido de silêncio. Pergunta para reflexão: 'Como você sente que está acontecendo silêncio?' 'Que ação o outro deve fazer para você entender que ele está lhe oferecendo silêncio?' Isso foi feito, de maneira semelhante, também para as ofertas. Exemplo: Silêncio. 'Que ação você fará para mostrar para o outro que você está fazendo silêncio?' Guanaes e Japur (2008) enfatiza que esse processo conversacional é central rumo a começar-se a criar um espaço de escuta das diferenças de forma respeitosa, de questionamento do óbvio, ajudando a instrumentalizar as pessoas para se relacionarem com mais facilidade entre si, produzindo conversas "organizadas" (informação verbal). Em outros termos, esse processo de negociação funciona como ferramentas, possibilidades das pessoas criarem acordos de convivência, de coordenação de ações sem abrir mão das próprias necessidades. Nesse sentido, pensamos que essas ferramentas podem ajudar o grupo a conviver em equipe, uma vez que elas criam também possibilidades para as pessoas se conhecerem melhor em relação a desconfortos e às expectativas produzidas no dia a dia de convivência. Ao final, obtivemos a construção de pedidos com desdobramentos dos participantes do grupo para os demais e para pesquisadora e ofertas dos participantes para o grupo e da pesquisadora para o grupo. Segundo Rasera e Japur (2007) essa construção de acordos de convivência visa posicionar os participantes como membros ativos na produção do grupo. Trata-se de uma maneira de "construir com cada participante um pedido e uma posição para si próprio, para o pesquisador e os outros participantes na construção conjunta do grupo" (p. 109). Esse processo de construção foi bastante interessante e respeitoso, por ter possibilitado a participação de todos como coautores, numa posição de troca, de negociação, de responsabilização, criando condições de ofertas e doações compromissadas para se envolverem no desenvolvimento da coleta dos dados.

Esse ainda foi importante por valorizar e reconhecer o outro enquanto sujeito portador de características biopsicossociais, capaz de participar de todo processo de forma ativa (reconhecimento das demandas, planejamento e implementação das ações a fim de atende-las), desde que sejam respeitadas suas características, que somente podem ser conhecidas pelos pesquisadores / trabalhadores de saúde por meio de uma postura aberta, dialógica, de troca e negociação durante suas práticas.

Palavras chave: Integralidade, Construcionismo Social, Saúde da Família.

Referências

GUANAES. C; JAPUR, M. Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. Estudos de Psicologia, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2. 2008 p. 117-124.

RASERA, E. F.; JAPUR, M. Grupo como construção social: aproximações entre o construcionismo social e a terapia de grupo. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2007.

A INFLUÊNCIA DO SENTIMENTO DE ESPERANÇA NO PERCURSO DO CÂNCER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Ester Maria de Almeida Costa- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos

Hairina Ester de Carvalho- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos

Sabrina Thalita Reis Faria- docente na Faculdade Atenas- Campus Passos



Artigo Original

Faculdade Atenas- Campus Passos
Email: estercosta437@gmail.com

Introdução

O diagnóstico de câncer é frequentemente recebido como uma sentença de morte, trazendo consigo sentimentos negativos que prejudicam o prognóstico da doença e a qualidade de vida do paciente (LI MY, et al., 2016). Nesse contexto, a esperança, como sentimento que faz com que o homem transcenda a sua realidade atual, tem ganhado destaque nas últimas duas décadas, devido a sua importância em relação ao enfrentamento de doenças crônicas. A sustentação desse sentimento durante o tratamento do câncer é essencial para a busca do bem estar individual e criação diária de objetivos de vida, as quais ajudam no fortalecimento dessa vivência tão dolorosa. Além disso, a esperança parece estar relacionada com a diminuição de alguns sintomas físicos e psicológicos que o câncer suscita, como dor, ansiedade e depressão (BALSANELLI ACS, et al., 2016). Por conseguinte, é imprescindível que a esperança seja incluída no tratamento dos pacientes com câncer, como importante estratégia de coping (LI MY, et al., 2016). Os artigos utilizados para criar esta revisão integrativa tem como objetivo medir o nível de esperança dos pacientes diagnosticados com câncer no início e no final do tratamento, utilizando-se para isso escalas de renome, como Escala de Esperança de Herth e Adult Hope Scale (AHS). Em seguida, os níveis seriam associados a variáveis clínicas e demográficas, podendo-se citar: sexo, idade, estado civil, religião, escolaridade, profissão, renda, diagnóstico, presença de metástase, finalidade terapêutica e intensidade da dor. Quanto maior o score encontrado pelas escalas, maior o nível de esperança.

Metodologia:

Os dados utilizados para criar a revisão integrativa em questão foram colhidos a partir de artigos científicos disponíveis nas bases de dados MEDLINE, BVS e SCIELO, entre o período de março a abril de 2020. Para tal pesquisa foi utilizado o seguinte descritor em saúde: “esperança e neoplasias”. A pesquisa foi realizada com o objetivo de responder à seguinte pergunta norteadora: “O sentimento de esperança influencia no percurso do câncer?”. Os critérios de inclusão utilizados para a escolha e seleção dos artigos encontrados foram: artigos publicados entre 2015 a 2020; artigos encontrados na íntegra e que respondessem à pergunta norteadora e língua, sendo selecionados apenas artigos em português e inglês. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão, não encontrados na íntegra, artigos publicados antes de 2015 e que não respondessem à pergunta norteadora.

Resultados

O estudo realizado por Wakiuchi et al., mostra que os níveis de esperança dos pacientes se mantêm altos desde o diagnóstico até o fim do tratamento. Das variáveis demográficas em estudo, a única que apresenta associação estatisticamente significativa com a esperança foi a escolaridade (quanto maior a escolaridade, maiores os níveis de esperança). Em relação às variáveis clínicas, os fatores de maior significância para manutenção dos altos níveis foram: ausência de metástases ($p<0,001$), tratamento curativo ou adjuvante ($p<0,001$) e ausência de dor moderada a forte ($p=0,03$) (WAKIUCHI J, et al., 2015). De acordo com o artigo realizado por Balsanelli et al., os níveis de esperança sofreram leve aumento no final do tratamento ($p=0,012$). A demora para iniciar o tratamento quimioterápico gerou diminuição significativa nos escores de esperança ao longo do mesmo ($p = 0,013$). Quanto aos sintomas físicos da doença, se a paciente relata dor, a chance de diminuir os níveis de esperança é 2,199 vezes maior do que em uma paciente que não relata dor ($p = 0,042$). Quanto aos sintomas psicológicos da doença, as pacientes que apresentaram diminuição da esperança durante o tratamento tiveram aumento significativo nos escores de depressão ($p = 0,004$) (BALSANELLI ACS, et al., 2016). De acordo com o artigo desenvolvi-

do por Macêdo et al., as variáveis idade (p=0,42), renda (p= 0,068), escolaridade (p= 0,233), tempo de diagnóstico (p= 0,66) e tempo de tratamento (p= 0,486) não apresentaram relação estatística com a esperança (MACÊDO EL, et al., 2019). E ainda, segundo o artigo desenvolvido por Li et al., a esperança influencia de maneira positiva a qualidade de vida dos pacientes diagnosticados com câncer (p=0,000) (LI MY, et al., 2016).

Discussão

A esperança é um importante aliado no enfrentamento de doenças crônicas, como o câncer, uma vez que ajuda os pacientes na adaptação, na manutenção de um alto nível de bem-estar e a encontrar razões para sobreviver (LI MY, et al., 2016). Os níveis de esperança dos pacientes com câncer, apresentados pelos artigos utilizados nessa revisão, se mantiveram altos do início ao fim do tratamento, apesar dos efeitos colaterais do tratamento e das adversidades vivenciadas durante o enfrentamento da doença. A manutenção dos níveis desse sentimento influencia de forma positiva o prognóstico da doença e a qualidade de vida. Ademais, mostra-se eficaz no controle de sintomas físicos, como dor, e psicológicos, como depressão (BALSANELLI ACS, et al., 2016). Desse modo, a esperança deve ser vista como peça importante e indispensável no tratamento do câncer.

Considerações finais

Após a análise dos artigos selecionados, entende-se que a esperança deve ser incluída no tratamento do câncer como uma alternativa não medicamentosa essencial para a melhora do prognóstico e da qualidade de vida. Nesse sentido, os enfermeiros, como profissionais que passam mais tempo ao lado dos pacientes e, por isso, acabam por criar vínculos afetivos, assumem papel fundamental na promoção da esperança. No entanto, mais estudos devem ser realizados com o objetivo de ampliar os conhecimentos acerca da influência da esperança e também para que se desenvolvam estratégias para a sua aplicação na prática médica.

Referências

BALSANELLI ACS, et al. Fatores preditores da esperança entre mulheres com câncer de mama durante o tratamento quimioterápico. Rev. Esc. Enferm. USP, 2016; 50(6):898-904.

LI MY, et al. Effects of social support, hope and resilience on quality of life among Chinese bladder cancer patients: a cross-sectional study. Health and Quality of Life Outcomes, 2016; 14:73.

MACÊDO EL, et al. Esperança de mulheres em tratamento quimioterápico para o câncer de mama. Cogitare enferm., 2019; 24: e65400.

WAKIUCHI J, et al. Esperança de vida de pacientes com câncer submetidos à quimioterapia. Acta Paul Enferm., 2015; 28(3):202-8.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA ESCOLA: DIDÁTICA LÚDICA SOBRE PROFILAXIA DE VERMINOSES

Gabriela Rodrigues Rezende1, Ana Francesca Vommaro Leite1, Arthur Henrique Resende Porto1,Giovanna Ferreira Monfredini1, Isabella de Paula Marinho1, Laís Sanches Maekawa1, Mariana Barbosa Goulart1, Vitor Diniz Pitangui1

José de Paula Silva²

¹ Graduando (a) da Universidade do Estado de Minas Gerais, Passos, Brasil
² Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais, Passos, Brasil

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG Passos/MG
Email: gabirodrigues3434@gmail.com

Artigo Original

Introdução

As parasitoses intestinais representam um problema alarmante de saúde pública, sobretudo em países subdesenvolvidos, como o Brasil (TEIXEIRA et al., 2020). As precárias condições de higiene atreladas a falta de educação sanitária, garantem a rápida disseminação da doença, tendo como principal alvo crianças em fase escolar. Desse modo, controlar a incidência das enteroparasitoses nessa faixa etária é fundamental para a promoção de saúde (SOARES et al., 2016). Além disso, as doenças infecciosas tratadas com desatenção atingem, majoritariamente, comunidades que estão inseridas em um contexto de pobreza extrema. Desse modo, inaptidão permanente e óbito são desfechos comumente encontrados nessa conjuntura socioeconômica (OPAS, 2017). Segundo Martins (2016), 5,7% das mortes de crianças do estado de São Paulo foram devido a doenças infecciosas e parasitárias. Dessa forma, esses dados refletem para a necessidade de prevenção das parasitoses intestinais, sobretudo, em indivíduos pueris, a fim de desfavorecer o surgimento, a manutenção e a propagação desses agentes (FRANCO et al., 2016). Assim, a abordagem lúdica como forma de prevenção pode ser uma alternativa propícia, uma vez que sua atuação favorece o envolvimento e motivação por parte do sujeito (AGUIAR et al., 2019). A dinâmica de aprendizagem lúdica visa mais que o conhecimento, ela também estimula os aspectos sociais, integrativos, culturais e pessoais de cada indivíduo, a fim de que adotem comportamentos que melhorem a qualidade de vida do ambiente em que fazem parte (SALOMÃO e MARTINI, 2007). Diante da relevância do tema no cenário nacional, o presente trabalho objetiva ensinar de maneira lúdica a profilaxia das parasitoses mais relevantes e analisar esse modo de educação, a fim de garantir o cuidado integral e a melhor forma de promoção de saúde.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caráter exploratório, descritivo e de campo, com análise qualitativa, o qual participaram 22 alunos do ensino público da cidade de Passos/MG, com faixa etária entre seis e sete anos de idade. A coleta de dados ocorreu por meio de três etapas, desenvolvidas por 8 alunos de Medicina. A primeira etapa consiste na observação não participativa, seguida de uma aplicação de dinâmica lúdica e, por fim, na avaliação da criança. Foram empregadas 5 atividades interativas e de associação, relacionadas a medidas profiláticas simples, que, bem executadas, podem resultar na diminuição do contágio por parasitoses, são elas: jogo da memória, “pega-pega”, corrida maluca, quiz de verdadeiro ou falso e um jogo de habilidade. As percepções foram registradas em formulário próprio composto por 2 perguntas: qual a impressão dos estudantes de medicina em relação as atividades? Qual foi a conduta das crianças ao longo das dinâmicas?

Resultados e discussões

A promoção de saúde consiste na realização de ações voltadas para melhorar a condição e qualidade de vida de um individuo ou comunidade e minimizar os riscos destes à saúde. Essa ação é uma das formas mais expressivas para o empoderamento da sociedade em relação a saúde. Dentro desse ponto de vista, a atuação

de estudantes da área de saúde na propagação de conhecimento tornou-se fundamental para garantir o cuidado integral da comunidade associado a prevenção de mazelas. Nesse cenário, com o intuito de ensinar crianças a respeito de medidas preventivas sobre enteroparasitoses, assunto extremamente relevante no cenário atual, buscou-se alternativas mais eficientes na absorção de informações, analisando o desempenho do ensino lúdico nesta perspectiva. O estudo revelou que o modelo lúdico apresentou-se mais benéfico para as crianças, quando comparado a outras formas de educação em saúde pueril. Todas as atividades foram voltadas para medidas preventivas relacionadas a enteroparasitoses, por exemplo, a dinâmica denominada “corrida maluca” tinha como objetivo calçar os sapatos de maneira rápida, a fim de prevenir doenças como a Ancilostomose, conhecida também como “Amarelão”, dado que o agente etiológico da doença penetra ativamente na pele e o principal local de contágio se dá pelos pés. As atividades lúdicas realizadas, de forma geral, proporcionaram um aprendizado efetivo sobre medidas profiláticas de parasitoses de maneira leve e divertida. Nesse sentido, percebeu-se uma maior compreensão do tema abordado pelas crianças, melhor comunicação entre elas e a equipe, aumento da confiança sobre o assunto, reforço da cooperatividade e da criatividade, além de participação mais concreta na sua própria aprendizagem, o que acarretou no melhor entendimento sobre profilaxia e saúde, garantindo a integralidade objetivada pelo trabalho. Essa realidade distingue-se significativamente da apresentação realizada anteriormente na sala de aula. Uma tentativa de identificar a compreensão das crianças em relação a prática de medidas preventivas, onde os alunos mostraram-se mais retraídos e pouco participativos.

Conclusão

Com essa pesquisa foi possível compreender a importância de atividades lúdicas na formação do aprendizado pueril e, a relevância desse ensino aliado a promoção de saúde, uma vez que o estudo comprova melhor assimilação, compreensão e engajamento das crianças, diante dessas ações. Dessa forma, entende-se essa prática como tendência vantajosa para promoção de saúde e prevenção de doenças, visto que possibilita a idealização de um aprendizado efetivo e permanente, garantindo o cuidado integral.

Palavras-chave

Parasitose; Profilaxia; Ensino; Crianças; Saúde Pública.

Área de conhecimento: 4.01.00.00-6

Referências

AGUIAR, Letícia Alves et al. Educação em saúde para escolares: conhecer para prevenir. Em extensão, Revista da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, v. 18, ed. 2, p. 123-132, 2019. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/48942/27934. Acesso em: 7 ago. 2020.

FRANCO, LÍVIA FERNANDES et al. Prevalence of intestinal parasites in children of 4 and 5 years in nursery municipal of between sheets minas gerais. Journal of Surgery and Clinical Research, Vol.13, n.4, p.36-39, Brazilian, 10 fev. 2016. Disponível em: FRANCO, LÍVIA FERNANDES et al. PREVALENCE OF INTESTINAL PARASITES IN CHILDREN OF 4 AND 5 YEARS IN NURSERY MUNICIPAL OF BETWEEN SHEETS MINAS GERAIS. Journal of Surgery and Clinical Research, Brazilian, 10 fev. 2016. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20160220_114044.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

MARTINS, Renata Soares; EDUARDO, Maria Bernadete de Paula; NASCIMENTO, Andréia de Fátima. Tendência temporal da mortalidade por doenças infecciosas intestinais em crianças menores de cinco anos de idade, no estado de São Paulo, 2000-2012. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 25, n. 3, p. 541-552, set. 2016. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742016000300541&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Relatório da OMS informa progressos sem precedentes contra doenças tropicais negligenciadas. OPAS Brasil, [S. l.], p. [S.l.], 19 abr. 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5401:relatorio-da-oms-informa-progressos-sem-precedentes-contra-doencas-tropicais-negligenciadas&Itemid=812. Acesso em: 10 ago. 2020.

SALOMÃO, Hérica Aparecida Souza; MARTINI, Marilaine. A importância do lúdico na educação infantil: Enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado. O Portal dos Psicólogos, [S. l.], p. 0-21, 7 set. 2007. Disponível em: http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOARES, Caio Víctor Dantas et al. PREVALÊNCIA DE ENTEROPARASITOSES EM CRIANÇAS DE UMA CRECHE PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE. Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management, [S. l.], v. 12, n. 4, 2020. Disponível em: http://revista.uepb.edu.br/index.php/biofarm/article/view/3262. Acesso em: 7 ago. 2020.

TEIXEIRA, Phelipe Austriaco et al. Parasitoses intestinalis e saneamento básico no Brasil: Estudo de revisão integrativa. Brazilian Journal of development, v. 6, n. 5, 2020. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/9448. Acesso em: 11 ago. 2020.

ENFERMAGEM E SUA ADAPTAÇÃO PARA A SAÚDE DIGITAL

Gilmária Nascimento Sá1 ; Luana Batista de Oliveira1;
Cicero David Leandro Costa1;Milena Santana Nascimento1;

Sabrine Canonice Macário de Carvalho2

1Disecentes - Centro universitário do Rio São Francisco
2Orientadora

UniRios - Centro Universitário do Rio São Francisco
Email: gilmariasa6@gmail.com

Artigo Original

Introdução

A saúde digital envolve práticas de saúde em enfermagem que tem evoluído tecnologicamente ao longo dos anos proporcionando a implantação de sistemas de informação computadorizados que armazenam e processam informações clínicas de suma importância que auxilia o profissional de saúde na tomada de decisão sobre o cuidado singular a ser prestado a cada cliente, sendo esse quesito fundamental no contexto do processo de enfermagem. Nesse contexto, a tecnologia computacional pode melhorar a assistência de enfermagem através da organização que a tecnologia proporciona para administrar a grande demanda de informações que compõe as unidades de saúde, fornecendo através do prontuário eletrônico em tempo real os dados necessários para o desenvolvimento das ações em saúde. Impactando na maioria das vezes positivamente na qualidade e na resolutividade dos casos clínicos através do acesso à boa informaçãoque por conseguinte podem gerar, automaticamente, hipóteses diagnósticas atendendo às necessidades dos profissionais no seu dia-dia de trabalho para as intervenções e diagnóstico de enfermagem visando sempre o aperfeiçoamento da qualidade dos cuidados prestados ao paciente. Para isso é necessário que se tenha dados fidedignos, atualizados, organizados e confidenciais em relação aos dados do cliente e que o profissional de enfermagem tenha senso: crítico, investigativo, questionador, e cunho científico em suas avaliações e tomadas de decisão, buscando sempre se atualizar para se tornar hábil para integrar seus conhecimentos as novas demandas da saúde digital.

Objetivos

O objetivo deste estudo foi analisar adaptação de enfermeiros aos recursos tecnológicos que vem sendo implementado dentro dos diversos cenários da saúde.

Métodos

Estudo descritivo com abordagem qualitativa realizado nas bases de dados indexadas a BVS: LILACS, SCIELO e BDENF – Enfermagemdelineado entre os anos 2012 á 2017 utilizando os descritores: Enfermagem; Saúde Digital.

Resultados

Através dos dados analisados foi possível perceber que os recursos tecnológicos veem a agregar positivamente para o avanço da saúde digital, onde o computador entra como ferramenta essencial integrado as práticas de enfermagem, porém esses recursos ainda são pouco utilizados na prática de enfermagem e mais utilizado no processos administrativos e registro de dados, com isso há programas que proporcionam a capacitação dos profissionais dentro do seu próprio ambiente de trabalho através de teleaulas que tenham como proposta aprendizagem e atualização dos conhecimentos do profissional, além de instigar esse profissional a utilizar os recursos tecnológicos ao seu favor e inseri-lo no ambiente digital de saúde. Há a necessidade da interação do profissional durante o processo de aprendizagem dentro das plataformas virtuais como um ambiente que demanda a disponibilidade para a aprendizagem coletiva, utilizando os novos modelos tecnológicos que exigem o domínio do profissional. Assim, torna-se de grande importância a adoção de um siste-

ma que além de um bom custo/benefício sejam realizados com qualidade e eficiência e que os profissionais de saúde recebam capacitações para ingressar nesse “mundo digital” que os “rodeiam” capacitações essas que proporcione conhecimento, crescimento, atualização, aperfeiçoamento, intercâmbio de informações com outras unidades, disseminação de conhecimento, contribuindo para uma melhor assistência ao cliente.

Palavra Chaves: Enfermagem; Saúde Digital;

Referências

1 GONÇALVES LS “Experiência de enfermeiros com computadores na atenção primária: Estudo exploratório” 1CogitareEnferm. 2016 Jan/mar; 21(1): 01-11

2 SERRANO RFO “Ambiente virtual de aprendizagem: uma proposta de educação continuada para enfermeiros de serviços de saúde ocupacional hospitalar” 2015 janeiro-junho; 9(1):44-50

3 GODOY SCB “Avaliação da capacitação dos enfermeiros em unidades básicas de saúde por meio da telenfermagem” Escola Anna Nery Revista de Enfermagem 18(1) Jan-Mar 2014

4 LIMA AFC “Contribuição da documentação eletrônica de enfermagem para aferição dos custos dos cuidados de higiene corporal” J. Health Inform. 2012 Dezembro; 4(Número Especial - SIIENF 2012): 108-13

5 MARTINS APOQ, et al “Usabilidade do prontuário eletrônico em unidades básicas de saúde” CiencCuidSaude 2017Abr-Jun; 16(2)

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE COVID-19 NA REGIÃO SUDESTE

Prof. Dr. José de Paula Silva1
Aguimar Xavier de Carvalho Filho2
Graciele de Souza Medeiros2
Junia Jabace Soares Maia2
Lucas Gabriel Calabrez Barbosa2

1 Professor da Faculdade Atenas
2 Acadêmicos de Medicina da Faculdade Atenas

Uniatenas -PASSOS
Email:souzagra@hotmail.com

Artigo Original

A Organização Mundial de Saúde (OMS) usou o termo novo coronavírus 2019 para referir-se a um vírus que afetou as vias respiratórias inferiores de pacientes com pneumonia em Wuhan, China em 29 de dezembro de 2019.1-2

A epidemia de coronavírus 2019 se expandiu de Wuhan e foi exportada para um número crescente de países. O impacto de uma epidemia depende do número de pessoas infectadas, a transmissibilidade da infecção, e o espectro de gravidade clínica. COVID-19 foi declarada como uma emergência de saúde pública internacional pela OMS.3

A américa Latina mostrava-se como exceção pela ausência da doença,4 até que o primeiro caso do Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo.5 Considerando que São Paulo é a cidade mais populosa da América do Sul e possui o principal aeroporto do país e Rio de Janeiro o principal porto marítimo, há probabilidade de uma expansão significativa dos casos nessa Região.4

A situação inicial da epidemia no país mostra um crescimento ascensional e acelerado da curva epidêmica.5 O primeiro óbito decorrente da Covid-19 no Brasil ocorreu em 17 de março de 2020. Até o mês de maio de 2020, a região Sudeste concentra grande parte dos casos de Covid-19. 6 Segundo painel do site oficial do Ministério da Saúde, até o momento, no final da terceira semana de maio, o Brasil conta com mais de 200.000 casos de Covid-19, e quase 14.000 óbitos. Nesse cenário, a região sudeste concentra mais de 80.000 casos, e 6.950 óbitos. O estado de São Paulo possui mais de 50.000 casos, o Espirito Santo quase 6.000 casos, o estado do Rio de Janeiro mais de 19.000 casos, e Minas Gerais 3.950 casos.7

Esse trabalho teve como objetivo traçar o perfil epidemiológico de Covid-19 da região Sudeste do Brasil. Para a avaliação da espacialidade da doença na região Sudeste, foram utilizadas as bases de dados do Ministério da Saúde. A partir da coleta de dados foi realizada a Geocodificação nas notificações utilizando a ferramenta Epiinfo 7.2®, produzida pelo Centro od Disease Control and Prevention (CDC). Para o mapeamento foi utilizado o suplemento Power Pivot® e elaborados os mapas de Clusters das notificações filtradas por tipo, bem como os mapas de Kernel das mesmas notificações, para uma visão geral da intensidade do processo em todas as regiões do mapa.

Ao avaliar a porcentagem de municípios dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo com casos positivos em 2 de março de 2020, São Paulo apresentava 0.12% enquanto os outros estados 0.00% e em 27 de Abril de 2020, todos apresentavam uma porcentagem significativa.

Quanto a evolução de casos absolutos dos estados acima, até o mês de abril de 2020 observa-se um aumento significativo. No intervalo de tempo entre a data da primeira notificação de caso até 30/04/2020 temos em São Paulo um total de 28698 casos; no Rio de Janeiro 9453 casos; Minas Gerais 1827 casos; e no Espírito Santo 2465 casos.

Os mapas abaixo representam a Região Sudeste na primeira semana de abril de 2020 (primeiro mapa) e a quarta semana de abril de 2020 (segundo mapa) relacionando a presença ou não de notificações de Covid-19 e o número de casos por 100 mil habitantes entre as cidades. Mostrando um aumento expressivo de ci-

dades com notificações e número de casos por 100 mil habitantes.

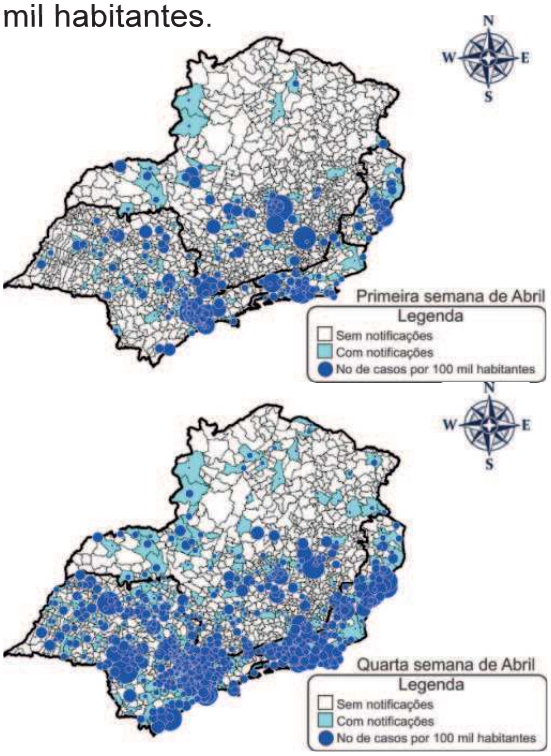


Figura 1: Mapa da região Sudeste da primeira semana e a quarta de abril de 2020 em relação a presença ou não de notificações e o número de casos por 100 mil habitantes entre as cidades.

A evolução do número de óbitos nestes estados até o mês de Abril de 2020 é ascendente, tendo um total de 2375 mortes em São Paulo; 854 no Rio de Janeiro; 82 em Minas Gerais; e 83 no Espírito Santo. Embora os estados de Minas Gerais e Espirito Santo apresentem menores números de mortes, quando realizado a razão de casos absolutos por óbitos estes resultam em aproximadamente o dobro dos outros, mostrando uma razão considerável.

Quanto ao número de notificações por 100 mil habitantes e a relação óbito por notificações de dez cidades dos estados da região Sudeste com maior número absoluto de notificações, no estado de São Paulo, as cidades de São Paulo, Santos e Osasco apresentaram o maior número de notificações, enquanto Osasco, Guarulhos e São Paulo as maiores relações óbito por notificações. No Rio de Janeiro, Volta redonda, Itaboraí, Mesquita são as cidades com os maiores números de notificações, enquanto Duque de caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti as maiores relações de óbito por notificações. Em minas Gerais as cidades Extrema, Nova Lima e Divinópolis apresentam o maior número de notificações, porém estas possuem as menor relações de óbitos por notificações sendo que o inverso se aplica para as cidades de Contagem, Governador Valadares e Uberaba. No Espírito Santo as cidades Vitória, Vila Velha e Fundão concentravam os maiores números de notificações e Aracruz, Serra e Viana as maiores relações de óbito por notificações.

E por fim, o gráfico abaixo resume a evolução da média de casos por 100 mil habitantes de Covid-19 por Estado (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo) da Região Sudeste, evidenciando um crescimento exponencial no número de casos. As colunas de cor verde representam dia 1 de março de 2020, as amarelas, dia 1 de abril de 2020, e as vermelhas, dia 1 de maio de 2020.



Figura 2: Gráfico de evolução da média de casos por 100 mil habitantes dentre os estados da região Sudeste nos meses de março,abril e maio.

Assim, percebe-se um aumento significativo do número absoluto de casos e de óbitos por Covid-19 com maior destaque nos estados que possuem as principais conexões com outros países, observando relação direta com esse fator. Além disso, espera-se um aumento ascensional por todo país nos próximos meses, devido ao aumento significativo de casos em um pequeno período visualizado nessa região. Conclui-se também que o número de óbitos não está diretamente relacionado com o número de casos.

Referências

1. (Li Q)NEngl J Med. 2020. https://doi.org/10.1056/NEJMoa2001316.
2. (WHO. Novel Coronavirus–China.)2020. https://www.who.int/csr/don/12-january-2020-novel-coronavirus-china/en/. Accessed 1 Feb 2020.
3. (WHO. Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). 2020.)https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-healthregulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novelcoronavirus-(2019-ncov). Accessed 1 Feb 2020.
4. J.Rodriguez-Morales, A., VivianaGallego, PabloEscalera-Antezana, J., A.Méndez, C., I.Zambrano, L., CarlosFranco-Paredes, . . . JosefinaBalbin-Ramon, G. (2020). COVID-19 in Latin America: The implications of the first confirmed case in Brazil. Travel Medicine and Infectious Disease.
5. Oliveira, W. K., Duarte, E., França, G. V., & Garcia, L. P. (2020). How Brazil can hold back COVID-19. Epidemiologia e Serviços de Saúde.
6. Ministério da Saúde (BR). Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020. Disponível em: https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional
7. Ministério da Saúde (BR). Painel Coronavírus [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; Atualizado em:14/05/2020; Disponível em: https://covid.saude.gov.br/; Acessado em: 14/05/2020

O EFEITO DA MUSICOTERAPIA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Ester Maria de Almeida Costa- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos

Hairina Ester de Carvalho- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos

Sabrina Thalita Reis Faria- docente na Faculdade Atenas- Campus Passos



Artigo Original

Faculdade Atenas- Campus Passos
Email: hairinaester@gmail.com

Introdução

A utilização da música vem sendo pontuada como um recurso que provoca efeitos fisiológicos e psicológicos positivos. O processo de adoecimento do paciente oncológico se expande além do âmbito físico, sendo necessária a busca por intervenções variadas para ofertar uma assistência mais humanizada e que permita uma diminuição do estresse e das sensações negativas que o envolvem (FIRMEZA MA, et al., 2017). A musicoterapia surge, assim, como uma forma não medicamentosa que pode despertar bons sentimentos, aliviar a tensão e aumentar o bem-estar durante um tratamento hospitalar (NUNES ECDA, et al., 2019).

A ansiedade relacionada ao câncer é amplificada pelos efeitos da doença e do seu tratamento, podendo desencadear sintomas de taquicardia e alterações respiratórias que requerem a adoção de mecanismos eficazes (FIRMEZA MA, et al., 2017). A música pode ser também uma ferramenta alternativa para a diminuição de fadiga, náuseas e dor, sintomas recorrentes nesse grupo (WARTH M, et al., 2015). Além disso, ela evoca os sentimentos dos pacientes em relação à vida, sendo um instrumento de expressão desses indivíduos, tratando-se de um procedimento diversificado, que busca encaixar-se às vontades da pessoa assistida. (ALCÂNTARA-SILVA TR, et al., 2018). Assim, o objetivo desse trabalho é desenvolver uma revisão integrativa acerca do impacto da musicoterapia em pacientes com câncer em busca de um maior conhecimento sobre essa técnica.

Metodologia:

Os estudos utilizados para a revisão foram selecionados a partir das bases de dados SciELO, PubMed e BVS, utilizando como descritor “musicoterapia e câncer”. A pesquisa foi realizada entre março e abril de 2020 e foram utilizados artigos de 2015 a 2020, com o intuito de responder à pergunta norteadora: “Como a musicoterapia pode influenciar no prognóstico de pacientes com câncer?”. Os critérios de inclusão foram publicações encontradas na íntegra, em português e inglês, contendo dados estatísticos e que respondam à pergunta norteadora. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão, não encontrados na íntegra, publicações anteriores a 2015, em língua que não fosse português ou inglês, que não apresentassem dados estatísticos ou não respondessem à pergunta norteadora. Por fim, apenas dois artigos responderam aos critérios estabelecidos e foram incluídos nesta revisão.

Resultados

O estudo realizado por Alcântara-Silva et al., com uma amostra de 116 mulheres em radioterapia, avaliou a influência da musicoterapia na fadiga, na qualidade de vida e nos sintomas de depressão em pacientes com câncer de mama ou ginecológico através da aplicação de questionários específicos. A intervenção musical com duração de 30 a 40 minutos foi realizada duas vezes por semana, antes da sessão de radioterapia. Os resultados mostraram que o grupo que recebeu a intervenção relatou índices menores de fadiga ($P = 0,001$) e diminuição nos sintomas e no risco de depressão ($P = 0,005$), demonstrando um aumento na qualidade de vida desses indivíduos (ALCÂNTARA-SILVA TR, et al., 2018).

O outro artigo analisado, realizado por Firmeza et al., avaliou os efeitos da musicoterapia na ansiedade e nos sinais vitais em uma amostra de 40 pessoas em tratamento para câncer de cabeça e pescoço, utilizando um questionário para avaliar a ansiedade e realizando mensuração dos sinais vitais antes e após aplicação da música durante 30 minutos. Foi verificado uma diminuição nos níveis de ansiedade do grupo experimental ($P < 0,001$) e os índices de pressão arterial, pulso e frequência respiratória também apresentaram redução ($P < 0,001$) (FIRMEZA MA, et al., 2017).

Discussão

Diante das informações obtidas, é possível analisar que a música pode gerar efeitos benéficos para pacientes durante o tratamento do câncer, favorecendo o relaxamento, o alívio de sintomas e a expressão do paciente. Uma abordagem com músicas calmas pode contribuir para uma melhor qualidade de vida, promovendo a redução do estresse e uma melhor comunicação do paciente, gerando um fortalecimento da rede de apoio (FIRMEZA MA, et al., 2017).

Além disso, a escolha das músicas evoca os sentimentos diante do tratamento, incertezas, além da percepção do paciente quanto aos seus familiares. É muito importante buscar intervenções não medicamentosas para a redução da fadiga e demais efeitos colaterais do tratamento do câncer, embora ainda necessite de mais estudos sobre esse assunto (ALCÂNTARA-SILVA TR, et al., 2018)

Dentre as limitações encontradas, destacam-se a dificuldade de cegamento dos participantes (ALCÂNTARA-SILVA TR, et al., 2018). Outro aspecto abordado foi o fato de não poder expandir os resultados para variados hospitais devido ao estudo ser realizado em uma única instituição (FIRMEZA MA, et al., 2017).

Considerações finais

Embora sejam necessários estudos mais aprofundados sobre a temática, a musicoterapia é uma intervenção capaz de gerar diversos benefícios, principalmente na redução da ansiedade, além de atenuar os efeitos adversos ocasionados durante o tratamento e promover a abertura do paciente com a sua rede apoiadora. Portanto, a música é uma abordagem complementar que deve ser mais estudada, a fim de se conhecer todos os seus benefícios e utilizá-la em hospitais oncológicos para promover maior bem-estar durante o percurso do câncer.

Referências

ALCÂNTARA-SILVA TR et al. Music Therapy Reduces Radiotherapy-Induced Fatigue in Patients With Breast or Gynecological Cancer: A Randomized Trial. Integrative cancer therapies, 2018; 17(3): 628–635.

FIRMEZA MA et al. Control of anxiety through music in a head and neckoutpatient clinic: a randomized clinical trial. Rev. Esc. Enferm. USP, 2017; 51: e03201.

NUNES ECDA et al. Music as a transpersonal care tool - perceptions of hospitalized people assisted in the university extension. Esc. Anna Nery, 2019; 24(2): e20190165.

WARTH M et al. Music Therapy in Palliative Care. Deutsches Arzteblatt International, 2015; 112(46): 788–794.

PREVALÊNCIA DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EMUNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA

Jorge Miguel Cabral Corrêa[1]

Sandra de Souza Pereira[2]

[1] Acadêmico de Enfermagem UEMG – PASSOS, autor/apresentador.
[2] Dra. Docente na UEMG – PASSOS, orientadora.

Artigo Original

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG Passos/MG
Email: jorgemiguelnr23@gmail.com

Introdução

Os profissionais de enfermagem que laboram na Unidade de Terapia Intensiva estão frequentemente expostos ao risco de comprometimento psicoemocional influenciando no seu processo saúde/doença. Neste contexto, destaca-se a Síndrome de Burnout, considerada um grave problema de saúde pública, definida pelo Ministério da Saúde como um distúrbio psíquico ocasionado pelo estresse laboral crônico (AZEVEDO et al., 2019); (BATISTA et.al., 2020).

Objetivo

Identificar a prevalência da Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem atuantes em Unidades de Terapia Intensiva.

Metodologia

Tratou-se de estudo de campo, epidemiológico, de corte transversal, descritivo-exploratório e de abordagem quantitativa. A população correspondeu aos profissionais que fazem parte da equipe de enfermagem atuantes nos setores de Unidade de Terapia Intensiva (Adulto, Coronária e Neonatal). Atualmente, a população corresponde a 62 enfermeiros e 92 técnicos de enfermagem, a amostra foi censitária, ou seja, todos os profissionais de enfermagem foram convidados a participarem do estudo. Foi utilizado um questionário sociodemográfico e o Maslach Burnout Inventory – MBI-HSS, disponibilizados por meio digital, a partir do aplicativo Google Forms, sendo o banco de dados gerado automaticamente, à medida que os participantes respondiam as questões do estudo. Realizada estatística descritiva de todas as variáveis estudadas, por meio de distribuição de frequências, números absolutos e percentuais.

Resultados

Nos três setores onde ocorrem a coleta nesta pesquisa, houve a predominância do sexo feminino, com a faixa etária entre 21 a 40 anos, sendo a maioria solteiro. Foi evidenciado que a maioria dos profissionais de enfermagem, neste estudo, apresentaram um nível moderado da síndrome de Burnout (64%), e se considerarmos o alto nível de Burnout, a prevalência foi de 27%.

Conclusão

Considera-se imprescindível que a síndrome de Burnout seja estudada em vários contextos de trabalho para que possa ser compreendida quais são os profissionais que mais sofrem com o Burnout e quais as principais variáveis que estão envolvidas no processo. Somente assim, será possível pensar em estratégias para diminuir a prevalência desse sofrimento em profissionais de saúde.

Palavras-chave

Enfermagem; Estresse Psicológico; Unidade de Terapia Intensiva.

Referências

AZEVEDO, Kely Cristina Carneiro de; BATISTA, Jaqueline Brito Vidal; AZEVEDO, Roberta Carneiro de; ARAUJO, Ana Lucia Belarmino de; BARROS, Eveline de Oliveira, RODRIGUES, Mariana de Sousa Dantas. Produção científica nacional sobre Síndrome de Burnout em enfermeiros e médicos de UTI: um estudo bibliométrico. Revista da Associação Medica Brasileira. v. 65, n. 5, p. 1-8, 2019. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104423020190005007 22&lang=pt>. Acesso em: 23 ago 2020.

BATISTA, Karla Oliveira; SANTOS, Joeuma Febrônio dos; SANTOS, Stephanie Dutra; AOYAMA Elisângela de Andrade; LIMA, Ronaldo Nunes. Síndrome de burnout em enfermeiros: consequências na atividade profissional. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, v. 1, n. 4, p. 1-5, 2019. Disponível em: <http://revista.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/242/83 >. Acesso em: 23 ago 2020.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE AUTOEXTERMÍNIO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REFLEXÃO

Larissa Salles Reis Cardoso de Sá1
Maria Clara Morais Melo2
Jose de Paula Silva3, Sabrina T. Reis4
Thaysa Moura Dias5, Nariman de Felicio Bortucan Lenza6

1 Discentes do curso de medicina - Faculdade Atenas
3 Professor Doutor- Docente da Faculdade Atenas Passos, 4 Professora livre docente –Docente da Faculdade Atenas Passos, 5Enfermeira. Mestre em ciências da saúde, 6 Professora Doutora –Docente da Faculdade Atenas Passos
Faculdade Atenas
Email:larasallescardoso@hotmail.com

Artigo Original

O suicídio no Brasil é considerado como problema de saúde pública pois mobiliza a comunidade, além de ser um agravo que pode ser prevenido e em 2016, o suicídio foi a quarta causa de mortalidade na população Brasileira. Qualquer pessoa pode cometer suicídio, porém homens, adolescentes, pessoas que moram sozinhas e com pouca escolaridade são os mais vulneráveis a provocar o suicídio (BRASIL, 2018). O suicídio é um ato que tem se tornado cada vez mais comum entre crianças e adolescente, sendo um dos principais fatores, a sintomatologia da depressão que aparece cada vez mais significativa nessa população e tem sido considerada uma das doenças mais frequentes nesta fase. A palavra suicídio tem sua origem no latim, e é derivada da junção das expressões sui (si mesmo) e caederes (ação de matar). Sendo assim, a pessoa pratica um ato consciente, voluntário, intencional de atentar contra a própria vida (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010). Opresente estudo tem como objetivo refletir sobre as principais causas de óbitos decorrentes de autoextermínio em crianças e adolescentes e assim conscientizar profissionais da saúde acerca da importância do seu papel nessa nova forma de atuar na saúde. A metodologia foi descritivo-reflexiva, apresentando o tema fundamentado na literatura e nos dados do DATASUS- SIM(Sistema de Informações sobre Mortalidade), acerca dascausas de óbitos decorrentes de autoextermínio com crianças e adolescentesocorridas no Estado de Minas Gerais, respectivos ao ano de 2019 até maio de 2020.Resultados e discussão: Os dados demonstram que o número de casos de autoextermínio em crianças e adolescentes do sexo masculino é maior do que do sexo feminino (76,4% e 23,6% respectivamente). No Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde de 2019 foi divulgada a taxa de mortalidade entre 2007 e 2016 de 5,3 por 100.000 habitantes e que o risco de suicídio no sexo masculino foi quatro vezes maior que no feminino (BRASIL, 2019).A incidência de tentativas de autoextermínio é maior em mulheres do que em homens. Este fato é explicado em virtude de a mulher ser mais vulnerável a fatores e transtornos que afetam a idealização suicida como ansiedade e depressão. Já o índice de óbitos por esse motivo é maior no sexo masculino, o que pode ser explicado pelos métodos mais violentos que são utilizados por eles (MOREIRA; BASTOS, 2015; RIBEIRO et al, 2018). Quanto a raça/cor, verificou-se que a cor Branca (47,1%) foi maior em relação a outras. A cor Parda foi a segunda com 45,7% do total. Quanto a faixa etária, os dados do SIM demonstram um maior número de causas de autoextermínio em crianças de 8 a 11 anos (46,4%). Verificou-se que a faixa etária de 25% das notificações estava como ignorada (MOREIRA; BASTOS, 2015;RIBEIRO et al, 2018). Pesquisas demonstraram que 85,32% dos suicídios aconteceram com adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil entre os anos 2000 e 2015. Entre 1980 e 2002 em Minas Gerais, ocorreram 25.060 óbitos de adolescentes de 10 a 19 anos por causas externas e 4,8% deles foi devido suicídio, sendo a maioria do sexo masculino(ABASSE et al., 2009). Já os dados do SIM demonstram que a faixa etária, foi maior número em crianças de 8 a 11 anos (46,4%) e verificou-se que a faixa etária de 25% das notificações estava como ignorada. Essa divergência de dados pode se dar ao fato de que notificações no Estado de Minhas Gerais não estão sendo completamente preenchidas (RIBEIRO; MOREIRA, 2018; CICOGNA; HILLESHEIM; HALLAL, 2019). Quanto ao local de ocorrência, tanto em 2019 quanto 2020 foi

possível observar que mais de 50% das notificações ocorreram em domicílios. Pesquisadores avaliaram os atendimentos a vítimas de lesões autoprovocadas registradas no Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA) no ano de 2014 e observaram que a predominância dos atendimentos foi do sexo masculino, raça/cor: preta/parda, faixa etária de 20 a 59 anos. As causas mais prevalentes foram intoxicação/queimaduras/outras e que entre os atendimentos a maioria evoluiu para alta (BAHIA et al, 2017). No presente estudo observou-se que a maioria dos pacientes não tiveram assistência médica. Isso pode ser explicado devido a maioria dos óbitos terem ocorrido em casa sem tempo hábil para atendimento médico. Conclusões: A literatura e os dados do SIM demonstram que o autoextermínio é um problema de saúde pública, ainda necessita de atenção e cuidados voltados a sua prevenção, principalmente quando verificado a aumento do índice em crianças e adolescentes do sexo masculino.Os dados do estudo buscam contribuir para uma reflexão acerca da importância de se abordar o tema com crianças e adolescentes, e a importância do papel do profissional nessa nova forma de atuar na saúde.

Referências

ABASSE, M.L.F. et al. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 2009; 14(2):407-416. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a10v14n2.pdf>. Acesso em 03 fev 2020.

ARAÚJO, L. C., VIEIRA, K. F. L., & COUTINHO, M. P. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. Psicologia- Universidade São Francisco,15(1), 47-57. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n1/06.pdf>. Acesso em 20 fev 2020.

BAHIA, C.A. et al. Lesão autoprovocada em todos os ciclos de vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. CienSaudeColet 2017; 22(9):2841-2850. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2841.pdf>. Acesso em 04 mar 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social.Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf.>. Acesso em 02 fev 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de VigilânciaemSaúde. Suicídio: tentativas e óbitos por intoxicação exógena nO Brasil, 2007 a 2016. BolEpidemiol [Internet]. 2019; v.50. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/17/2019-014-Publicacao-02-07.pdf>. Acesso em 18 fev 2020.

CICOGNA, J.I.R.; HILLESHEIM, D.; HALLAL, A.L.L.C. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil:tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. J Bras. Psiquiatr. 2019; 68(1):1-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047/ >. Acesso em 04 mar 2020.

MOREIRA, L.C.O.; BASTOS, P.R.H.O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. 2015; 19(3):445-453. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00445.pdf>. Acesso em 12 mar 2020.

RIBEIRO, J.M.; MOREIRA, M.R. Uma abordagem sobre o suicídio deadolescentes e jovensno Brasil. Ciência & Saúde Coletiva; 2018; 23(9):2821-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf>. Acesso em 04 abr 2020.

RIBEIRO, N.M. et al. Análise da Tendência temporal do suicídio e de sistemas de informações em saúde em relação às tentativas de suicídio. Texto Contexto Enferm, 2018; 27(2):e2110016. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n2/0104-0707-tce-27-02-e2110016.pdf>. Acesso em 06 mar 2020.

A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO PROGNÓSTICO DO CÂNCER: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Laura Marçal Silva1, Vinicius Santos Cardoso1

Vanessa Luiza Queiroz Silva2, Sabrina Thalita Reis Faria3

1 Discente no curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos
2 Assessora Acadêmica e docente do curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos
3 docente do curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos

Artigo Original

Faculdade Atenas - Passos
Email: lallysilva1301@gmail.com

Introdução

Espiritualidade trata-se de uma busca por significado que ultrapassa barreiras físicas e muitas vezes transcende a própria existência humana. Desse modo, pode ser definida como um sentimento individual que tem por fim encarar a vida de maneira mais positiva, buscando por paz, aceitação, paciência e abnegação (SHUKLA; RISHI, 2014). Á vista disso, quando um paciente recebe o diagnóstico de câncer, sua vida passa por inúmeras mudanças, como as de rotina; com o novo tratamento, mudanças físicas; como a queda de cabelo, e, principalmente mudanças psicológicas; como a aceitação e enfrentamento da nova condição (CHENG et al, 2019)). Logo, o então paciente pode contar com diversos recursos para encarar esse novo desafio, sendo um deles a espiritualidade. Essa ferramenta pode ajudar na significação da doença e na visão de que o paciente oncológico não é definido pelas circunstâncias em que se encontra. Portanto, um bem estar espiritual pode afetar de maneira positiva o prognóstico e tratamento, podendo até melhorar a relação médico-paciente (SHUKLA; RISHI, 2014). Assim, foi realizado esse trabalho para investigar a correlação da espiritualidade e um bom prognóstico em pacientes com câncer.

Método

Tendo em vista esses parâmetros, foi realizada uma revisão sistemática a fim de se responder à seguinte pergunta PICO: “Qual a efetividade da espiritualidade no prognóstico do câncer?”. Destarte, para a construção desse trabalho foram selecionados estudos nas bases de dados MedLine, Scielo e BVS durante os meses de março a abril de 2020 com os seguintes descritores: “espiritualidade”, “câncer” e “prognóstico”. Artigos foram selecionados aos pares com posterior avaliação do orientador. Foram selecionados artigos em inglês e publicados após o ano de 2014 e que fossem do tipo ensaio clínico randomizado. Os critérios de exclusão utilizados foram: trabalhos que não estavam disponíveis na íntegra, trabalhos que foram publicados antes de 2014 ou que não respondiam à pergunta norteadora.

Resultados

O estudo de Scherffold et al, realizado com 190 pacientes de ambos os sexos que participavam de um ensaio clínico randomizado na Alemanha mostrou que a espiritualidade ajuda a evitar sintomas depressivos ($p < .002$), bem como ajuda a diminuir a ansiedade de uma possível morte em decorrência do câncer ($p < .001$). Esse estudo mostrou também que um não bem-estar espiritual está relacionado com um aumento de 15% nos óbitos câncer-relacionados (SCHERFFOLD et al, 2017). Um outro estudo realizado com 42 pacientes (21 receberam a intervenção e 21 foram usadas para comparação) por Sajadi et al evidenciou que os pacientes que sofreram a intervenção proposta; que consistia em 8 seções de cuidado espiritual individualizado ministrado por pessoas capacitadas, obtiveram uma maior pontuação na escala de bem estar espiritual (Social wellbeing scale- SWBS) ($p < .001$), um questionário consagrado para avaliar bem-estar e os fatores que podem influenciar nesse processo, sendo a espiritualidade um deles. Antes da intervenção 38% do grupo não exposto à intervenção estava enquadrado em um escore de bem-estar social, e após a conclusão da mesma 100% do grupo passou a pertencer a

esse escore (SAJADI et al, 2017).

Discussão

Com as informações apresentadas pode-se inferir que a espiritualidade pode atuar como fator positivo no prognóstico do câncer, sendo um importante aliado para a aceitação e ressignificação da doença, atuando como um amenizador das intercorrências físicas, como a queda de cabelo, e principalmente psicológicas, como o sentimento de culpabilização pela doença. Desse modo, quando trabalhado de maneira correta, respeitando as individualidades e preferências do paciente, pode até ter uma ação protetora contra a morte câncer-relacionada, como demonstrou o estudo de Scherffold et al. (SCHERFFOLD et al, 2017). Percebe-se também que a espiritualidade é um fator contributivo para o bem-estar geral do paciente, uma vez que incentiva reflexões pessoais que podem levá-lo a um maior conhecimento de si mesmo, bem como incentiva a criação de redes de apoio que também podem auxiliar o paciente oncológico durante o tratamento, a partir do compartilhamento de histórias e apoio ao longo dessa nova batalha.

Considerações finais

Os estudos realizados sobre essa temática possuem algumas dificuldades em seu percurso por se tratar de um tema subjetivo e de difícil quantificação em dados, fazendo-se necessária a criação de novas estratégias para análise desse tema. Entretanto, com o presente estudo, fica evidenciado que a espiritualidade influencia de maneira positiva no prognóstico do câncer, ajudando a diminuir sintomas clínicos de depressão e ansiedade relacionados à doença, diminuindo a mortalidade causada pela doença e melhorar o bem-estar social do paciente, deixando-o mais confortável durante o difícil trajeto do enfrentamento do câncer.

Referências

CHENG, Qinqin et al. Improving spiritual well-being among cancer patients: implications for clinical care. Supportive Care in Cancer, Germany, p. 32-39, 16 jan. 2019.

SAJADI, Mahbobeh et al. Effect of spiritual counseling on spiritual well--being in Iranian women with cancer: A randomized clinical trial. Complementary Therapies in Clinical Practice, [S. l.], p. 79-84, 9 dez. 2017.

SCHEFFOLD, Katharina et al. Spiritual well-being mediates the association between attachment insecurity and psychological distress in advanced cancer patients. Supportive Care in Cancer, [S. l.], p. 34-42, 8 mar. 2019.

SHUKLA, Pragya; RISHI, Parul. A Corelational Study of Psychosocial & Spiritual Well Being and Death Anxiety among Advanced Stage Cancer Patients. American Journal of Applied Psychology, Bhopal, India, v. 2, n. 3, p. 59-65, 9 agosto. 2014.

QUANDO O TRABALHO ADOECE: SÍNDROME DE BURNOUT EM ENFERMEIROS DA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE

Laura Mariane Rodrigues1
Lilian Cristina Gomes do Nascimento2

1 Mestranda Laura Mariane Rodrigues bolsista Capes, pela Universidade de Franca.
2 Orientadora: Professora Doutora Lilian Cristina Gomes do Nascimento, pela Universidade de Franca

Universidade de Franca
Email:lauramaripa@hotmail.com

Artigo Original

Resumo

A ocupação laboral pode acarretar divesos disturbios e acometer a saúde dos profissionais, dentre as quais, encontra-se a Síndrome de Burnout (SB).. Na área da saúde, as ações de cuidar envolve constante carga emocional dos profissionais, necessários para aliviar o sofrimento e lidar com as crises nas situações de desfechos negativos (ZANNATA; LUCCA, 2015). Dentre os quais, destaca-se neste trabalho os profissionais de enfermagem, que estão expostos à uma maior incidência a SB (LOPES; SANTOS; GIOTTO, 2020). Esta afecção tem como características evidentes o esgotamento emocional, despersonalização e a redução da realização profissional. Esse trabalho tem como objetivo verificar a presença a SB em enfermeiros atuantes na atenção básica. A coleta de dados foi realizada após a aprovação no comitê de ética, sob número do parecer 3.719.835. Para obtenção dos dados, convidou-se os enfermeiros que atuavam na atenção básica, da rede pública de saúde, de um município do interior sudeste do estado de Minas Gerais. Aplicou-se um instrumento informativo para avaliar a SB - o questionário Jbeili (Jbeili, 2008). Compõem a amostra deste estudo 26 enfermeiros. Verificou-se que todos os participantes encontram-se ao menos em uma das fases da SB, estando majoritariamente na fase inicial do distúrbio (46,2%), seguidos do início da instalação da SB (38,5%). Os achados do presente estudo, fornece subsídios para a percepção da necessidade de criar estratégias para a implementação de um processo de melhoria contínua da promoção da segurança, saúde e bem-estar desses trabalhadores, visto a relação de opressão a qual os mesmos se encontram em seu ambiente laboral.

Palavras-chave: Atenção primária à saúde. Esgotamento profissional. Qualidade de vida.

Introdução

O trabalho é uma das formas mais genuínas de o homem relacionar-se e construir a sua história. Por isso, a sua importância na vida das pessoas tem sido frequentemente discutida na literatura científica. Além de prover os meios necessários para a subsistência humana, a atividade laboral ajuda a definir o status que o indivíduo assume na sociedade e a sua própria identidade pessoal. Permite ainda a organização do tempo e possibilita o enriquecimento das relações sociais (SANTANA, et al. 2016). Profissionais como em todo o mundo, destacando neste trabalho aos da área da saúde, tem lidado com o estresse, em maior grau de ansiedade e depressão, relacionados a saúde física e mental, em seu meio laboral. Por consequência, esses profissionais tornam se menos eficiente, gerando um grande impacto em seu setor de trabalho, levando ao absenteísmo (ZHANG, et al. 2019)

O estresse emocional tem sido uma das afecções psicológicas mais frequentes no ser humano, e pode levar o indivíduo ao adoecimento mental e corporal, pois acarreta uma mudança significativa no seu bem-estar. O Ministério da Saúde do Brasil (2010), refere na Agenda da Saúde informações sobre o processo de saúde-doença estar relacionado a vários fatores, até mesmo às formas de organização do trabalho, e propõe que as ações em saúde tenham seu escopo ampliado, no qual se incluam intervenções relacionadas à prevenção de doenças e à promoção da saúde.

A ocupação laboral pode acarretar diversos distúrbios e acometer a saúde dos profissionais, dentre as quais, encontra-se a Síndrome de Burnout (SB). Na área da saúde, as ações de cuidar envolve constante carga emocional dos profissionais, necessários para aliviar o sofrimento e lidar com as crises nas situações de desfechos negativos (ZANNATA; LUCCA, 2015). Esta afecção tem como características evidentes o esgotamento emocional, redução da realização profissional e a despersonalização. Sua evolução foi dividida em quatro estágios, no primeiro em geral, o profissional está emocionalmente esgotado, mas não compreende o que está acontecendo. Já no segundo ele não se sente mais realizado com aquele trabalho, levando ao absenteísmo. No terceiro estágio acontece o que chamamos de despersonalização que é determinada pela insensibilidade emocional do profissional. O quarto e último estágio tem como característica o comprometimento da prática laboral, tornando assim inevitável o afastamento do serviço de saúde (JBEILI, 2008).

A importância da caracterização da SB em profissionais vem adquirindo maior destaque, ao ponto que recentemente, no ano de 2019, esta afecção passou a ser reconhecida como um distúrbio de problemas relacionados à área profissional e foi incluída na 11ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) como um fenômeno ocupacional, compreendida como uma síndrome decorrente do estresse crônico trabalhista negligenciado (ONU, 2019). A partir desse reconhecimento oficial sobre a definição e os sintomas, torna-se ainda mais relevantes operações baseadas em evidências sobre o bem-estar mental, a fim de prevenir uma alta incidência no local de trabalho (ONU, 2016).

Assim, o estado de saúde no ambiente de trabalho tornou-se uma importante questão de saúde pública, sendo que o estado estressante está sendo relacionado com a SB, sendo que a presença desta gera riscos para a saúde relacionada a fatores presentes no trabalho, dia a dia (HOLMES et al., 2014).

No âmbito dos serviços de saúde, as ações de cuidar vão além dos procedimentos técnicos e conhecimento, envolvendo constante carga emocional dos profissionais da saúde para aliviar o sofrimento e lidar com as crises nas situações de desfechos negativos (ZANNATA; LUCCA, 2015). Dentre os quais, destaca-se neste trabalho os profissionais de enfermagem, pois estando estes com uma relação direta com “a arte do cuidar”, encontram-se expostos à uma maior incidência a afecções psicológicas oriundas do estresse ocupacional (LOPES; SANTOS; GIOTTO, 2020)

Estando o tema de condições de trabalho no plano de ação da Agenda 2030, especificamente no objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) de número 8, que refere a necessidade de promover o “trabalho decente a todos”, ressalta-se a relevância da temática frente a preocupação mundial de promover ambientes de trabalho seguros.

Esse trabalho tem como objetivo verificar a presença a SB em enfermeiros atuantes na atenção básica.

Métodos

A presente pesquisa é caracterizada por uma metodologia prospectiva, de objetivos descritivo, com abordagem quantitativa, realizada em um município localizado na Mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas Gerais. Após prévia autorizada pelo Secretário de Saúde do município, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob nº parecer 3.719.835.

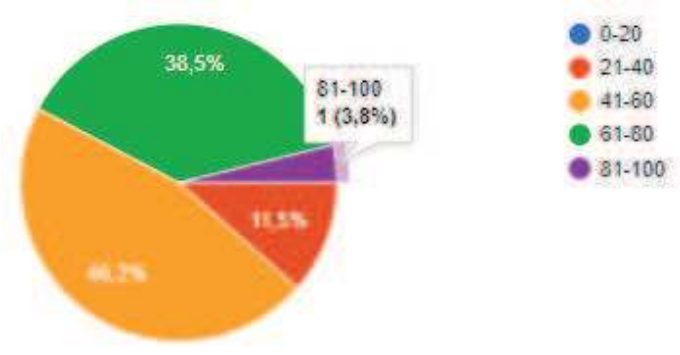
Para obtenção dos dados foram convidados a participar todos os enfermeiros que atuam na atenção básica do município em questão, a qual era composta por conta com 24 enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família, 3 da Unidade Básica de Saúde e 3 enfermeiras que trabalham na Coordenação da Atenção Básica, totalizando 30 profissionais abordados . O convite foi realizado por meio de uma abordagem individual no local de atuação dos profissionais, sendo que todos aceitaram participar.

Foram utilizados como critério de inclusão: estar na faixa etária entre 18 e 60 anos, de ambos os sexos, ser bacharel em enfermagem, ter vínculo formal com a prefeitura a mais de seis meses, atuar na Atenção Primária da Saúde, aceitar responder ao formulário e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Estabeleceu-se que não seriam incluídos os indivíduos que apresentassem algum tipo de deficiência, que estivesse grávida, profissionais que estive afastado da função por algum motivo (férias, licenças médicas, prêmio). Ademais, estabeleceu-se que seriam excluídos

da pesquisa os participantes que não respondessem ao menos 85% das questões.
A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro a novembro de 2019. Para obtenção das variáveis de interesse foi aplicado aos participantes um questionário.
Utilizou-se o questionário Jbeili, que foi elaborado e adaptado por Chafic Jbeili (2008), inspirado no Maslach Burnout Inventory, como instrumento informativo para identificação preliminar da presença de SB. Esse instrumento é composto por 20 questões, que devem ser marcadas utilizando uma escala tipo Likert com escores de 1 (nunca) a 5 (diariamente). Assim, o somatório de cada coluna assinalada foi multiplicado pelo escore de intensidade da resposta, esses foram somados, resultando na classificação final: sem indícios da SB (20 pontos); possibilidade de desenvolver a SB, recomenda-se trabalhar as recomendações de prevenção da síndrome (21-40); fase inicial da SB, recomenda-se a procura de um profissional para debelar os sintomas garantindo a qualidade de vida e no desempenho profissional (41-60); início da instalação da SB, recomenda-se a procura de ajuda profissional para prevenir o agravamento dos sintomas (61-80); alta prevalência da SB, nesse profissional recomenda-se a procura de um profissional para que se inicie o quanto antes o tratamento (81-100).

Resultado e discussão

Compõem a amostra deste estudo 26 enfermeiros. Constatou-se em relação a classificação de SB, segundo Jbeili, que a maioria dos participantes se encontram na fase inicial do distúrbio (46,2%), seguidos do início da instalação da SB (38,5%), estando, ainda, inexistentes participantes classificados sem indícios da SB (Figura 1).



Atualmente no Brasil há mais de 550 mil trabalhadores de enfermagem, se somar-se apenas os estados de São Paulo e Minas Gerais esse total é de quase 190 mil. Caso sejam agregados os auxiliares e técnicos de enfermagem o número ultrapassa dois milhões de trabalhadores em todo o território nacional (COFEN, 2020). Este expressivo número de profissionais atuantes, torna cada vez mais relevante um diagnóstico situacional da saúde destes trabalhadores, pois eles representam a maior força de trabalho em saúde do Brasil, respondendo por mais de 50% dos profissionais da área (OPAS, 2019), as condições de saúde destes tem uma grande implicação na saúde da população como um todo.
Assim, surge a necessidade em compreender a importância e a motivação desses profissionais que mesmo doentes continuam em suas funções, lidando com limitações, frustração em não poder exercer a função como preconizada e lidando com a insatisfação dos usuários (LIMA, et al. 2019).

Conclusão

A pesquisa permitiu identificar a predisposição enfermeiros da atenção básica da saúde para desenvolvimento da SB.
Os achados do presente estudo, fornece-se subsídios para a percepção da necessidade de criar estratégias para a implementação de um processo de melhoria contínua da promoção da segurança, saúde e bem-estar desses trabalhadores, visto a relação de opressão a qual os mesmos se encontram em seu ambiente laboral.
Embora o diagnóstico preciso da SB seja clínico e individual, os resultados obtidos neste estudo podem ser considerados como alerta para a instituição em relação ao adoecimento da equipe de enfermagem e um risco para os demais profissionais de saúde.

Fomento

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001".

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde - Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – 3. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

Cofen. Conselho Federal de Enfermagem. Enfermagem em Números. 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros. Acesso em: 28 abr. 2020

HOLMES, E. S. et al. Síndrome de burnout em enfermeiros na atenção básica: repercussão na qualidade de vida. Ver. Pesq. Cuidado é fundamental Online. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/Downloads/3311-21333-1-PB.pdf. Acesso em 20 abr. 2020.

JBEILI, C. Síndrome de Burnout: Identificação, tratamento e prevenção. Brasília - DF. 2008.

LIMA, J.; et al. Saúde dos enfermeiros: presentismo e stress no trabalho. International Journal on Working Conditions. 2019. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/121951/2/347206.pdf. Acesso em 28 abr. 2020.

LOPES, D. F.; SANTOS, R. B.; GIOTTO, A. C. Síndrome de Burnout e os seus Efetios sobre a Vida dos Profissionais de Enfermagem da Urgência e Emergência. Revista de Iniciação Científica e Extensão. 2020. Disponível em: https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/290/235. Acesso em 10 jun. 2020.

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. 2016. Disponível em: https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/. Acesso em: 28 abr. 2020

ONU. Assembleia Geral das Nações Unidas. Saúde. Síndrome de Burnout é detalhada em classificação da OMS. 2019. Disponível em: https://nacoesunidas.org/sindrome-de-burnout-e-detalhada-em-classificacao-internacional-da-oms/. Acesso em: 28 abr. 2020

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Enfermeiras e enfermeiros são essenciais para avançar rumo à saúde universal. 2019. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5931:enfermeiras-e-enfermeiros-sao-essenciais-para-avancar-rumo-a-saude-universal-2&Itemid=844. Acesso em: 28 abr. 2020.

SANTANA, A. I. C; et al. Síndrome de burnout em trabalhadores de enfermagem da atenção básica à saúde. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, jul./set. 2016. Disponível em: http://www. portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/15645. Acesso em: 01 mai. 2019.

ZANATTA, A. B.; LUCCA, S. R. Prevalência da síndrome de burnout em profissionais da saúde de um hospital oncohematológico infantil. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2015.

ZHANG, Y; et al. Survey of job burnout and depression in standardized residency training programs in China. Medicina (Baltimore). 2019. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/Downloads/Survey_of_job_burnout_and_depression_in.31.pdf. Acesso em: 28 abr, 2020.

DIABETES MELLITUS E ALZHEIMER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Anne Moura Korthals1, Bianca Machado Nasser1 , Brenda Martins da Silva1 , Laura Medeiros Costa1 , Maria Gabriela Gonçalves Rezende de Souza1 , Maria Laura Figueiredo Severiano Alves1

Thaynara Farias Gomes2, Sabrina Thalita dos Reis Faria.2

Artigo Original

1Discentes do curso de medicina – Faculdade Atenas, Passos - MG, Brasil.
2 Docentes do curso de medicina – Faculdade Atenas, Passos – MG, Brasil.

Faculdade Atenas - Passos/MG
Email: lauramedeiroscosta1@gmail.com

Diabetes Mellitus (DM) é uma doença que tem apresentado possível associação com a doença de Alzheimer (DA) . Acredita-se que essa associação esteja relacionada com o fato de ambas as doenças apresentarem mecanismos fisiopatológicos semelhantes. Entretanto ainda é desconhecida a causa exata dessa possível interação. Desse modo considerando a importância de ambas as patologias e os reflexos que causam na vida dos pacientes, torna-se indispensável o conhecimento mais aprofundado sobre esse assunto, afim de viabilizar a aplicabilidade do mesmo, por parte dos profissionais da saúde. Assim foi realizado uma revisão integrativa, baseada em levantamentos bibliográficos a partir de uma busca nas bases de dados Pubmed , LILACS e Scielo, no mês de Julho de 2020 , aplicando-se os seguintes descritores : " Alzheimer, diabetes mellitus. Diante da análise dos artigos incluídos no presente trabalho obteve-se uma predominância sobre a possível relação entre DM e DA. Foram identificados elementos á níveis moleculares, variabilidade glicêmica e tratamentos que explicam essa interação. No âmbito molecular foi evidenciado expressão exacerbada de proteína tau e de amilina, tanto no hipocampo quanto nas celúlas beta pancreáticas. E em pacientes DMII foi diagnosticado uma diminuição da proteína caveolin- 1(CAV-1). A posse desse conhecimento pode ser importante uma vez que um estudo demonstrou que foi possível diminuir a evidência de DA através da reposição da CAV-1.

Na questão da variabilidade glicêmica , notou-se que pacientes com descontrole glicêmico apresentaram 11% de risco de desenvolver o DA, bem como aqueles que fazem o uso de insulina no DMII , também evidenciou maior probabilidade de desenvolve-la. Apesar desses fatores que correlacionam ambas as condições patológicas, também foi relatado que elas podem ser desancoradas por meio do tratamento adequado do DMII. Dessa maneira , o conhecimento dos fatores que correlacionam as duas patologias pode ser uma ferramenta em potencial para o desenvolvimento de possíveis estratégias de tratamento que diminuirão o impacto dessa relação DM e DA.

Palavras-chaves: Diabetes Mellitus e Alzheimer

Referências bibliográficas

1- FLORIN Despa, Larry B. Goldstein, Geert Jan Biessels, Amylin as a Potential Link between Type 2 Diabetes and Alzheimer Disease, Annals of Neurology, 10.1002 / ana.25668, 87 , 3, (486-486), (2020).

2- LI CI, Li TC, Liu CS, et al. Risk score prediction model for dementia in patients with type 2 diabetes. Eur J Neurol. 2018;25(7):976-983.

3- Li TC, Yang CP, Tseng ST, et al. Visit-to-Visit Variations in Fasting Plasma Glucose and HbA1c Associated With an Increased Risk of Alzheimer Disease: Taiwan Diabetes Study. Diabetes Care. 2017;40(9):1210-1217.

4- MCINTOSH, Elissa; NATION, Daniel. Importance of Treatment Status in Links Between Type 2 Diabetes and Alzheimer's Disease. Diabetes Care, [S. l.], v. 42, p. 972-978, 8 maio 2019.

5- SHINOHARA, Mitsuru; SATO, Naoyuki. Bidirectional interactions between diabetes and Alzheimer's disease. Neurochemistry International, [S. l.], p. 1-7, 27 abr. 2017.

6- SOCIEDADE BRASILEIRA DO DIABETES. Saúde Mental. In: Saúde Mental. 2019. Disponível em: https://www.diabetes.org.br/publico/vivendo-com-diabetes/saude-mental

RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO EM PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM COVID-19

Luana Batista de Oliveira[1]; Cicero David Leandro Costa[1]; Gilmaria Nascimento Sá[1]; Milena Santana Nascimento[1]; Emanuel Roberto dos Santos Silva[1]

Andréa Kedima Diniz Cavalcante Tenório[2]

[1] Discente Centro Universitário do Rio São Francisco- UniRios
[2] Docente do Centro Universitário do Rio São Francisco- UniRios

Artigo Original

Centro Universitário do Rio São Francisco- UniRios
Email: luanaba32@gmail.com

Introdução

Diante do cenário atual, a pandemia de COVID-19 estabeleceu uma situação epidemiológica extremamente grave, em função da elevada transmissibilidade do seu agente etiológico, o SARS-CoV-2. Essa patologia caracteriza-se como uma doença comunitária, que se dispersa rapidamente e se manifesta de forma similar a outras síndromes gripais, sendo de difícil contenção. Devido ao seu surgimento ter acontecido a pouco tempo, ainda não existe vacina e nem medicamento específico para a cura, com isso muitas pessoas espalham notícias falsas afirmando que determinados medicamentos ajudam na prevenção e cura, isso acaba influenciando as pessoas a se automedicarem sem procurar orientação de um profissional.

Sendo assim a automedicação caracteriza-se pelo uso de medicamento sem prescrição, orientação ou acompanhamento. É instituída de acordo com a própria iniciativa, ao utilizar um produto que acredita que ofertará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas, sem a orientação de um profissional de saúde qualificado. Ela pode ser realizada através da compra de medicamento sem a receita, compartilhamento com pessoas próximas, utilização de antigas prescrições e consumir o resto dos medicamentos do tratamento anterior. E isso pode ser influenciado por amigos, o balconista da farmácia e pessoas da própria família.

No âmbito do sistema de saúde brasileiro, em que por vezes as demandas por atenção à saúde não são totalmente atendidas, muitas pessoas procuram a automedicação, como alternativa terapêutica. Por mais que os medicamentos sejam muito importantes para o tratamento de doenças, seu uso indiscriminado pode acarretar riscos e consequências graves a saúde. De acordo com um estudo realizado em 2018, cerca de 69,3% das pessoas entrevistadas realizavam automedicação. Salienta-se que o uso indevido de medicações sem avaliação criteriosa do profissional de saúde pode levar a reações adversas, aparecimento de sintomas inespecíficos e piora da condição de saúde.

Objetivo

Abordar os principais riscos e consequências que o paciente com COVID-19 pode apresentar ao realizar a automedicação.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, realizada através da pesquisa nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Inicialmente foi realizado a busca de trabalhos referente ao tema, posteriormente foi feito uma leitura exploratória e seleção de quais seriam utilizados. Após essa etapa, os artigos selecionados foram interpretados e analisados, subsequente foi realizada a elaboração do trabalho. Os critérios de inclusão foram textos disponíveis, gratuitos e em português.

Resultados e discussão

A automedicação difundiu-se praticamente em todo o mundo tornando-se um problema de saúde pública. Fatores econômicos, políticos e culturais têm colaborado para o crescimento desta prática. Além disso, a grande disponibilidade de medicamentos no mercado acaba influenciando o usuário leigo a usá-los sem prescrição.

Até o momento não existe um fármaco eficaz para o tratamento de COVID-19. Contudo, diversos estudos e ensaios clínicos estão sendo realizados no intuito de encontrar terapias farma-

cológicas eficazes. Alguns medicamentos foram considerados eficazes e essas notícias espalharam-se rapidamente na mídia, porém, alguns estudos acabaram por refutar tais teorias, e apontar riscos no uso de tais medicamentos.

A automedicação pode levar a risco graves como ao atraso no diagnóstico ou ao diagnóstico incorreto, decorrente do mascaramento dos sintomas, possibilitando o agravamento do distúrbio; a escolha do medicamento inadequado; a administração incorreta, dosagem inadequada e uso excessivamente curto ou prolongado do medicamento; a dependência; a possibilidade da ocorrência de efeitos indesejados graves; o desconhecimento das interações com outros medicamentos; reações alérgicas, intoxicações. O fenômeno do consumo de medicamentos sem orientação de um profissional capacitado, pode ser nocivo à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento está livre de causar danos ao organismo. O uso inadequado dessas substâncias e até mesmo drogas consideradas “comuns” pela população, como os analgésicos, pode causar diversas consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além do impacto sobre a vida humana, as reações adversas a medicamentos também influenciam significativamente os custos despendidos com a saúde.

Os hábitos de consumo podem ser afetados positivamente pelas políticas nacionais quando promovem a regulamentação do suprimento e a disponibilização racional de medicamentos essenciais, disponibilizando um acesso ao diagnóstico e prescrição por profissionais habilitados.

Conclusão

Conclui-se que são fundamentais ações de educação em saúde para a população, a ampla divulgação dos riscos relacionados a automedicação, bem como, a orientação adequada da mesma, em relação a necessidade de busca por atendimento profissional em saúde frente a sintomas graves da COVID-19, ou quaisquer outras patologias. Assim como é necessário atendimento acessível a população frente a esta e as demais comorbidades.

Referências

ABRAHÃO, R. C.; GODOY, J. A.; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. Revista Aletheia, Canoas, n.41, p. 134-153, 2013.

BATAIER, V. S.; PEGORETE, T. R.; LAWALL, P. Z. M.; CAVALCANTI, P. P. Automedicação entre docentes de nível superior. Revista Enfermagem Atual, Rio de Janeiro, v. 81, n.19, p. 11-18, 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Gerência de Monitoramento e Fiscalização de Propaganda, de Publicidade, de Promoção e de Informação de Produtos Sujeitos a Vigilância Sanitária - GPROP Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. Caderno de atividades/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 2007.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional em Saúde. Portaria n° 3916, de 30 de outubro de 1998. Apresentação da política nacional de medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO, T. F.; ANDRADE, K. R. C.; ARAÚJO, P. C.; SILVA, M. T.; PEREIRA, M. G. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 26, n. 2, p. 319-330, 2017.

MATOS, J. F.; PENA, D. A. C.; PARREIRA, M. P.; SANTOS, T. C.; VITAL, W. C. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. Cadernos de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p. 76-83, 2018.

NAVES, J. S. O.; CASTRO, L. L. C.; CARVALHO, C. M. S.; HAMANN, E. M. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. Revista Ciência e Saúde Coletiva [online], Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1751- 1762, 2010.

SILVA, J. A. C.; GOMES, A. L.; OLIVEIRA, J. P. S.; SASAKI, Y. A.; MAIA, B. T. B.; ABREU, B. M. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. Revista Brasileira de Clínica Médica, São Paulo, vol. 11, n. 1, p. 27-30, 2013.

TEIXERA, M. G. et al. Reorganização da atenção primária em saúde para vigilância universal e contenção da Covid-19. Revista Epidemiologia e Serviço de Saúde, Brasília, v. 29, n.4, p. 1-5, 2020.

VILARINO, J. F.; SOARES, I. C.; SILVEIRA, C. M.; RODEL, A. P. P.; LEMOS, R. R. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 32, n.1, p. 43-49, 1988.

ANÁLISE ESPACIAL DA COVID-19 NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Prof. Dr. José de Paula Silva1

Aguimar Xavier de Carvalho Filho2, Graciele de Souza Medeiros2
Junia Jabace Soares Maia2, Lucas Gabriel Calabrez Barbosa2

1 Professor da Faculdade Atenas
2 Acadêmicos de Medicina da Faculdade Atenas

Artigo Original

Faculdade Atenas - Passos
Email: lucasgcbarbosa@gmail.com

Introdução

As infecções por Coronavírus são conhecidas no âmbito cientifico desde a década de 60. Sabe-se que há sete principais tipos de Coronavírus que afetam os humanos, sendo que quatro são responsáveis por cerca de 5 a 10% das afecções do trato respiratório agudas leves 1.

Dentro de um mês, esse vírus se espalhou de uma forma rápida por toda a China, durante o período de Ano Novo Chinês, em que há um alto fluxo de pessoas no país.

A COVID-19 foi declarada como uma emergência de saúde pública internacional pela OMS2.

O primeiro caso no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 3, o primeiro óbito decorrente da Covid-19 no Brasil ocorreu em 17 de março de 2020 3.

A situação inicial da pandemia no país mostrou um crescimento ascensional e acelerado da curva epidêmica, semelhando com a da Itália nos períodos iniciais, tendo um aumento de mais de 2200 casos em apenas 22 dias no mês de março 4. Até o final de agosto de 2020, a região Sudeste concentra grande parte dos casos de Covid-19 no Brasil, com o Brasil totalizando mais de 3,5 milhões de casos, e a região Sudeste com 1,2 milhão de casos5.

A estatística espacial permite identificar áreas que apresentam um padrão específico que está relacionado com a localização geográfica. Assim é possível identificar se uma área é relacionada com suas áreas vizinhas.Uma das técnicas de estatística espacial que nos fornecem indicadores locais de autocorrelação.

As técnicas de estatística espacial têm como objetivo identificar o local onde a distribuição dos valores apresenta um padrãoespecífico associado a sua localização geográfica6.

A premissa propõe que algumas áreas são mais parecidas com os seus vizinhos e aquelas regiões que não são vizinhas tender a ser diferentes. A análise espacial tem sido utilizada como estratégia para avaliação da COVID-19, cujo comportamento foi avaliado em diversas situações,utilizando os indicadores, Índice de Moran (I) e estatística local (LISA)7,8,9.

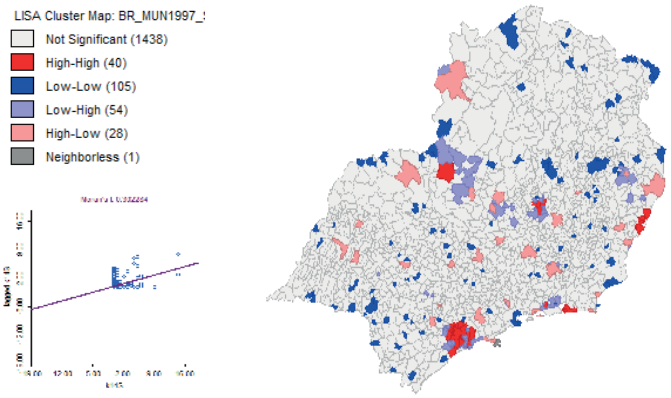


Figura 1. Mapa e diagrama de Moran para a Covid-19 na região sudeste na 14ª, 21ª e 34ª semana epidemiológica.

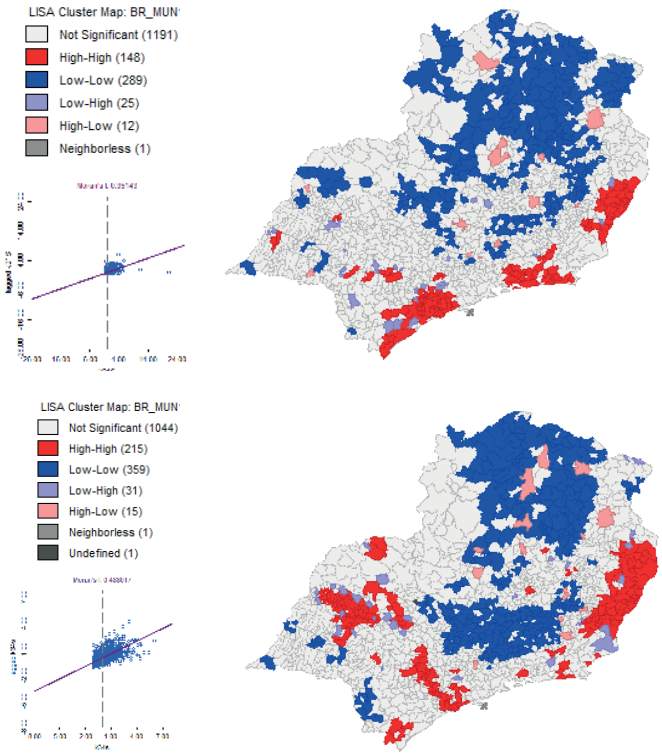
O índice de Moran (I) é uma estatística que mede a autocorrelação espacial a partir do produto dos desvios em relação à média10.

A estatística Local Moran foi proposta por Anselin11 como forma de identificar agrupamentos locais, bem como outliers espaciais. As informações determinadas pelo Índice Local de Associação Espacial (LISA) permitem o agrupamento dos locais significativos em agrupamentos do tipo alto-alto e baixo-baixo e outliers espaciais alto-baixo e baixo-alto.

Materiais e métodos

Os dados das notificações de COVID-19 foram obtidos a partir do Ministério da Saúde 18 e as taxas de incidência por 100 mil habitantes de cada município da região sudeste foi utiliza-

da para calcular o Índice de Moran Global (I de Moran), e o Indicador Local de Associação Espacial (LISA), para identificar aglomerados.Foi utilizado o software GeoDa versão 1.14.0 para as análises espaciais e Excel para a construção das tabelas.



Resultados e discussão

Foram determinados os mapas de Moran em três períodos, que permitiu vislumbrar a autocorrelação espacial em diferentes períodos.

O primeiro mapa representa a autocorrelação espacial na 14ª semana epidemiológica que corresponde a primeira semana de abril, o segundo mapa representa a 21ª semana epidemiológica que representa a 3ª semana de maio 3 o último mapa representa a 3ª semana de agosto de 2020.

As áreas em vermelho representam os municípios com alta incidência por 100 mil habitantes e vizinhos com alta incidência. As áreas em azul representam os municípios com baixa incidência e vizinhos com baixa incidência.

A evolução da COVID-19 demonstrou que na 14ª semana, os municípios com dependência espacial estavam restritos a grande São Paulo. Nas semanas a seguir a mudança demonstrou que já em maio existiam três áreas com COVID-19 e com dependência espacial que eram as capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória.

Na 34ª semana observa-se nitidamente uma mudança, principalmente no estado de São Paulo com nítida interiorização dos Casos na região centro leste (Região de Campinas) e a região oeste (região de São José do Rio Preto).

Os índices de Moran elevaram de 0,3022 para 0,4880, significativos para 999 repetições. Este aumento evidencia a dependência espacial de maior número de municípios, sendo que na 14ª semana o número de municípios com dependência espacial do tipo alta-alta era de 40 municípios e na 34ª semana era de 215 municípios.

Conclusão

No decorrer das semanas epidemiológicas, pode-se observar o aumento das áreas do tipo alta-alta e o deslocamento para o interior. Os resultados demonstraram que a COVID-19 se dispersa região a região e possui e não se comporta de forma aleatória. Essa informação poderia ser utilizada de forma efetiva pois identificado o agrupamento, o isolamento do mesmo poderia mitigar a doença de forma rápida.

Decorridas cerca de 25 semanas da doença algumas áreas da região sudeste continuam com baixa incidência bem como seus vizinhos, o que por um lado pode trazer alivio, por outra preocupação, pois são áreas que podem ser consideradas altamente susceptíveis ao COVID-19.

Referencias

1 RAFAEL, R. d. (02 de Abril de 2020). Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o queesperar no Brasil? Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2 (WHO. Statement on the second meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). 2020.)

3 OIIVEIRA, W. K., Duarte, E., França, G. V., & Garcia, L. P. (2020). How Brazil can hold back COVID-19. Epidemiologia e Serviços de Saúde.

4 Ricardo de Mattos Russo Rafael, M. N. (2020). Epidemiologia, políticas públicas e pandemia de Covid-19: o que esperar no Brasil? Revista enfermagem UERJ.

5 Ministério da Saúde (BR). Painel Coronavírus [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; Disponível em: https://covid.saude.gov.br/; Acessado em: 22/08/2020

6 RESENDES, A. P. D. C. et al. Sistemas de Informações Geográficas e análise espacial na Saúde Pública. 2007.

7 H. et al. Spatial statistical analysis of Coronavirus Disease 2019 (Covid-19) in China. Geospatial Health, v. 15, n. 1, 2020. ISSN 1970-7096.

8 XIE, Z. et al. Spatial and temporal differentiation of COVID-19 epidemic spread in mainland China and its influencing factors. Science of The Total Environment, p. 140929, 2020. ISSN 0048-9697.

9 AMDAOUD, M.; ARCURI, G.; LEVRATTO, N. Covid-19: analyse spatiale de l'influence des facteurs socio-économiques sur la prévalence et les conséquences de l'épidémie dans les départements français. Working paper, Economix. fr. 2020

10 ANSELIN, L. Spatial econometrics: methods and models. Springer Science & Business Media, 2013. ISBN 9401577994.

11 Local indicators of spatial association-LISA. Geographical analysis, v. 27, n. 2, p. 93-115, 1995.

EFICÁCIA DA IVERMECTINA PARA O TRATAMENTO DE PACIENTES COM COVID-19: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Luciana Carvalho Silva[1], Graciele de Souza Medeiros[1], Alice de Oliveira Silveira[1], Camilla Freitas[1], Otávio Augusto Poscidônio[1], Isabela Avila Silva[1] Sabrina Thalita Reis[2]

[1] Acadêmicos do curso de medicina da Faculdade Atenas - Campus Passos
[2] Docente do curso de medicina da Faculdade Atenas - Campus Passos

Artigo Original

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email:lulc5768@gmail.com

Introdução

O surgimento de um novo vírus, da família dos Coronavírus, foi capaz de causar uma calamidade pública no mundo todo. Descoberto na China em 2019, o vírus se tornou responsável pelo surgimento de uma nova doença: a COVID-19. Ela se caracteriza por ser uma doença respiratória causada pelo vírus SARS--CoV-2, no qual pode apresentar um espectro clínico desde infecções assintomáticas a quadros graves[1]. Dada a magnitude da contaminação pela COVID-19, vários estudos estão sendo feitos com o intuito de achar um tratamento que seja efetivo e seguro para tentar curar a população afetada e minimizar o número de óbitos. Com isso, várias drogas estão sendo analisadas por meio de ensaios clínicos com o intuito de alcançar resultados positivos, como a cloroquina e seu derivado, a hidroxicloroquina, a azitromicina e no momento, a ivermectina, todavia, nenhuma terapia foi realmente comprovada[2].

Objetivos

O objetivo da presente revisão sistemática foi avaliar o uso da ivermectina associada a outras terapias para o tratamento da COVID-19.

Métodos

A partir da pergunta PICO: A ivermectina é eficaz no tratamento da COVID-19 em comparação ao tratamento padrão?, foi realizada uma revisão sistemática qualitativa por meio de artigos selecionados nas bases de dados: MEDLINE (Pubmed) e Google Scholar no dia 11 de agosto de 2020. Os artigos foram incluídos de acordo com os seguintes critérios: ensaios clínicos, artigos encontrados na íntegra, título ou resumo contendo as palavras-chave, e que respondessem a pergunta norteadora. Não houve restrição relacionado a língua, entretanto todos os artigos incluídos estavam em inglês. Excluímos: revisões, relatos de caso, ensaios in vitro, ensaios em andamento e artigos sem dados ou não encontrados na íntegra. A coleta dos dados e avaliação do rigor metodológico dos trabalhos encontrados foi realizada utilizando questionário validado por Ursi (URSI, E.S.; GALVÃO, C.M.; Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2006). Foram encontrados inicialmente 86 artigos, após a avaliação do título e do resumo foram descartados 76, depois da leitura completa dos artigos selecionados foram excluídos 8. Desta forma, foram utilizados somente 2 artigos científicos na revisão.

Resultado

No trabalho de Chowdhury e colaboradores[3], avaliou-se a eficácia da terapia combinada Ivermectina-Doxiciclina comparada a terapia com HCQ-Azitromicina entre os casos leves a moderados de pacientes com COVID-19. Os pacientes foram divididos em dois grupos, Grupo A (n=60) que receberam Ivermectina 200 µgm/kg dose única + Doxiciclina 100 mg BID por 10 dias; Grupo B (n=56) que recebeu Hidroxicloroquina 400mg no primeiro dia e 200mg BID por 9 dias + Azitromicina 500mg por 5 dias. O total de pacientes incluídos foi 116, no qual 90 eram do sexo masculino e 26 eram do sexo feminino; a idade variou entre 16 e 80 anos, sendo a média de 33,94 anos (±14.12 anos). Ao final do estudo, o grupo A apresentou 100% de PCR negativo e resolução dos sintomas e o grupo B de 96,36%, pois dois pacientes do

sexo masculino foram encaminhados para um hospital terciário para a recuperação. A duração média da recuperação para PCR negativo foi de 8,93 dias no Grupo A e no Grupo B foi de 9,33 dias. Já a duração média da recuperação sintomática foi de 5 a 10 dias no grupo A e 4 a 12 dias no grupo B. Efeitos adversos foram determinados pela existência dos efeitos farmacológicos do medicamento em questão durante o tratamento. Já no ensaio clínico piloto de Glorial e colaboradores4 eles avaliaram a eficácia do uso da ivermectina como terapia complementar à hidroxicloroquina mais azitromicina em pacientes positivos para SARS--CoV-2, reagentes por PCR. Foram incluídos 87 pacientes, desde que tivessem COVID-19 de forma leve a moderada e que estivessem internados em hospital. Os pacientes foram divididos em 2 grupos: grupo HCQ + AZT (n = 71) e grupo IVM+HCQ+AZT (n=16). O grupo controle recebeu 400mg HCQ no 1º dia e 200mg por 5 dias + 500 mg de AZT no 1º dia e 250 mg nos outros 5 dias. Já o grupo teste usou o mesmo tratamento padronizado mais 200mcg de IVM / dose única no dia da internação. A idade média dos integrantes do estudo era semelhante entre os grupos (44,87 no grupo ivermectina vs 45,23 no grupo controle) e a maioria era do sexo masculino entre ambos grupos [11 (69%) vs 52 (73%)], porém sem significância estatística (p= 0,72). Após 2 meses de estudo, os resultados demonstraram que todos os pacientes do grupo IVM foram curados em comparação com o grupo controle [16 (100%) vs 69 (97,2 %)]. Dois pacientes vieram à óbito no grupo controle. O tempo médio de permanência no hospital foi significativamente menor no grupo IVM em comparação com os controles (7,62 ± 2,75 versus 13,22 ± 5,90 dias (p = 0,00005)). No estudo não foram observados eventos adversos.

Conclusão: No momento, existem somente dois ensaios clínicos concluídos, a maioria estão em andamento, o que nos impede de ter conclusões consistente sobre o uso da ivermectina para o tratamento de pacientes infectados com o SARS-CoV- 2. Com isso, apesar dos estudos terem mostrado resultados positivos no uso da ivermectina combinado ao tratamento padronizado, como uma melhor taxa de cura e menor tempo de permanência no hospital em comparação com o tratamento padrão, os ensaios clínicos incluídos têm graves deficiências e apresentam alguns vieses que os impedem de fornecer evidências plausíveis e concretas sobre a eficácia e a segurança no uso da ivermectina como terapia da COVID-19.

Palavras-chave: ivermectina, COVID-19, SARS-CoV- 2, tratamento

Referências Bibliográficas

1- O que é COVID-19. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 15 de ago. de 2020.

2- R. Choudhary. Potential use of hydroxychloroquine, ivermectin and azithromycin drugs in fighting COVID-19: trends, scope and relevance. Elsevier Ltd. NMNI. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7175902/> . Acesso em: 5 de ago. de 2020.

3- Chowdhury, Abu. A comparative observational study on Ivermectin- Doxycycline and Hydroxychloroquine-Azithromycin therapy on COVID19 patients. ResearchGate. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/342159343_A_comparative_observational_study_on_Ivermectin-_Doxycycline_and_Hydroxychloroquine-Azithromycin_therapy_on_COVID19_patients> . Acesso em: 11 de ago. de 2020.

4- Gorial, Faiq I. Effectiveness of Ivermectin as add-on Therapy in COVID-19 Management (Pilot Trial). Medrxiv. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.07.07.20145979v1> Acesso em: 11 de ago. de 2020.

INCIDÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS A SINTOMAS DE DEPRESSÃO E ANSIEDADE EM ESTUDANTES DE MEDICINA: UMA REVISÃO NARRATIVA.

Geovana Martins Borges[1]; Letícia Ribeiro de Souza Martins[1];
Ludmila Ferrante Silveira Maia[1]; Victória Cândido da Silva[1]
Sabrina Thalita dos Reis Faria[2]

1Discentes do curso de medicina – Faculdade Atenas, Passos - MG, Brasil.
2 Docentes do curso de medicina – Faculdade Atenas, Passos – MG, Brasil.

Artigo Original

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email:ludmila_ferrante@hotmail.com

Introdução

A Medicina chama a atenção devido ao alto índice de seus estudantes que apresentam em pelo menos algum período do curso a saúde mental afetada. O curso é conhecido como um dos mais complexos, pois requer de seus estudantes extrema dedicação e resistência tanto física, quanto emocional. Desse modo, o presente estudo se propôs a realizar uma revisão narrativa sobre como a rotina de estudos influencia na saúde mental dos estudantes de Medicina, levando-os a transtornos emocionais.

Metodologia:

Na seleção inicial para essa revisão foram identificados 15 artigos, sendo que a amostra final contou com 3 artigos resultantes de pesquisa primárias quantitativas. Os critérios utilizados para a escolha e seleção dos artigos encontrados foram: artigos que respondessem à pergunta norteadora: Qual a incidência e quais fatores estão associados a sintomas de depressão em estudantes de medicina? os que estivessem disponíveis integralmente e publicados entre os anos de 2001 e 2020.

Resultados

No estudo transversal publicado por Ribeiro e cols (2020), cujo objetivo foi avaliar a prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade em estudantes de medicina brasileiros, foram analisados 355 alunos do curso de Medicina em uma Universidade Federal do Rio de Janeiro. A maioria dos alunos (n=147) apresentaram sintomas de ansiedade, 29 alunos apresentavam sintomas de depressão e 25 estudantes apresentaram tanto ansiedade quanto depressão. O maior risco para ansiedade, depressão e ansiedade e depressão juntos foi em relação a sentirem-se sozinhos e histórico de tratamento psiquiátrico e psicológico antes de ingressar no curso. O sexo feminino apresentou risco 50% maior de ansiedade. No estudo transversal publicado por Lima e cols (2016), onde o objetivo foi avaliar a relação entre o estresse do estudante de medicina e o rendimento acadêmico, analisaram-se estudantes do ciclo básico e clínico do curso de medicina na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A amostra final foi composta por 456 estudantes, entre eles 274 encontravam-se estressados e 182 relataram estar sem estresse. Na fase de resistência foi observado o maior percentual, com 169 alunos. Comparando- se os alunos do primeiro período do curso com os do segundo, notou-se diminuição do percentual de alunos “sem estresse” e aumento dos que se encontravam na fase de “exaustão” no segundo período. No estudo longitudinal publicado por Benevidas-Pereira e cols (2009) também com o objetivo de avaliar transtornos emocionais relacionados a formação em medicina, foram estudados 18 dos 20 alunos matriculados em Medicina na Universidade Estadual de Maringá e para isso, foram utilizadas duas análises para os resultados, sendo Análise descritiva do questionário sociodemográfico, em que compararam-se os estudantes em 1996, sendo o primeiro ano de curso de todos e depois em 2001, sendo o último ano, e a Análise descritiva das escalas de avaliação psicológico, na qual foram aplicados alguns instrumentos para o auxílio dos resultados, como: Idate (Inventário de Ansiedade Traço e Estado), em que as maiores médias tanto para Ansiedade-Estado quanto para Ansiedade-Traço foram as registradas no terceiro ano com valores de 46,89 e 48,33 respectivamente. MBI (Maslach Burnout Inventory) que é um questionário que analisa as 3 dimensões de Burnout, e nele apenas 7 dos 18 estudantes estavam presentes. Esse instrumento avaliou que no terceiro ano do curso, a média ponderada tanto para Exaustão Emocional (EE) quanto para Realização Pessoal (RP) foram as mais altas encontradas, sendo 3,17 e 2,48, respectivamente, e já no sexto ano do curso, Desumanização (DE) apresentou a maior média ponderada sendo igual a 1,79. Escala de Sintomatologia de Peñacoba foi aplicada no quarto ano do curso, apenas 11 estu-

dantes estavam presentes. Nele, tensão foi o sintoma psicossomático de maior número registrado e em menores números, registraram-se dor de cabeça, fadiga, conflito no relacionamento com outras pessoas e dificuldade em manter o sono. BAI (Inventário de ansiedade de Beck) aplicado em 1999 para 11 alunos, registrou 9 alunos na categoria “moderada”, 2 na “grave” e nenhum caso dentro da categoria de ansiedade mínima ou leve. E, apenas no último ano do curso, foi aplicado o ISE (Inventário de Sintomatologia de Estresse) que foi respondido por todos os 18 alunos do curso, apresentando como a maior média ponderada a encontrada em Sintomatologia Psíquica (SP), sendo o valor de 1,1333, enquanto para Sintomatologia Física (SF) a média foi igual a 0,873.

Conclusão

Dessa forma, percebe-se pelo estudo que os transtornos emocionais como estresse e ansiedade estão cada dia mais comum na vida do acadêmico de medicina, e que entre os primeiros anos da faculdade o índice é considerado maior, sendo que no início do ciclo clinico também apresenta uma taxa elevada. Dentre os fatores de risco mencionados nos trabalhos encontram-se sintomas depressivos prévios ao início do curso e distanciamento familiar.

Palavras chaves: Acadêmicos de Medicina. Depressão. Ansiedade. Estresse.

Referências

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T.; GONÇALVES, Maria Bernadete. Transtornos emocionais e a formação em Medicina: um estudo longitudinal. Revista Brasileira de Educação Médica, [s. n.] v. 33, n. 1, p. 10 – 23. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100003&lang=pt> Acesso em 20 ago 2020.

LIMA, Rebeca Ludmila de; SOARES, Maryella Eduarda Correa; PRADO, Stefani Niehues do; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Estresse do Estudante de Medicina e Rendimento Acadêmico. Revista Brasileira de Educação Médica. [s. n.], 2016; v. 40, n. 4, p. 678–684. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbem/v40n4/1981-5271-rbem-40-4-0678.pdf> Acesso em 20 ago 2020.

RIBEIRO, Christiane Fernandes; LEMOS, Carolina Martins Cabrita; ALT, Nina Nogueira; MARINS, Rulliany Lizia Tinoco; CORBICEIRO, Weydler Campos Hottz; NASCIMENTO, Maria Isabel do. Prevalência de Fatores Associados à Depressão e Ansiedade em Estudantes de Medicina Brasileiros. Rev. bras. educ. med. Brasília, 2020, v. 44, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000100207&lang=pt#B3> Acesso em 20 ago 2020.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO I CURSO DE DISSECAÇÃO CADAVÉRICA DA FACULDADE ATENAS - CAMPUS PASSOS: DA BASE PARA A SAÚDE INTEGRAL.

Carlos Tostes Guerreiro[1], Cristhyano Pimenta Marques2, Luís Alberto Kirchner Paschoini3, Aguimar Xavier de Carvalho Filho3, Mirelly Dantas Caldeira Aeissami3, José Auri Vilela Lemos Queiros3, Gabriel Mendes Ferreira da Cunha3, Deiane Costa Lopes3, Nubia Taveira Carvalhaes Assad3, Flávia Carlos Jovelli3, Paula Pimentel Maia de Melo3, Luiza Oliveira de Faria3, Rafaela Gonçalves Moreira3, Otávio Alves Machado3, Matheus Cordeiro Nick Falcucci Lemos3, Myriã Ribeiro Vieira3, Bárbara Camilla Gonçalves Marques3, Daniela Maria Souto Marques3.

Artigo Original

1 Professor da Faculdade Atenas, Passos - MG
2 Professor do Centro Universitário Atenas, Paracatu - MG
3 Acadêmico de Medicina da Faculdade Atenas, Passos - MG

Faculdade Atenas - Passos/MG
Email: kirpaluis@gmail.com

Introdução

Base para a formação do profissional da área da saúde, a anatomia humana fornece aos alunos o conhecimento desde a compreensão do exame físico até o entendimento de como as doenças afetam o corpo humano. Em alguns currículos têm se observado o afastamento da dissecção de cadáveres de corpo inteiro devido à dificuldade em obter cadáveres humanos para o estudo. Contudo, algumas instituições permitem que alunos assistam os preparos das peças cadavéricas pelos professores de anatomia e técnicos de laboratório. Essas atividades também são acompanhadas por alunos de Ligas Acadêmicas de Anatomia e alunos de iniciação científica. As ligas acadêmicas, por exemplo, possuem papel importante na organização e interação dos alunos a essas atividades práticas de dissecção. Em vista disso, o objetivo desse trabalho foi descrever as atividades realizadas e relatar a experiência vivenciada pelos alunos do curso de medicina no I Curso de Dissecação Cadavérica da Faculdade Atenas.

Relato da Experiência

Com duração de três dias, esse curso de dissecção foi uma estratégia para o treinamento de habilidades médicas, conhecimento dos materiais utilizados para o preparo das peças anatômicas e aprofundamento no conhecimento da anatomia humana. O primeiro dia foi iniciado com a apresentação do professor responsável pelo curso e do professor colaborador, seguidos pela apresentação dos objetivos, o cronograma do curso, os equipamentos de proteção individual obrigatório para essa atividade e as áreas topográficas no cadáver que seriam dissecadas. Após, deu-se início a apresentação dos instrumentos cirúrgicos que foram utilizados no curso, assim como o manuseio, a troca e o descarte de materiais e o cuidado no compartilhamento dos instrumentos cirúrgicos entre os alunos. As técnicas de incisão e divulsionamento da pele se deram logo no primeiro dia do curso, na região do dorso do cadáver. Finalizada essa parte, os alunos observaram e participaram da dissecção dos músculos e vasos dos membros inferiores e da face e dissecção das camadas do pênis e do sacro escrotal, nos quais já puderam se deparar com uma variação anatômica, com a identificação de um apêndice no epidídimo e outro no testículo direito, conforme figura 1. Nesse tocante, dois remanescentes do desenvolvimento fetal podem estar presentes no escroto adulto e situar-se abaixo da camada visceral da túnica vaginal: (1) o apêndice testicular (hidátide de Morgagni) no pólo superior do testículo e (2) o apêndice epidídimo (paradídimo), preso à cabeça (globo maior) do epidídimo[1]. O apêndice testicular representa remanescentes da trompa de Falópio e é derivado da extremidade cranial do ducto mülleriano primitivo, enquanto o apêndice epidídimo é um vestígio da extremidade cranial do ducto mesonéfrico. O apêndice testicular, também conhecido como Hidátide de Morgagni, é um remanescente do ducto paramesonéfrico e tem uma prevalência de 83,3% a 92% na população em geral. O apêndice epididimário é um remanescente do ducto mesonéfrico e está presente em 20% dos epidídimos2. Ademais, outro momento de grande atenção e curiosidade foi a serragem do crânio para retirada do encéfalo de um dos cadáveres, conforme figura 2. Outros momentos de grande aprendizagem foram

as identificações de variações anatômicas e as alterações morfológicas das estruturas anatômicas devido, provavelmente, às causas das mortes dos cadáveres encontradas durante a dissecção.

Conclusão

Assim, percebeu-se através dessa experiência vivenciada no curso de dissecação, a importância do estudo e correlação da anatomia com a citologia, bioquímica, genética, embriologia, histologia e fisiologia, bem como com a patologia. Ademais, fortaleceu-se a ética, o respeito e o trabalho em equipe, que seguirão como pilares na formação dos futuros profissionais médicos que tiveram a oportunidade de participar de tal curso.



Figura 1. Dissecação dos testículos, com identificação de apêndice no epidídimo e no testículo direito, realizado na Faculdade Atenas – Campus Passos.



Figura 2. Dissecação do encéfalo, realizado na Faculdade Atenas – Campus Passos.

Referências

1 SMITH, R. P.; TUREK, P. J.; NETTER, F. H.; MACHADO, C. A. G. The Netter collection of medical illustrations: Volume 1. Philadelphia, Pa: Elsevier, 2011.

2 SERRADO, M. A.; ABREU, N.; CASTANHA, G. Torção de apêndice testicular: a propósito de três casos clínicos. Acta Radiológica portuguesa. v. XXVII (105): 83-86, 2015.

3 NETTER, Frank H.. Atlas de Anatomia Humana. 6ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

4 MOORE, Keith L.. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 8ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

5 DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ed. São Paulo: Atheneu, 2011.

OCORRÊNCIA DE CROMOSSOMOPATIAS ASSOCIADA À IDADE MATERNA EM NATIVIVOS NA MACRORREGIÃO SUL DE MINAS GERAIS

Luiz Gabriel Gonçalves Cherain1, Gustavo Mattar Nascimento1,
Luiz André de Souza1, Francielle Marques Araujo Andrade Cançado1
Gislaine Cristina Batistela2

1 Faculdade Atenas – Campus de Passos – MG.
2Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Experimental de Itapeva.

Artigo Original

Faculdade Atenas - Passos/MG
Email: lgcherain@gmail.com

Introdução

As anomalias congênitas resultam de defeitos estruturais ou funcionais do desenvolvimento do feto, que são causados por fatores que antecedem o nascimento, como fatores genéticos, ambientais e até mesmo desconhecidos[1]. Dentre elas, as anomalias genéticas estão entre as mais estudadas e investigadas[2]. As cromossomopatias, ou anomalias cromossômicas, são descritas como síndromes onde há número ou estrutura anormal dos cromossomos[3].A literatura descreve que todas as populações estão expostas aos riscos de possuírem anomalias genéticas[7]. Entretanto, a idade materna tem se mostrado um possível fator determinante para anomalias congênitas, como levantaram hipóteses estudos feitos em diferentes estados e países. Ademais, observa-se que nas gestações tardias é observada maior ocorrência de anormalidades, assim como baixo peso ao nascer e baixa vitalidade do neonato, entre outras situações observadas[8, 9, 10, 11].

Objetivo

Quantificar as cromossomopatias em nativivos do estado de Minas Gerais e na macrorregião Sul de Minas Gerais.
Correlacionar a ocorrência de cromossomopatias com a idade materna.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal e quantitativo, onde foi utilizado o banco de dados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), pertencente ao Ministério da Saúde. Foram coletados os seguintes dados: idade materna e tipo de anomalia congênita, em todo o estado de Minas Gerais e, posteriormente, em sua macrorregião Sul, entre os anos de 2005 e 2018. A idade materna foi dividida em três categorias, que se encontram entre: menores de 19 anos, 20 a 34 anos e acima de 35 anos. Os tipos escolhidos de anomalias congênitas para o referido estudo são as anomalias cromossômicas não classificadas em outra parte.
A hipótese desse estudo foi analisada pelo teste Qui-Quadrado de Pearson, complementado com cálculo da OddsRatio (OR) e o intervalo de confiança a 95% (IC95%)21, para determinar a força desta associação. O nível de significância foi fixado em 5% ($p < 0,05$); além disso, as análises estatísticas foram realizadas por meio do softwareR22, versão 4.0.2.

Resultados

Minas Gerais

Foram notificados 7.317.749 nascidos vivos, dos quais 2.616 tiveram alterações cromossômicas, correspondendo à prevalência de 3,57 casos para cada 10.000 nascidos vivos (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência absoluta e percentual (%) de nascidos vivos no estado de Minas Gerais, segundo idade materna e ocorrência de cromossomopatia.

	Cromossomopatia		
Idade materna (anos)	Presente	Ausente (%)	Total (%)
< 20	188 ($2,57\times10^{-3}$)	1.205.429(16,47)	1.205.617(16,47)
≥ 20 e <35	1.102($1,5\times10^{-2}$)	5.152.534(70,41)	5.153.636(70,42)
≥ 35	1.326 ($1,81\times10^{-2}$)	957.170(13,08)	958.496(13,09)
Total	2.616($3,57\times10^{-2}$)	7.315.133(99,96)	7.317.749(100)

Verificou-se associação estatisticamente significante entre a proporção de nascidos vivos portadores de anomalias cromossômicas e a idade materna ($p < 0,01$). Quando testada a idade ma-

terna associada àcromossomopatia, encontrou-se maior chance em gestantes de 35 anos ou mais (OR = 6,48; IC95% 5,98 – 7,02).

Macrorregião Sul

Foram notificados 912.148 nascidos vivos, dos quais 335 tiveram alterações cromossômicas, correspondendo à prevalência de 3,67 casos para cada 10.000 nascidos vivos ao longo do tempo estudado (Tabela 2).

Além disso, verificou-se que existe uma associação significativa entre a proporção de nascidos vivos portadores de alterações cromossômicas e a idade materna (p < 0,01). Em relação à faixa etária materna associada à cromossomopatia, encontrou-se maior chance em gestantes de 35 anos ou mais (OR = 5,14; IC95% 4,13 – 6,41).

Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual (%) de nascidos vivos na região sul de Minas Gerais, segundo idade materna e presença e ausência de cromossomopatia

	Cromossomopatia		
Idade materna (anos)	Presente	Ausente	Total
< 20	16 (1,75×10^{-3})	149.473 (16,39)	149.489 (16,39)
≥ 20 e <35	249(2,73×10^{-2})	738.472 (80,96)	738.721 (80,99)
≥ 35	70 (7,67×10^{-3})	23.868 (2,62)	23.938 (2,62)
Total	335(3,67×10^{-3})	911.813(99,96)	912.148(100)

Discussão

A partir de um estudo feito na Europa em 2012, foi possível determinar a prevalência de anomalias cromossômicas em 0,4% em todos os nascidos, tendo eles sobrevivido ou não, além dos casos em que a gravidez foi interrompida[15]. Esse valor demonstra que as cromossomopatias apresentam considerável raridade, e, por isso, as amostras isoladas em estudos tendem a ser pequenas, principalmente quando o foco são os nascidos vivos[16, 17].

Nosso estudo mostrou uma prevalência de cromossomopatias em nascidos vivos de 3,57 para cada 10.000 nascimentos em Minas Gerais e 3,67 para cada 10.000 nascimentos na macrorregião Sul de Minas. Cosme HW, et al. encontraram uma prevalência de 17,9 casos para cada 1.000 nascidos vivos emquatro anos na cidade de São Paulo. Em outras capitais esta prevalência está entre 1,04% e 1,3%. Valores menores, como 0,4 e 0,8%, foram encontrados, respectivamente, na cidade de Contagem/MG e Maringá/PR12.

É notória a associação da idade materna (acima dos 35 anos) com a ocorrência de cromossomopatias. Isto se deve ao fato de possíveis erros meióticos no desenvolvimento do oócito que acontecem com frequência em mulheres no fim da idade fértil. Também é possível observar a ocorrência de anomalias em gestantes de idade avançada que tiveram abortos recorrentes ao longo da vida18. Em nosso estudo encontramos uma associação estatisticamente significante entre idade materna acima dos 35 anos e ocorrência de cromossomopatias. Fantin C et al. encontraramprevalências iguais entre mulheres de 15-19 e >35 anos (26,66%) em uma maternidade de Manaus/AM e outros estudos brasileiros não apontam associação entre idade materna e anomalia congênita[9].

Observam-se taxas diferentes de nascidos vivos com cromossomopatias nas grandes cidades. Há uma dificuldade no diagnóstico genético de cromossomopatias no interior do estado devido à dificuldade de acesso a estes exames. A subnotificação pode ser um fator negativo importante, já que nem todas as cidades da macrorregião Sul de Minas Gerais possuem tecnologia e adequação suficientes para a notificação real da quantidade de casos, principalmente quando se fala de síndromes raras, como as relacionadas a mutações genéticas. Já foi proposto que haja uma descentralização do sistema às maternidades locais, a fim de que elas se capacitem cada vez mais a analisar e preencher os dados da Declaração de Nascidos Vivos (DNV). Dessa forma, será possível intervir e identificar com maior rapidez as situações de risco dos recém-nascidos[13, 20].

Conclusão

A idade materna influencia a ocorrência de cromossomopatias nas regiões estudadas.

Referências

1) Horovitz DDG, Cardoso MHC de A, Llerena Jr. JC, Mattos RA de. Atenção aos defeitos congênitos no Brasil: características do atendimento e propostas para formulação de políticas públicas em genética clínica. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2006 Dez;22(12):2599-2609. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001200010&lng=pt. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200010.

2) Cunha AJ. Orientação genética-clínica em medicina fetal. In: Isfer EV, Sanchez RC, Saito M, editors. Medicina fetal: diagnóstico pré-natal e conduta. Rio de Janeiro: Revinter; 1996. p. 1-19.

3) Descritores em Ciências da Saúde: DeCS [Internet]. ed. 2017. São Paulo (SP): BIREME/OPAS/OMS. 2017. Disponível em: http://decs.bvsalud.org. acesso em 17 abr. 2020.

4) Acosta AMA, Hamdan PJA, Morán QLM, Moreno ODC. Translocacióncromosómica no balanceada t(5;7)(q22;p15) enunniñoconanomalías

congénitas: reporte de caso clínico. Rev. Univ. Ind. Santander. Salud [Internet]. 2020 Mar; 52(1): 51-59. Availablefrom: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-08072020000100051&lng=en. Epub Jan 01,2020. http://dx.doi.org/10.18273/revsal.v52n1-2020007.

5) Abib L, Sá R, Peixoto-Filho, F. First-trimester combined screening test for aneuploidies in brazilian unselected pregnancies: diagnostic performance of fetal medicine foundation algorithm. : diagnostic performance of fetal medicine foundation algorithm. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia / RBGO GynecologyandObstetrics, [s.l.], v. 40, n. 07, p. 384-389, jul. 2018.http://dx.doi.org/10.1055/s-0038-1666996.

6)Bonifácio, CM. Distribuição e prevalência das principais cromossomopatias em humanos e análise do procedimento de aconselhamento genético:estudo retrospectivo dos pacientes atendidos no ambulatório de genética do conjunto hospitalar de Sorocaba entre os anos de 2000 e 2010. 2011. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sorocaba, 2011. Disponível em:https://revistas.pucsp.br/reb/article/view/9817.

7) Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.

8)Silva PC, Barbosa TLSM, Farias RAR, Lopes MLH, Silva EL, Nunes FBBF. Influência da idade materna nas condições perinatais em nascidos vivos de São Luís, Maranhão. Rev Fun Care Online. 2020 jan/dez; 12:291-298. DOI: http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.8618.

9) Fantin C,Santos ML, Carvalho LB, Gomes NM, Souza LN, S GB. Estudo das anomalias cromossômicas ocorridas em uma maternidade nos anos de 2010 a 2014. Cogitare Enfermagem, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 1-8, 31 mar. 2017. Universidade Federal do Paraná. http://dx.doi.org/10.5380/ce.v22i1.48599.

10)González GN,Martínez C,. Manuela H, Machado MDN,NochePC. Relacióndelcomportamientoreproductivoenlamujersegúnedad y diagnóstico prenatalcitogenéticoenPlacetas. Medicentro Electrónica: Revista Científica Villa Clara, Santa Clara, v. 19, n. 4, p. 209-217, out./dez. 2015. Disponível em: http://scielo.sld.cu/pdf/mdc/v19n4/mdc01415.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

11)Nakadori EK, Soares AA. Síndrome de Down: Considerações gerais sobre a influência da idade materna avançada. Arq. Mudi. 2006;10(2):5-9. http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/19919

12) Cosme HW, Lima LS, Barbosa LG. Prevalence of congenital anomalies and their associated factors in newborns in the city of São Paulo from 2010 to 2014. Rev Paul Pediatr.2017 jan-mar;35(1):33-8. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822017000100033&lng=pt&nrm=iso&tlng=en

13)Guimarães EA de A, Hartz ZM de A, Loyola Filho AI de, Meira AJ de, Luz ZM P da. Avaliação da implantação do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos em municípios de Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, [s.l.], v. 29, n. 10, p. 2105-2118, out. 2013. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00116312.

14)Organização Mundial da Saúde. CID-10 Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/sih/mxcid10lm.htm. Acessoem 17 abr. 2020.

15) Wellesley D, Dolk H, Boyd PA, Greenlees R, Haeusler M, Nelen V, et al. Rare chromosome abnormalities, prevalence and prenatal diagnosis rates from population-based congenital anomaly registers in Europe. Eur J Hum Genet 2012;20:521–6. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22234154/

16) Loane M, Morris JK, Addor M, Arriola L, Budd J, Doray B, et al. Twenty-year trends in the prevalence of Down syndrome and other trisomies in Europe: impact of maternal age and prenatal screening. Eur J Hum Genet2013;21:27–33.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22713804/

17) Parker SE, Mai CT, Canfield MA, Rickard R, Wang Y, Meyer RE, et al. Updated national birth prevalence estimates for selected birth defects in the United States, 2004–2006. Birth Defects Res A ClinMolTeratol 2010;88:1008–16.https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20878909/

18) Marquard K, Westphal LM, Milki AA,Lathi RB(2010). Etiology of recurrent pregnancy loss in women over the age of 35 years. Fertility and Sterility, 94(4), 1473–1477. doi:10.1016/j.fertnstert.2009.06.041.https://europepmc.org/article/med/19643401

19) Munne S, Chen S, Fischer J, Colls P, Zheng X, Stevens J, et al. Preimplantation genetic diagnosis reduces pregnancy loss in women aged 35 years and older with a history of recurrent miscarriages. FertilSteril2005;84:331–5. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16084873/

20)Viacava F. Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (Sinasc). In: Ministério da Saúde; Organização Pan-Americana da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz, organizadores. A experiência brasileira em sistemas de informação em saúde. v. 2. Falando sobre os sistemas de informação em saúde no Brasil. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2009; p. 27-39. (Série B. Textos Básicos de Saúde). https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3038.pdf

21) Padovani CR. Delineamento de experimentos.São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2014.

22) R Core Team (2020). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.URL https://www.R-project.org/.

O PAPEL DA OCUPAÇÃO PROFISSIONAL APÓS O TRATAMENTO DO CÂNCER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luiza Oliveira de Faria1, Brenda Queiroz Gama1
Thaynara Faria Gomes2, Sabrina Thalita Reis Faria2

¹ Discente no curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos
² Docente do curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos

Artigo Original

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email: luiza.fariaoliveira@hotmail.com

Introdução

A atuação no mercado de trabalho é um meio grandioso, onde as pessoas realizam atividades e a verdadeira formação profissional. A ação de poder exercer seu trabalho diário movimenta a vida de milhares pessoas, que enxergam seu ofício como oportunidade de reconhecimento social e concretização dos seus sonhos. Para os indivíduos que acabaram um tratamento de câncer, essa realidade de recomeçar a sua ocupação profissional torna um meio de dificuldades e questionamentos. Muitos pacientes terminam a terapêutica sem muita expectativa de retornarem ao trabalho que realizavam, pois, devido as consequências agressivas do tratamento, muitos não conseguem concluir as atividades que efetivavam antes da descoberta da doença. Além disso, grande parcela do mercado de trabalho não consegue reintegrar (1) as pessoas que passaram por um tratamento do câncer, pois acreditam que esses profissionais não terão estabilidade para o meio que trabalham, pensando que a qualquer momento eles deverão ser afastados pela possível reincidência da doença.

Métodos e materiais

O estudo foi realizado, por meio de uma revisão integrativa com o intuito de responder à pergunta norteadora: “Qual o papel da ocupação profissional após o tratamento do câncer?”. Além disso, para a elaboração desse trabalho foram selecionados estudos nas bases de dados MedLine, Scielo e BVS (Biblioteca Virtual da Saúde) durante os meses de março e abril de 2020. Com esse objetivo, foi utilizado os seguintes descritores: “reemprego”, “câncer”, “trabalho” e “prognóstico”. Outrossim, os critérios de inclusão utilizados compreenderam: artigos publicados entre 2007 a 2020; artigos encontrados na íntegra e que respondessem à pergunta norteadora e língua, sendo selecionados apenas artigos em português e inglês. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão, não encontrados na íntegra, artigos publicados antes de 2007 e que não respondessem à pergunta norteadora.

Resultado

Na Coréia, com os avanços nos diagnósticos e tecnologia aprimorada para o tratamento, aproximadamente 70% das pessoas com câncer sobrevivem. Essa população de sobreviventes está em plena atividade podendo ser reinserida no mercado de trabalho. No entanto, grande parcela do mercado trabalhista não está adaptado para acolherem as pessoas que acabaram o tratamento do câncer. No geral, a perda de trabalho devido ao câncer constitui 53%. Além disso, 47% dos sobreviventes de câncer perdem o emprego após o tratamento (2). A taxa de retorno ao trabalho das pessoas que passaram pelo tratamento do câncer é 30,5% na Coréia, metade da média global de 63,5% (intervalo, 24% a 94%) (3).

Discussão

A partir dos resultados da pesquisa realizada na Coréia, estima-se que mais da metade das pessoas perderam seu trabalho devido ao câncer. Outra parcela, após terminarem o tratamento não conseguiram voltar a suas atividades profissionais. Percebe-se que ainda existe uma falta de adequação e acolhida do mercado de trabalho com esses profissionais que venceram o câncer e que esperam serem reintegrados de volta a sua profissão.

Diante disso, é importante ressaltar que a ocu-

pação profissional possui grande relevância no cuidado e na manutenção da saúde dessas pessoas que terminaram um tratamento contra o câncer, pois trará a esses indivíduos o valor e a grandeza de continuarem firmes na caminhada de suas vidas. Por isso, é necessário que o mercado de trabalho comece a trilhar uma união com as clínicas e instituições oncológicas, oferecendo aos pacientes a oportunidade de retornarem ao ofício que realizavam.

Conclusão

Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que a ocupação profissional após o tratamento do câncer interfere fortemente na autoestima do indivíduo, pois ele começa a restabelecer a autoconfiança, a interação social e o amor pela vida, visto que após a terapêutica, o trabalho torna-se uma alavanca motivacional, pois permite restaurar a força e ampliar a expectativa para viver, possibilitando que essas pessoas possam recomeçar, e assim, reescreverem um novo capítulo em suas histórias.

Referências Bibliográficas

1. Hoving JL, Broekhuizen ML, Frings-Dresen MH. Return to work of breast cancer survivors: a systematic review of intervention studies. BMC Cancer 2009;9(1):117.

2. Choi KS, Kim EJ, Lim JH, Kim SG, Lim MK, Park JG, et al. Job loss and reemployment after a câncer diagnosis in Koreans - a prospective cohort study. Psychooncology 2007;16(3):205-13.

3. Park JH, Park EC, Park JH, Kim SG, Lee SY. Job loss and re-employment of cancer patients in Korean employees: a nationwide retrospective cohort study. J Clin Oncol 2008;26(8):1302-9.

MITOS E VERDADES DA ALIMENTAÇÃO NA INCIDÊNCIA DE CÂNCER.



Maria Eduarda de Souza Freire², Aguimar Xavier de Carvalho Filho², Bruna Andrade Pereira², Bruno José Mendes², Gabriel Kewen da Costa², Isabela Ranieri Sillos², Isabella Morato Barbosa², Marina Lima Ribeiro², Micaella de Paula Marinho², Núbia Taveira Carvalhaes Assad², Trycyane Rodrigues Bueno Prado², Sabrina Thalita Reis Faria¹

¹ Docente do curso de medicina da Faculdade Atenas- Campus Passos
² Discente do curso de medicina da Faculdade Atenas- Campus Passos

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email:madufreire1432@gmail.com

Artigo Original

Introdução

A população mundial está à frente de uma pandemia do câncer, que mata anualmente milhões de pessoas de todas as faixas etárias e condições sociais, nesse âmbito, para o Brasil, a estimativa para cada ano do triênio 2020-2022 aponta que ocorrerão 625 mil casos novos de câncer (INCA, 2019), sendo por esse motivo de caráter urgente o conhecimento de medidas preventivas, comprovadas cientificamente para orientar a população. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é conhecer a opinião da população na cidade de Passos/MG, sobre os fatores de risco para o câncer relacionados à alimentação e posteriormente classificá-las de acordo com a veracidade da informação.

Metodologia:

Trata-se de estudo analítico, exploratório de corte transversal, onde foram coletadas informações de 146 pessoas, com idade superior a 15 anos, de qualquer nível de formação, leigos sobre o assunto, sendo realizada em agosto de 2020, aprovada pelo comitê de ética sob o número 4.209.308. Foi questionado o que esses voluntários acreditam que sejam fatores de risco associados à alimentação para uma pessoa desenvolver o câncer. As informações foram tabeladas e caracterizadas de acordo com a sua prevalência. Os resultados foram posteriormente avaliados quanto a sua validade através de uma avaliação criteriosa da literatura científica. Esta avaliação foi realizada nas bases de dados PubMed, Scielo e BVS. Os descritores utilizados foram alimentação e câncer. A avaliação da qualidade dos artigos foi feita pelos autores do trabalho e posteriormente pelo orientador da pesquisa. Para a análise dos artigos e identificação dos resultados, foram feitas classificações baseadas no nível de evidência científica e classificados como: Evidência positiva (1), Evidência parcialmente positiva (2), Evidência parcialmente negativa (3), Evidência negativa (4).

Resultados

A população do estudo compreendeu 146 pessoas, não havendo recusa à entrevista. Com relação aos entrevistados, 32,87% eram do sexo masculino e 67,13% do sexo feminino, a média de idade foi de 34,5 anos (±16,5), sendo 39,04%(n=57) entre 15 a 29 anos, 47,79%(n=70) entre 30 a 59 anos e 13,01%(n=19) entre 60 a 92 anos. Com relação ao nível de escolaridade, 0,68%(n=1) era analfabeto, 13,69%(n=20) possuíam o ensino médio incompleto, 27,39% (n=40) têm o ensino médio completo e 44,52%(n=65) possuíam superior completo. As respostas relacionadas aos fatores de risco relacionados a alimentação estão expostas na tabela abaixo.

Fator de Risco Mencionado	Frequência das Menções	Evidência
Carne Vermelha em Excesso	1,37%	2
Margarina	0,68%	3
Alimentos Processados	28,77%	2
Bebidas Açucaradas	1,37%	2
Ingestão de Gorduras em Excesso	2,74%	2
Bebidas Alcoólicas	15,07%	1

Fonte: FARIA et al, 2020.

Discussão

A carne vermelha foi classificada como “provavelmente cancerígena para o ser humano” pela Agência Internacional de investigação do câncer, que mostrou uma associação positiva entre o consumo de carne vermelha e o câncer colorretal. Estudos posteriores não conseguiram confirmar essa associação (BOUVARD et al, 2015). A margarina também possui alguns componentes que já foram associados ao câncer, mas sem grandes comprovações científicas (SASAKI et al, 2002). Estudo caso controle evidenciou a associação positiva entre a ingestão de alimentos em conserva e a incidência de câncer de ovário no Sul na China. Em estudo prospectivo publicado em 2019 constatou que o consumo de bebidas açucaradas associou-se positivamente ao risco de câncer geral e câncer de mama, entretanto, foi afirmado a necessidade da

replicação desses resultados em outros estudos prospectivos em larga escala (CHAZELAS et al, 2019). Há uma relação entre a ingestão de gorduras e o desenvolvimento de tumores relacionados ao sistema digestório, com destaque para o câncer colorretal. Porém, a literatura ainda apresenta resultados controversos para esta associação ficando mais clara apenas para alguns tipos de câncer (FRANCO et al, 2005). Outro importante fator mencionado foi o consumo de bebida alcoólica. A literatura aponta o etilismo como um dos fatores de risco mais importante, demonstrando que o uso do álcool por mais de 20 anos aumenta o risco de desenvolver a doença em 3 vezes, e em relação a frequência do uso, observou-se que indivíduos com alta frequência do consumo (beber mais de duas vezes por semana e em alta quantidade) possuíam um risco 5 vezes maior de desenvolver o câncer (OLIVEIRA e FORTES, 2013).

Considerações finais

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, investigar e elaborar um conjunto de fatores de risco associados à alimentação para o desenvolvimento de câncer juntamente com fatores que não possuem comprovação científica que podem originar a doença. Pode- se chegar, assim, a algumas conclusões mais importantes, como a relação verdadeira da associação do câncer colorretal e a carne vermelha e o etilismo com o câncer de boca e pâncreas, porém foi constatado algumas relações fracas ou sem associação de alguns alimentos, como a margarina, reafirmando a necessidade de se conduzir estudos mais sólidos. Lembrando que estas associações são relacionadas a consumo em excesso e por longo período de tempo. Com isso, esta pesquisa pretende preencher uma lacuna no conhecimento dos mitos e verdades sobre o câncer.

Referências

1 BOUVARD V, LOOMIS D, GUYTON KZ, et al. Carcinogenicity of consumption of red and processed meat. Lancet Oncol 2015;16:1599–600.

2 CHAZELAS E, SROUR B, DESMETZ E, et al. Sugary drink consumption and risk of cancer: results from NutriNet-Santé prospective cohort. BMJ. 2019;366:l2408. Published 2019 Jul 10. doi:10.1136/bmj.l2408.

3 FRANCO A, SIKALIDIS AK, HERRUZO AS. Colorectal cancer: influence of diet and lifestyle factors. Rev EspEnferm Dig 2005;97:432-48

4 INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. - Rio de Janeiro: INCA, 2019.

5 OLIVEIRA, T. R.; FORTES, R. C. Hábitos alimentares de pacientes com câncer colorretal. J Health Sci Inst. 2013;31(1):59-64.

SASAKI, Y. F. et al. The comet with 8 mouse organs: results with 39 currently used food additives. Mutation Research, v. 519, n. 1-2, p. 103-119, 2002.

A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA SAÚDE NAS ESCOLAS NA PROMOÇÃO A SAÚDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Marielly Fernanda dos Santos Alves1, Viviane Vieira Carvalho2, Amanda Aparecida Borges3 Camilla Borges Lopes Souza4, Mateus Goulart Alves5, Iácara Santos Barbosa Oliveira6 Nariman de Felício Bortucan Lenza7



1 Discente do Curso de Enfermagem da Libertas- Faculdades Integradas de São Sebastião do Paraiso, 2 Mestre em Biotecnologia. Docente do Curso de Enfermagem da Libertas- Faculdades Integradas de São Sebastião do Paraiso, 3-5 Docentes do Curso de Medicina. Faculdade Atenas- Passos/MG, 6; 7 Docentes do Curso de Medicina. Faculdade Atenas- Passos/MG e docentes do Curso de Enfermagem da Libertas- Faculdades Integradas de São Sebastião do Paraiso

Artigo Original

LIBERTAS - FACULDADES INTEGRADAS
Email: mariellyalves17@gmail.com

O Programa Saúde nas Escolas (PSE) é uma estratégia que possui recursos próprios e específicos, que tem em vista a promoção da saúde por meio de ações contínuas de educação em saúde e avaliação longitudinal dos escolares (BRASIL, 2011). O Programa surgiu em 5 de dezembro de 2007, sendo resultado do trabalho integrado do Ministério da Saúde e o Ministério da Educação e tem como objetivo principal de aumentar ações especificas direcionadas aos alunos estudantes da rede pública, desde o ensino fundamental, a educação profissional e Educação de jovens e adultos (BRASIL, 2009). O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a importância do programa saúde nas escolas na prevenção de agravos e promoção a saúde de crianças e adolescentes e assim conscientizar profissionais da saúde acerca da importância do seu papel na ações de saúde realizadas com essa população. A metodologia foi descritivo-reflexiva, apresentando o tema fundamentado na literatura acerca do PSE. Discussão: O PSE possui o intuito de levar para as crianças e adolescentes, através de âmbito escolar, formas de cuidado com a saúde e prevenção de problemas e doenças que acometem tais faixas etárias. O PSE orienta quanto a importância das ações de profissionais da saúde com esse público alvo em toda rede pública de saúde. A busca por esse público alvo, em idade escolar deve ser de suma importância para os profissionais da saúde, pois estes escolares estão expostos a muitas situações de vulnerabilidades, além de estarem expostos a fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis como diabetes, hipertensão, dentre outras, que vem crescendo de forma exacerbada. Essas doenças apresentam grandes riscos a médio e a longo prazo na vida dos escolares, tornando-os uma população de adultos, consequentemente idosos com grandes riscos de desenvolvimento de doenças crônicas. Sendo assim, ações de promoção a saúde podem contribuir para diminuir a incidência de adolescentes com doenças crônicas (CAMPOS et al., 2018). O PSE possui grande importância dentro do trabalho com escolares, pois muitos não possuem acesso a rede de saúde, ou simplesmente não vão as consultas, ou não procuram as unidades básicas de saúde. Sendo assim, através do PSE, é realizada a captação dessa crianças e adolescentes e ações de prevenção de agravos e promoção da saúde são realizadas por profissionais da saúde. De acordo com o Ministério da Saúde, a escola é um dos ambientes cruciais para o desenvolvimento de programas voltados a saúde de crianças e a adolescentes. Somatizando os ensinos Infantil, Fundamental e Médio, certifica-se que cerca de 50 milhões de crianças e adolescentes estão tendo acesso às ações de educação, promoção e assistência à saúde no sistema educacional (BRASIL, 2009). Pela dinâmica cultural escolar ser tão ampla, a escola se torna um ambiente de extrema importância para a formação de crianças e adolescentes, tendo assim o desenvolvimento de experiências significativas tanto individual quanto coletivamente. Por ser um espaço de transição dos mesmos, a escola tem uma essência especial quando trabalhada juntamente com a saúde, que é inserido e integrado a realidade do cotidiano desses escolares, podendo dessa forma levar o aprendizado e a conscientização, que vai além dos muros e limites da escola (BRASIL, 2009). Essas informações são de grande relevância

para conscientização das crianças e adolescentes sobre prevenção de agravos e promoção da saúde, abordando temas como hábitos saudáveis de vida, realização de avaliações clínicas, psicossociais, nutricional e oftalmológica, atividades e avaliações de saúde e higiene bucal, atualização do calendário vacinal, trabalhos de prevenção sobre consumo de álcool e drogas, educação em saúde sexual e reprodutiva e para futuras intervenções, caso seja necessário, sobre promoção, educação em saúde e hábitos de vida saudáveis.

Conclusão

Nota-se a grande importância do PSE , visualiza-se o tamanho e a crescente importância da implantação de Programas de Saúde Escolares, desta maneira, engrandecendo o contato dos profissionais de saúde com as crianças e adolescentes, que são multiplicadores do conhecimento e alavancando a aderência dos mesmos a hábitos saudáveis de vida, transformando-os em protagonistas e responsáveis pela sua própria saúde, além disso, promovendo uma maior aceitação juntamente com a elevação da confiança, fortificando o vínculo crianças/adolescente e profissionais da saúde.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica: Saúde na escola. Brasília: Ministério da Saúde, 2009, p.15. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_24.pdf> Acesso em 11. Ago. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Instrutivo PSE / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica.. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011. Disponível em:http://www.saude.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2017/07/DAB_INSTRUTIVO_PSE_2011.pdf > Acesso em: 11.Ago.2019

CAMPOS, M. O. et al. Fatores de risco e proteção para as doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes nas capitais brasileiras. Revista Brasileira de epidemiologia.V. 21, , p - , 2018. Disponível em: < https://scielosp.org/article/rbepid/2018.v21suppl1/e180002/#> Acesso em: 8. Abr. 2019

O MANEJO NA ATENÇÃO BÁSICA DO CUIDADOR NO IDOSO COM DEMÊNCIA

Melissa Soares Ferreira1, Guilherme Mendes Galvão1
Talitha Araújo Velôso Faria2

1 Acadêmica do Centro Universitário Atenas
2 Orientadora

Uniatenas-Paracatu
Email: melissasoaresf13@gmail.com

Artigo Original

Introdução

Em 1994, foi aprovada a Lei nº 8.842 sobre a Política Nacional do Idoso, essa tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento para todos. A demência é um processo neurodegenerativo e progressivo, que cursa com alterações comportamentais e cognitivas. Gradualmente, a pessoa perde sua autonomia e independência, necessitando de ajuda para realizar suas atividades do cotidiano. A partir disso, torna-se necessário a existência de um cuidador, sendo este responsável por suporte físico, psicológico e financeiro, por meio de cuidados diretos e contínuos. O cuidador do idoso demenciado precisa de um amparo social e educacional eficaz para que este não fique sobrecarregado, tais demandas poderiam ser supridas pela existência de uma rede de cuidados.

Resultados e discussão

O cuidador é a pessoa que, no espaço doméstico, ajuda direta ou indiretamente a pessoa com limitação a realizar suas atividades básicas de vida diária. Com o intuito de evolucionar a relação entre cuidador e idoso, é de suma importância que haja uma parceria entre ambos, além da família e equipe da ESF. Diante desse quadro, é fundamental que as equipes de saúde se atentem ao que o cuidador entende a respeito da doença e seus cuidados específicos, a fim de auxiliá-lo na melhoria da atenção, com orientações, educação continuada e compreensão de suas necessidades. O compartilhar do cuidado com outros membros da família, com possíveis rodízios de cuidadores, deve ser recomendado, além da priorização de atendimento domiciliar, pois as dificuldades e carências físicas tornam-se exacerbadas para o deslocamento.

Considerações finais

A atenção ao cuidador é fundamental nesse contexto, visto que a sobrecarga física, mental e emocional torna o cuidador vulnerável ao comprometimento de sua saúde. Educação continuada, incentivo às visitas domiciliares e boa formação dos profissionais de saúde, além de integração multiprofissional, são medidas que podem auxiliar na melhoria do cuidado ao idoso com demência.

Referências

1. Lindolpho MC, Acioli S, Vargens OMC et al. O cuidador de idoso com demência e a política de atenção à saúde do idoso. Brasil. Rev enferm UFPE on line., Recife, 8(12):4381-90, dez., 2014. DOI: 10.5205/reuol.6679-58323-1-ED.0811201425.

2. Caderno de atenção domiciliar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. ISBN 978-85-334-1966-7.

3. Holanda AR, Sá RLV, Lustosa AJA et al. Desafios de enfermagem: atendimento domiciliar a pacientes com demência. Anais CIEH (2015) – Vol. 2, N.1. ISSN 2318-0854.

A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA PERSPECTIVA DE PAIS E CUIDADORES DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Deiane Costa Lopes - discente do curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos

Micaella de Paula Marinho - discente no curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos

Vanessa Luiza Queiroz Silva- docente do curso de medicina na Faculdade Atenas- Campus Passos

Uniatenas Passos
Email: micaellamarinho@gmail.com

Artigo Original

Introdução

A Atenção Primária à Saúde (APS) é caracterizada como uma estratégia de organização da atenção à saúde, sendo o primeiro nível assistencial prestado às populações. É reconhecida como um elemento fundamental nos sistemas de saúde de países de alta e baixa renda1, já que propicia a oferta de serviços sem restrição de acesso e com alta capacidade de abordar amplamente as necessidades de saúde da comunidade inserida, além de oferecer ações para a prevenção de doenças e agravos, assistência e promoção à saúde.2

Estudos apontam o papel essencial da APS na cooperação para melhores resultados de saúde, equidade, redução de custos, aumento da eficiência e melhora nos desfechos de saúde da população. Assim, a fim de fortalecer os sistemas de saúde, considera-se de suma importância a melhoria da qualidade da APS3,4. Para tanto, faz-se imprescindível avaliar serviços de APS por intermédio da presença e extensão de seus atributos com o propósito de reorganizar as ações para uma atenção à saúde mais qualificada, oferecida por este ponto de atenção.5

Para o enfrentamento desse desafio, Cassady et al. (2000); Starfield et al. (2000); Shi; Starfield; Xu (2001) criaram e validaram um instrumento nos Estados Unidos da América, o Primary Care Assessment Tool (PCATool), que mede a presença e a extensão dos atributos da APS, além do grau de afiliação do usuário ao serviço de saúde, isso tanto para usuários adultos quanto para crianças, em diferentes modelos de APS.6,7 Esse, portanto, tem sido o instrumento mais utilizado no Brasil e em outras realidades internacionais, com a finalidade de avaliar a APS, identificar fragilidades e potencialidades para melhor progressão, orientado segundo seus atributos essenciais e derivados. Os atributos essenciais são: o acesso de primeiro contato, a longitudinalidade, a integralidade e a coordenação da atenção, que são assim denominados devido à sua necessidade para o provimento da APS. Por sua vez, os atributos derivados são: a orientação familiar, orientação comunitária e competência cultural, que qualificam a APS e ampliam a interação dos indivíduos/comunidade com os serviços de saúde.7,8

Nesse interim, sabendo da necessidade da voz ativa da população usuária mediante as ações e serviços ofertados, a avaliação da qualidade da APS sob a perspectiva de cuidadores de criança por meio do PCATool (versão para crianças) tornou-se palco de inúmeras pesquisas9-11. Dessa forma, esse estudo foi proposto a fim de realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o assunto, enfatizando a realidade brasileira. Os seus resultados possibilitarão identificar o quanto o PCATool (versão para crianças) tem sido utilizado e quais atributos essenciais e derivados alcançaram bom e mau desempenho de acordo com os cuidadores de crianças. O reconhecimento dos atributos essenciais ou derivados sob a perspectiva de cuidadores de crianças poderá elucidar tanto a oportunidade de maior aproveitamento de ações consideradas com bom impacto, bem como alçar melhores proposições para intervenções plausíveis que venham a modificar pontos de fragilidade. Tais são aliados de suma importância para a saúde da criança a fim de que se visualize uma melhor qualidade de vida, bem como a redução da mortalidade infantil, dos indicadores de desnutrição, dos diagnósticos e tratamentos tardios, de procedimentos especializados desnecessários e

potencialmente prejudiciais, além do incremento à qualidade na atenção à saúde desses. 12
Diante disso, o objetivo deste estudo foi identificar na literatura a avaliação da qualidade dos serviços de APS sob a perspectiva de cuidadores de crianças por meio da aplicação do PCATool, versão para crianças.

Método

Foi realizada uma revisão integrativa a fim de se responder a seguinte pergunta: "Como os pais e cuidadores de crianças avaliam a qualidade da Atenção Primária à Saúde? ". Destarte, para a construção desse trabalho foram selecionados estudos nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) durante os meses de junho e julho de 2020 com os seguintes descritores: "Atenção Primária à Saúde", "Pesquisa sobre Serviços de Saúde" e "Saúde da Criança". Artigos foram selecionados aos pares com posterior avaliação do orientador. Foram selecionados artigos em português e inglês e publicados após o ano de 2014 e que utilizaram o instrumento de avaliação da Atenção Primária à Saúde, Primary Care Assessment Tool (PCATool). Os critérios de exclusão utilizados foram: trabalhos que não estavam disponíveis na íntegra, trabalhos que foram publicados antes de 2014 ou que não respondiam à pergunta norteadora.

Resultados

A amostra final desta revisão foi constituída por 5 (100%) artigos científicos, selecionados pelos critérios de inclusão estabelecidos previamente estabelecidos. Destes, 3 (60%) foram encontrados na base de dados SCIELO e 2 (40%) na BVS. Abaixo representa as especificações dos artigos. Dessa forma, pode-se perceber a incipiência de artigos científicos publicados sobre a avaliação da qualidade da atenção à saúde das crianças, pela APS. Merece destaque ainda que mesmo com o reconhecimento do Primary Care Assessment Tool (PCATool) versão para crianças como um instrumento válido e efetivo para a avaliação da APS, ainda há uma insuficiência de produção científica que aborde a temática.

Discussão

Os serviços da APS direcionado à saúde integral da criança são cruciais. Na infância, estes serviços são primordiais à manutenção da sua saúde e a um crescimento e desenvolvimento adequados. Os resultados apresentaram que o PCATool foi o principal instrumento utilizado para a avaliação da assistência à saúde da criança na APS no Brasil. Os estudos, realizados junto a cuidadores e profissionais das equipes de saúde, em todas as regiões do país, apontaram que a qualidade da assistência ainda se encontra aquém da necessária.
A análise crítica e a síntese qualitativa dos estudos selecionados foram realizadas de forma descritiva. A fim de discutir os dados, foram elaboradas duas categorias, as quais apresentam a finalidade de determinar os pontos fortes e aspectos que carecem de melhorias para alcançar uma atenção primária à saúde da criança mais qualificada e resolutiva, apresentando os atributos que alcançaram altos e baixos escores médios. Destaca-se alto escore de APS aqueles que obtiverem valor maior ou igual a 6,6. [13]
No grupo que obteve bom desempenho dos atributos incluíram-se: componente utilização, do atributo acesso de primeiro contato; componente grau de afiliação, do atributo longitudinalidade; atributo longitudinalidade; e componentes integração de cuidados e sistemas de informação, do atributo coordenação.
Dos 5 (100%) estudos que avaliaram o grau de afiliação, 2 (40%) apresentaram alto escore, demonstrando que o serviço de atenção primária é reconhecido como referência para a assistência à saúde dos usuários do sistema de saúde, levando em consideração que o grau de afiliação se configura como o reconhecimento daquele serviço de saúde/profissional como o principal para promover a atenção à saúde do usuário. Evidencia-se que alguns problemas relacionados à falta de resolutividade do serviço e à dificuldade de acessibilidade podem influenciar o grau de afiliação.[14,15]
O atributo acesso de primeiro contato é dividido em dois componentes: a acessibilidade e a utilização, em que o primeiro diz respeito à disponibilidade do serviço ao usuário e à capacidade de suprir as demandas (rotina, demanda espontânea, de doença aguda ou de agudização de um problema crônico), já o segundo relaciona-se ao quanto o usuário prioriza a utilização de um determinado serviço de saúde. Desse modo, entende-se que a APS se configura como principal alternativa quando a criança necessita de assistência à saúde.[16]
O atributo longitudinalidade foi bem avaliado.

Esse atributo é considerado como central da APS, pois representa a continuidade do cuidado do usuário ao longo do tempo e permanentemente. Torna-se importante destacar que a presença da longitudinalidade na atenção infantil proporciona benefícios, como: prescrição de ações de prevenção mais ágil, redução de encaminhamentos desnecessários, melhor compreensão do processo saúde/doença do indivíduo e diagnósticos e tratamentos mais precisos, impactando a redução dos custos do sistema de saúde. Alguns fatores podem influenciar negativamente este atributo, como: equipes de saúde com alta rotatividade entre os profissionais e ausência de capacitação dos profissionais.[17-19]

O atributo coordenação diz respeito à garantia de continuidade do cuidado na perspectiva de uma rede articulada de serviços de saúde, bem como oportuniza a identificação de problemas que carecem de um acompanhamento permanente. Os seus componentes, integração de cuidados e sistemas de informação, receberam avaliação satisfatória.[20]

A integração do cuidado refere-se à disponibilidade de acesso a serviços especializados pelos usuários, no entanto, os itens que questionam a contrarreferência ainda são mal avaliados pelos usuários. Ou seja, a comunicação entre os serviços básicos e especializados ainda ocorre de forma deficitária, indicando a necessidade de integrar as redes de atenção com o intuito de otimizar o acesso e a utilização de recursos de saúde pela população.[10]

Com relação ao componente sistema de informação, enfatiza-se que a sua avaliação positiva evidencia acompanhamento responsável dos usuários pelos profissionais, mediante registro de informações importantes sobre a saúde da criança. A utilização desses registros possibilita um acompanhamento da situação de saúde da população adscrita, o que permite a melhoria e avaliação de indicadores relacionados a saúde, entretanto, estudo ressalta que esses registros de informações e o acesso dos usuários a eles ou não estão ocorrendo ou ocorrem ineficazmente.[21]

No grupo, dos 5 (100%) artigos, 3 (60%) não atingiram bom desempenho, demonstrando necessidade de melhoria na sua presença e extensão, a fim de alcançar uma APS mais qualificada e resolutiva para o público infantil, que são: atributo acesso de primeiro contato e seu componente acessibilidade; atributo coordenação; atributo integralidade e seus componentes serviços disponíveis (subdividido em serviços básicos disponíveis e serviços complementares disponíveis) e serviços prestados; e atributos orientação familiar e orientação comunitária.

Quanto ao componente acessibilidade do atributo acesso de primeiro contato, dos 5 (100%) artigos 3 (60%) apresentaram baixo escore, o que demonstra fragilização no processo inicial de atenção à saúde, ou seja, quando o usuário tenta acessar os serviços de saúde. Com o intuito de justificar essa problemática, são apontados fatores, como: dificuldades na marcação de consultas para o mesmo dia ou para quando necessário, obter atendimento profissional rápido por telefone e o longo período de espera na recepção para conseguir uma consulta ou receber atendimento. Reforça que o atributo acesso de primeiro contato é complexo, tendo em vista que se encontra relacionado às características do indivíduo/comunidade e às organizacionais dos serviços de saúde. Para garantir maior acessibilidade dos usuários e oportunizar serviços de saúde que atendam às suas principais necessidades, evidencia-se a adoção de políticas de gestão inovadoras.[19]

O atributo coordenação, em sua avaliação resultou em escores baixos. Evidencia-se, assim, que a atenção à saúde das crianças ainda faz-se fragmentada, nos serviços básicos, principalmente pela existência de fatores que interferem na coordenação, como a alta rotatividade de médicos nos serviços de atenção básica e a formação inadequada na área de saúde pública. Ressalta-se que a avaliação negativa desse atributo implica fragilidade na continuidade do cuidado e, consequentemente, fragmentação da atenção, a qual deveria ser integral e integrada. Dessa maneira, compreende-se que a coordenação se configura como um atributo de grande relevância para os demais, e que, sem ela, a integralidade se torna inviável.[8]

O atributo integralidade e seus componentes foram avaliados de forma insatisfatória, evidenciando, em 3 (60%) dos 5 (100%) artigos, baixo escore, o que sinaliza uma barreira para a efetivação do cuidado integral. Na perspectiva deste atributo, as necessidades de saúde das crianças e suas famílias devem ser reconhecidas, e os serviços de APS devem dispor de recursos para supri-las.[20]

Os atributos orientação familiar e orientação comunitária apresentaram avaliações insatisfató-

rias nos estudos, o que denota a necessidade de promover ações de saúde que vislumbrem tanto o indivíduo quanto sua família e abranjam a comunidade nas ações de saúde com o intuito de realizar mudanças no meio em que vivem.[20-21]
O atributo derivado, orientação familiar, considera a família como sujeito de atenção, reconhecendo e suprindo suas necessidades. Sabe-se que o conhecimento do contexto em que o indivíduo/família vivem, por parte do profissional, proporciona novas possibilidades de cuidado e atenção mais resolutiva, comprometida com o suprimento das necessidades de saúde. Assim, entende-se que a integralidade pode ser comprometida se a orientação familiar for pouco efetiva[21-24]
Quanto à orientação comunitária, os resultados demonstram falta de participação e controle social por parte da população estudada nos artigos, os quais retratam a importância de conhecer as necessidades de saúde da comunidade por meio do conhecimento do contexto em que as famílias estão inseridas e que as ações de saúde devem levar em consideração o perfil epidemiológico da comunidade. Uma fragilidade deste atributo pode comprometer o planejamento e a avaliação, pois as ações desenvolvidas podem não ser reconhecidas como necessidade prioritária pela comunidade.[9]

Considerações finais

Com base nos objetivos propostos para este estudo, foi possível considerar:
- Incipiência de publicação de artigos científicos sobre a avaliação da qualidade da Atenção Primária à Saúde, na perspectiva de cuidadores de criança;
- Os atributos melhor avaliados nos serviços de atenção primária, destinados à saúde da criança estão relacionadas à vinculação e ao relacionamento com os profissionais de saúde, em contrapartida, mesmo com a expansão da APS, a acessibilidade ainda é apontada como um fator limitante da qualidade da APS;
- Apesar da gestão dos serviços de APS aplicar esforços para melhorar seu desempenho e qualidade na oferta e prestação da assistência à população, ainda foi visualizado que problemas relativos ao processo e estrutura destes serviços são constantes, considerando-se que a maioria dos atributos foi avaliada de modo insatisfatório.
- O componente “acessibilidade” representa uma barreira para o atendimento integral e qualitativo de crianças e precisa ser superado, inicialmente com a ampliação da disponibilidade de serviços em horários mais flexíveis e alinhados à necessidade da população;
- A fragilidade no processo de referência e contrarreferência como um fator complicador na comunicação efetiva entre os diferentes níveis de atenção;
- Os itens do componente “serviços prestados” abordam orientações a respeito dos cuidados com a criança, principalmente, de segurança, contudo, esse componente foi mal avaliado, demonstrando ausência e/ou insuficiência de orientações necessárias para a prevenção de acidentes e cuidados básicos;
- No que diz respeito à conjuntura familiar e comunitária em que a criança vive evidenciou-se que se tem a necessidade de ser incluída e valorizada pelos profissionais de saúde, com o propósito de que a assistência esteja de acordo com suas necessidades, as quais são diversas e diferentes para cada criança;
- Evidencia-se ainda a importância de os profissionais da APS desenvolverem habilidades comunicativas e investigativas com os usuários, já que estes atributos foram mal avaliados;
- Apesar da permanência dos obstáculos mencionados, os cuidadores e/ou responsáveis pelas crianças pesquisadas atribuíram forte grau de afiliação aos serviços da APS, demonstrando ser a principal referência para os cuidados de saúde, visto que procuram as unidades básicas quando precisam (utilização) e tem forte vínculo com os profissionais, visto que as crianças são acompanhadas ao longo do tempo (longitudinalidade). Fator esse que pode ser potencializado e provocar maior possibilidade de uma escuta empática para melhorias que sejam necessárias a cada local, bem como, em sua montante geral como APS no país.

Em suma, os estudos reafirmaram a importância da APS para a assistência das crianças e a necessidade de desenvolver melhores estratégias para promover uma maior qualidade dos serviços ofertados, através do apontamento dos pontos mais frequentemente fragilizados na perspectiva de pais e cuidadores de crianças, os quais vivenciam a atenção à saúde das crianças realizada pelas ESF’s e podem de fato corroborar com o levantamento de evidências relativas à qualidade dessas ações, a fim de que, a cada dia, a essência primordial da criação da APS seja cumprida e, mais que isso, vivenciada de

forma honrosa por seus usuários.

Enfim, urge realçar que, o instrumento não dispõe de perguntas sobre a consulta de puericultura, onde o crescimento e desenvolvimento das crianças menores de 2 anos são verificados e acompanhados, o que possibilitaria a identificação e resolução de fatores agravantes em tempo mais hábil.

Referências

1. Kuang L, Liang Y, Mei J, Zhao J, Wang Y, Liang H et al. Family practice and the quality of primary care: a study of Chinese patients in Guangdong Province. Fam Pract. 2015;32(5): 557-63. DOI: https://doi.org/10.1093/fampra/cmv064

2. Silva AN, Silva SA, Silva ARV, Araújo TME, Rebouças CBA, Nogueira LT. Primary care assessment from a male population perspective. Rev Bras Enferm. 2018;71(2):236-43. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0651

3. Aoki T, Inoue M, Nakayama T. Development and validation of the Japanese version of Primary Care Assessment Tool. Fam Pract. 2016;33(1):112-7. DOI: https://doi.org/10.1093/fampra/cmv087

4. Hoa NT, Tam NM, Peersman W, Derese A, Markuns JF. Development and validation of the Vietnamese primary care assessment tool. PLoS One. 2018;13(1):e0191181. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191181

5. Ferreira T, Paula CC, Kleinubing RE, Kinalski DDF, Anversa ETR, Padoin SMM. Evaluation of the quality of primary health care for children and adolescents with HIV: PCATool-Brasil. Rev Gaúcha Enferm. 2016;37(3):e61132. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61132

6. CASSADY, C.; STARFIELD, B.; HURTADO, M.; BERK, R.; NANDA, J.;FRIEDENBERG, L. Measuring consumer experiences with primary care. J Ambulatory Pediatric. Assoc., v. 105, p. 998-1003, 2000.

7. STARFIELD, B.; SHI, L.; XU, J. Validating the adult primary care assessment tool. Journal of Family Practice, v.50, n.2, p.161-175, 2001.

8. Leão CDA, Caldeira AP, Oliveira MMC. Atributos da atenção primária na assistência à saúde da criança: avaliação dos cuidadores. Rev Bras Saude Mater Infant. 2011;11(3):323-34. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292011000300013

9. Harzheim E, Starfield B, Rajmil L, Álvarez-Dardet C, Stein AT. Consistência interna e confiabilidade da versão em português do Instrumento de Avaliação da Atenção Primária (PCATool-Brasil) para serviços de saúde infantil. Cad Saúde Pública. 2006;22(8):1649-59. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800013

10. Silva SA, Baitelo TC, Fracolli LA. Primary Health Care Evaluation: the view of clients and professionals about the Family Health Strategy. Rev Latino Am Enfermagem. 2015;23(5): 979-87. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0489.2639

11. Furtado MCC, Braz JC, Pina JC, Mello DF, Lima RAG. Assessing the care of children under one year old in Primary Health Care. Rev Latino Am Enfermagem. 2013;21(2):554-61. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000200012

12. AQUINO, R.; OLIVEIRA, N. F.; Barreto, M. L. Impact of the Family Health Program on Infant Mortality in Brazilian Municipalities. American Journal of Public Health, New York 2009, 99(1): 87-93.

13. Brasil. Ministério da Saúde. Manual do instrumento de avaliação da Atenção Primária à Saúde: Primary Care Assessment Tool - PCATool – Brasil [Internet]. Brasília; 2010 Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_avaliacao_pcatool_brasil.pdf

14. Reichert APS, Leôncio ABA, Toso BRG, Santos NCCB, Vaz EMC, Collet N. Family and community orientation in children's primary healthcare. Ciênc Saúde Coletiva. 2016;21(1):119-27. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015211.05682014

15. Harzheim E, Pinto LF, Hauser L, Soranz D. Assessment of child and adult users of the degree of orientation of Primary Healthcare in the city of Rio de Janeiro, Brazil. Ciênc Saúde Coletiva. 2016;21(5):1399-408. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015215.26672015

16. Silva SA, Baitelo TC, Fracolli LA. Primary Health Care Evaluation: the view of clients and professionals about the Family Health Strategy. Rev Latino Am Enfermagem. 2015;23(5): 979-87. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0489.2639

17. Oliveira VC, Veríssimo MLOR. A prática da longitudinalidade no atendimento à saúde da criança: comparação entre modelos assistenciais distintos. Cogitare Enferm [Internet]. 2015 (1):45-52.

18. Mesquita Filho M, Luz BSR, Araújo CS. A Atenção Primária à Saúde e seus atributos: a situação das crianças menores de dois anos segundo suas cuidadoras. Ciênc Saúde Coletiva. 2014;19(7):2033-46. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014197.17322013

19. Silva SA, Fracolli LA. Evaluating child care in the Family Health Strategy. Rev Bras Enferm. 2016;69(1):54-61. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690107i

20. Souza GT, Alves BA, Tacla MTGM, Collet N, Toso BRGO. Avaliação do princípio da coordenação na atenção primária à saúde da criança em Londrina-PR. Semina Cienc Biol Saúde. 2015;36(1):39-46. DOI: http://dx.doi.org/10.5433/1679-0367.2015v36n1p39

21. Oliveira VBCA, Veríssimo MLOR. Children's health care assistance according to their families: a comparison between models of Primary Care. Rev Esc Enferm USP. 2015;49(1):30-6. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420150000100004

22. Wolkers PCB, Macedo JCB, Rodrigues CM, Furtado MCC, Mello DF. Primary care for children with type 1 diabetes mellitus: caregiver perspectives. Acta Paul Enferm. 2017;30(5):451-7. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700066

23. Daschevi JM, Tacla MTGM, Alves BA, Toso BRGO, Collet N. Avaliação dos princípios da orientação familiar e comunitária da atenção primária à saúde da criança. Semina Cienc Biol Saúde. 2015;36(1):31-8. DOI: http://dx.doi.org/10.5433/1679-0367.2015v36n1p31

24. Araujo JP, Viera CS, Toso BRGO, Collet N, Nassar PO. Assessment of attributes for family and community guidance in the child health. Acta Paul Enferm. 2014;27(5):440-6. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400073

ORIENTAÇÕES PARA O ALEITAMENTO MATERNO DE GESTANTES COM COVID-19 ASSINTOMÁTICAS: A RELEVÂNCIA DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Milena Santana Nascimento[1], Beatriz Arcanjo de Carvalho[1]
Cícero David Leandro Costa[1], Gilmária Nascimento Sá[1]
Luana Batista de Oliveira[1],Andréa Kedima Diniz Cavalcante Tenório[1]

Mariane Santana Nascimento[2]

Artigo Original

Centro Universitário do Rio São Francisco – UniRios[1]
Núcleo de Pós-Graduação - HG2/Centro Educacional Dom Alberto[2]

UniRios - Centro Universitário do Rio São Francisco
Email: milena_santana21@hotmail.com

Introdução

O aleitamento materno é de fundamental importância tanto para o crescimento e desenvolvimento do recém-nascido, quanto para a saúde materna. O enfermeiro durante as consultas de pré-natal possui o papel de orientar a gestante quanto a significância da amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida do bebê e nos primeiros anos, como também orientá-la quanto a pega correta, fazendo com que esse vínculo perdure até os dois anos ou mais. Durante a pandemia do covid-19, por conta do alto grau de disseminação do vírus, é de suma importância que o profissional de enfermagem atente-se para o grau de contaminação a que essa gestante esteja exposta, como também para os sintomas da infecção, prestando as orientações necessárias para a promoção e manutenção do aleitamento materno, e para a saúde da mulher e do bebê.

Objetivo

Ressaltar a importância do enfermeiro durante as consultas de pré-natal na orientação do aleitamento materno para a gestante infectada por Covid-19 assintomática.

Métodos e materiais

Trata-se de uma revisão da literatura, de abordagem qualitativa e de natureza descritiva, realizada na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SCIELO e MEDLINE, utilizando os descritores: Aleitamento materno, Infecções por coronavírus, Cuidados de enfermagem e Atenção primária. Foram incluídos no estudo artigos originais disponíveis em português e inglês, publicados no ano de 2018 a 2020 e normas técnicas. A partir da leitura dos trabalhos, foram selecionados 7 artigos para constituírem o estudo.

Resultado e Discussão

O aleitamento materno é uma fonte extremamente rica com todos os nutrientes necessários para o desenvolvimento e estimulação do sistema imunológico de lactentes, e a sua falta pode acarretar em patologias que elevam o risco de morbimortalidade neonatal, em especial ao risco causado pelos alimentos inapropriados para essa fase. A preocupação das gestantes infectadas pelo vírus SARS-CoV-2 quanto a transmissão do vírus através do aleitamento materno aumentou, e consequentemente há a redução do percentual do aleitamento materno. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, ainda não existem estudos que comprovem a transmissão do vírus pelo aleitamento materno, e que os benefícios da amamentação superam os prováveis riscos de transmissão da doença. Todavia, o enfermeiro é de fundamental importância na orientação dessas gestantes durante a consulta de pré-natal, ressaltando a importância da amamentação, bem como a necessidade dos equipamentos de proteção durante esse contato até que se tenha a comprovação de cura da infecção. O profissional de enfermagem deve orientar a mulher para que durante a amamentação a mesma siga as recomendações preconizadas pelo Ministério da Saúde, como o uso de máscara e lavagem das mãos antes e depois da mamada, e que a amamentação seja mantida, desde que a parturiente disponha de saúde e condições necessárias para tal. Também é importante frisar que se a mesma não quiser ofertar a amamentação de forma direta, pode haver a retirada do leite seguindo os critérios de segurança biológica e limpeza correta dos equipamentos utilizados.

Conclusão

O profissional de enfermagem na atenção primária deve possuir os conhecimentos necessários para orientar a parturiente, bem como manter-se atualizado, visto que os estudos relacionados ao Covid-19 estão em andamento. Salienta-se que os inúmeros benefícios do aleitamento devem ser explicados a mulher, buscando sensibilizá-la em relação a amamentação e reduzir as taxas de morbimortalidade neonatal, promovendo a saúde da criança, como também a saúde materna.

Referências Bibliográficas

Aleitamento materno e a doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Informações científicas. Organização Pan Americana de Saúde. PAHO-IRIS. Brasília, D.F.; OPAS; 23 de jun de 2020. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/phr2-52479. Acesso em 22 de ago de 2020.

BARATIERI, Tatiane; NATAL, Sonia. Ações do programa de puerpério na atenção primária: uma revisão integrativa. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 24, n. 11, p. 4227-4238, Nov. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019001104227&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de out de 2020.

CUNNINGHAM, Emilie; DOYLE, Eva I.; BOWDEN, Rodney G. Maternity Nurses' Perceptions of Implementation of the Ten Steps to Successful Breastfeeding, MCN, The American Journal of Maternal/Child Nursing: January/February 2018 - Volume 43 - Issue 1 - p 38-43. Disponível em: https://journals.lww.com/mcnjournal/Abstract/2018/01000/Maternity_Nurses__Perceptions_of_Implementation_of.7.aspx. Acesso em 22 de ago de 2020.

FEBRASGO - Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. Nótula complementar sobre COVID-19 e Aleitamento Materno – 23 de mar de 2020. Disponível em: https://www.febrasgo.org.br/pt/covid19/item/957-notula-complementar-sobre-covid-19-e-aleitamento-materno?highlight=WyJtYXRlcm5vIiwiY29yb25hdlx1MDBlZHJ-1cyIsImFsZWl0YW1lbnRvIl0=. Acesso em 22 de ago de 2020.

NOTA TÉCNICA Nº 15/2020-COCAM/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS. Ministério da Saúde Secretaria de Atenção Primária à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Coordenação-Geral de Ciclos da Vida Coordenação de Saúde da Criança e Aleitamento Materno – 5 de ago de 2020. Disponível em: file:///C:/Users/PC%20W7/Downloads/20200805_N_NotaTecnicaCovidCocam15_8045946382474299533.pdf. Acesso em 22 de ago de 2020.

PEIXOTO, Lorena Oliveira et al. "O leite materno é importante": o que as nutrizes de Fortaleza pensam sobre a amamentação?. Rev. Bras. Saude Mater. Infantil. Recife, v. 19, n. 1, pág. 157-164, março de 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292019000100157&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 de agosto de 2020.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Aleitamento Materno em tempos de COVID-19 – recomendações na maternidade e após a alta. 22 de maio de 2020. Disponível em: https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/22467f-NA_-_AleitMat_tempos_COVID-19-_na_matern_e_apos_alta.pdf. Acesso em 22 de ago de 2020.

PROFISSIONAIS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA CAPACITADOS EM PRIMEIROS SOCORROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Augusto Costa1, Bárbara Camilla Gonçalves Marques1
Laura Marçal Silva1, Mirelly Dantas Caldeira Aeissami1
Iácara Santos Barbosa Oliveira2
Mateus Goulart Alves3

1 Estudantes do curso de Medicina na Faculdade Atenas. Passos/MG.
2 Docente no curso de Medicina na Faculdade Atenas. Passos/MG
3 Orientador. Docente no curso de Medicina na Faculdade Atenas. Passos/MG. Doutorando no Programa de Promoção da Saúde da Universidade de Franca.

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email:mirellydantas@hotmail.com

Artigo Original

Introdução

O Caderno de Atenção Básica, Acolhimento à demanda espontânea, publicado pelo Ministério da Saúde trás o fluxograma de atendimento aos usuários das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e cita que dentre a assistência diária há os que são classificados como prioritários, demandando atendimento devido alto risco de morte, necessitando de intervenção imediata da equipe, com presença do médico (BRASIL, 2013a).

No Manual Instrutivo da Rede de Urgência e Emergência no Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2013b), cita sobre o processo de trabalho das equipes da Atenção Primária à Saúde (APS):

> "com foco na urgência/emergência, os profissionais devem realizar o acolhimento com escuta qualificada, classificação de risco, avaliação de necessidade de saúde e análise de vulnerabilidades, tendo em vista a responsabilidade da assistência resolutiva à demanda espontânea e ao primeiro atendimento às urgências e emergências".

Apesar da grande relevância, há ainda lacunas no conhecimento da população em geral, incluindo profissionais de saúde, acerca da prática de Primeiros Socorros (PS), o que pode ocasionar inúmeros problemas em situações emergenciais, visto que o indivíduo necessita de atendimento rápido, imediato e qualificado, pois, condutas incorretas, podem agravar ainda mais o caso (HOLANDA, et al., 2018).

Primeiros Socorros (PS) são medidas e cuidados de urgência iniciais, em âmbito pré-hospitalar, dedicados a vítimas em situações de acidentes ou mal súbito até a chegada de equipe especializada (BARBOZA, et al., 2017), e esta assistência inicial deve ser realizada por pessoas capacitadas.

Eventos que ocorrem de forma inesperada, em qualquer lugar e a qualquer momento, e suas consequências estão diretamente relacionados à gravidade e à qualidade e agilidade no cuidado. Diante disso, é essencial saber como agir e prestar os cuidados iniciais antes mesmo da chegada do profissional de atendimento a urgência. Os acidentes podem ser situações como Parada Cardiorrespiratória (PCR), engasgo, queimaduras, convulsões, cortes, desmaio, fraturas, entre outros (MOURA, et al., 2018).

Nas UBS uma alternativa de cuidados para o atendimento qualificado das situações de urgência e emergência é a utilização da sala de observação, pois se trata de ambiente destinado ao atendimento de pacientes em regime ambulatorial, com necessidade de observação, no período de funcionamento da unidade (BRASIL, 2013b).

Indispensável ressaltar que a Política Nacional da Atenção Básica (PNAB) aponta a necessidade dos usuários reconhecerem e as equipes incorporarem que a UBS é a Porta de Entrada Preferencial para os Serviços de Atenção à Saúde, ou seja, a responsabilização fundamental para a efetivação do contato e porta de entrada preferencial da rede de atenção, incluindo o primeiro atendimento às urgências/emergências, além de acolhimento, organização do escopo de ações e do processo de trabalho de acordo com demandas e necessidades da população, através de estratégias diversas (BRASIL, 2017).

Na APS é possível deparar-se com indivíduos susceptíveis a agravos que necessite intervenção imediata, diante disso, ressalta-se a importância da capacitação dos profissionais de maneira baseada em evidências científicas atualizadas. Portanto, justifica-se a realização

do presente projeto, tendo em vista a possibilidade de compartilhamento de conhecimento e interação entre sociedade e universidade, contribuindo positivamente para ambos. Assim, o objetivo foi capacitar os profissionais da Atenção Básica à Saúde do município de Passos sobre atendimento em PS.

Desenvolvimento

Trata-se de um projeto de extensão que buscou capacitar os profissionais da APS atuantes nos serviços de Passos/MG.

As capacitações foram realizadas nas dependências da Faculdade Atenas - Campus Passos, sendo utilizado o auditório para abordagem teórica e o Laboratório de Habilidades para a capacitação prática.

Primeiramente foi realizado vasto levantamento bibliográfico e atualização sobre temáticas que seriam implementadas nas capacitações, sendo elas: RCP, Obstrução de Vias aéreas por Corpo Estranho (OVACE), Crise Convulsiva, Queimadura, Dor Torácica, Acidente Vascular Encefálico (AVE) e Trauma.

Os materiais utilizados na capacitação (teórica e prática) foram validados por professores da área de PS, Urgência e Emergência atuantes em cursos de enfermagem e medicina de escolas de ensino superior de Passos.

A agenda para implementação das capacitações foi planejada juntamente com a equipe Secretaria Municipal de Saúde e Coordenação das UBS na qual foi organizado grupos em datas e horários diversificados e distintos visando alcançar a participação de 100% dos profissionais, garantia de atendimento aos usuários nas UBS e não interferência das atividades acadêmicas na Faculdade Atenas. Participaram 190 profissionais, entre médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e ACS.

Os estudantes envolvidos nas capacitações são do curso de Medicina e receberam treinamento específico sobre as temáticas abordadas com o professor responsável por disciplinas relacionadas à PS nos cursos de enfermagem e medicina.

Na implementação das capacitações foi perceptível que a relação entre os profissionais da APS e os cuidados de PS na cidade de Passos demostrava-se frágil, pois os participantes demostravam saber da existência dos riscos e dos protocolos a serem seguidos, porém ficavam receosos na tomada de atitude em situações de Urgência e Emergência nas UBS. Diante disso, foi apresentado sobre a importância da proatividade nas relações interpessoais dos próprios profissionais e na relação profissional-paciente, destacando a agilidade e a precisão na tomada de decisões e o trabalho em equipe para um atendimento eficaz.

A inserção de profissionais de diferentes unidades no mesmo encontro prático fez com que as relações intersetoriais e interpessoais fossem trabalhadas e aperfeiçoadas, sendo possível o compartilhamento de dúvidas e experiências com outras realidades, apontando as diferentes situações existentes e os diversos contextos em que estão inseridos mesmo estando em uma mesma cidade.

As capacitações foram aplicadas com o amparo de todo o material necessário para a simulação como manequins - adulto e infantil (ResusciAnne® e ResusciBaby®) , colar cervical de variados tamanhos e recursos audiovisuais, disponibilizados pela Faculdade Atenas Passos, visando oferecer as melhores condições para o aprendizado e a fixação dos temas discutidos.

Várias estratégias foram adotadas para fixação dos conteúdos, como exemplo a utilização da musica “Staying Alive - Bee Gees” a fim de demonstrar aos profissionais o ritmo correto das compressões torácicas na RCP. Contribuindo assim, como mais um recurso de aprendizagem, acolhimento e entrosamento entre eles.

Considerações finais

A partir da execução desse projeto de extensão, foi possível capacitar e aprimorar técnicas em PS de 190 profissionais da APS do município de Passos sobre atendimento em PS.

Ainda , causou um impacto significativo na formação dos estudantes envolvidos, através das atividades teóricas cientificas aplicadas e o desenvolvimento de atividades extramuros, contribuindo assim, com a responsabilidade social dos estudantes e universidade.

Ressalta-se a importância de investimentos relativos à capacitação profissional, não restrita a essa temática, e sim , incluindo todos os aspectos possíveis de atuação dentro da área de saúde, com foco em melhorias da assistência à saúde da comunidade.

Espera-se que todos os participantes ao finalizarem as capacitações, possam, ao se deparar

com situações que necessitem intervenções de PS, realizem assistência adequada, até a chegada do suporte de Atendimento Pré-Hospitalar (APH), impactando no risco de sequelas e agravos.

Referências

1. BARBOZA, L.B.C.; et al. Comparação do conhecimento sobre primeiros socorros de alunos do último ano de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara antes e após curso oferecido pelo PAFE. Rev. Ciên Farm Básica Apl., Araraquara, v. 38, 2017.

2. HOLANDA, S.F.; et al. Importância do treinamento do leigo em práticas de primeiros socorros. Mostra Científica de Biomedicina, v.3, n.1, 2018.

3. MOURA, V.C.M.; et al.; Práticas Educativas em primeiros socorros: relato de experiência extensionista. Rev. Ciênc. Ext. v.14, n.2, p. 180-187, 2018.

4. BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Acolhimento à demanda espontânea – Caderno de Atenção Básica nº 28. Ministério da Saúde. 1. ed.; Brasília: 2013a.

5. BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. Manual instrutivo da Rede de Atenção às Urgências e Emergências no Sistema Único de Saúde (SUS). Ministério da Saúde, Brasília: 2013b.

6. BRASIL. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, Brasília: 2017.

PATOLOGIAS CARDIOVASCULARES DE MAIOR MORBIMORTALIDADE E SUAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES ANATÔMICAS

Carlos Tostes Guerreiro[1],Myriã Ribeiro Vieira2, Aguimar Xavier de Carvalho Filho2,Luís Alberto Kirchner Paschoini2, Mirelly Dantas Caldeira Aeissami2, José Auri Vilela Lemos Queiros2,Nubia Taveira Carvalhaes Assad2, Luiza Oliveira de Faria2, Rafaela Gonçalves Moreira2, Otávio Alves Machado2,Bárbara Camilla Gonçalves Marques2.



1 Professor da Faculdade Atenas, Passos - MG
2 Acadêmico de Medicina da Faculdade Atenas, Passos - MG

Faculdade Atenas - Campus Passos
Email: myriaribeiro75@gmail.com

Artigo Original

Introdução

A organização mundial da saúde (OMS) estimou que em 2012, 52% das causas de morte no mundo sejam por doenças não transmissíveis1. Do total de mortes por doenças não transmissíveis, estima-se que 37% dessas, foram em decorrência de doenças cardiovasculares, sendo os dois maiores representantes desse grupo em porcentagem de mortes o infarto agudo do miocárdio (IAM) e o acidente vascular encefálico (AVE)1. Quando se fala de IAM, refere-se à necrose em decorrência de isquemia prolongada em cardiomiócitos4. No AVE tem-se uma causa vascular focal levando à início repentino de déficit neurológico com demonstração de infarto cerebral ou sintomatologia maior de 24 horas (sem o infarto demonstrado ou sintomatologia maior que 24 horas, define-se como ataque isquêmico transitório).Hipertensão arterial sistêmica (HAS) é uma doença crônica não transmissível1,8, e aumenta as chances e gravidade de complicações e patologias cardíacas, cerebrais, renais e arteriais periféricas[1,9]. Os fatores de risco de ambas as doenças são semelhantes, e a existência de uma dessas patologias pode corroborar para o desenvolvimento de outra, dentre esses fatores podemos citar: idade avançada, sedentarismo, tabagismo, hipercolesterolemia, estresse, etilismo, diabetes, sobrepeso, obesidade e alto consumo de sal[1,8,9]. O objetivo do artigo é o conhecimento das doenças cardiovasculares de maior mortalidade e suas principais alterações anatômicas de relevância clínica.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de revisão bibliográfica, do tipo narrativo. Foi então realizado um levantamento de literaturas existentes sobre as patologias cardiovasculares de maior mortalidade tais comoHAS, IAM e AVE e suas implicâncias anatomopatológicas nas bases de dadosPubmed, BVSalud ScieloScholar Google e LILACS. Foi utilizado strings de busca como “hipertentionandmorfology”,“infarto agudo do miocárdio e/ou myocardialinfarction”, “infarto agudo do miocárdio com supra desnivelamento do seguimento ST e infra desnivelamento do seguimento ST”, “doenças cardiovasculares aspectos anatômicos e mortalidade”, “acidente vascular cerebralanatomopatológico” e “acidente cerebrovascular”.Os critérios de inclusão foram artigos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola, publicado há menos de 10 anos eque abordassem de maneira clara e objetiva os aspectos anatômicos relacionados as patologias. Os critérios de exclusão foram artigos publicados há mais de 10 anos e que não tivessem disponíveis na íntegra.Foram selecionados 41 resumos e excluídos 25 que não obedeciam aos critérios definidos.

Discussão

A regulação da pressão arterial (PA) é constante e dinâmica. A curto prazo dá-se principalmente devido ao barorreflexo, ou reflexo barorreceptor[10,13]. Já na regulação da PA a longo prazo, observa-se de grande relevância a ação endócrina combinada, especialmente o sistema renina-angiotensina-aldosterona[13].HAS é uma patologia multifatorial, envolvendo tanto os hábitos de vida quanto a genética, caracterizada por aumento dos níveis pressóricos ≥ 140 e/ou 90 mmHg[15]. Os principais fatores de risco abrangem idade, sexo e etnia, excesso de peso e obesidade, ingesta de sal, ingestão de álcool, sedentarismo, fatores socioeconômicos e genética[15]. Pode também se associar a distúrbios

metabólicos, alterações funcionais ou estruturais de órgãos-alvo, sendo agravada pela presença de outros fatores de risco, como dislipidemia, obesidade abdominal, intolerância à glicose e diabetes melito[15].O IAMé uma doença arterial crônica (DAC) resultante da obstrução de uma das artérias coronárias, o que em um momento de agudização provoca isquemia miocárdica e leva à necrose do tecido, levando a perda funcional do órgão. Baseando-se no conhecimento anatômico do órgão e patológico da doença em questão, pode-se classificar o infarto agudo do miocárdio em dois tipos: o infarto transmural e o infarto subendocárdico.Após o infarto agudo do miocárdio, é possível visualizar alterações morfológicas do ventrículo, visto que a obstrução da artéria coronária pode ocasionar dilatação, e posteriormente, hipertrofia. Na fase tardia do IAM, é possível observar uma fibrose no órgão, proveniente do acúmulo de colágeno nas regiões do miocárdio[19].Na maioria dos casos, cerca de 90%, o IAM ocorre em contexto de aterosclerose. Todavia, em 10% dos casos, o infarto ocorre na ausência de doença coronariana típica[19]. As modificações sistêmicas são eventualmente reversíveis e a necrose não é imediata, porque somente a isquemia intensa, por aproximadamente meia hora, leva ao dano irreversível dos cardiomiócitos[19]. Como fatores de risco para o IAM, podemos destacar o diabetes melito, a hipertensão arterial sistêmica, o tabagismo, a obesidade, o estresse e a depressão, ambos aspectos modificáveis e controláveis[1,2,5].O IAM pode ser classificado em IAM sem supradesnivelamento do segmento ST (IAMSST) quando há obstrução parcial do lúmem do vaso ou IAM com supradesnivelamento do segmento ST (IAMCST) quando há obstrução parcial do lúmem do vaso[20].O AVEé caracterizado como uma lesão encefálica em consequência de um fluxo sanguíneo alterado[22]. Essa patologia se divide em duas classes: as hemorrágicas, resultantes da ruptura de vasos do Sistema Nervoso Central (SNC) e as isquêmicas, resultando em prejuízos do suprimento de sangue e oxigênio ao tecido do SNC. É necessário acrescentar que, a embolização é a principal causa de infarto cerebral e ocorre principalmente no território de distribuição da artéria cerebral média, sendo que, a suaorigem se dá devido à presença de outras doenças pré-existentes geralmente no coração esquerdo como: fibrilação atrial, trombose parietal pós-infarto, doença de chagas na fase de cronicidade e endocardite infecciosa[24].O AVCh causado por um aneurisma cerebral é um dos tipos mais graves de AVC hemorrágico.Esse tipo de AVC acontece quando o aneurisma cerebral se rompe, extravasando sangue dentro do cérebro.

Conclusão

Assim, infere-se que a correlação anatômica com as patologias em destaque é de fundamental importância para a prática médica, pois permite não só identificar, mas também avaliar o quadro clínico do paciente frente as doenças em destaque. Ademais, existem fatores de risco em comum para HAS, IAM e AVE, dentre eles tabagismo, sedentarismo, obesidade, hábitos alimentares, além de ser a HAS o principal fator de risco para o IAM e AVE. Nesse sentido, cabe frisar a necessidade de boas práticas de saúde para com os pacientes, agindo na prevenção e promoção de saúde, pois como destacado, tais doenças tem uma alta morbimortalidade, trazendo impactos negativos sociais e financeiros.

Referências

1-World Health Organization. Global status report on noncommunicable diseases 2010. World Health Organization; 2014. p. 30.

2- DANTAS, Rosana Aparecida Spadoti; AGUILAR, Olga Maimoni. Perfil de pacientes com infarto agudo do miocárdio na perspectiva do modelo de “campo de saúde”. Rev. bras. enferm., Brasília , v. 51, n. 4, p. 571-588, Dec. 1998 . Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671998000400004&lng=en&nrm=iso>.

3- MENDONCA, Larissa Bento de Araújo; LIMA, Francisca Elisângela Teixeira; OLIVEIRA, SheridaKaranini Paz de. Acidente vascular encefálico como complicação da hipertensão arterial: quais são os fatores intervenientes?. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 16, n. 2, p. 340-346, June 2012 . Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000200019&lng=en&nrm=iso>. accesson 20 June 2020.

4-BRASILEIRO FILHO, G. Bogliolo - Patologia. 9. ed. Capitulo 9 Rio de Janeiro: Gen, Guanabara Koogan, 2016.

5-Santos, Juliano dos et al. Mortalidade por infarto agudo do miocárdio no Brasil e suas regiões geográficas: análise do efeito da idade-período-coorte. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2018, v. 23, n. 5 [Acessado 12 Julho 2020] , pp. 1621-1634. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018235.16092016>. ISSN 1678-4561.

6-HARRISON - Medicina Interna, Mc Graw Hill, 20ª ed, vol2,capitulo 419;Porto Alegre:AMGH Editora,2020.

7- Castro JAB, Epstein MG, Sabino GB, Nogueira GLO, Blankenburg C, Staszko KF et al. Estudo dos principais fatores de risco para acidente vascular encefálico.RevBrasClin Med. [periódico na Internet]. 2009 [acesso 12 julho 2020]; 7(3):171-3. Disponível em: http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2009/v7n3/a171-173.pdf

8- Silva, Elcimary Cristina et al. Prevalência de hipertensão arterial sistêmica e fatores associados em homens e mulheres residentes em municípios da Amazônia Legal. Revista Brasileira de Epidemiologia [online]. 2016, v. 19, n. 01 [Acessado 14 Julho 2020], pp. 38-51. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201600010004>. ISSN 1980-5497. https://doi.org/10.1590/1980-5497201600010004.

9- HARRISON - Medicina Interna, Mc Graw Hill, 20ª ed, vol2,capitulo 271;Porto Alegre:AMGH Editora,2020

10-CAMPAGNOLE-SANTOS MJ, HAIBARA AS. Reflexos cardiovascu-

lares e hipertensão arterial; RevBrasHipertens 8: 30-40, 2001. Belo Horizonte/MG.

11- DE CASTRO UG, DE SOUSA GG, MACHADO RDO P, et al. Nitric oxide atthe CVLM isinvolved in theattenuationofthereflexbradycardia in renovascular hypertensiverats. Nitric Oxide. 2012;26(2):118-125. doi:10.1016/j.niox.2012.01.002

12- DRAGER LF, KRIEGER E M. Mecanismos de controle da pressão arterial no sono.Revbrashipertens; 16: 169-173, 2009. São Paulo/SP.

13-MARTELLI A. Sistema Renina Angiotensina Aldosterona e Homeostase Cardiovascular. UNOPAR CientCiêncBiol Saúde. 2010;12:51-5.

14-DAMPNEY RAL, COLEMAN MJ, FONTES MAP, HIROOKA Y, HORIUCHI J, POLSON JW et al. Central Mechanisms Underlying Short--Term And Long-Term Regulation Of The Cardiovascular System.ProceedingsoftheAustralianPhysiologicalandPharmacologicalSociety. 2001;32
15-VII Diretrizes brasileiras de hipertensão. Sociedade Brasileira de Cardiologia. ArqBrasCardiol. 2016. Volume 107, Nº 3, Supl. 3.

16- SANJULIANI, AntonioFelipe.Fisiopatologia da hipertensão arterial: conceitos teóricos úteis para a prática clínica. Revista da SOCERJ. Vol. XV Nº 4; 2002. Disponível em http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2002_04/a2002_v15_n04_art02.pdf. Acesso em maio de 2020.

17 - Nicolau JC, Timerman A, Marin-Neto JA, Piegas LS, Barbosa CJDG, Franci A – Sociedade Brasileira de Cardiologia. Diretrizes sobre Angina Instável e Infarto Agudo do Miocárdio sem Supradesnível do Segmento ST.ArqBrasCardiol 2014; 102(3Supl. 1): 1-61

18 - NETTER, F. H. Atlas de anatomia humana. 7ª.edição. Elsevier. São Paulo, 2018.

19 - Siervuli et al.Infarto do Miocárdio: Alterações Morfológicas e Breve Abordagem da Influência do Exercício Físico. Artigo de Revisão. RevBrasCardiol. 2014; 27(5): 349-355. Disponível em http://www.onlineijcs.org/english/sumario/27/pdf/v27n5a09.pdf, acesso em 15/05/2020.

20 - PIEGAS, LS et al .V Diretriz da Sociedade Brasileira de Cardiologia sobre Tratamento do Infarto Agudo do Miocárdio com Supradesnível do Segmento ST. Arq. Bras. Cardiol., São Paulo , v. 105, n. 2, supl. 1, p. 1-121, ago. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2015003000001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jul. 2020. https://doi.org/10.5935/abc.20150107.

21 - WARNICA, James Wayne. Infarto agudo do miocárdio (IAM). Manual MSD, Calgary, Set. de 2016. Tratamento. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-pt/profissional/doen%C3%A7as-cardiovasculares/doen%C3%A7a-coronariana/infarto-agudo-do-mioc%C3%A1rdio-iam>. Acesso em: 20 de jun. de 2020

22- KUMAR, V.; ABBAS, A.; FAUSTO, N. Robbins e Cotran – Patologia –Bases Patológicas das Doenças. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010; pág. 1.291.

23- BOTELHO, Thyago de Sousa. Epidemiologia do acidente vascular cerebral no Brasil. Revista temas em saúde,página 363,volume 16, número 2, João Pessoa, 2016.

24- MOORE, Keith L. Anatomia orientada para a clínica / Keith L. Moore, Arthur F. Dalley, Anne M.R. Agur; tradução Claudia Lucia Caetano de Araujo. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Koogan, 2014, pág. 1063.

25- BOGLIOLO, L. e COL. Patologia Geral Básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

26- TORRIANI, Camila. Aprendizagem motora pós-acidente vascular encefálico: efeitos da gravidade e do lado da lesão. São Paulo/SP, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39132/tde-16082010-153057/publico/TESE_Camila.pdf. Acesso em 20 de maio de 2020.

27-MACHADO, Ângelo. Neuroanatomia Funcional. 2ª ed. Atheneu, 1993
28- BRANDÃO, Rodrigo Antônio Neto. Hemorragia Intracraniana. 2015. Disponível em:http://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/6230/hemorragia_intracraniana.htm. Acesso em 15 de maio de 2020.

29- BRANDÃO, Rodrigo Antônio Neto. Aterosclerose e estenose da carótida. 2016. Disponívelem:http://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/6583/aterosclerose_e_estenose_de_carotida.htm. Acesso em 15 de maio de 2020.

REVOLUÇÃO NO TRATAMENTO DE QUEIMADURAS

Michael Silva Miranda1, Otavio Augusto Arantes Passos1
Otavio de Paula Vespucio1, Amanda Aparecida Borges2
Kellen Cristina Lemos3, Mateus Goulart Alves4

1 Estudante de Medicina. Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
2 Docente. Faculdade Atenas e Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
3 Docente. Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
4 Docente. Orientador. Faculdade Atenas e Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG. Doutorando em Promoção de Saúde na Universidade de Franca.

Artigo Original

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - unidade Passos / MG
Email: otavio.vespucio@hotmail.com

Introdução

Novos estudos e tecnologias inovadoras surgem no tratamento de queimaduras, a partir de novos materiais biológicos como alternativas de baixo custo e evidentes benefício. A pele da tilápia-do-Nilo surgiu-se como um plausível subproduto e fonte de biomaterial para enxertia, com fácil aplicabilidade clínica, mediante as suas características físicas (resistência à tração), histomorfológicas e da tipificação da composição do colágeno. A tilápia Nilo é pertencente à família dos ciclídeos (Oreochromis niloticus) é de origem da bacia do rio Nilo, no lado Leste da África, de fácil encontro amplamente disseminado nas regiões subtropicais e tropicais (LIMA JÚNIOR et al., 2017; FRANCO et al., 2013).

O uso da pele da tilápia-do-Nilo, surge se então como um novo e possível subproduto promissor de fonte biomaterial para realização de enxertos, com uma boa aplicabilidade clínica, devido a suas características físicas relacionadas diretamente a tração e resistência, juntamente com sua grande semelhança histomorfologica a da pele humana e também a sua tipificação da composição de colágeno (LIMA JÚNIOR et al., 2017; FRANCO et al., 2013).

A presente revisão integrativa, por conseguinte, tem como escopo buscar na literatura o resultado do uso da pele de tilápia-do-Nilo no tratamento das lesões de queimadura.

Marerial e Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com análise de publicações à cerca do tema: uso da pele de tilápia no tratamento de queimaduras.

As informações foram selecionadas em julho de 2020 com buscas na National Library of Medicine (Pubmed), Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS), Google Scholar e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), buscando responder à pergunta norteadora do estudo, em concordância com a estratégia PICO: “Quais os resultados do uso da pele da tilápia-do-Nilo no tratamentos através de enxerto em vítimas de queimadura?”

Utilizado o operador booleano “AND” em combinações com as seguintes palavras-chaves: pele, tilápia, queimaduras e suas respectivas traduções para o inglês. Na base BVS, foi usado a seguinte combinação: “tilápia AND queimaduras”, obtendo-se oito artigos, selecionado quatro. Posteriormente, foi consultada a base Medline, seguindo as palavras-chaves “tilápia AND skin AND burns”, encontrando três e selecionado um. Na base Pubmed foi feita a pesquisa dos termos “tilapia AND Burn” obtendo 17, selecionado um. Após isso, no Google Scholar foi utilizada a combinação “pele AND tilapia AND queimaduras AND terapeutica”, encontrando 136 resultados, selecionado um. Por fim, ainda no Google Scholar, foi feita a pesquisa usando-se os termos “tilapia AND burns AND xenograft”, obtendo 129 resultados, selecionado um. Nessa seleção foram, então, encontrados 290 artigos, dos quais 282 foram excluídos e, por conseguinte, oito foram incluídos nessa revisão.

As publicações selecionadas, mediante os critérios previamente estabelecidos, foram analisadas cuidadosamente de forma a planejar a organização, apresentação visual e desenvolvimento do resultado deste estudo.

Resultados

A amostragem final deste estudo é composta de oito artigos. Na tabela 1, abaixo, con-

tém informações acerca dos artigos selecionados: título e síntese/resenha resultados.

Título	Resultados
Tratamento de queimaduras de segundo grau profundo em abdômen, coxas e genitália: uso da pele de tilápia como um xenoenxerto.	No presente estudo, o uso da pele de tilápia se mostrou eficaz como xenoenxerto, apresentando ausência de efeitos colaterais, redução da troca de curativos e poucas semanas para cicatrização completa.
Marine Collagen Peptides from the Skin of Nile Tilapia (Oreochromis niloticus): Characterization and Wound Healing Evaluation	No artigo, avaliações *in vitro* e experimentos com coelhos, mostraram que os peptídeos de colágeno feitos a partir da pele de tilápia são eficazes no tratamento de queimaduras.
Comprehensive Assessment of Nile Tilapia Skin (Oreochromis niloticus) Collagen Hydrogels for Wound Dressings	Neste artigo foi analisado a eficácia de hidrogéis de colágeno feitos com pele de tilápia. Assim, experimentos realizados em queimaduras em ratos mostraram significativa melhora na evolução do tratamento, usando como comparativo um tratamento tradicional.
Pele da tilápia do Nilo (*Oreochromis niloticus*) como curativo biológico no tratamento de queimaduras: relato de caso	Esse relato de caso retrata como foi a evolução de um tratamento de queimaduras com o uso de pele de tilápia e revela como esse método pode ser útil nas reduções da dor, tempo de recuperação e gastos.
Elaboração, desenvolvimento e instalação do primeiro banco de pele animal no Brasil para o tratamento de queimaduras e feridas	Nesse trabalho, foi ilustrada a origem dos bancos de pele de tilápia no Brasil, tendo como princípio a insuficiência de pele humana disponível para uso no país.
Xenoenxerto (pele da Tilápia-do-Nilo) e hidrofibra com prata no tratamento das queimaduras de II grau em adultos	Na abordagem desse estudo, foi esclarecido como o tratamento com pele de tilápia é eficaz em comparação ao método tradicional. Com ênfase, nas reduções da dor, troca de curativos e tempo de recuperação.
Innovative treatment using tilapia skin as a xenograft for partial thickness burns after a gunpowder explosion	O relato de caso apresenta a potencialidade do uso da pele de tilápia como um eficaz xenoenxerto, com ausência de efeitos colaterais, sem a necessidade de trocas e a recuperação completa em 17 dias.
Uso da pele de tilápia (*Oreochromis niloticus*), como curativo biológico oclusivo, no tratamento de queimaduras	O artigo indica a pele de tilápia como um possível curativo biológico, apresentando efeitos positivos no processo de cicatrização, adaptabilidade ao formato da ferida e a normalidade dos parâmetros bioquímicos e hematológicos analisados.

Tabela 2: Quadro síntese dos artigos incluídos no estudo.

Discussão

Surgindo como um possível novo subproduto, a pele da tilápia-do-Nilo, demonstra aplicabilidade de um novo biomaterial utilizável para a bioengenharia. A pele desse peixe é de alta qualidade, além da mesma ser um produto nobre, mediante a sua característica de possuir uma resistência peculiar, na qual diversos estudos histológicos apresentam que a pele da tilápia contém uma epiderme revestida por um epitélio pavimentoso estratificado, com seguimento de extensas camadas de colágeno (ALVES, 2015). O curativo utilizando a pele de tilápia resulta em proteção do ferimento e diminui a troca de curativos, pois não é necessária à sua remoção, permanecendo na ferida até a sua completa cicatrização. A redução da dor no manejo dos pacientes queimados é um resultado desejado por todos os profissionais envolvidos (COSTA, 2017).

Ademais, Miranda e Brandt (2019) através de um estudo analítico, intervencional, realizaram um comparativo no tratamento de lesões provocadas por queimadura, a pesquisa consistia em dois grupos de 15 indivíduos acometidos por queimaduras em cada grupo, onde um grupo faria o uso do curativo biológico oclusivo com pele da Tilápia-do-Nilo e o outro grupo faria o uso do tratamento convencional com hidrofibra com prata, Aquacel AG, tendo como resultado final da pesquisa , a confirmação que a pele da Tilápia- o-Nilo se mostrou-se eficaz como um curativo biológico oclusivo, surgindo com uma nova alternativa no tratamento das lesões, mostrando ser mais promissor que o uso do Aquacel AG (tratamento convencional em pacientes com lesões de queimadura).

Conclusão

É evidente que a pele de tilápia-do-Nilo, tem eficácia no tratamento de lesões decorrentes de queimaduras, oportunizando benefícios significativos ao paciente e ao sistema de saúde, uma vez que não necessita que faça trocas, auxiliando no processo regenerativo ,devido suas propriedades de regeneração celular, impedindo também sua contaminação externa da lesão, uma vez que há aderência no sitio anatômico lesionado, e por conseguinte ajuda na diminuição do custo no tratamento de queimados.

Referências

ALVES, A. P. N. N. et al. Avaliação microscópica, estudo histoquímico e análise de propriedades tensiométricas da pele de tilápia do Nilo. Revista Brasileira de Queimaduras, Fortaleza, Ceará, vol. 14, n. 3, p. 203-210. 2015.

COSTA, B. A. et al. Avaliação da redução do uso de analgésicos por pacientes ambulatoriais de um centro de queimados de referência em Fortaleza com a aplicação da pele de tilápia como curativo biológico oclusivo no tratamento de queimaduras de segundo grau superficial. Encontros Universitários da UFC, Ceará, vol. 2, n. 1. Novembro. 2017.

FRANCO, M. L. R. S. et al. Comparação das peles de tilápia do Nilo, pacu e tambaqui: Histologia, composição e resistência. Archivos de Zootecnia, Córdoba, v. 62, n. 237, p. 21-32, mar. 2013. Disponível em: <http:://DX.DOI.ORG/10.4321/S0004-05922013000100003> Acesso em: 9 de agosto de 2020.

GE, B. et al. Comprehensive Assessment of Nile Tilapia Skin (Oreochromis niloticus) Collagen Hydrogels for Wound Dressings. Mar. Drugs, vol. 18, n. 1, p. 178. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32218368/>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

HU, Z. et al. Marine collagen peptides from the skin of Nile Tilapia (Oreochromis niloticus): Characterization and wound healing evaluation. Mar. Drugs, vol. 15, n. 4, p. 102. 2017. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-3397/15/4/102/htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

LEONTSINIS C. M. P. et al. Elaboração de um protocolo para implementação e funcionamento do primeiro banco de pele animal do Brasil: Relato de experiência. Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, vol. 34, n. 3, p. 349-354. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047152>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

LIMA JÚNIOR, E. M. et al. Innovative treatment using tilapia skin as a xenograft for partial thickness burns after a gunpowder explosion. Journal of Surgical Case Reports, vol. 2019, n. 6, p. 1-4, jun. 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/jscr/article/2019/6/rjz181/5518403 >. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

LIMA JÚNIOR, E. M. et al. Tratamento de queimaduras de segundo grau profundo em abdômen, coxas e genitália: uso da pele de tilápia como um xenoenxerto. Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, vol. 35, n. 2, p. 243-248. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/

pt/biblio-1103839>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

LIMA JÚNIOR, E. M. Uso da pele de tilápia (Oreochromis niloticus), como curativo biológico oclusivo, no tratamento de queimaduras. Revista Brasileira de Queimaduras, vol. 16, n. 1, p. 10-17. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/biblio-915036>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

MIRANDA, M. J. B.; BRANDT, C. T. Xenoenxerto (pele da Tilápia-do-Nilo) e hidrofibra com prata no tratamento das queimaduras de II grau em adultos. Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, vol. 34, n. 1, p. 79-85. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-994550>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

TORRISI, A. C., et al. Pele da tilápia do Nilo (Oreochromis niloticus) como curativo biológico no tratamento de queimaduras. Anais da Faculdade de Medicina de Olinda, vol. 1, n.2, p. 65-68. 2018. Disponível em: <https://afmo.emnuvens.com.br/afmo/article/view/37>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR: SERVIÇO QUE SALVA VIDAS

Marcelo Zanin Mello Duarte1, Pedro Henrique Silveira1
Thales Antonio Yonezawa Soares1, Amanda Aparecida Borges2
Kellen Cristina Lemos3, Mateus Goulart Alves4

1 Discente. Curso de Medicina. Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
2 Docente. Faculdade Atenas e Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
3 Docente. Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG
4 Docente. Orientador. Faculdade Atenas e Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG. Doutorando em Promoção de Saúde na Universidade de Franca.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - unidade Passos / MG
Email: silveira.pedrohs@gmail.com

Artigo Original

Introdução

Em 1792, Dominique Larrey, cirurgião militar, começou a estreitar as relações entre o trauma e a necessidade de um atendimento pré-hospitalar eficiente. Responsável por prestar cuidados iniciais aos lesionados nas guerras napoleônicas, Larrey expôs os benefícios associados a um atendimento precoce (FONTANELLA et al.; 1992).

O Atendimento Pré-Hospitalar (APH) é, então, definido por procedimentos de socorro iniciais que ocorrem fora do hospital e pode ser fixo, realizado pelas unidades de pronto atendimento, ou móvel, realizado pelas ambulâncias. Destaca-se aqui o APH Móvel, que tem por intuito chegar o mais rápido possível até a vítima de um agravo clínico, cirúrgico ou traumático capaz de causar sofrimento, sequelas e morte de maneira a atendê-la e/ou transportá-la a um serviço de saúde (BRASIL, 2018).

O APH tem um papel fundamental em relação ao trauma. Isso porque, os cuidados pré-hospitalares em quadros traumáticos são um ponto determinante entre a vida e a morte; entre uma sequela temporária, grave ou permanente ou entre uma vida produtiva e uma com bem-estar impactado. Ao prestar um atendimento adequado à vítima, o socorrista pode aumentar a quantidade de anos vividos do traumatizado e, assim, influenciar e beneficiar significativamente a sociedade (NAEMT, 2012).

Dr. Cowley, fundador de um dos primeiros centros de trauma dos Estados Unidos da América, estabeleceu a chamada “golden hour” ou “hora de ouro”, que se refere ao índice de sobrevivência significativamente maior percebido por Cowley em traumatizados que receberam tratamento precoce dos traumas em relação aos que não receberam. Um dos motivos para essa maior sobrevida é a manutenção da oxigenação e da perfusão, além da remoção para um centro especializado, fatores oferecidos pelas equipes de APH (NAEMT, 2012 apud COWLEY, 1975).

É evidente, portanto, que os eventos traumáticos e o APH possuem relação fundamental - o próprio surgimento do APH está associado a ocorrências de trauma. O APH permite que os eventos traumáticos sejam amenizados na medida em que possibilita aos traumatizados maiores chances de sobrevivência. Logo, a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho e seu objetivo é destacar a importância do APH para a vítima de trauma e contribuir para um entendimento de que o APH precisa estar em constante evolução e aprimoramento de seus métodos e protocolos, caso assim indiquem novas evidências e estatísticas, de modo a salvar cada vez mais vidas.

Método

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura orientada a responder a seguinte pergunta: “Qual a importância do APH para a sobrevida de vítimas de traumas? ”

Logo, a fim de responder tal questão, foram buscados entre os dias 11 de agosto de 2020 e 19 de agosto de 2020 produções com variados níveis de evidência indexadas à Biblioteca Virtual Em Saúde (BVS), National Library of Medicine (Pubmed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Nas buscas foram utilizadas combinações das seguintes palavras-chave em português e suas respectivas traduções para a língua inglesa: “Atendimento pré-hospitalar (Serviços Médicos de Emergência) ”; “Trauma” e “Sobrevi-

da", associados, quando necessário, com o operador booleano "AND".

Os critérios de inclusão, por sua vez, foram: materiais publicados entre 2013 e 2020; com resumos disponíveis na íntegra. Tais critérios, quando não atendidos por algum texto, foram tomados como critérios de exclusão.

As buscas resultaram em 738 estudos, dos quais, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 20. A seguir, esses 20 artigos foram cuidadosamente lidos na íntegra e 5 foram escolhidos para análise e discussão.

Resultados

A amostragem final desta revisão contém, portanto, 5 artigos selecionados pelos critérios supracitados de inclusão e exclusão e pela leitura dos textos na íntegra. 1 foi selecionado na base de dados BVS, 2 na Pubmed e 2 na SciELO.

Uma análise crítica dos artigos selecionados, com base em suas abordagens metodológicas, possibilita categorizá-los como de nível 3 "evidências de estudos quase-experimentais", 4 "evidências de estudos descritivos (não-experimentais) ou com abordagem qualitativa" e 6 "evidências baseadas em opiniões de especialistas" (CARVALHO, SILVA, SOUZA, 2010).

Discussão

Hussman e Lendemans (2014) analisaram as mudanças drásticas pelas quais o manejo pré-hospitalar dos pacientes gravemente feridos passou nos últimos 20 anos. De acordo com os autores, enquanto na década de 90 propunha-se uma terapia abrangente e completa no local do acidente, hoje o fator tempo tem ganhado bastante destaque, assim, a premissa atual é estabilizar o paciente e levá-lo rapidamente ao hospital. Os autores também analisaram avanços relacionados ao manejo das vias aéreas e do controle do volume e coagulação sanguínea, além de constatarem avanços no tratamento precoce de traumas abdominais e pélvicos. Conclui-se que esses aprimoramentos elevaram a qualidade do atendimento pré-hospitalar o que, consequentemente, beneficia os pacientes traumáticos.

Cunha et al. (2019) coletaram dados sobre o atendimento aos pacientes em urgência desde o atendimento pré-hospitalar (APH) até ao serviço hospitalar de emergência em Florianópolis (SC). Os autores destacaram que, no contexto do SUS, o setor de urgência e emergência carece de uma atenção especial, haja vista a crescente demanda por atendimentos decorrentes do aumento do número de ocorrências, o que gera muitas vezes superlotação e sobrecarga de trabalho nesse setor. Essa é uma problemática alarmante, pois, fatores que prejudiquem o pleno funcionamento do APH diminuem as chances de sobrevida das vítimas.

Gomes et al. (2019) realizaram estudo descritivo e misto com uma amostragem composta por sete profissionais de enfermagem. O objetivo de seu estudo foi "conhecer a percepção dos profissionais de enfermagem quanto aos aspectos essenciais para a prestação de um cuidado seguro ao paciente politraumatizado no serviço de emergência". Ao longo do texto, os autores reforçaram que a "hora de ouro" ("golden hour"), isto é, a primeira hora após o evento traumático, oferece a maior possibilidade de intervenções nas condições de risco de morte do paciente traumatizado. Sendo assim, as lesões secundárias e a morbidade em pacientes traumatizados podem ser reduzidas com ações rápidas e precoces.

Murad, Larsen e Husum (2013) realizaram no Iraque uma "análise coorte", isto é, buscaram analisar determinados aspectos relacionados a um período de tempo e a certos indivíduos com experiências comuns de vida. Dessa forma, os autores analisaram, de 1977 a 2006, 2788 pacientes com traumas severos, originados de explosões de minas terrestres, guerras e acidentes de trânsito, e atendidos por um sistema de trauma pré-hospitalar dotado de poucos recursos e comandado por paramédicos não graduados. Os resultados do estudo apontam que, apesar da falta de recursos do sistema pré-hospitalar e da falta de especialização dos paramédicos, as medidas de suporte básico de vida, administradas ao longo do trajeto até o hospital, reduzem a mortalidade em quadros de trauma grave.

Lockey (2017), por fim, aponta que o cuidado pré-hospitalar do trauma é uma área de pesquisa pouco desenvolvida, pois muitas vezes existem barreiras para a realização de pesquisas, como a heterogeneidade dos pacientes traumatizados, a inconsistência no APH e a carência de dados. Tal situação é preocupante, pois diversos protocolos avançados, típicos do ambiente hospitalar, estão sendo incorporados no atendimento pré-hospitalar, o que pode con-

tribuir significativamente para um aumento na taxa de sobrevida. Entretanto, a carência de pesquisas na área pode fazer com que tal aumento não seja percebido.

Considerações Finais

No presente estudo foi possível, por meio de análises da literatura científica baseada em evidências, constatar que o APH é significativamente importante para a sobrevida de vítimas de traumas.

Evidencia-se que quando o APH é realizado por equipes especializadas, faz-se necessário que tais equipes estejam integradas quanto a protocolos, modelos de transporte, dentre outros fatores. Por outro lado, apesar do APH ser pensado na maioria das vezes como aquele realizado por equipes especializadas, como o SAMU no Brasil, é benéfico que pessoas leigas sejam instruídas sobre suporte básico de vida.

Logo, para além da percepção de que é fundamental a relação entre APH e trauma, nota-se que a manutenção dessa associação demanda que o APH esteja em constante aprimoramento de modo a possibilitar às vítimas os melhores protocolos, manejos e tratamentos iniciais possíveis.

Referências

CUNHA, V.P. et al. Atendimento a pacientes em situação de urgência: do serviço pré-hospitalar móvel ao serviço hospitalar de emergência. Enfermería Actual de Costa Rica, San José, n. 37, p. 1-15, dez. 2019.

FONTANELLA, J. M. et al. Les matériels et les techniques de réanimation pré-hospitalière, les unités mobiles hospitalières des SAMU. Paris: SFEM, 1993.

GOMES, A.T.L. et al. Segurança do paciente em situação de emergência: percepções da equipe de enfermagem. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 72, n. 3, p. 753-759, jun. 2019.

LOCKEY D.J. Research questions in pre-hospital trauma care. PLoS Med, v. 14, n. 7, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Portaria nº 288, de 12 de março de 2018. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 mar. 2018. Seção 1, p. 83.

MURAD M. K, LARSEN S, HUSUM H. Prehospital trauma care reduces mortality. Ten-year results from a time-cohort and trauma audit study in Iraq. Scand J Trauma Resusc Emerg Med, v. 20, n. 13, 2012.

NAEMT, Naemt. Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado - PHTLS. 7.ed. Elsevier, 2012. 618 p.

SOUZA, M.T; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

AVALIAÇÃO BACTERIOLÓGICA DE SUPERFÍCIES INANIMADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA EM SAÚDE DA CIDADE DE PASSOS-MG

Pedro Pereira Orsalino1, Caio Cesar da Silva Teixeira2, Mateus Goulart Alves3, Marco Túlio Menezes Carvalho4.

1.Graduado em Biomedicina pela Universidade do Estado de Minas Gerais.
2.Graduado em Biomedicina pela Universidade do Estado de Minas Gerais.
3. Doutorando no Programa de Promoção de Saúde na Universidade de Franca. Docente no curso de Medicina e Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais | Unidade Passos. Docente no curso de Medicina da Faculdade Atenas, Campus Passos.
4.Doutor em Ciências da Saúde com Ênfase em Química Biológica pela Universidade de Franca – UNIFRAN. Docente no curso de Medicina da Faculdade Atenas, Campus Passos. Docente no curso de Medicina e Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais | Unidade Passos.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Email: p_orsalino@hotmail.com

Artigo Original

Microrganismos surgiram à cerca de 3 bilhões de anos, sendo considerado os primeiros habitantes do planeta. Esses seres microscópicos representam a maior biomassa da Terra, em consequência, são encontrados em todos os lugares. Devido a isso, o contato dos seres humanos com os microrganismos é constante, sendo em sua maioria benéfica e, ocasionalmente, prejudicial à saúde (MADIGAN, et al., 2016). Devido ao grande fluxo de pessoas em locais de assistência em saúde, o surgimento de casos de infecções relacionadas à assistência em saúde (IRAS) é considerado sério problema de saúde pública (QUERIDO, et al., 2019). Segundo a OMS (2017) um a cada dez pacientes atendidos em algum local de assistência à saúde, desenvolve um tipo de infecção durante o tratamento, elevando os riscos de morbidade, mortalidade e custos. Muitos pesquisadores reconhecem que não é possível eliminar as infecções, entretanto, afirmam ser possível prevenir que elas ocorram, por meio de ações que investiguem as suas causas (OLIVEIRA, et al., 2016). Este projeto trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa e quantitativa, com o objetivo de realizar uma análise bacteriológica de superfícies inanimadas de uma associação de assistência em saúde na cidade de Passos - MG. Foram coletadas amostras “sem aviso prévio” e posteriormente “com aviso prévio”, com o intuito de verificar as condições higiênico-sanitária frente a uma sanitização. As amostras foram coletadas em diferentes superfícies de diversos ambientes de um centro de assistência em saúde, tais como, consultório odontológico, sala de fisioterapia, enfermaria, setor de atividade de vida diária e cozinha industrial. A realização do projeto foi aprovada pelos responsáveis do setor administrativo da associação, onde foi assinado e acordado entre ambas as partes em não expor o nome da instituição participante. O isolamento, identificação e testes de susceptibilidade foram realizados no Laboratório Escola da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG. A coleta foi realizada através de swab estéril, as amostras foram transportadas em meio de transporte Stuart e repicadas em ágar sangue. Das 19 amostras coletadas, 17 obtiveram crescimento microbiano, sendo 9 referentes à coleta “sem aviso prévio” e 8 referentes à coleta “com aviso prévio”, elas foram, então, submetidas a testes bacteriológicos para isolamento e identificação dos microrganismos. Por fim, foram realizados testes de susceptibilidade das bactérias frente a antibióticos. Houveram 39 colônias positivas referente a coleta “sem aviso prévio” e elas foram identificados, pela técnica de Gram como sendo 20 cocos Gram positivos, 14 bacilos Gram positivos, 5 bacilos Gram negativos. Enquanto que na coleta “com aviso prévio”, dentre as 18 colônias positivas selecionadas haviam 8 cocos Gram positivos, 7 bacilos Gram positivos, 2 bacilos Gram negativos e 1 vibrião. Prosseguiu-se para a prova de catalase, das 20 colônias cocos Gram positivo da coleta “sem aviso prévio” e das 8 colônias cocos Gram positivo da coleta “com aviso prévio” todas se apresentaram como catalase positiva, indicando bactérias do gênero Staphylococcus spp. Após este resultado, foi realizada a prova de coagulase para identificação de colônias Staphylococcus aureus, sendo identificadas duas cepas coagulase positiva. As outras 26 colônias resultaram em coagulase negativa e foram classificadas como Staphylococcus

coagulase negativa. As 21 colônias de bacilo Gram positivo foram classificadas apenas por coloração de Gram, sendo nomeadas como Bacillus spp. As 7 bactérias classificadas como Gram negativas, foram submetidas ao meio de cultura Pessoa e Silva e identificadas como: Enterobacter spp., Pseudomonas spp., Proteus spp., Acinetobacter spp. Com relação à coleta "sem aviso prévio", no setor de atividade de vida diária, nas superfícies do cortador de unha e do palito de remoção de esmalte foram identificadas 6 cepas de Staphylococcus spp., sendo duas delas Staphylococcus aureus. Também foi identificada uma cepa de bactéria do gênero Enterobacter e outra do gênero Pseudomonas. Duas cepas de microrganismos do gênero Bacillus foram encontradas no palito de remoção de esmalte. Enquanto que, com relação à coleta "com aviso prévio", foram identificadas 2 cepas de Staphylococcus spp. No setor de fisioterapia foi identificada uma menor variedade de espécies bacterianos, quando comparado ao setor de atividade de vida diária. Foram identificados Staphylococcus spp. e bactérias do gênero Bacillus referentes à coleta "sem aviso prévio". Enquanto que para a coleta "com aviso prévio" foi possível identificar uma cepa bacteriana do gênero Vibrio. No setor de odontologia, com relação às amostras da coleta "sem aviso prévio" e "com aviso prévio", apenas foram identificadas espécies previamente encontradas em outros setores, sendo estes o Staphylococcus spp. e o Bacillus spp. Na enfermagem, durante a coleta "sem aviso prévio", foram identificadas espécies bacterianas semelhantes às dos outros setores, incluindo Staphylococcus spp., Pseudomonas spp., Enterobacter spp. e Bacillus spp. Porém, para a coleta "com aviso prévio", foi identificado também Proteus spp. Na cozinha se destaca a presença de bactérias do gênero Acinetobacter spp. identificadas na superfície do bebedouro durante a coleta "sem aviso prévio", além da presença de bactérias Staphylococcus spp. e Bacillus spp. nas superfícies desse setor. Para a coleta "com aviso prévio" neste setor, foi identificada Staphylococcus spp. e Pseudomonas spp. Em cada superfície foi realizada assepsia de uma determinada forma, de modo a mimetizar a assepsia realizada rotineiramente. Para a realização dos testes de susceptibilidade à antimicrobianos foram selecionadas 24 colônias. As cepas foram escolhidas com base na sua identificação e interesse clínico. Todas as cepas de Staphylococcus spp. e as cepas de Staphylococcus aureus testadas apresentaram resistência a oxacilina. As duas cepas de Staphylococcus aureus testadas também apresentaram resistência ou resistência intermediária a todos os antimicrobianos testados. O Vibrião apresentou resistência a oxacilina e a penicilina. Cepas de Pseudomonas spp. e Acinetobacter spp. apresentaram resistência a ampicilina e diversas cepas de Staphylococcus spp. apresentaram resistência a penicilina, eritromicina e/ou oxacilina. Frente aos resultados obtidos, é possível perceber que não foram realizados métodos eficazes de assepsia, uma vez que, nenhum setor deixou de apresentar crescimento bacteriano após assepsia, com exceção do espelho odontológico que passou por esterilização. Estas informações demonstram a importância da correta higienização e assepsia de utensílios e equipamentos, como uma das principais formas de evitar as IRAS.

Referências Bibliográficas

MADIGAN, M. T; MARTINKO, J. M; BENDER, K. S; BUCKLEY, D. H; STAHL, D. A. Microbiologia de Brock. ed. 14°. 2016. cap 1. p 29. 2016.

OLIVEIRA, H. M; SILVA, C. P. R; LACERDA, R. A. Políticas de controle e prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde no Brasil: Análise conceitual. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2016.

QUERIDO, M. M; AGUIAR, L; NEVES, P; PEREIRA, C. C; TEIXEIRA, J. P. Self-Disinfecting Surfaces and Infection Control. Colloids and Surfaces B: Biointerfaces. Vol. 178. p 8-21. 2019. DisponÍvel em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0927776519300839?via%3Dihu>. Acesso em 18 maio 2019.

WHO. THE ROLE OF INFECTION PREVENTION AND CONTROL IN PREVENTING ANTIBIOTIC RESISTANCE IN HEALTH CARE. 2017. Disponível em: <https://www.who.int/campaigns/world-antibiotic-awareness-week/2017/posters/infection-prevention-control.pdf?ua=1>. Acesso em: 24 maio 2019.

USO DE VITAMINA D NO TRATAMENTO DA SARS-COV-2

Maria Vitória Pereira Vicente1, André Henrique de Souza Viana1
Rafael Lucas Piacezzi Romaneli1, Marco Túlio Menezes Carvalho2
Amanda Aparecida Borges3, Camilla Borges Lopes Souza3
Mateus Goulart Alves4

1 Estudante do Curso de Medicina.. Faculdade Atenas. Passos/MG.
2 Docente. Universidade do Estado de Minas Gerais. Passos/MG.
3 Docente no curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG.
4 Orientador. Docente do Curso de Medicina. Faculdade Atenas. Passos/MG. Doutorando no Programa de Promoção de Saúde na UNIFRAN
Uniatenas -PASSOS
Email:rafael.medicy@gmail.com

Artigo Original

Introdução

A Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARS-CoV-2) teve início em em Wuhan, Hubei, província da China, no ano de 2019, se espalhou pelo mundo todo. Vírus com alto índice mutacional gera dificuldade nas trocas gasosas, levando o indivíduo a uma série de complicações. Pesquisas em todo o mundo buscam identificar tratamento adequado. (OPAS, 2020).

Vitamina D ou Calcitriol é uma substância de natureza lipídica que compreende o grupo dos esteróides, sendo sintetizada a partir de precursores presentes nas camadas mais superficiais da pele, na forma de 7-de-hidroxicolesterol, pela alimentação, na forma de Ergocalciferol (Vitamina D2) ou pela suplementação na forma de Colecalciferol (Vitamina D3 ativa/Calcitriol/1α,25 di-hidroxicolecalciferol). As diversas formas moleculares se convergem para o bem comum da homeostase do corpo (BARRAL; BARROS; ARAÚJO, 2007).

A Vitamina D apresenta-se nas defesas do organismo humano atuando na produção de citocinas (pró-inflamatória) e de cadeias de aminoácidos, inibindo a replicação viral do SARS-coV-2 e adminículo na redução de processos inflamatórios (ZHANG; XIE; HASHIMOTO, 2020).

No contexto imunológico a Vitamina D possui uma correlação com o zinco. Estes atuam conjuntamente nas defesas do organismo humano, visto que possuem importância na regulação imunológica de células apresentadoras de linfócitos, antígenos e na via de sinalização com o Zinco (Zn). A vitamina D faz a modulação adaptativa de imunidade e também vai estimular a produção de citocina anti-inflamatórias, que vai promover a resposta sobre o corpo invasor e inibir a replicação do SARS-coV-2 com ajuda na redução de processos inflamatórios (ZHANG; XIE; HASHIMOTO, 2020; GOMBART; PIERRE; MAGGINI, 2020).

Ademais, o Zn possui uma função primordial no organismo imunológico, pois na sua ausência, o indivíduo se torna mais vulnerável a questões imunitárias, visto que não há a proliferação e maturação de células defensoras. Em decorrência, o Zn é cofator de timulina, atuante na diferenciação das Células T, modulador da liberação de citocina e indutor de formação de linfócitos. Sua deficiência acomete diversos danos ao organismo, comprometendo o adequado funcionamento do sistema de defesa, e em alguns quadros, há o agravamento severo que ocasiona mortalidade. (WESSELS et al., 2017; SHANKAR; PRASAD,1998)

Nesse viés, a junção de Zn com vitamina D, destaca a necessidade de estudos nessa vertente, afinal pessoas que possuem deficiência de vitamina D, se tornaram mais suscetíveis ao contágio do vírus, devido a baixa imunidade e pouca exposição solar. Consoante a isso, o Zn atua juntamente com a vitamina D, aumentando a imunidade, tendo em vista seu valor no mecanismo defesa no processo da replicação viral, por ser um agente imunológico. A compensação supletiva desse mineral com pacientes portadores do vírus SARS-coV-2, têm-se mostrado benéfica por visar o aumento da imunidade. (SILBERSTEIN, 2020).

Neste sentido surge o interesse em realizar levantamento bibliográfico sobre o uso de vitamina D no tratamento de SARS-coV-2.

Método

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura buscando descrever sobre o uso de vitamina D no tratamento de SARS-coV-2.

O levantamento dos estudos foi realizado em janeiro de 2019, mediante acesso virtual às bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), por meio da consulta à Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), acessada por meio do portal PubMed; Scientific Electronic Library Online (SciELO) e também em literatura cinzenta.

Os descritores/palavras-chave utilizados foram: Vitamina D, COVID-19, tratamento e SARS-coV-2.

Após as buscas foi realizada leitura minuciosa dos estudos/materiais e selecionado os que estavam de acordo com o objetivo deste estudo.

Resultados e discussões

Glinsky (2020) aponta em seus estudos que a deficiência da vitamina D em pessoas de uma idade mais avançada pode elevar a taxa de mortalidade, e com essa deficiência, pessoas idosas se tornam mais suscetíveis ao contágio do vírus do novo SARS-coV-2. Nesse viés é possível associar como respostas imunológicas para algumas doenças respiratórias o controle por meio de uso correto e na dosagem correta do suplemento vitamínico D. Foi constatado que banho de sol auxilia na ingestão dessa vitamina, já que após as diversas transformações metabólicas, atua na manutenção da homeostasia do organismo, visto que há o estímulo da citocina do tipo Th2 (parte humoral), que promove a inibição de agentes inflamatórios. (GLINSKY, 2020; FERNANDES, 2020).

Essa vitamina exerce, também, papel na regulação dos níveis séricos de cálcio, promovendo um aumento da reabsorção intestinal dos íons, assim como uma mineralização óssea e na reabsorção renal. A forma ativa, calcitriol, é capaz de promover um aumento na absorção de cálcio pelo epitélio intestinal, além de sua reabsorção nos túbulos distais dos rins. (CASTRO, 2011).

A absorção intestinal ativa ocorre no duodeno, enquanto a passiva no jejuno. No processo ativo tem-se o estímulo à formação das proteínas Transient receptor potential cation channel subfamily V member 5,6 (TRPV5 e TRPV6) presentes nos enterócitos (células capazes de provocar a lise e transporte de moléculas para o interior das células do intestino delgado e grosso) capazes de captar o cálcio presente no sangue, da proteína Calbindina, responsável pelo transporte intracelular de Ca^{2+} e por fim dos canais protéicos dependentes de Adenosina Trifosfato (ATP) que externalizam o cálcio intracelular. Já no processo passivo, o trânsito de cálcio é estabelecido por intermédio do gradiente de concentração, atendendo a lei de isotonicidade entre os meios. (CASTRO, L. C. G., 2011).

A proteína TRPV5, apresentada anteriormente, juntamente com a Calbindina-9K atuam na reabsorção a nível renal de cálcio.(CASTRO, 2011).

Quando relacionada às células que compõem o processo de mineralização óssea, a vitamina age como reguladora da expressão e síntese de Fator de Crescimento fibroblástico 23 (FGF-23) nos osteoblastos e osteócitos, que promove o aumento dos níveis de fosfato no sangue (fosfatemia) e na urina (fosfatúria), propiciando um ambiente favorável para o aumento do nível sérico de íons cálcio. (CASTRO, 2011).

Igualmente, a 1,25 di-hidroxicolecalcitriol protagoniza outro processo, agora nos condrócitos, mais especificamente em sua placa de crescimento, que expressam a CYP21B. A ativação do VDR (receptor de vitamina D) possibilita uma sinalização autócrina que visa provocar a diferenciação, angiogênese (formação de novos vasos a partir de outros preexistentes) e a osteoclastogênese (por induzir a expressão do gigante do ativador do receptor NF-Kappa B também chamado RANKL), esta última via refere-se à formação de osteoclastos e de forma direta ao desenvolvimento endocondral, fator determinante do crescimento ósseo. (CASTRO, 2011).

No entanto, o uso indiscriminado da vitamina D, levou há intoxicação pelo aumento de cálcio e fosfato circulante no organismo, fato esse grave a saúde, porque acomete diversos sistemas funcionais e causa diversos desconfortos. Diversas pesquisas mostram que o uso desse suplemento vitamínico seja incerto, pois ainda que não comprovada sua eficácia contra a SARS-coV-2, ela pode causar malefícios e não os benefícios desejados. (MARTINS; OLIVEIRA, 2011)

Sendo assim, esse uso exacerbado, pode corroborar para o aumento do nível sérico de cálcio e fósforo que pode causar retardo no crescimento, anormalidades ósseas e aumento de riscos fraturas ósseas, afetando as funções metabólicas normais (HOLICK, 2007).

Com a finalidade de diminuir quaisquer efeitos adversos, é preciso saber a respeito dos valores nutricionais de vitamina D no organismo quando estão "regulados" promovem a absorção de 30% do cálcio dietético e realizam um grande papel no período de crescimento (60-80%) e quando ocorre carência desta vitamina podem causar um retardo no crescimento e deficiências ósseas futuras. No caso da síndrome gripal aguda causada pela SARS-coV-2 há apontamento da hipovitaminose D com os casos mais graves da SARS-coV-2 de acordo com o estudo "Patterns of covid-19 Mortality and Vitamin D: An Indonesian Study", que apontam os com os níveis séricos abaixo de 17 ng/ml tiveram 100% de mortalidade já pacientes com níveis maiores tiveram sintomas mais leves como síndromes gripais (60 ng/ml) e pacientes com 80 ng/ml nem sequer apresentaram sintomas, porém o estudo ainda está em andamento e foi realizado com um pequeno grupo de pacientes em hospitais europeus e deste modo não pode-se afirmar que níveis elevados de vitamina D são benéficos, pois em excesso ela apresenta disfunção no sistema de cálcio levando a uma hipercalcêmica. (BUENO; CZEPIELEWSKI, 2008; COIMBRA, CÍCERO, 2020).

Considerações finais

Portanto, é notável a incerteza acerca do tratamento declarado. A análise das pesquisas estudadas para a criação deste estudo aponta que a vitamina D em algumas pessoas pode corroborar para o aumento da imunidade e para outras pode ser prejudicial à alguns sistemas funcionais do organismo humano. As incertezas, sobre os efeitos positivos da vitamina D no tratamento da SARS-coV-2 apontam para necessidade do aprofundamento de estudos nessa temática.

Referências

BUENO, AL; CZEPIELEWSKI, MA. A importância do consumo dietético de cálcio e vitamina D no crescimento. J. Pediatr. (Rio J.) vol.84 no.5 Porto Alegre Sept./Oct. 2008.

BARRAL, D.; BARROS, A. C.; ARAÚJO, R. P. C.; Vitamina D: Uma Abordagem Molecular. Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada, vol. 7, núm. 3, setembro-dezembro, 2007, pp. 309-315.

CASTRO, L. C. G.; O sistema endocrinológico vitamina D: revisão. Laboratório de Pesquisas em Pediatria, Departamento de Pediatria, Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF, Brasil. Out. 2011.

COIMBRA, Cícero; "Patterns of covid-19 Mortality and Vitamin D: An Indonesian Study". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2OvjWWhsKgw&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 de ago. de 2020

FERNANDES, C. B. S., et. al. O papel da vitamina d na infecção pelo Coronavírus sars-cov-2: Revisão da literatura. Curitiba: Braz. J. Hea. Rev, jul./aug.. 2020. p. 9092-9106

OPAS. Organização Panamericana da Saúde. Folha Informativa - COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#historico>. Acesso: 12 de ago. de 2020.

GLINSKY, G. V. Tripartite Combination of Candidate Pandemic Mitigation Agents: Vitamin D, Quercetin, and Estradiol Manifest Properties of Medicinal Agents for Targeted Mitigation of the COVID-19 Pandemic Defined by Genomics-Guided Tracing of SARS-CoV-2 Targets in Human Cells. Biomedicines, v. 8, n. 5, p. 129, 2020.

GOMBART, A. F.; PIERRE, A.; MAGGINI, S. A Review of Micronutrients and the Immune SystemWorking in Harmony to Reduce the Risk of Infection. Nutrients, v. 12, 2020.

Grant WB, et al. Evidence that Vitamin D Supplementation Could Reduce Risk of Influenza and COVID-19 Infections and Deaths. Nutrients, v.12, 2020.

HOLICK MF. Vitamin D deficiency. N Engl J Med. v. 357, p. 266-81, 2007

MARTINS, MC. C.;OLIVEIRA, ASSS.; Zinco, vitamina D e o sistema imune: papel na infecção pelo novo coronavírus: Revista da FAESF, v. 4. Número especial Covid 19. 2020.

SHANKAR, A. H.; PRASAD, A. S. Zinc and immune function: the biological basis of altered resistance to infection. Am J Clin Nutr, v. 68, p. 447-63, 1998.

SILBERSTEIN, M. Vitamin D: A simpler alternative to tocilizumab for trial in COVID-19? Med Hypotheses, 2020.

WESSELS, I.; MAYWALD, H.; PISTA, L. Zinc as a Gatekeeper of Immune Function. Nutrients, v. 9, n. 12, 2017.

ZHANG, J.; XIE, B.; HASHIMOTO, K. Current status of potential therapeutic candidates for the COVID-19 crisis. Brain, Behavior, and Immunity, v. 87, 2020.

ACIDENTE ESCORPIÔNICO E SUA RESPECTIVA MORTALIDADE NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Rafaela Borges Nogueira1, Rafaela Zacheo Zanon1, Ana Carolina Frazão2, Giovanna Fidélis Rodrigues1, Talitha Araújo Faria1

1.Centro Universitário Atenas – Paracatu.
2. Universidade Federal de Lavras

Uniatenas-Paracatu
Email: rafaborgesnog@gmail.com

Artigo Original

Introdução

O escorpianismo é um problema de saúde pública devido à alta incidência, gravidade e letalidade, acomentendo uma ampla região do país nos meses mais quentes e chuvosos[1]. Geralmente, possui um curso benigno em adultos e sistêmico em crianças e idosos[2]. No Brasil, diversas espécies podem causar acidentes, sendo a espécie Tityus serrulatus responsável pelos casos mais graves e, desta maneira, pela maioria dos óbitos[1]. Portanto, é imprescindível discutir sobre o assunto, visto que a subnotificação dos casos e a carência de estudos nessa área reflete na pouca informação da população[2,3].

Objetivo

Discutir a fisiopatologia do acidente escorpiônico e sua mortalidade.

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, baseado em referências da língua inglesa e portuguesa, publicados entre 2007 e 2020. Utilizou-se descritores em ciência da saúde, padronizados pela BIREME, para a pesquisa nas plataformas PubMed e Scielo.

Discussão

O veneno escorpiônico é formado pela mistura de serotonina, histamina, inibidores de proteases, neurotoxinas, entre outros[4]. Esse inibe a enzima conversora de angiotensina, levando ao acúmulo de bradicina e, consequentemente, aumento de noradrenalina e estimulação do sistema noradrenérgico. Além disso, ele aumenta o fluxo de sódio intracelular e a concentração de cálcio pré e pós-sináptico, que prolonga o potencial de ação e a liberação de acetilcolina, gerando estimulação colinérgica. Com isso, seus sintomas envolvem o sistema nervoso autônomo simpático e parassimpático, sendo alguns deles: dor e parestesia local, náuseas e vômitos, taquicardia, sialorréia intensa e sepse[4,5]. Segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificações, em 2015, registou-se 49.762 casos de escorpianismo no Brasil, sendo 77 óbitos[6]. Portanto, a proximidade do local da picada e órgão vitais, o tempo elevado entre o acidente e a soroterapia, a menor idade da vítima e a presença de hipotensão e insuficiência respiratória são determinantes para pior prognóstico e óbito após o acidente[7].

Conclusão

Diante do exposto, é necessária melhoria nas ações de registro de informações acerca dos acidentes escorpiônicos, visto que esse pode ser utilizado em publicidade informativa governamental, além de contribuir com a diminuição de casos e de óbitos, já que a inoculação do veneno pode causar graves sintomas e rápida evolução. Com isso, seria possível combater óbitos evitáveis, objetivo primário do sistema de saúde[8].

Palavras-chave: Veneno, Escorpião, Mortalidade e Picada.

Referências

1. LISBOA, Nereide Santos; BOERE, Vanner; NEVES, Frederico Monteiro. Escorpionismo no Extremo Sul da Bahia, 2010-2017: perfil dos casos e fatores associados à gravidade. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, p. e2019345, 2020.
2. CARMO, Érica Assunção et al. Factors associated with the severity of scorpio poisoning. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 28, 2019.
3. CARMO, Érica Assunção et al. Internações hospitalares por causas externas envolvendo contato com animais em um hospital geral do interior da Bahia, 2009-2011. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 25, p. 105-114, 2016.
4. BAWASKAR, H. S.; BAWASKAR, P. H. Management of scorpion sting. Heart, v. 82, n. 2, p. 253-254, 1999.
5. GUERRA, Claudia de Moura Nunes. Estudo clínico-epidemiológico do acidente escorpiônico em criançase adolescentes no Estado de Minas Gerais no período de 2001 a 2005. 2007.
6. DE ASSIS, Leticia Rodrigues; VASCONSELOS, Mayrla Emília Dantas; SOARES, Nícia Stellita Da Cruz. Acidentes Escorpiônicos assistidos no Ceatox CG em 2015: Protocolo de Tratamento.
7. SANTOS, Priscila Larcher Carneiro et al. Características dos acidentes escorpiônicos em Juiz de Fora-MG. Revista de APS, v. 13, n. 2, 2010.
8. CIRUFFO, Patrícia Drumond et al. Escorpionismo: quadro clínico e manejo dos pacientes graves. Rev. méd. Minas Gerais, v. 22, n. 8, p. 30-3, 2010.

AVALIAÇÃO DA CORRELAÇÃO ENTRE CAPACIDADE FUNCIONAL E CAPACIDADE COGNITIVA DE PACIENTES COM ESCLEROSE MÚLTIPLA

Renato de Almeida Porto1, Athos André Soares Silveira1, Guilherme Garcia Galdino1, Richard Barbosa Coimbra1, Alice de Oliveira Silveira1, Rafael Castro Lemos Nascimento1, Ana Julia Sousa Borges1, Beatriz Lemos Baptistela1, Carina Tellaroli Spedo2, Amilton Antunes Barreira2, Carlos Tostes Guerreiro3



1 Acadêmico de Medicina da Faculdade Atenas, Passos - MG
2 Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto - SP
3 Professor da Faculdade Atenas, Passos - MG

Uniatenas -PASSOS
Email: almeidarenato0000@gmail.com

Artigo Original

Introdução e Objetivos

A progressão da esclerose múltipla (EM) pode ser caracterizada tanto pelas alterações do desempenho na marcha quanto na cognição. A avaliação da capacidade funcional através de testes de desempenho e velocidade da marcha tem ganhado atenção nas práticas clínicas, pois a marcha é uma das funções mais valorizadas pelos pacientes com EM. Já a diminuição da capacidade cognitiva tem sido um importante contribuinte para os reflexos na atividade profissional e pessoal do paciente com EM. O objetivo desse estudo foi correlacionar a capacidade funcional através de teste de velocidade e desempenho da marcha com os testes cognitivos da versão brasileira do instrumento breve para triagem do comprometimento cognitivo em paciente com EM (BICAMS). W

Métodos

Trinta e nove pacientes com EM (30 mulheres, 76,9%), deambulantes, média de idade de 37,6±9,76 anos, escolaridade de 12,31±3,71 anos e média no escore da Escala Expandida do Estado de Incapacidade (EDSS) de 2,67±1,06 (1,0-4,5) participaram desse estudo. A avaliação do estado de incapacidade foi realizada através da EDSS, do Teste Caminhada Cronometrada de 25 pés (TC25) e do Teste de Caminhada de 6 minutos (TC6). Vinte e um (53,8%) pacientes apresentaram incapacidade discreta (EDSS 1.0-2.5) e 18 (46,2%) incapacidade moderada (EDSS 3.0-4.5). Para a avaliação da capacidade cognitiva, os pacientes foram submetidos às avaliações neuropsicológicas do BICAMS: velocidade de processamento cognitivo oral e escrito (VPC oral e escrita), memória verbal (MV) e memória visual (MVS). A análise estatística foi realizada através do programa estatístico SPSS com nível de significância de p<0,05.

Resultados

A análise dos dados revelou correlação moderada negativa entre EDSS e VPC oral (r=-0,410; p=0,009) e VPC escrita (r=-0,425; p=0,007). O TC6 apresentou correlação moderada positiva com VPC oral (r=0,375; p=0,019), VPC escrita (r=0,377; p=0,018) e MV (r=0,340; p=0,034). A análise de regressão múltipla apresentou que o TC25 e MV foram identificados como as variáveis independentes significativas para o TC6 (r2 ajustado=0,329; p<0,0001) em pacientes com EM.

Conclusão

Os testes de capacidades funcional e cognitiva apresentaram correlação moderada e foram preditores da progressão da EM. Ambos os testes podem ser utilizados para o acompanhamento da evolução do paciente no tratamento de reabilitação e da progressão da EM em nível ambulatorial.

Referências

BOPPANA S, HUANG H, ITO K, DHIB-JALBUT S. Immunologic aspects of multiple sclerosis. Mt Sinai J Med, 78(2):207-20, 2011.

COHEN JA, KRISHNAN AV, GOODMAN AD, POTTS J, WANG P, HAVRDOVA E, POLMAN C, RUDICK RA. The clinical meaning of walking speed as measured by the timed 25-foot walk in patients with multiple sclerosis. JAMA Neurol, 71(11):1386-93, 2014.

COMPSTON, A., COLES, A. Multiple sclerosis. Lancet, v. 359(9313):1221–31, 2002.

FREEMAN J1, WALTERS R, INGRAM W, SLADE A, HOBART J, ZAJICEK J. Evaluating change in mobility in people with multiple sclerosis: relative responsiveness of four clinical measures. Mult Scler, 19(12):1632-9, 2013.

GOLDMAN MD, MARRIE RA, COHEN JA. Evaluation of the six-minute walk in multiple sclerosis subjects and healthy controls. Mult Scler, 14(3):383-90, 2008.

MOTL R. W., GOLDMAN, M. D., BENEDICT, R. H. Walking impairment in patients with multiple sclerosis: exercise training as a treatment option. Neuropsychiatr Dis Treat. 16;6:767-74, 2010.

SIEPMAN TAM, JANSSENS ACJW, KONING I, POLMAN CH, BORINGA JB, HINTZEN RQ. The role of disability and depression in cognitive functioning within 2 years after multiple sclerosis diagnosis. J Neurol, 255(6):910-6, 2008.

O USO DA HIDROXICLOROQUINA NO TRATAMENTO DA INFECÇÃO POR SARS-COV-2

Richard Barbosa Coimbra 1, Rafael Fonseca Silvestre 1, Ana Tábata Costa Prado 1, Brenda Queiroz Gama 1, Amanda Augusto Costa 1, Caique Lohner Oliveira 1, Breno Narciso Oliveira 1, Sabrina Thalita dos Reis 1, 2

1Faculdade Atenas Passos
2 Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Artigo Original

FACULDADE ATENAS
Email: richard.barbosa705@gmail.com

Introdução

A doença por coronavírus 2019 (covid-19), causada pela síndrome respiratória aguda grave coronavírus (SARS-CoV-2), se espalhou para a maioria dos países do mundo dentro de cinco meses após os relatórios iniciais na China. Assim, o SARS-CoV-2 exerceu excessiva pressão sobre os médicos e agências reguladoras de medicamentos em todo o mundo para agilizar o desenvolvimento, aprovação, e implantação de drogas experimentais e reaproveitamento de terapêuticas existentes. Publicações recentes visaram a avaliação do possível benefício do difosfato de cloroquina (CQ) e hidroxicloroquina (HCQ) para o tratamento de pacientes com infecção por SARS-CoV-2. Entretanto, estudos recentes confirmaram que não existem evidências convincentes de ensaios clínicos bem projetados para apoiar o uso de cloroquina ou hidroxicloroquina com boa eficácia e segurança no tratamento da covid-19. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo realizar uma avaliação minuciosa do efeito da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento da infecção por SARS-CoV-2, afim de avaliar progressão e prognóstico da doença associada ao tratamento.

Método

Utilizou-se como ferramenta de procura as bases de dados Medline (PubMed), BVS e Scielo, com os descritores em saúde: “tratamento farmacológico”, “betacoronavírus”, “hidroxicloroquina”, “cloroquina”. Ademais, essa pesquisa foi realizada nos meses de julho e agosto de 2020 com o intuito de responder à seguinte pergunta PICO: “O tratamento com a hidroxicloroquina e cloroquina é efetivo na infecção do SARS-CoV-2?”

Resultados

Foram incluídos 5 artigos para compor os resultados desta revisão, durante o estudo de Geleriset al. existiu a hipótese de que o uso de hidroxicloroquina estaria associado a um menor risco de um ponto final composto de intubação ou morte. Assim, a análise envolvendo uma grande amostra de pacientes consecutivos que foram hospitalizados com Covid-19, o uso de hidroxicloroquina não foi associado a um risco significativamente maior ou menor de intubação ou morte. No artigo de Arshadet al. o objetivo foi avaliar o papel da terapia com hidroxicloroquina isoladamente e em combinação com azitromicina em pacientes hospitalizados positivos para COVID-19. Desse modo, o resultado da regressão de Cox para os dois grupos propensos indica que o tratamento com hidroxicloroquina resultou em uma redução da taxa de risco de mortalidade de 51%. Além disso, as curvas de sobrevivência de Kaplan-Meier resultantes, dentro do cenário de propensão, apresentaram sobrevida significativamente melhor no grupo tratado com hidroxicloroquina.Em estudo de Borba et al. o objetivo foi avaliar a segurança e eficácia de 2 dosagens diferentes de CQ em pacientes com COVID-19 grave. Com isso, A letalidade foi de 39% no grupo de alta dose e 15% no grupo de baixa dosagem. O grupo de alta dosagem apresentou mais casos de QTc no intervalo superior a 500 milissegundos em comparação com o grupo de baixa dosagem. Foi concluído, portanto, que a alta dose de CQ não é recomendada para pacientes graves com COVID-19, devido a letalidade aumentada, especialmente naqueles que estão em tratamento com azitromicina e oseltamivir. O estudo de Magagnoliet al. teve como objetivo avaliar a eficácia da HC para CO-

VID-19 por meio de análise de dados. Desse modo, foram formados 3 grupos, HC, HC+AZ e tratamento padrão. Assim, comparado ao grupo sem HC o risco de morte por qualquer causafoi maior no grupo HC. Ademais, o benefício com o uso da HC no tratamentonão foi comprovado, onde também foi observado maior índice demorte em pacientes que fizeram o uso da HC. No artigo de Tang et al. o objetivo principal consistia em verificar a eficiência da hidroxicloroquina mais o padrão de atendimento em comparação com apenas o padrão de atendimento isolado em pacientes com COVID-19. Sendo que foram utilizados 150 pacientes, dividido em 2 grupos. Assim, uns totais de 109 pacientes obtiveram conversão negativa antes de 28 dias, desses, 56 estavam no tratamento padrão e 53 estavam com o cuidado padrão mais hidroxicloroquina. Os 41 pacientes restantes foram censurados por não atingirem uma conversão negativa do vírus, onde 19 estavam no cuidado padrão e 22 estavam no cuidado padrão mais hidroxicloroquina.

Discussão

Esta revisão integrativa avaliou as evidências do uso da Hidroxicloroquina no tratamento de pacientes com COVID-19. Algumas divergências foram encontradas quanto à eficácia do medicamento no tratamento da infecção por Sars-CoV-2. A comprovação do benefício do uso da Hidroxicloroquina foi apontada em alguns artigos como Maganoli et al.[3], entretanto, sabe-se que o risco de evoluir para um desfecho desfavorável durante a infecção por COVID-19 aumenta em pacientes idosos e com comorbidades associadas, com isso, estudos como Maganoli et al.[3] e Tang et al.[1] adotaram esses critérios como exclusão do paciente, criando assim um viés de seleção, que interfere negativamente nos resultados. Assim, deve-se considerar que tratamentos inseguros podem trazer graves consequências e efeitos indesejados, como observado em um estudo realizado por Maganoli et al. [3], no qual, o benefício do uso da Hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19 não foi evidenciado e, além disso, foi observado um maior índice de mortalidade em pacientes que fizeram o uso do medicamento. Na análise de Geleris et al. [4] e Cavalcanti et al. [6] o mesmo foi demonstrado. É importante destacar que segundo Maganoli et al.[3] a Hidroxicloroquina além de não ser eficaz no tratamento de pacientes com SARS-CoV-2 aumentou arritmias e paradas cardíacas levando à mortalidade elevada nos que fizeram tratamento com o medicamento antimalárico, bem como, Tang et al.[1] apresentou em seus estudos efeitos adversos como evolução para ressecamento da garganta e faringalgia com reinternação, além de diarreias e sede excessiva, um paciente evoluiu para comprometimento visual sendo descontinuado do tratamento. Por fim, um viés indispensável da pesquisa a se destacar é que não há nenhum medicamento ou vacina comprovadamente eficaz e seguro para tratamento ou prevenção da COVID-19.

Conclusão

De acordo com alguns estudos apresentados, o uso da hidroxicloroquina não está associado a menor risco de intubação ou letalidade, isto é, não apresenta relevância clínica e estatística em relação ao atendimento padrão.

Referências

[1] Tang, W.; Cao, Z.; Han, M.; Wang, Z.; Chen, J.; Sun, W.; Wu, Y.; Xiao, W.; Liu, S.; Chen, E.; et al. Hydroxychloroquine in PatientswithMainlyMildtoModerateCoronavirusDisease 2019: Open Label, RandomisedControlledTrial. BMJ, 2020, 369 (April), 1–11. https://doi.org/10.1136/bmj.m1849.

[2] Borba, M. G. S.; Val, F. F. A.; Sampaio, V. S.; Alexandre, M. A. A.; Melo, G. C.; Brito, M.; Mourão, M. P. G.; Brito-Sousa, J. D.; Baía-da-Silva, D.; Guerra, M. V. F.; et al. Effectof High vsLow Doses ofChloroquineDiphosphate as AdjunctiveTherapy for PatientsHospitalizedWithSevereAcuteRespiratorySyndromeCoronavirus 2 (SARS-CoV-2) Infection: A RandomizedClinicalTrial. JAMA Netw. open, 2020, 3 (4), e208857. https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.8857.

[3] Magagnoli, J.; Narendran, S.; Pereira, F.; Cummings, T. H.; Hardin, J. W.; Sutton, S. S.; Ambati, J. OutcomesofHydroxychloroquineUsage in United StatesVeteransHospitalizedwith COVID-19. Clin. Adv., 2020, 1–14. https://doi.org/10.1016/j.medj.2020.06.001.

[4] Geleris, J.; Sun, Y.; Platt, J.; Zucker, J.; Baldwin, M.; Hripcsak, G.; Labella, A.; Manson, D. K.; Kubin, C.; Barr, R. G.; et al. ObservationalStudyofHydroxychloroquine in HospitalizedPatientswith COVID-19. N. Engl. J. Med., 2020, 382 (25), 2411–2418. https://doi.org/10.1056/NEJMoa2012410.

[5] Arshad, S.; Kilgore, P.; Chaudhry, Z. S.; Jacobsen, G.; Wang, D. D.; Huitsing, K.; Brar, I.; Alangaden, G. J.; Ramesh, M. S.; McKinnon, J. E.; et al. TreatmentwithHydroxychloroquine, Azithromycin, andCombination in PatientsHospitalizedwith COVID-19. Int. J. Infect. Dis., 2020, 97, 396–403. https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.06.099.

[6] Cavalcanti, A. B.; Zampieri, F. G.; Rosa, R. G.; Azevedo, L. C. P.; Veiga, V. C.; Avezum, A.; Damiani, L. P.; Marcadenti, A.; Kawano-Dourado, L.; Lisboa, T.; et al. HydroxychloroquinewithorwithoutAzithromycin in Mild-to-Moderate Covid-19. N. Engl. J. Med., 2020. https://doi.org/10.1056/nejmoa2019014.

PREVALÊNCIA DE COINFECÇÃO PELA TUBERCULOSE EM PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS.

Rosane de Andrade Mercês1,Jessyca Marcelle Silva Santos2
Lais Martins Vicente3, Cleide Augusta de Queiroz4
Mateus Goulart Alves5, Marco Túlio Menezes Carvalho6



Graduanda do curso de Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2 Biomédica formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais, 3 Biomédica formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais 4 Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais., 5 Docente do curso de Medicina e Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais e Docente no curso de Medicina da Faculdade Atenas, Campus Passos, 6 Docente no curso de Biomedicina da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Artigo Original

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG
Email: andradrosane7@gmail.com

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) Pessoas que Vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (PVHIV) estão mais propensas a desenvolverem tuberculose (TB) se comparadas à população geral. No ano de 2016 foram notificados mundialmente 476.774 casos de coinfecção TB-HIV (13% do total de casos de TB notificados), dos quais 85% estavam em terapia antirretroviral (TARV). Houve, neste mesmo ano, um aumento das notificações de TB associada ao HIV de 46% do total estimado pela OMS. Esse fato evidencia as lacunas ainda existentes na detecção, tratamento e acompanhamento adequado para evitar que haja a coinfecção pela tuberculose por pessoas que convivem com o HIV/AIDS (World Health Organization, 2018). A tuberculose é uma doença causada pelo Mycobacterium tuberculosis (ou bacilo de Koch). A forma extrapulmonar acomete outros órgãos (que não o pulmão), ocorre mais frequentemente em pessoas com HIV, especialmente aquelas com comprometimento imunológico. No Brasil, a doença é um sério problema de saúde pública, com profundas raízes sociais. A epidemia do HIV e a presença de bacilos resistentes tornam o cenário ainda mais complexo. A cada ano, são notificados aproximadamente 70 mil novos casos e ocorrem cerca de 4,5 mil mortes em decorrência da tuberculose (Ministério da Saúde, 2020). A coinfecção por (TB) e o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) está sendo um conjunto de doença que mais causa morte na população em todo o mundo, devido aos casos de abandono no tratamento e aumento de multirresistência da micobactéria a medicamentos (LIMA et al, 2017). A associação TB-HIV eleva a probabilidade de morte das pessoas acometidas, uma vez que, na situação de coinfecção TB-HIV, ocorre uma modificação mútua da evolução de cada infecção e, consequentemente, das doenças resultantes, o que se revela como complicações do quadro clínico, respostas diferenciadas às terapias medicamentosas e prognósticos incertos ou desfavoráveis (MAGNABOSCO GT et al, 2016). Frente a esses dados, o presente estudo verificou a prevalência de Coinfecção pela Tuberculose em pessoas que vivem com HIV/AIDS através de um levantamento realizado no Centro de Referência Regional em Prevenção e Tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), HIV/AIDS e Hepatites Virais de Passos/MG onde foram analisados um total de 146 prontuários de pacientes cadastrados e diagnosticados com HIV, com o intuito de verificar se existe a presença de resultados de Derivado Proteico Purificado (PPD), Bacilos Álcool-Ácido Resistentes (BAAR) e Radiografia de Tórax. Ou seja, os resultados desses exames são de suma importância para que haja um acompanhamento e um prognóstico adequado aos pacientes segundo recomenda o Manual de Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas para adultos vivendo com HIV/Aids publicado no ano de 2013 pelo Ministério da Saúde. A autorização para a realização da pesquisa escrita foi encaminhada e aceita pela coordenadora do Serviço de Referência Regional de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais. Como a publicação desse manual foi no ano de 2013 foram analisados prontuários de três anos antes da publicação (2011-2013) e três anos depois (2014-2016), a fim de realizar uma comparação da eficácia e do cumprimento desse manual. Em relação aos 78 prontuários revisados antes do manual do Ministério da Saúde, apenas 14 (17,94%) apresentam resultados de PPD, já 64 (82,06%) não apresentou em seus

prontuários esse resultado. Completando esse resultado e analisando os 68 prontuários de pacientes diagnosticados com HIV após a publicação do manual, apenas 10 (14,7%) apresentam PPD em seus documentos, por fim nos 58 prontuários restantes (85,3%) não existe o resultado do PPD. No período avaliado antes da implementação do manual, em um total de 78 prontuários analisados, apenas 10 (12,8%) possuíam Raios-X do tórax, bem como, 68 (87,2%) pacientes não haviam realizado o mesmo. No período após a implementação, em um total de 68 prontuários analisados, apenas 4 (5,9%) pacientes haviam realizado o exame de imagem do tórax, sendo que 64 (94,1%) pacientes não haviam realizado o mesmo. Entre os anos de 2011 a 2013, ou seja, o período analisado antes do manual, dentre os 78 pacientes que vivem com HIV/AIDS analisados, 75 (96,2%) prontuários não realizaram BAAR, todavia apenas 3 (3,8%) pacientes realizaram o exame em questão. Já no período de 2014 a 2016, após implementação do manual, dentre os 68 prontuários analisados, 64 (94,1%) pacientes não realizaram o teste de BAAR, contudo apenas quatro (5,9%) realizaram o exame. Após levantamento e análises dos prontuários dos PVHA, observamos que existe um pequeno número prontuários que apresentam resultados dos exames complementares como solicitado pelo manual de protocolo clínico publicado pelo Ministério da Saúde, assim conclui-se que, o manual não tem sido cumprido de forma eficaz e que melhorias nesse acompanhamento devem ser impostas para melhor auxílio e controle desta coinfecção por TB em PVHA. Diante do exposto e de posse dos resultados, foram feitas apresentações à equipe do Centro de Referência no intuito de sensibilizá-los da importância da realização de tais exames. Esse projeto contribuiu para uma melhor visão do cenário atual dos PVHA cadastrados no serviço com relação à TB e serviu de parâmetro de análise para repensar em um instrumento de trabalho que facilite a assistência destes usuários principalmente no que tange as infecções que estão diretamente ligadas a esses pacientes.

Referências

LIMA, Maraiza de Sousa; NETO, Geraldo da Silva Xavier. Imunopatologia da Coinfecção por Tuberculose e HIV: Uma Epidemia Negligenciada Conhecida como 'Mal de Pott'. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 9. Ano 02, Vol. 06. pp 101-123, Dezembro de 2017. ISSN: 2448-0959

MAGNABOSCO GT, Lopes LM, Andrade RLP, Brunello MEF, Monroe AA, Villa TCS. Controle da Tuberculose em pessoas vivendo com HIV/aids. Rev. Latino-Am.Enfermagem[Internet]. 2016; 24: e2798

MINISTÉRIO DA SAÚDE http://saude.gov.br/saude-de-a-z/tuberculose acessado em acessado em 18 de Agosto de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global Tuberculosis Report. Geneva: WHO; 2018 acessado em 18 de Agosto de 2020.

LESÃO RENAL AGUDA GERADA POR INFECÇÃO COM O NOVO CORONAVÍRUS – UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Samantha Gonçalves Barbosa – Discente da Universidade do Estado de Minas Gerais
Sabrina Thalita dos Reis Faria – Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG
Email: samanthhabarbosa@gmail.com

Artigo Original

Introdução

Iniciado em Wuhan na China, em dezembro de 2019, diversos casos da doença COVID-19 foram relatados. Essa doença é causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2) e sua apresentação acontece através de sintomas de pneumonia com progressão rápida para insuficiência respiratória em diversos casos. Em função da sua rápida transmissão através de gotículas salivares ou nasais e contato com superfícies contaminas, o vírus tornou-se rapidamente uma pandemia mundial. No Brasil, a primeira infecção ocorreu em fevereiro de 2020 e, em 6 meses o vírus registrou 107.232 vítimas fatais em todo seu território e 3.317.096 casos. (BRASIL; PALAYO et al, 2020).

Estudos recentes inclui a possibilidade do comprometimento de outros órgãos, além do pulmão, em indivíduos infectados pelo novo coronavírus, os quais não apresentavam antes algum problema nessa área ou associada. Essa ação em outros órgãos deve-se a presença nesses órgãos de receptores da enzima conversora de angiotensina II, os quais servem como porta de entrada para esse vírus. A problemática principal consiste em que, pacientes com infecção por coronavírus e outra comorbidade associada apresentam um pior. (PALAYO et al, 2020).

Uma das principais suspeitas de complicações geradas pela COVID-19 é a Lesão Renal Aguda (LRA) e está associada a um quadro de pior prognostico e maiores complicações. (RYANG et al, 2020). Com base nisso, o objetivo dessa revisão integrativa é responder à pergunta norteadora: “O coronavírus tem capacidade de provocar lesão renal aguda em pacientes infectados?”.

Metodologia

Foram selecionados artigos da base de dados PUBMED através dos descritores em inglês “Coronavirus infections, associated e acute renal failure” e com o operador booleanos “AND”. A busca foi realizada no período de 13/08/2020 até 19/08/2020. Sem a aplicação dos filtros foram encontrados 96 artigos, após selecionar as opções: texto completo disponível e do ano de 2020 foram encontrados 56 artigos. Após a leitura atenciosa do resumo de todos os artigos foram excluídos artigos de revisão e trabalhos que fugiam do objetivo desse trabalho por abordar um contexto diferente das complicações geradas pelo coronavírus, sendo selecionados 14 artigos. Após a leitura do texto completo foram escolhidos 6, entretanto após a extração dos seus dados na planilha da coleta de dados e recomendações da orientadora foram selecionados 3 artigos.

Resultados

O primeiro trabalho realizado visou pacientes afrodescendentes com carências socioeconômicas, foram selecionados pacientes com COVID-19 excluindo aqueles internados, em dialise e com dados clínicos incompletos, formando uma amostra final de 223 pacientes. Não houve diferença nas taxas de lesão renal aguda relacionada ao sexo (p=0,52) ou raça (p=0,50), entretanto houve uma taxa muito maior em pacientes com idade superior a 60 anos ($p < 0,0001$). Dos pacientes que tiveram a complicação renal 72% tiveram o diagnóstico na admissão enquanto os demais desenvolveram durante o processo de internação. Além disso, a LRA desencadeou problema cardíacos (p=0,002), hipertensão (p = 0,003) e doença renal crônica

basal (p = 0,001). O desenvolvimento da lesão renal aguda desencadeou um desfecho clinico negativo, incluindo o óbito, intubação e necessidade de vasopressores. Em casos que a problemática se desenvolveu durante a internação o desfecho foi pior quando comparado aquele que apresentaram o problema na admissão. A idade (p = 0,042) e história de insuficiência cardíaca (p = 0,032) mostraram-se associados a insuficiência renal aguda e taxa filtração glomerular basal. (PELAYO, 2020).

O segundo artigo realizou um estudo com 66 pacientes, com média de idade de 45,6 anos desses 3 apresentaram lesão renal aguda e todos estavam com caso grave de COVID-19 (p = 0,001) além disso ambos haviam utilizado o medicamento vancomicina. Desses três pacientes apenas um apresentava doença base associada, no caso a hipertensão arterial. Os 66 pacientes foram submetidos a exame de urina frequente, desses 11 apresentaram proteinúria aumentada severamente e desses 10 apresentaram aumento de albuminúria (COVID-19 grave, com p = 0,001). 9 apresentaram proteinúria moderada e nenhum com albuminúria, 10 paciente apresentaram hematúria. Não houve óbitos no período de estudo. (NA et al, 2020).

O terceiro estudo selecionou pacientes admitidos em 13 hospitais de Northwell Health com diagnóstico de COVID-19 formando uma amostra de 5.449 pacientes. Desses pacientes, 1993 desenvolveram Lesão Renal Aguda durante sua hospitalização, a maioria com desenvolvimento antes da admissão hospitalar ou dentro das primeiras 24 horas após a entrada no hospital. Dos 1.190 pacientes que necessitaram de ventilação mecânica 1.068 desenvolveram lesão renal aguda, registrando a maioria dos casos graves e suporte dialítico. Houve um registro de fatores de risco associado ao aumento da idade (p < 0,001), sexo masculino (p = 0,001) e Obesidade/IMC elevado em menor associação (0,05). Houve também uma associação com Diabetes, Hipertensão e Doença Cardiovascular (p < 0,001). Não houve associação significativa com doença respiratória (p = 0,29), nem com HIV (p = 0,33), nem com câncer (p = 0,11), nem com doença hepática crônica (p = 0,95). Houve uma associação com ventilação mecânica (p < 0,001) e com medicação vasoativa (p < 0,001). (HIRSCH, 2020).

Conclusão

É possível concluir que existe uma associação da COVID-19 com o desencadeamento de lesões renais agudas, além disso além das comorbidades induzirem a uma piora no quadro da doença provocada pelo coronavírus, induz a uma maior incidência de doenças renais, tais como diabetes, hipertensão arterial, problemas cardiovasculares. Houve uma maior incidência da lesão renal em pacientes entubados. Existem outros fatores, como a idade avançada, ao sexo masculino e a obesidade/IMC elevado, que também indicaram uma maior incidência dessa complicação. Além da lesão renal aguda foram evidenciadas outras problemáticas como a proteinúria e a hematúria. Os estudos apresentam limitações que induzem a uma necessidade de maior investigação, principalmente no que tange ao reconhecimento da fisiopatologia de ação da doença para indução desse quadro.

Referências

BRASIL. Boletim Epidemiológico Especial. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília. Acesso em: 20/08/2020. Disponível em: < https://saude.gov.br/images/pdf/2020/August/19/Boletim-epidemiologico-COVID-27.pdf >.

HIRSCH JS, NG JH, ROSS DW, et al. Acute kidney injury in patients hospitalized with COVID-19. Kidney Int. 2020;98(1):209-218. doi:10.1016/j.kint.2020.05.006. Acesso em: 17/08/2020. Disponível em: < https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32416116/ >.

PELAYO J, LO KB, BHARGAV R, et al. Clinical Characteristics and Outcomes of Community- and Hospital-Acquired Acute Kidney Injury with COVID-19 in a US Inner City Hospital System. Cardiorenal Med. 2020;10(4):223-231. doi:10.1159/000509182. Acesso em: 17/08/2020. Disponível em: < https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32554965/ >.

NA KR, KIM HR, HAM Y, et al. Acute Kidney Injury and Kidney Damage in COVID-19 Patients. J Korean Med Sci. 2020;35(28):e257. Published. 2020. doi:10.3346/jkms.2020.35.e257. Acesso em: 17/08/2020. Disponível em: < https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32686373/ >.

COMPARAÇÃO DA INCIDÊNCIA DOS TIPOS DE CÂNCER NO MUNICÍPIO DE PASSOS AO ESTADO DE MINAS GERAIS E BRASIL.

Anna Laura Gomes Goulart- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos
Victória Santos Ribeiro- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos
Sabrina Thalita Reis Faria- docente na Faculdade Atenas- Campus Passos



Artigo Original

Faculdade Atenas- Campus Passos
Email: victoriasribeiro@hotmail.com

Introdução

Câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm comum o crescimento desordenado de células, que invadem tecidos e órgãos. Dividindo-se rapidamente, estas células tendem a ser muito agressivas e incontroláveis, determinando a formação de tumores, que podem espalhar-se para outras regiões do corpo. Nesse artigo é falado sobre os tipos de cânceres mais comum no Brasil, Minas Gerais e Passos, comparando esses valores e analisando possíveis discrepâncias.

Método

Foram avaliados, primeiramente, os números e estatísticas de casos de cânceres na cidade de Passos e no estado de Minas Gerais. Sem nenhuma restrição/critérios de exclusão, todos os casos foram alocados em uma tabela para a comparação com as neoplasias mais comuns no Brasil. Além disso foram coletados dados dos pacientes como idade e gênero para tentarmos estabelecer correlações com as possíveis diferenças encontradas. Os dados coletados são provenientes do ano de 2017 utilizando para coleta de dados a ferramenta TABNET MG (tabulador de informações de saúde do Portal da Vigilância em Saúde do Estado de Minas Gerais).

Resultados

Quando comparado os resultados entre as distribuições das neoplasias no Brasil, em Minas Gerais e em Passos entre o sexo feminino e masculino, foi observado uma pequena discrepância no sexo feminino para a incidência de neoplasias do colo de útero.

Para o sexo masculino, essa discrepância foi notada para a neoplasias de cólon e reto, vale ressaltar que para ambos houve uma incidência maior na cidade de Passos quando comparado ao estado de Minas Gerais e ao Brasil. Enquanto, em todo o Brasil possui 13,47%, Minas Gerais 17,24%, Passos possui 21,40% (tendo um aumento de 8% em relação ao Brasil) dos casos de neoplasias do colo de útero. E neoplasias de cólon e reto, o Brasil possui 13,95% de seus casos, Minas Gerais 15,36% e Passos 20% (tendo um aumento de 6% em relação ao Brasil). Todas as outras neoplasias tiveram uma incidência extremamente similar demonstrando que a cidade de Passos acompanha o estado e o país.

Discussão

Um aumento de 8% no câncer de colo uterino foi encontrado em Passos em comparação ao Brasil, talvez devido ao fato de o sexo sem proteção com múltiplos parceiros ter aumentado, histórico de DST e falta de informação e prevenção. Pode-se observar nos resultados que o percentual de câncer de colo uterino no município de Passos foi ligeiramente superior ao do Brasil e Minas Gerais e que esse número ocorre em percentual maior na faixa etária das mulheres entre 30-39 anos. O câncer do colo do útero está associado à infecção persistente por subtipos oncogênicos do vírus HPV, responsável por cerca de 70% dos cânceres do colo do útero. HPV é o acrônimo para papilomavírus humano, HPV é um vírus capaz de infectar a pele ou as mucosas. Existem mais de 150 tipos diferentes de HPV, dos quais cerca de 40 podem infectar o trato ano-genital. Normalmente, o vírus é transmitido através do contato direto com a pele ou mucosa infectada. A principal maneira é pela via sexual.

A detecção precoce do câncer oferece uma chance maior de tratamento. O exame preventivo do câncer do colo do útero (exame de Papanicolau) é a principal estratégia para detectar lesões precursoras e fazer um diagnóstico precoce da doença. Assim, pode-se postular que esse pequeno aumento encontrado na incidência de casos em Passos pode ser devido à conscientização da importância do exame preventivo por parte das mulheres. E até propor como estratégia uma maior disseminação dessa importância para as mulheres da cidade.

O câncer de intestino inclui tumores que começam na parte do intestino grosso chamada cólon e no reto (extremidade do intestino, logo antes do ânus) e ânus. Também é conhecido como câncer de cólon e retal ou colorretal. É tratável e, na maioria dos casos, curável, quando detectado precocemente, quando ainda não se espalhou para outros órgãos. A maioria desses tumores parte de pólipos, lesões benignas que podem crescer na parede interna do intestino grosso.

O câncer colorretal é multifatorial e os principais fatores já estabelecidos são: Dieta rica em gorduras e pobre em fibras; falta de exercícios físicos; tabagismo e consumo de álcool e idade, quanto maior a idade, maior o risco. A idade é um fator de risco importante; o câncer colorretal é mais comum após os 50 anos; no entanto, a doença pode ocorrer em pessoas mais jovens. O diagnóstico e o tratamento precoces são importantes, principalmente após os 50 anos de idade e se houver histórico de câncer colorretal na família; A história familiar de câncer intestinal é um importante fator de risco e, quanto mais pessoas na mesma família são diagnosticadas com câncer colorretal, maior o risco de desenvolver a doença.

Considerações finais

Diante dos resultados e analisando o perfil populacional da cidade Passos, salienta-se que o aumento discreto do câncer colorretal deve-se ao fato de grande parte da população ser idosa, também ao consumo acentuado de álcool já evidenciado na cidade. Entretanto esta associação é mais complexa uma vez que como mencionado anteriormente esta neoplasia representa múltiplos fatores e vários deles podem estar associados a este pequeno aumento na incidência que observa-se nesta cidade comparado ao estado e ao país. Sendo assim pode-se concluir que a incidência dos diversos tipos de neoplasias analisados na cidade de Passos acompanha o que acontece em Minas Gerais e no Brasil. Entretanto as pequenas diferenças encontradas para o câncer de colo do útero e podem ser inferidas ao ambiente, evidências que o ambiente interfere diretamente na incidência do câncer se deve ao fato de existir diferenças na distribuição das neoplasias dependendo da região e dos costumes apresentados pela população local, a alimentação por exemplo varia de região para região e isso pode influenciar em determinados fatores de risco.

Referências

http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/informacoes-de-saude/informacoes-de-saude-tabnet-mg/

https://www.hcancerbarretos.com.br/cancer-colorretal/88-paciente/tipos-de-cancer/cancer-colorretal/141-prevencao-e-fatores-de-risco-para-cancer-colorretal

https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-utero

INFLUÊNCIA DAS PSICOPATOLOGIAS NO CÂNCER



Vinicius Santos Cardoso- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos
Laura Marçal Silva- discente na Faculdade Atenas- Campus Passos
José de Paula Silva- coordenador do setor de iniciação científica e docente na Faculdade Atenas- Campus Passos
Sabrina Talita Reis Faria- docente na Faculdade Atenas- Campus Passos

Faculdade Atenas- Campus Passos
Email: victoriasribeiro@hotmail.com

Artigo Original

Introdução

O diagnóstico de um câncer transforma o modo de viver e pensar do paciente, que se vê frente a uma enfermidade que põe em risco sua vida, bem como no recurso terapêutico ocorre a perca de sua identidade, mutilações e começa a perceber a morte como algo muito mais próximo. Além disso, tem sua autoestima prejudicada pelo sofrimento dos que o rodeiam, como família e amigos[1]. Fato que muitas vezes ocasiona transtornos psiquiátricos e pode intercorrer no seu prognóstico.

Metodologia

Com base nisso, foi feita uma revisão integrativa baseando-se em uma pergunta norteadora: “Como psicopatologias, como a depressão, pode influenciar no prognóstico do paciente com neoplasia”. Por conseguinte, para a elaboração do trabalho foram selecionados artigos nas bases de dados BVS, Scielo e PubMed, com os descritores: “prognóstico”, “depressão”, “câncer”, “sobrevida” e “ansiedade”. Tendo como critério de exclusão ser publicado antes do ano de 2009, artigos que não estavam disponíveis na íntegra, ser artigo de revisão, e não responder à pergunta norteadora.

Resultado

Um estudo transversal que foi desenvolvido nas unidades de Quimioterapia e Radioterapia do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, o qual objetivou avaliar a prevalência de sintomas de psicopatologias e sua relação com a qualidade de vida de pacientes com câncer, foi observado depressão e ansiedade em 31,8% e 21,5% dos pacientes, respectivamente, além de mostrar a correspondência entre as escalas EORTC-QLQ-C30 e HADS, que apresentam correlação negativa moderada entre qualidade de vida geral e ansiedade ($r = -0,477$; $p < 0,001$) e qualidade de vida geral e depressão ($r = -0,504$; $p < 0,001$), mostrando que quanto maior o escore de ansiedade e depressão, menor a qualidade de vida geral dos pacientes. Outros achados significantes foram que quanto maior os escores de ansiedade e depressão, pior é a intensidade da fadiga ($r = 0,488$; $p < 0,001$) e quanto maior o escore de depressão, pior os índices de função física, função funcional e emocional dos participantes ($r = -0,523$; $p < 0,001$)[2].

Um estudo feito através de uma análise retrospectiva de indivíduos que participaram de um estudo randomizado de citalopram controlado por placebo para a prevenção da depressão durante o tratamento de câncer de cabeça e pescoço. E projetou avaliar a associação entre depressão e a sobrevivência ou recorrência em pacientes com neoplasias de cabeça e pescoço. E mostrou, que de que 50% indivíduos no grupo deprimido tiverem recorrência ou óbito câncer específico, em comparação com os 20% do grupo controle que nunca desenvolveram depressão ($p = 0,03$). O estágio da doença foi equivalente nos 2 grupos[3]. Assim propondo que a depressão em pacientes oncológicos de neoplasias de cabeça e pescoço afeta negativamente o prognóstico e a sobrevida.

Além de influenciar negativamente na mortalidade e prognóstico em neoplasias as psicopatologias podem também influenciar em sua incidência, como relatado nos estudos prospectivos de coorte o qual visou estabelecer a ocorrência de câncer de ovário em pacientes com transtornos depressivos. A maior incidência encontrada de câncer foi em mulheres que a depressão era

persistente (2 a 4 anos antes do diagnóstico) (HR = 1,30, IC 95% 1,05-1,60)[4].

Discussão

Os sintomas dessas psicopatologias, diminuem consideravelmente o bem-estar do paciente oncológico, e pode culminar em um prognóstico desfavorável como observado nestes trabalhos. Ademais, é importante levar em consideração o trabalho que tem como resultados indicadores de que a depressão pode estar associada a um risco modestamente aumentado de incidência de câncer de ovário[3]. O que pode servir futuramente como uma expansão para o campo da medicina em um futuro tratamento de transtornos depressivos e visando também a profilaxia para neoplasias.

Um ponto importante é que tratamento de transtornos psiquiátricos em pacientes com neoplasias pode ser feito por meio farmacológico, que nos últimos anos vem sendo ampliado, com maior disponibilidade de psicofármacos, que, além de aliviar sintomas psicológicos, melhoram a náusea, o vômito, a dor e a fadiga que frequentemente acompanham o câncer[5]. E estudos realizados ultilizando uma população com câncer, foi observado que Parece haver boa adesão aos medicamentos antidepressivos no público estudado [6]. Ou até mesmo intervenções pisicossociais, como o trabalho em que foi pautada na construção de habilidades para o autogerenciamento favoreceu a qualidade de vida e reduziu a ansiedade e a depressão em pacientes oncológicos[7].

Conclusão

Sendo assim pode-se analisar papel da depressão e de outras psicopatologias como um agravante para um resultado desfavorável no prognóstico do paciente com câncer. Além disso trabalhos apontam a provável influência a depressão como fator desencadeante na incidência de neoplasias, porém necessitam de estudos e pesquisas mais aprofundadas no assunto. Desse modo, torna-se de modo notório o rastreamento, diagnostico e tratamento mais adequado para esses transtornos psicológicos em pacientes com câncer, e também a equipe multiprofissional deve estar informada dessas manifestações para minimizar os sintomas.

Referências

1-DIAS, Jucielma de Jessus; SILVA, Ana Paula da Conceição; FREIRE, Roseane Lino da Silva; ANDRADE, Aglaé da Silva Araújo. A experiência de crianças com câncer no processo de hospitalização e no brincar. REME, [S. l.], p. 614-619, 26 ago. 2013

2-SALVETTI, M. G.; MACHADO, C. S. P.; DONATO, S. C. T.; SILVA, A. M. Prevalence of symptoms and quality of life of cancer patients. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. vol.73, n. no.2, p., 27 fev. 2020.

3- LAZURE, Kathryn e; LYDIATT, William M; DENMAN, David; BURKE, William J. Association Between Depression and Survival or Disease Recurrence in Patients With Head and Neck Cancer Enrolled in a Depression Prevention Trial. HEAD NICK – jornual of the sciences and specialites of the head and nick, [S. l.], v. vol.31, n. no.7, p. 888-892, 23 mar. 2009.

4- HUANG, Tianyi et al. Depression and risk of epithelial ovarian cancer: Results from two large prospective cohort studies. Gynecologic oncology, [S. l.], v. vol.139, n. no.3, p. 481–486, 15 dez. 2015.

5- Ashrafi, Farzaneh; Mousavi, Sarah; Karimi, Mohammad. Potential Role of Bupropion Sustained Release for Cancer-Related Fatigue: a Double-Blind, Placebo-Controlled Study Asian Pac J Cancer Prev ; 19(6): 1547-1551, 2018 Jun 25.

6- Lal, Lincy S ; Hung, Frank ; Feng, Chun ; Zhuang, Amy ; DaCosta Byfield, Stacey ; Miller, Lesley-Ann ; Andrea Adamus ; Arbuckle, Rebecca. Evaluation of medication compliance in patients on antidepressants at an outpatient tertiary cancer center setting. .J Oncol Pharm Pract ; 17 (2): 131-5, junho de 2011

7- HORTENSE, F. T. P.; BERGEROT, C. D.; DOMENICO, E. B. L. Quality of life, anxiety and depression in head and neck cancer patients: a randomized clinical trial. Rev. esc. enferm, São Paulo, v. vol.54, 30 mar. 2020.

RELAÇÃO ENTRE A DIETA ALIMENTAR E A FISIOPATOLOGIA DA DIVERTICULITE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.

Vinícius Brandão Lemes1, Guilherme Garcia Galdino1
Karla Elisa Silva Freitas1, Paula Silveira Beraldo1
Sabrina T. R. Faria2

1 Acadêmicos de medicina Faculdade Atenas
2 Professora livre-docente – docente Faculdade Atenas

FACULDADE ATENAS
Email: vini_blemes@hotmail.com

Artigo Original

Introdução

A doença diverticular ou diverticulose se caracteriza pela herniação da mucosa intestinal sobre a camada de revestimento interna nos locais de lesão vascular, formando pequenas bolsas no lúmen do intestino grosso1, chamadas de divertículos. Dentre as complicações clínicas que podem surgir, a diverticulite se destaca como a mais comum, acometendo de 10 a 25% dos pacientes que apresentam diverticulose2, sendo um processo inflamatório agudo dos divertículos. O aumento significativo da incidência de diverticulite nos últimos anos3 suscitou buscas científicas pela compreensão de todo o processo patológico, porém ainda não houve uma fundamentação concreta relacionada aos mecanismos fisiológicos envolvidos em sua gênese4. Apesar disso, diversos fatores como a atividade física, obesidade, tabagismo e dieta alimentar5,6,7 são investigados como possíveis responsáveis pelo aumento ou diminuição do risco de desenvolvimento desse processo inflamatório. Neste contexto, hábitos alimentares ganha especial destaque, sendo, portanto, o objeto de estudo dessa revisão integrativa que buscou responder a pergunta: “Existe relação entre a dieta e a incidência da diverticulite?”

Materiais e Métodos

A pesquisa na literatura para a escolha dos trabalhos foi realizada nas bases de dados PubMed (Arquivos Biomédicos Digitais e Ciências da Saúde dos Institutos Nacional de Saúde dos Estados Unidos) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) utilizando os descritores, em inglês: “Diverticulitis”; “Diet”; “Risk Factor”; em português: “Diverticulite”; “Dieta”; “Fatores de Risco”, sendo encontrados 114 trabalhos, com 56 duplicados. Os 58 títulos restantes foram submetidos a critérios de inclusão e exclusão previamente definidos a fim de selecionar as bases bibliográficas deste estudo. Os critérios de inclusão foram: estudos com alto rigor metodológico e que avaliavam a relação entre a dieta e a incidência de diverticulite; incluindo homens e/ou mulheres sem restrição de idade, raça e cor. Já os critérios de exclusão foram baseados nos seguintes fatores: trabalhos que não respondiam a pergunta norteadora; estudos com baixo rigor metodológico; artigos do tipo revisão, editoriais, cartas, guias e diretrizes clínicas. A coleta de dados dos estudos potencialmente elegíveis foi realizada através de um instrumento em forma de questionário, validado por Ursi. A seleção final foi realizada pelos autores desta revisão, juntamente com o orientador, que realizaram uma avaliação crítica de todos os trabalhos a fim de identificar possíveis vieses e assegurar a qualidade metodológica dos estudos selecionados. Ao final foram incluídos cinco artigos na revisão.

Resultado

Acerca dos resultados encontrados nesses estudos, em um trabalho feito com profissionais da saúde do sexo masculino7, foi observado que a alta ingestão de carne vermelha (RR multivariável de 1,43; IC 95%, 1,10-1,85) e o baixo consumo de fibra alimentar (RR multivariável de 0,77 (IC 95%, 0,60–0,98 P < 0,005) estavam diretamente relacionados com o aumento do risco de desenvolvimento da diverticulite. Já em outro estudo, Strate LL et al8 comparou dois padrões alimentares, definidos como ocidental (alto consumo de carnes vermelhas e processadas, grãos refinados, doces, batata frita e laticínios com alto teor de gordura) e o

prudente (baixo consumo de carnes vermelhas e processadas, grãos refinados, doces, batata frita e laticínios com alto teor de gordura). Foi encontrado que homens no tercil mais elevado do padrão ocidental de alimentação, quando comparados com homens do tercil mais baixo do padrão prudente, tiveram risco aumentado para o desenvolvimento do processo inflamatório agudo (RR multivariável de 1,72; IC 95%, 1,29-2,28). Em relação ao consumo de fibras na dieta, o estudo de Ma W et al.9 realizado com 50019 enfermeiras concluiu-se que mulheres que consumiram 25 g/dia ou mais de fibras totais, quando comparadas com as que consumiram menos de 18 g/dia, apresentaram RR multivariável de 0,87 (IC 95%, 0,79-0,96), confirmando a relação observada no trabalho anterior7. Um outro estudo10 também indicou forte associação entre o consumo de carne vermelha com o desenvolvimento de diverticulite, sendo observado que homens no quintil mais alto do consumo total de carne vermelha, comparados com os homens do quintil mais baixo, apresentaram RR multivariável de 1,58 (IC 95%, 1,19 a 2,11). Finalmente, a fim de esclarecer paradigmas vivenciados na prática clínica sobre a relação entre a ingestão de nozes/castanhas, pipoca e milho com o desenvolvimento de diverticulite, o estudo de Strate LL et al11. comparou a frequência de consumo desses alimentos com o desenvolvimento da diverticulite. Assim, foi evidenciado um menor risco de manifestação do processo inflamatório em homens com hábitos frequentes de consumo (pelo menos duas vezes na semana) de nozes/castanha (RR de 0,80; IC 95%, 0,63-1,01) e pipoca (RR de 0,72; IC 95%; 0,56-0,92), não sendo observada nenhuma relação entre o consumo de milho e diveticulite.

Conclusão

Com bases nos dados encontrados, se torna evidente que o desenvolvimento da diverticulite e sua recorrência é de origem multifatorial, tendo a dieta íntima relação com o processo inflamatório agudo. Os grandes estudos coortes prospectivos selecionados como base bibliográfica desta revisão, indicam a alta ingestão de carne vermelha e a baixa ingestão de fibras como os principais fatores dietéticos relacionados ao desenvolvimento da diverticulite. Além disso, o resultado encontrado em relação ao consumo de nozes/castanhas e pipoca induzem uma ampliação da visão geral sobre a patologia e uma mudança nas recomendações rotineiras do ambiente clínico, que por muitos anos defendeu a retirada parcial ou total desses alimentos do cotidiano dos pacientes acometidos por essa doença. Alguns vieses podem ser elencados nos trabalhos selecionados, levando a algumas limitações dos estudos: (1) a amostras envolviam apenas profissionais da saúde estadunidenses, não sendo possível a generalização indiscriminada dos resultados encontrados; (2) O acompanhamento dos participantes foi feito com a aplicação de auto-questionários retrospectivos; (3) Os trabalhos eram de natureza observacional; (4) apesar do ajustes de diversas variáveis para a análise de dados, existe a possibilidade de confusão residual. Apesar do número escasso de estudos primários elegíveis para uma análise mais sistemática e dos possíveis vieses presentes, essa revisão permite identificar que os padrões alimentares e os hábitos de vida podem agir de forma conjunta e/ou independente para intervir no risco de incidência de diverticulite.

Referências

1. Williams R, Davis I. Diverticular disease of the colon, 5th edn. Philadelphia: Saunders, 1995.

2. Parks TG. Natural history of diverticular disease of the colon. Clin Gastroenterol 1975; 4: 53–69.

3. Bharucha AE, Parthasarathy G, Ditah I, et al. Temporal trends in the incidence and natural history of diverticulitis: a population-based study. Am J Gastroenterology 2015;110:96-1589

4. Strate LL, Modi R, Cohen E, Spiegel BMR. Diverticular Disease as a Crronic Illness: Evolving Epidemiologic and Clinical Disights. American Journal of Gastroenterology. 2012; 107 : 93-1486.

5. Painter NS, Burkitt DP. Diverticular disease of the colon: a deficiency disease of Western civilization. BMJ 1971;2:4-450.

6. Korzenik JR. Case closed? Diverticulitis: epidemiology and fiber. J Clin Gastroenterol 2006;40(suppl 3):S6-112

7. Liu PH, Cao Y, Keeley BR, et al. Adherence to a Healthy Lifestyle is Associated With a Lower Risk of Diverticulitis among Men. Am J Gastroenterol. 2017;112(12):1868-1876.

8. Strate LL, Keeley BR, Cao Y, Wu K, Giovannucci EL, Chan AT. Western Dietary Pattern Increases, and Prudent Dietary Pattern Decreases, Risk of Incident Diverticulitis in a Prospective Cohort Study. Gastroenterology. 2017;152(5):1023-1030.e2.

9. Ma W, Nguyen LH, Song M, et al. Intake of Dietary Fiber, Fruits, and Vegetables and Risk of Diverticulitis. Am J Gastroenterol. 2019;114(9):1531-1538.

10. Cao Y, Strate LL, Keeley BR, et al. Meat intake and risk of diverticulitis among men. Gut. 2018;67(3):466-472.

11. Strate LL, Liu YL, Syngal S, Aldoori WH, Giovannucci EL. Nut, corn, and popcorn consumption and the incidence of diverticular disease. JAMA. 2008;300(8):907-914.